FREIDA McFADDEN



O FILHO PERFEITO

TODAS AS FAMÍLIAS TÊM SEGREDOS,
MAS ALGUNS SÃO MORTAIS.

ARQUEIRO

ARQUEIRO

A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

O FILHO PERFEITO



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


FREIDA McFADDEN
O FILHO PERFEITO
Traduzido por Roberta Clapp
ARQUEIRO

Título original: *The Perfect Son*

Copyright © 2019 por Freida McFadden
Copyright da tradução © 2025 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro
produção editorial: Ana Sarah Maciel
preparo de originais: Karen Alvares
revisão: Ana Grillo e Mariana Bard
diagramação: Guilherme Lima e Natali Nabekura
capa: Freida McFadden
adaptação de capa: Gustavo Cardozo
foto da autora: © Mira Whiting
e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M126f

McFadden, Freida
O filho perfeito [recurso eletrônico] / Freida McFadden ; tradução Roberta Clapp. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2025.
recurso digital

Tradução de: The perfect son
Formato: epub
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5565-879-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Clapp, Roberta. II. Título.

CDD: 813
25-98708.0 CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para minha família

SUMÁRIO

UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
VINTE E SETE
VINTE E OITO
VINTE E NOVE
TRINTA
TRINTA E UM
TRINTA E DOIS
TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO
TRINTA E CINCO
TRINTA E SEIS
TRINTA E SETE
TRINTA E OITO
TRINTA E NOVE
QUARENTA
QUARENTA E UM
QUARENTA E DOIS
QUARENTA E TRÊS
QUARENTA E QUATRO
QUARENTA E CINCO
QUARENTA E SEIS
QUARENTA E SETE
QUARENTA E OITO
QUARENTA E NOVE
CINQUENTA
CINQUENTA E UM
CINQUENTA E DOIS
CINQUENTA E TRÊS
CINQUENTA E QUATRO
CINQUENTA E CINCO
CINQUENTA E SEIS
CINQUENTA E SETE
CINQUENTA E OITO
CINQUENTA E NOVE
SESSENTA
SESSENTA E UM
SESSENTA E DOIS
SESSENTA E TRÊS
SESSENTA E QUATRO
SESSENTA E CINCO
EPÍLOGO

SOBRE A AUTORA
SOBRE A ARQUEIRO

UM

Transcrição do depoimento de Erika Cass na delegacia

– Pode nos dizer o que aconteceu, Sra. Cass?

– Estou sendo presa?

– Por que está perguntando isso?

– Eu sei o que vocês encontraram. Sei o que devem estar pensando.

– O que acha que encontramos, Sra. Cass?

– Um… Um cadáver.

– E a senhora sabe explicar como isso aconteceu?

– Eu…

– Sra. Cass?

– Estou sendo presa ou não? Só me diz isso, por favor.

– Neste momento, não, a senhora não está sendo presa. Mas, obviamente, precisamos saber o que aconteceu.

– Ele foi… esfaqueado até a morte.

– E quem fez isso?

– …

– Sra. Cass?

– Fui *eu*. Eu matei ele. E mataria de novo.

DOIS

ERIKA

Cerca de uma semana antes

Não se deve ter um filho favorito.

Se perguntar à maioria das mães, elas vão responder algo como "Sammy é muito inteligente, mas Nicole tem um coração enorme". Elas se recusam a escolher um. E algumas são sinceras. Algumas mães amam de verdade os dois filhos na mesma proporção.

Outras, como eu, mentem de forma descarada.

– Bom dia! – digo quando minha filha, Hannah, de 14 anos, entra na cozinha.

Ela está descalça e com um short de ginástica velho, o cabelo castanho-avermelhado desgrenhado ao redor do rosto. Deveria estar vestida e pronta para ir à escola, mas claramente não está. Sempre espera até o último segundo possível para se arrumar. Gosta de fazer suspense: vai ou não vai pegar o ônibus escolar? Mas aprendi, por experiência própria, que importuná-la não ajuda em nada (na verdade, só parece fazer com que ela ande mais devagar), então volto a me concentrar nos ovos que estou mexendo na frigideira.

– Mãe!

Tudo indica que Hannah não consegue mais pronunciar essa palavra sem que o tom choroso na voz a prolongue por pelo menos duas sílabas.

Mã-ãe. Eu me lembro de como fiquei feliz na primeira vez que ela disse "mamãe". Balanço a cabeça diante da minha versão antiga e ingênua.

– Por que você fala desse jeito? – pergunta ela.

– Desse jeito, como? Eu só dei bom-dia.

– Aham. – Hannah dá um gemido. – Desse jeito.

– Que jeito?

– Tipo… Ai, você sabe o que eu quero dizer.

– Não sei mesmo, Hannah.

– Você fala, tipo… Sei lá. Só não fala desse jeito.

Não sei bem como responder, então volto a atenção para a frigideira. Tenho orgulho de preparar ovos fantásticos. É um de meus superpoderes. Meus ovos são tão bons que, ao comê-los na manhã seguinte a uma festa do pijama, uma das amigas de Hannah disse que eu deveria ser a merendeira da escola. Foi o maior elogio que eu poderia receber.

Hannah boceja alto e coça o ninho de rato na cabeça.

– O que tem pro café da manhã?

Ignoro a ironia: se eu visse Hannah preparando ovos e ainda assim perguntasse a ela o que estava fazendo, minha filha teria um colapso.

– Estou fazendo ovo mexido.

– *Ovo*? Eu *odeio* ovo.

– Como assim? Eu achava que ovo fosse seu café da manhã favorito.

– Era. Quando eu tinha, tipo, 8 anos.

Pouso a espátula que estava usando para mexer os ovos lentamente. Esse é o truque para preparar bons ovos. Cozinhá-los em fogo baixo e sem pressa.

– Eu fiz ovo pra você no fim de semana, e você comeu.

– Foi, mas isso não significa que seja meu café da manhã *favorito*. Meu Deus, mãe.

Não sei o que responder. Ultimamente, parece que toda conversa que tenho com minha filha é um exercício para que eu não responda de forma grosseira. Fecho os olhos e repito o mantra que fiz para mim mesma: *Eu sou a adulta aqui. É só uma fase.*

Mas depois de 14 anos, é mais difícil me convencer de que tudo é só uma fase.

– O que mais tem pro café da manhã? – pergunta Hannah, mesmo estando a apenas alguns passos da geladeira e da despensa.

– Waffles?

– Eca. – Ela coloca a língua para fora. – O que mais?

– Você pode preparar um cereal.

– Qual que tem aí?

Dou um suspiro.

– Sei lá, Hannah. Vai olhar na despensa.

Ela solta um grunhido ao se levantar, o que faria qualquer um pensar que é uma idosa de 90 anos, e não uma estudante do primeiro ano do ensino médio. Ela se arrasta até a despensa e observa atentamente as caixas de cereal.

Enquanto Hannah reflete sobre os cereais, meu filho, Liam, se junta a nós na cozinha. Ao contrário da irmã, Liam está pronto, vestido com uma camisa azul de botão surpreendentemente bonita e uma calça cáqui. Montei um novo guarda-roupa para ele durante o verão, depois que ele cresceu 10 centímetros e todas as roupas antigas ficaram curtas de um jeito que chegava a ser cômico. Ele completou 16 anos recentemente, o que significa que foi ao departamento de trânsito no mês passado com meu marido para tirar a carteira de motorista. Eu achava que o fato de meu filho tirar a carteira de motorista me deixaria aterrorizada, mas estou estranhamente tranquila. Liam vai ser um bom motorista. Vai ser cuidadoso, prestar muita atenção à estrada e nunca vai dirigir depois de ter bebido. Disso, tenho certeza.

Não é o que me preocupa no fato de ele dirigir.

– Ovo. Adoro ovo. Valeu, mãe!

Os lábios de Liam se abrem em um sorriso de apreço. Ele sempre foi um garoto bonito, mas, nos últimos dois anos, ficou lindo. No fim de semana passado, estávamos em um restaurante com a família e vi uma mulher de 20 e poucos anos se virando para olhar meu filho. Uma mulher adulta dando uma secada nele! Tem alguma coisa no cabelo escuro espesso e nos olhos cor de chocolate que quase brilham quando ele sorri. Ao contrário de Hannah, Liam nunca precisou usar aparelho, e seu sorriso revela uma fileira de dentes brancos perfeitamente alinhados.

De acordo com minha mãe, Liam é muito parecido com meu pai quando jovem. Meu pai morreu na minha infância e mal me lembro dele, mas já vi fotos e concordo que a semelhança é assombrosa. Guardo uma dessas fotos em uma gaveta ao lado da cama, e, ultimamente, toda vez que olho para ela,

sinto um aperto no peito. Sempre foi bastante difícil saber que meu pai não teve a oportunidade de me ver crescer, e é ainda pior saber que jamais vai conhecer o neto que se parece tanto com ele.

Hannah tira uma caixa da despensa e observa o rótulo, com o nariz franzido.

– O que tem nisso? – me pergunta ela.

– Veneno.

– Mãe! – Foram pelo menos quatro sílabas. *Mã-ã-ã-ãe*. – Você *sabe* que eu tô tentando perder peso e ser saudável. Não quer que eu seja saudável?

Hannah sempre foi meio gordinha. Eu a acho bonita, mas, no último ano, ela ficou obcecada em perder 5 quilos, embora não tenha feito nada para isso acontecer. Na verdade, quando cheguei em casa com um pacote de chips de tortilla que tinha planejado combinar com guacamole para levar numa noite das mães no mês passado, Hannah o devorou antes que eu tivesse a chance de pegá-lo. Acabei levando umas maçãs fatiadas. Elas não me convidaram mais.

– É claro que eu quero que você seja saudável – respondo.

Ela revira os olhos. Hannah é mestre em revirar os olhos. É sua expressão facial favorita. Pode ser usada quando peço a ela que faça algo que não quer fazer. Ou quando digo algo tão besta que ela simplesmente não consegue aguentar. Ou, a melhor de todas, quando expresso qualquer tipo de amor ou afeto.

– Ovos saindo em dois minutos – digo a Liam.

– Sem pressa. Vou tomar um suco de laranja.

Liam vai até a geladeira, mas não é rápido o bastante. Hannah o empurra para o lado a fim de pegar o leite. Ele deixa, sem dizer nada.

– Por que você está todo arrumado, Liam? – pergunto enquanto desligo o fogo.

Normalmente, meu filho usa calça jeans e camiseta, independentemente do clima. Fico feliz só de estarem limpos.

– Debate.

Finalmente chega a vez dele, e Liam pega o suco de laranja na geladeira. Ele enche o copo até a borda, tanto que o suco ameaça transbordar. Como qualquer outro adolescente do mundo, Liam tem um apetite voraz, embora ostente uma estrutura física magra e atlética.

– Vamos competir contra a Lincoln High depois da aula – explica ele.

– Posso ir assistir?

Hannah revira os olhos.

– *Jura*? Esses debates do Liam são chatões.

Liam dá um sorriso torto e toma um gole do suco de laranja.

– Ela tem razão. Você não vai achar divertido.

Sirvo os ovos em um prato para ele, dando-lhe, além de sua porção, os que preparei para Hannah. Vou fazer mais para meu marido depois, se ele quiser – Jason deve estar voltando de sua corrida em breve.

– Vai ser divertido se você estiver lá.

– Tá, beleza.

Liam se debruça sobre o prato. Por alguma razão, fico muito satisfeita ao ver meus filhos comerem. Isso vem desde a época em que estava amamentando. (Hannah diz que é muito bizarro.)

– Esses ovos estão uma delícia, mãe.

– Opa, muito obrigada.

– Qual é o seu ingrediente secreto? – pergunta Liam.

Dou uma piscadela para ele.

– Amor.

Hannah solta o suspiro mais longo que já ouvi. Dura pelo menos cinco segundos inteiros (o que é muito tempo para um suspiro).

– Meu *Deus* do céu, o ingrediente secreto é queijo parmesão. A mamãe *sempre* coloca parmesão no ovo. Você sabe disso, Liam. Meu Deus, você é tão…

Ele levanta uma sobrancelha.

– Sou o quê, Hannah?

– Você sabe o quê.

Por um instante, os dois se encaram, e o silêncio é tão impressionante que dá para ouvir o zumbido da cafeteira. Mas então Liam bufa alto e volta a comer. Invejo sua capacidade de ignorar a chatice da irmã. Se preparar ovos perfeitos são a minha especialidade, ignorar Hannah é a de Liam. Nada do que ela diz o atinge. E a verdade é que, apesar das brigas, Hannah adora Liam. Desde que começou a andar, ela passou a seguir o irmão por toda parte. Hoje em dia, ele é provavelmente sua pessoa favorita na casa. Acho que estou em quarto lugar, depois de Jason e, provavelmente, do celular dela.

– Bem, acho que os ovos estão especialmente gostosos hoje – diz Liam. E

ele sorri, piscando com os cílios que Hannah reclama de serem injustamente longos. – Valeu, mãe. Você é demais.

E Hannah revira os olhos.

Eu amo Hannah. De verdade. Eu a amo mais do que minha própria vida. Ela é minha filha. Minha garotinha.

Mas Liam é meu favorito. Não consigo evitar. Desde o instante em que ele nasceu e eu me tornei mãe, soube que não importava quantos outros filhos tivesse, ele seria o favorito. Ninguém mais teria chance. Mesmo que Hannah gostasse mais dos meus ovos e não revirasse os olhos, nada disso importaria. Liam continuaria sendo meu favorito.

Ele é meu favorito mesmo que eu saiba do que ele é capaz.

E vou protegê-lo com cada fibra do meu ser.

TRÊS

ERIKA

No momento em que Hannah e Liam estão terminando de tomar o café da manhã, ouço a porta dos fundos bater. É Jason, voltando da corrida.

Há cerca de um ano, comprei uma balança para o banheiro principal. Na primeira vez em que meu marido pisou nela, ficou horrorizado. "Eu engordei mesmo tanto assim, Erika?", ele repetiu umas vinte vezes ao longo dos dias seguintes. Em seguida, perguntou: "Como você pôde me deixar engordar tanto desse jeito?" No fim daquela semana, fez um juramento solene de que entraria em forma outra vez. Iria comer direito, fazer exercícios e voltar ao peso que tinha quando nos casamos. (Para falar a verdade, ele estava pelo menos 5 quilos acima do peso quando nos casamos.)

Na época, dei risada. Mas ele fez isso mesmo. Agora, corre todas as manhãs. Não compra potes gigantescos de M&M's. Trocou a Coca-Cola normal pela diet (ou pela Zero, que ele alega ter um gosto muito melhor do que a diet, embora eu não acredite). Não sei o que indica a balança, mas é óbvio que, aos 45 anos, Jason está com o melhor corpo que teve na vida. Eu não havia notado em momento algum que ele vinha ganhando barriga até que ela desapareceu. E, recentemente, quando nos encontramos com outros casais, uma das mulheres comentou que meu marido era "bonitão". Fiquei estranhamente orgulhosa, embora isso tenha me dado a sensação de que

preciso começar a praticar kickboxing, zumba ou algo do gênero para tonificar algumas das áreas moles e flácidas do meu corpo de meia-idade.

– Erika!

Jason vem até mim no fogão, com a camiseta molhada de suor. O joelho dele não andava muito bom nas últimas semanas, mas ele tem tentado superar isso.

– Você tá fazendo ovo mexido? Tô morrendo de fome.

Quebro uns ovos na frigideira quente.

– Deixa comigo.

Ele se inclina para me beijar no pescoço, o que é gostoso, apesar do suor.

– Sempre *ovoluindo* na cozinha.

Hannah dá um grunhido.

– Ai, pai. Pelo amor de Deus.

– Qual é o problema? – Jason dá uma piscadela para ela. – Gosto de *ovacionar* o talento dela.

Liam dá risada. Estamos todos acostumados com os trocadilhos de Jason. Em geral, são sempre terríveis, mas às vezes são tão terríveis que se tornam engraçados.

– Pai, para, por favor. – Hannah balança a cabeça na direção dele. – Que *cringe*!

Cringe é a palavra que Hannah mais usa para descrever basicamente tudo que eu ou Jason fazemos. Detesto que isso me incomode em algum nível, embora Jason pareça achar divertido. Seu raciocínio é que ele nunca foi descolado, então por que ficaria incomodado com o fato de sua filha adolescente não o achar descolado?

– Você não tem que se arrumar pra escola, Hannah? – pergunta Jason. – Estou te achando meio de ovo virado hoje.

Até eu dou risada dessa vez, embora seja mais por conta da expressão de Hannah.

Ela corre até o andar de cima para se vestir e, pelo menos eu espero, escovar o cabelo, para que eu não seja acusada de negligência infantil, enquanto Liam vai até a sala porque sempre sabe quando queremos privacidade. Continuo mexendo os ovos de Jason. Lentamente, em fogo baixo.

– Você sabia que faz vinte anos que eu como seus ovos? – reflete Jason enquanto passa a mão na nuca. – Vinte anos de ovos da Erika.

– Você não tá enjoado deles? – pergunto, fazendo graça, mas há uma pequena parte minha que fala sério.

Afinal de contas, Jason passou o último ano entrando em ótima forma. Ficou muito mais gostoso. Só faltam um carro novinho em folha e lentes de contato em substituição aos óculos de armação de metal para entrar cem por cento no modo crise de meia-idade.

– Claro que não.

Ele me puxa em sua direção e cola os lábios nos meus, o que interrompe totalmente o processo de cozimento dos ovos, mas não ligo. Ele ainda não se barbeou, e seu queixo faz cócegas no meu.

– Espero passar mais vinte anos comendo seus ovos – diz ele.

– Ecaaaa!

Hannah desce as escadas, interrompendo o que *estava* sendo um momento muito agradável entre mim e Jason. Ela veste uma calça jeans e uma camiseta oversized, com o cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo bagunçado. Provavelmente está tentando fazer o estilo desarrumado proposital, mas está só bagunçado mesmo.

– Vocês dois podiam arrumar outro lugar pra isso.

– Hum, esta casa é *nossa*. – Jason ergue as sobrancelhas para ela. – Quando começar a pagar aluguel, aí você vai poder me dizer a hora em que posso beijar minha esposa sexy.

Hannah apenas revira os olhos.

– Muito bem, Hannah – digo. – Você precisa se apressar. O ônibus vai chegar na esquina daqui a… – Olho para o relógio. Um minuto atrás. – Droga.

– Ah, não. Acho que você vai ter que levar a gente.

– Puxa, que curioso, como isso foi acontecer?

Hannah odeia o ônibus escolar com todas as forças. Desde o momento em que acorda, todos os dias da semana, ela planeja uma maneira de eu levá-la à escola. Já combinamos que, quando Liam tirar a carteira de motorista, os dois vão poder ir de carro para a escola toda manhã. É claro que ele vai para a faculdade em menos de dois anos. E pensar em Hannah atrás de um volante é simplesmente assustador.

Termino de preparar os ovos de Jason e, com relutância, coloco Hannah e Liam no meu Toyota 4Runner verde. Nunca pensei que seria o tipo de mãe que dirige um SUV, em especial um tão grande. Mantive meu pequeno

Honda Civic mesmo depois que tivemos Liam. Mas então Jason observou como seria difícil prender duas cadeirinhas no banco de trás do Civic, e eu percebi que era hora de fazer um upgrade. Então, compramos o SUV. Sei que parece melodramático, mas na primeira vez que o vi estacionado na garagem de casa quase caí em prantos. Agora já estou acostumada. Ele me deixa segura, o que é importante quando se tem filhos no carro. Por isso, quando Jason levou Liam para uma aula de direção na semana passada, usou o 4Runner.

Hannah pegou o banco da frente, o que é uma pena, pois isso significa que ela vai controlar a música no carro. Ela gosta muito de músicas de rapazes que aparentemente não apresentam pelos faciais.

– Será que a gente pode, *por favor*, ouvir uma coisa diferente? – reclama Liam depois de dois minutos de viagem. Tenho que concordar. – *Qualquer* coisa?

– Olha só – diz Hannah –, o Justin Bieber é um cantor incrivelmente talentoso.

– Ah, é?

– Sim, ele é! – Ela ajeita o rabo de cavalo bagunçado. – Ele tem um alcance vocal fenomenal.

Liam dá um sorriso debochado.

– Claro. É disso que você gosta nele. Do alcance vocal.

– Eu acho ele gatinho. E daí? Até parece que você tá interessado na *Olivia* pela inteligência dela.

Olivia? Quem é *Olivia*? Olho pelo retrovisor bem a tempo de ver o rosto de Liam ficar todo vermelho. Ele se tornou incrivelmente hábil em mascarar suas reações às coisas, mas não conseguiu esconder dessa vez. Quando desvio o olhar por um segundo e verifico o espelho outra vez, porém, ele já recuperou a compostura.

O carro para de repente em um sinal vermelho.

– Quem é Olivia? – pergunto o mais casualmente possível.

Liam olha pela janela.

– Ninguém. Só uma garota.

Mas, ainda bem, Hannah está no carro conosco.

– *Só uma garota*? – Ela bufa. – O Liam tá caidaço por ela.

Ele dá risada.

– Não tô nada.

– Ah, você tá, *sim*. Nem adianta negar. – Hannah me olha como se eu fosse sua nova confidente. – Você precisa ver o jeito que ele olha pra Olivia. Ele tá *super* a fim dela.

– Tá bom, então.

Olho pelo espelho retrovisor mais uma vez para observar meu filho. Liam é o garoto de 16 anos mais tranquilo que já conheci. É por isso que ele é tão bom em debates, além de contar com a inteligência nata e o preparo cuidadoso. Ele *nunca* perde a calma. Nunca deixa ninguém saber o que está pensando. Mas eu o conheço há bastante tempo para perceber. Boa parte das vezes.

Estou muito feliz por ir ao debate depois da aula. Queria ver Liam se apresentar. Esse foi o motivo pelo qual disse a ele que queria ir. E estava falando sério. Mas agora tenho um motivo novo e mais importante.

Tenho que descobrir quem é Olivia.

E evitar que algo terrível aconteça com ela.

QUATRO

Transcrição do depoimento de Sharon Anderson na delegacia

– Pode me contar como conheceu Liam Cass?

– Ele frequentou o jardim de infância na escola em que trabalho como diretora.

– Por quanto tempo ele frequentou o jardim de infância?

– Uns quatro meses.

– E isso foi onze anos atrás?

– Isso mesmo.

– Então quer dizer que a senhora se lembra de uma criança que frequentou a sua escola por quatro meses há mais de uma década?

– Sim. Eu me lembro do Liam. Muito bem.

– E qual foi sua impressão sobre ele?

– No começo ele parecia um menino ótimo. Muito bonito. Inteligente… Com certeza o aluno mais inteligente da turma. Uma vez, durante uma reunião, ele se levantou e recitou um longo discurso que havia memorizado. Não consegui acreditar que um aluno do jardim de infância fosse capaz de decorar aquilo tudo. Fiquei impressionada.

– Por que ele ficou só quatro meses na escola? O ano letivo não tem nove meses de duração?

– O Liam foi… expulso.

– Um aluno do jardim de infância foi expulso?

– É raro. Mas as circunstâncias exigiram.

– Entendo. E quais foram as circunstâncias?

– Houve um incidente.

– Pode descrever o incidente?

– Posso…

– A senhora poderia, por gentileza, descrever o incidente, Sra. Anderson?

– Foi… Tinha uma garota…

– E…?

– Bem, ela e o Liam eram amigos. Eles sempre brincavam juntos no recreio, pelo menos foi o que a professora dele me contou depois. E um dia, durante o recreio, a garota… sumiu.

– Entendo. E ela foi encontrada?

– Sim. Foi. E ela estava… bem.

– Onde ela foi encontrada?

– Isso tem a ver com a adolescente da escola? Aquela que…?

– Infelizmente, não podemos falar sobre isso por enquanto.

– Sim. Sim, claro. Mas vocês acham que foi o Liam quem…?

– Mais uma vez, Sra. Anderson, não é um assunto que podemos debater.

– Claro. Me desculpe.

– A senhora pode me contar onde encontraram a tal garota?

– Então… A história que me contaram foi que o Liam e a menininha estavam brincando de zelador. Saíram escondidos e entraram em um almoxarifado durante o recreio. Ao que parecia, ela estava completamente obcecada pelo Liam, então ele a convenceu.

– E o que aconteceu no almoxarifado?

– Eles encontraram um rolo de fita adesiva. E começaram a brincar com a fita.

– Como eles brincaram com a fita?

– …

– Sra. Anderson?

– Desculpe. É que foi tão… chocante. Ainda não consegui superar. Que um aluno do jardim de infância pudesse…

– Pudesse o quê?

– Liam convenceu a menina a deixar que ele amarrasse os pulsos dela com a fita. Depois, ele colocou fita adesiva na boca da menina. E aí…

– E aí…?

– Bem, nós não temos certeza do que ele fez depois. A única coisa que sabemos é que ele trancou a garotinha no almoxarifado e foi embora. E, mesmo quando os professores notaram que ela havia sumido e começaram a procurar por ela, Liam não contou a ninguém onde a menina estava. Várias horas depois, finalmente nós encontramos… Ela estava amarrada, deitada no chão, e se recusou a falar com qualquer um. Por dias, na verdade.

– O que *a senhora* acha que ele fez?

– Não sei. Ele era só um garotinho. É difícil imaginar que pudesse ter feito algo tão ruim, mas a expressão nos olhos daquela menina quando foi encontrada…

– Entendo.

– É claro que os pais dela entraram em parafuso. E, diante de tudo que aconteceu, não tivemos outra opção a não ser expulsar o Liam da escola.

– Quando a senhora confrontou o Liam, como ele reagiu?

– Ele se desculpou. Claro que pediu desculpa. Alegou que foi só uma brincadeira e que ela tinha concordado. Ele até chorou. Mas…

– Mas o quê?

– Mas nunca acreditei nele. Mesmo quando ele estava soluçando dentro da minha sala, parecia totalmente fingido. Não acho que ele tenha se arrependido. Não lamentava nem um pouquinho. A única coisa que acho que ele lamentava era o fato de termos encontrado a menina.

CINCO

ERIKA

Chego à escola cerca de sessenta segundos após o ônibus escolar.

Hannah se despede depressa e sai correndo do carro. Eu me lembro de quando ela estava na pré-escola e costumava se agarrar à minha perna com os dois braços na hora da entrada, pela manhã. Quando eu tentava ir embora, ela gritava a plenos pulmões, como se alguém estivesse tentando matá-la. Agora, se tento lhe dar um beijo de despedida, ela morre de vergonha.

Liam é o oposto. Na época em que era mais novo, nunca teve nenhum problema para se separar de mim quando eu o deixava na escola. Ele me dava um beijo de despedida e saía correndo para brincar, sem pensar duas vezes. Hoje, ele se inclina do banco de trás e me beija no rosto, alheio a qualquer pessoa que possa testemunhar essa demonstração de afeto.

– Tchau, mãe. – Ele abre a porta de trás. – Te amo.

Dou um sorriso. Liam tem um talento incrível para dizer exatamente a coisa certa.

– Também te amo, querido.

Ele joga a mochila no ombro e se apressa em direção à porta de entrada antes que o sinal toque. Eu o observo, atenta a qualquer garota que possa ser Olivia. A qualquer coisa que facilite minha tarefa. Não é uma tarefa fácil. E só vai ficar mais difícil à medida que ele envelhecer.

– Erika Cass?

Levanto a cabeça depressa. Jessica Martinson está do lado de fora do carro, olhando pela janela aberta. Não sei de onde ela saiu, porque o carro dela não está à vista. Devia estar em uma reunião com alguém da escola, o que não é raro para Jessica, que é diretora da Associação de Pais e Mestres. Jessica e eu éramos próximas anos atrás, quando Liam e o filho dela, Tyler, eram amigos.

Nós só nos aproximamos por conta da amizade entre Liam e Tyler, e nos afastamos depois que os meninos também se distanciaram. Preciso admitir que fiquei preocupada quando eles deixaram de ser amigos. Perguntei a Liam por que ele não convidava mais Tyler Martinson para a nossa casa, e ele simplesmente deu de ombros. Se fosse Hannah, essa pergunta teria desencadeado um monólogo de uma hora sobre tudo que Tyler havia feito de errado. Mas Liam não é assim. Ele não fala sobre as coisas da mesma forma que a irmã.

Crianças se afastam. Ambos são mais velhos e não estão em nenhum time juntos nem têm interesses em comum. Tyler é mais popular que Liam, e eles frequentam círculos diferentes. Tyler joga futebol americano, e Liam faz parte das equipes de atletismo e oratória. Além disso, Liam não tem amigos íntimos (ele não parece interessado em ter o tipo de amizade próxima que os outros garotos têm). Mas sempre me preocupei com o que poderia ter causado o fim dessa amizade. Tudo bem se afastarem. Mas me assusta o fato de que Liam possa ter feito algo para acelerar a ruptura entre os dois.

Definitivamente, não seria a primeira vez.

– Que bom que te vi aqui, Erika – diz Jessica. – Preciso falar com você sobre um assunto. É urgente.

Urgente? Meu estômago dá um nó. O que Liam fez dessa vez?

– Ah…

Ela coloca uma mecha do cabelo loiro dourado atrás de uma das orelhas. Está com um rabo de cavalo bagunçado como Hannah, mas, ao contrário do de Hannah, o dela é dolorosamente estiloso.

– Podemos tomar um café? Você tá com tempo?

Tenho uma longa lista de afazeres para esta manhã, mas não posso dizer não.

– Claro.

– Ótimo! Que tal o Charlie's?

O Charlie's é uma lanchonete a cerca de cinco minutos daqui. É boa para uma xícara de café rápida pela manhã. Jessica e eu nos encontramos lá dezenas de vezes ao longo dos anos.

– Vou de carro até lá.

Ela dá uma piscadela para mim.

– Te vejo em cinco minutos.

Enquanto Jessica se apressa em direção a seu SUV monstruoso, olho para baixo e vejo minhas mãos agarradas ao volante. Estão tremendo. Sobre o que será que Jessica quer falar comigo? Não pode ser tão ruim assim, pode? Ela parece bastante amigável. Mas esse é o problema de Jessica. Ela é capaz de dizer uma coisa horrível bem na sua cara com um sorriso nos lábios. Eu já a vi fazer isso antes.

Passo a marcha e sigo em direção ao Charlie's.

SEIS

OLIVIA

Graças a Liam Cass, vou ser reprovada em matemática.

Não, provavelmente não vou ser reprovada, mas as coisas não andam muito boas para o meu lado. Sou boa em matemática (sempre tirei acima de 9, quando não 10). Mas, neste semestre, terei sorte se conseguir um 7. E tudo isso por causa de Liam. É porque, desde o momento em que entro na sala de aula, às 10h30, até o momento em que o sinal toca, quarenta minutos depois, só consigo me concentrar no garoto sentado à minha frente.

Nunca fui de correr atrás de garotos. Não posso dizer o mesmo de minha melhor amiga, Madison, que pensa em garotos o tempo inteiro. Madison *com certeza* já foi reprovada mais de uma vez por causa de um carinha bonito sentado à frente dela. Deixava de estudar para as provas porque queria sair com os rapazes de quem gostava. É meio que o *lance* dela. E eu sempre tirei sarro. Tipo, como assim priorizar um *garoto* em vez dos estudos? Tá, os garotos da minha idade são todos uns bestas e nem são tão bonitos assim (a maioria deles tem a cara ensebada e barba rala).

Quero entrar em uma boa faculdade – essa é a minha prioridade. Como alguém é capaz de arriscar o próprio futuro por causa de um carinha bonito? É *tão* ridículo.

Então, no primeiro dia de aula deste ano, Liam se sentou à minha frente na aula de matemática, virou a cabeça com um sorriso no rosto e já era para

mim. Ele não tinha a cara ensebada salpicada de meia dúzia de pelos – ele era um *gato*. Eu me odeio por isso, mas não consigo não olhar para ele. Toda vez que sorri para mim, meu coração acelera. Ele tem um sorriso *lindo*. E olhos castanhos *muito* bonitos. Os olhos dele são como piscinas cremosas e infinitas de chocolate ao leite. Eu poderia escrever um poema ruim inspirado nele. Desse jeito, daqui a pouco vou gravar nossas iniciais em um coração na minha carteira de madeira – esse é o nível de gravidade.

Tivemos uma prova alguns dias atrás e foi um verdadeiro desastre. Não consigo me concentrar nem quando estou estudando, porque, assim que abro o livro e vejo senos e cossenos, minha mente vaga até Liam. E, é claro, não consegui me concentrar quando estava *fazendo* a prova (não com ele sentado bem na minha frente). Passei por um triz, com um 7,2. Liam, nem um pouco afetado por minha presença, sentada atrás dele, tirou 9,8.

Concentração, Olivia.

Só que, quando Liam entra na sala hoje, não está usando a calça jeans e a camiseta de sempre. Está vestindo uma bela calça cáqui e uma camisa social. E gravata. Ai, meu Deus, ele está de *gravata*. Ele já é gato normalmente, mas, de roupa social, se superou. Parece uma prévia do quão bonito vai ficar quando for adulto. Contra minha vontade, meu estômago começa a dar cambalhotas.

Concentração, Olivia!

Quando Liam desliza para a cadeira à minha frente, ele me lança aquele sorriso que faz com que minhas pernas fiquem bambas.

– Oi – diz ele.

– Oi – respondo.

Vasculho meu cérebro, tentando pensar em algo inteligente ou engraçado para dizer. Passo a maior parte da aula de matemática dedicada a isso.

– Você tá todo arrumado.

Muito bom, Olivia.

– Temos um debate hoje – explica ele. – É meio que importante. Vamos competir com outra escola.

– Uau. Você tá nervoso?

– Um pouco. – Ele ri, embora haja um leve tremor em sua voz que me faz suspeitar que está mais nervoso do que transparece. – Se a gente ganhar, vamos participar da competição estadual em Albany. O que é bem legal.

– O que vocês fazem nesses debates, afinal?

Ele mexe nos cabelos castanho-escuros.

– Debatemos vários assuntos. É bem divertido. – Ele ergue as sobrancelhas. – Você… é… quer ir assistir?

– Eu? – respondo, com uma voz tão estridente que é constrangedor.

Ai, meu Deus, que pergunta mais *burra*. É *óbvio* que ele está me convidando. Quem mais ele poderia estar convidando?

E o que isso *significa*?

– É… – O sorriso dele diminui um pouco. – Assim, se você quiser. Com certeza você vai achar muito chato. E provavelmente não vai querer ir.

Ah, não, ele está voltando atrás.

– Não, parece divertido. Não tenho mais nada pra fazer mesmo.

Essa é uma mentira descarada. Eu deveria ir para o ensaio do coral depois da aula hoje. Mas a verdade é que desanimei do coral depois de não ter sido escolhida para os dois últimos solos para os quais fiz a audição. E, mesmo que tivesse sido, não posso dizer não a Liam. É a primeira vez que ele me convida para sair.

Os olhos dele se iluminam.

– Seria ótimo. Tipo, se você puder ir. Mas, se surgir algum imprevisto, tudo bem também. Não tem problema.

Não estou acreditando nisso. Na verdade, ele parece bastante feliz por eu ter aceitado. Meu Deus, vai ser *impossível* me concentrar na aula agora. Vou ficar com uma nota péssima em matemática este semestre. E o mais assustador é que, neste momento, eu não poderia ligar menos.

SETE

ERIKA

Assim que entro no Charlie's, pisco para ajustar a visão às luzes de neon no teto. Não me lembro de um momento em que essas lâmpadas não estivessem piscando, mas faz parte do charme da lanchonete. Assim como as mesas de plástico e os estofados rasgados. O Charlie's existe desde sempre e não faz questão de esconder isso.

Jessica já pegou uma mesa e está tomando uma xícara de café. Eu a observo por um instante antes de me aproximar. Sei que ela tem a minha idade, mas está fantástica. Tem as mesmas marcas de expressão que eu no rosto, porém, de alguma forma, nela parecem sexy. Tornou-se perita no visual despojado de mãe-em-tempo-integral, com a camiseta do time de futebol americano da escola e a calça de ioga justa, combinadas com sapatilhas. Já eu peguei a primeira coisa que meus dedos tocaram quando entrei no quarto para me vestir às pressas a fim de que Hannah e Liam chegassem à escola a tempo. Calça jeans modelo *mom* e um suéter. O que posso fazer? Essas calças folgadas de cintura alta são muito confortáveis.

Jessica e eu somos mães em tempo integral, como muitas outras pessoas por aqui. Dá quase para dizer que é uma epidemia. Quando conheci Jason, eu trabalhava como jornalista em um jornal em Manhattan. Ganhava muito pouco, mas tinha boas chances de crescer e, se tivesse continuado, provavelmente teria um emprego muito bom lá até hoje. Talvez tivesse

migrado para um jornal melhor. Talvez fosse editora-chefe. Mas, depois que engravidei, Jason me convenceu a nos mudarmos para Long Island. Concordei, porque estava cansada do nosso apartamento minúsculo em Manhattan, mas, quando chegamos à ilha, ir e voltar do trabalho era uma loucura. Ele ressaltou que eu não ganhava nem perto do valor que estaríamos pagando na creche e que a renda dele poderia nos sustentar tranquilamente.

Então, parei de trabalhar. Temporariamente.

Tinha toda a intenção de voltar assim que Liam começasse a frequentar a pré-escola. Mas, dois anos depois, veio Hannah. E sempre aparecia alguma emergência envolvendo um dos dois. Hannah tinha infecções no ouvido a cada duas semanas, e, nas semanas em que não teve infecções no ouvido, teve conjuntivite. E depois veio toda a confusão com Liam.

Atualmente, trabalho para um jornal local chamado *Nassau Nutshell*. Caso alguém ache que eles fazem um trabalho jornalístico contundente deixo claro que não. Publicam uma edição por semana, e eu contribuo com algumas matérias, a maioria sobre eventos locais ou dicas de parentalidade. Na semana passada, escrevi uma sobre três refeições que dá para preparar para toda a família em vinte minutos ou menos. O que eles me pagam por mês não cobre nem o valor dos mantimentos que comprei para preparar essas três refeições, mas estimula meu cérebro e posso escrever de casa. Jason sempre faz um grande estardalhaço quando o jornal sai e lê todas as minhas matérias, e é divertido ver meu nome estampado no papel. Não, não é o *The New York Times*. Mas já é alguma coisa. Por enquanto.

Jessica, por sua vez, abraçou totalmente o estilo de vida de mãe em tempo integral. Ela é a mãe mais presente na escola, e os filhos dela estão envolvidos em todos os esportes e todas as atividades extracurriculares que se possa imaginar. Em meus momentos mais otimistas, espero que este seja o motivo de Tyler e Liam não serem mais amigos: por Tyler ser simplesmente ocupado demais.

– Erika! – Jessica me lança um sorriso animado quando deslizo para o assento bem na frente dela. – Que bom poder passar um tempinho com você. Já faz séculos, né?

Podemos deixar de lado a conversa fiada, e você me conta logo o que é tão urgente? Forço um sorriso.

– Pois é. Faz mesmo.

– A gente deveria fazer isso mais vezes, não acha?

Faço que sim com a cabeça.

– Sem dúvida.

Não vamos fazer isso. Eu era amiga de vários pais da escola, mas tenho meus motivos para manter distância agora.

Chamo uma garçonete para pedir uma xícara de café. O que quer que ela tenha a dizer vai ser mais fácil de engolir depois de uma dose de cafeína.

– Como está a sua mãe? – pergunta Jessica assim que a garçonete se afasta da mesa.

Jessica Martinson deveria ser política. Ela é excelente em se lembrar de pequenos detalhes sobre todas as pessoas que conhece. Mesmo sabendo que é tudo encenação, fico estranhamente tocada por ela ter se lembrado de perguntar sobre minha mãe. E a verdade é que ando pensando muito nela ultimamente. Minha mãe tem quase 80 anos e mora sozinha em uma casinha em Nova Jersey. Mas é durona – meu pai morreu quando eu era muito nova, e desde então ela vive sozinha.

– Está indo – respondo. – Queria muito que viesse morar mais perto, mas ela é teimosa. Não vai sair daquela casa nunca.

– Sei bem como é. – Jessica toma um gole de café. Colocou tanto creme que parece leite com chocolate. – Minha mãe é igualzinha. Temos um quarto pra ela na nossa casa, mas ela não dá o braço a torcer.

– Acho que entendo. Os amigos dela estão todos em Nova Jersey.

Jessica franze o nariz.

– Mas é *Nova Jersey*.

Nós duas damos risada, e me lembro por que era amiga de Jessica. Ela sabe conversar com as pessoas, quer goste delas ou não. Nesse sentido, não é diferente de Liam.

Mas ela não é bem como ele. Nem um pouco. Ninguém é.

Dou um pigarro.

– Então, Jessica, sobre o que você queria falar comigo?

Prendo a respiração enquanto ela toma mais um gole de café.

– Ah, claro – diz ela. – Preciso da sua ajuda, Erika. A noite de cinema está virando um desastre. Você poderia assumir as rédeas?

Solto o ar. Eu deveria saber que era sobre isso que Jessica queria falar comigo. A noite de cinema é um evento realizado uma vez por ano com os alunos do ensino médio. Um telão é instalado no campo de futebol e a

entrada é de 3 dólares por pessoa. A fatia de pizza é vendida por 2 dólares. É uma grande arrecadação de fundos para a Associação de Pais e Mestres, por isso cabe a Jessica organizar tudo.

– A Rachel estava encarregada disso – diz Jessica. – Mas o marido dela… Você conhece o Rob? Ele sofreu um infarto, nada grave. Ele passa bem, mas ela não está com a cabeça no lugar. O evento é daqui a duas semanas, e não temos nada organizado ainda. Alguma chance de você cuidar disso? Por favorzinho?

– Claro – concordo.

Ao contrário de Jessica, nunca tive estômago para a associação. Quando nós duas éramos próximas, eu costumava ir aos encontros, mas eram sempre opressivamente entediantes. Eu me sentia culpada porque tudo que queria fazer durante as reuniões era pegar o celular e jogar *Candy Crush*. Mas tento me voluntariar o máximo que posso para as atividades na escola.

– Você é um anjo, Erika!

Ela estende o braço para alcançar minha mão do outro lado da mesa e resisto ao impulso de me afastar. Uma coisa que tenho em comum com Liam é que demonstrações físicas de afeto me deixam desconfortável.

– Muito obrigada – prossegue ela. – Você vai na reunião de pais e mestres esta semana pra ajudar na organização?

Eu preferiria comer terra.

– Hum, é claro.

A garçonete chega com meu café, o que me dá uma desculpa para puxar a mão de volta. Não coloco leite nem açúcar. Gosto dele puro e amargo.

– Deveríamos nos reunir outra vez – diz Jessica. – A sua família e a minha. É triste que os meninos não se encontrem mais. E a Hannah e a Emma nunca se deram bem.

– Pois é.

Mexo o café com uma colher, distraída, embora o tome puro. Esse encontro nunca vai acontecer. Tyler e Liam não são mais amigos, e Hannah não gosta da filha mais nova de Jessica.

– Claro… – Jessica dá de ombros. – O Tyler passa a maior parte do tempo livre com garotas. Você deve saber como é. Aposto que o Liam tem um milhão de namoradas.

Minha boca fica seca. *Olivia*. Preciso encontrá-la.

– Na verdade, ele ainda não está namorando.

– Sério? – Ela joga para o lado o cabelo cuidadosamente cortado em camadas. – Que surpresa. O Liam é… Bem, eu sempre notei que as garotas gostam dele. Até ouvi a Emma e as amigas falando dele uma vez. Ela passou um bom tempo a fim do Liam.

– Pois é…

Fico apavorada só de falar disso. Saber que, no fundo, não tenho como evitar. É como um trem desgovernado. Dá para jogar uns pedregulhos no trilho para desacelerá-lo, mas ele vai acabar passando mesmo assim. Olho para o café e uma onda de náusea me invade.

– Desculpa, Jessica, mas acabei de lembrar que tenho um compromisso.

– Ah.

Ela pisca os lindos olhos azuis. Fico imaginando como são os olhos de Olivia.

– Bem, foi bom te ver, Erika.

– Foi bom ver você também.

Mas já havia me levantado da mesa e saído correndo porta afora.

OITO

OLIVIA

Nunca tive um namorado.

Nunca sequer beijei um garoto. Bem, isso não é verdade. Durante um jogo de Verdade ou Consequência na escola, troquei alguns beijos na bochecha. Mas esses não contam. Não foram beijos de verdade. Não como os que Madison já deu.

Madison já teve dois namorados. No momento, ela namora um cara chamado Aidan, e os dois estão *sempre* se beijando. Pelo visto, não dá para fazer mais nada com Madison sem que Aidan apareça e a beije de um jeito nojento e babado. Nem parece ser um beijo bom. Se beijar é isso, eu posso esperar.

Mas tenho a sensação de que Liam Cass não vai beijar assim.

Penso muito em como devem ser os beijos dele. Não só durante a aula de matemática, mas o tempo todo.

Madison é mais bonita do que eu, mas não muito. Em uma escala de 1 a 10, ela é provavelmente um 7 e eu, um 6. Meu cabelo é castanho-escuro, e as pessoas dizem que meus olhos são bonitos, mas sei que tenho sardas demais. Tinha muitas sardas no rosto quando era criança e li que elas costumam desaparecer conforme vamos crescendo, mas essas sardas ridículas não estão seguindo o rumo que deveriam. Sim, estão mais claras do que antes, mas *ainda* tenho manchinhas no rosto inteiro. Mesmo me

besuntando de protetor solar sempre que saio e usando um chapéu com uma aba gigante do qual meu irmão sempre tira sarro.

É por isso que não tenho namorado. Por causa dessas sardas ridículas.

Não é que eu nunca tenha sido convidada para sair. Um cara me chamou no início do ano e foi meio babaca quando eu disse não, mas eu não gostava dele. Não quero sair com qualquer um só para ter um namorado. Quero sair com um cara de quem eu realmente *goste*.

– Olha ele lá. – Dou um cutucão em Madison.

Estamos sentadas na plateia do gigantesco auditório da escola. Eu a convenci a vir comigo ao debate, e ela concordou só porque Aidan tinha treino de futebol, então ela precisava esperar mesmo. Alguns alunos e pais vieram assistir, mas o público é bem pequeno. Nunca assisti a um debate antes, então hoje vai ser o primeiro. Talvez eu aprenda algo sobre… Bem, seja lá o que for que eles estejam debatendo.

Madison segue meu olhar até o palanque, onde o time de oratória da escola está reunido. E *ele* está lá em cima. Liam. Ai, meu Deus, ele está tão lindo com aquela camisa social azul. Mais uma vez, meu coração faz essa coisa esquisita no peito. Se eu não soubesse do que se trata, acharia melhor ir a um médico.

– Ele é *muito* gato – murmuro ao me recostar na cadeira.

Madison franze o nariz liso. Ela não tem nem uma sardinha, mas sempre reclama da papada.

– Sei lá, Liv. Não gosto dele.

– Você é muito esquisita. Do que você não gosta nele? Ele é, tipo, perfeito e lindo.

– Ele é… – O olhar de Madison volta para o palanque. – Sei lá. Ele parece muito… Tipo, quando ele fala, parece forçado.

– Como assim?

– É difícil de explicar. É como se todo mundo fosse de verdade, como se estivessem realmente vivendo a vida. Mas o Liam é, tipo, um ator que está sendo pago pra ficar ali no meio da gente.

Eu a encaro.

– Do que você tá falando, Mad?

– Sei lá. Só acho que não dá pra confiar totalmente nele. Ele é falso. Sabe?

Não vou dizer a ela que, entre Aidan e Liam, está evidente quem é mais confiável. Liam é um aluno nota 10 e uma estrela tanto na equipe de oratória

quanto na de atletismo. Já Aidan é forte como um touro, vai ser reprovado em duas matérias e quase foi expulso no ano passado por ter se envolvido em uma briga no corredor da escola. Se tem alguém que me deixa incomodada, é Aidan.

Liam cruza o olhar com o meu, e talvez seja imaginação, mas seu rosto inteirinho parece se iluminar ao me ver. Ele acena com entusiasmo. Será que gosta de mim tanto quanto eu gosto dele? Tipo, ele me convidou para vir hoje, então talvez goste. Esse pensamento é suficiente para fazer meu coração acelerar outra vez. Liam Cass. Meu Deus, ele é *tão* lindo.

Mas aí ele começa a conversar com outra garota, que está no palanque também. É Olivia Reynolds. Nós duas temos o mesmo nome, mas as semelhanças acabam aí. Ela faz parte do time de oratória, como Liam, e é *absurdamente* linda. Tem cabelos loiros sedosos que parecem ter sido arrumados por um profissional e peitos enormes. *Injustamente* enormes, para uma menina tão magrinha. Ao lado de Liam, os dois parecem um casal muito atraente. Entre nós duas, ela é claramente superior.

Como Liam vai gostar de mim com ela por perto?

Tento não pensar nisso.

A propósito, Liam é absolutamente brilhante durante o debate. Não consigo nem entender tudo que eles estão debatendo. Algo sobre meios de transporte entre diferentes estados. É bem chato, para falar a verdade. Mas Liam é um *ótimo* orador. Ele deveria virar político, ou algo assim. Sempre que ele fala, todos prestam muita atenção. Até Madison tira os olhos do celular por, sei lá, dois segundos.

Os juízes deliberam no fim, e nossa equipe vence o debate. Aplaudo o mais alto que consigo. Madison apenas revira os olhos. Ela não gosta de atividades extracurriculares – e, para ser sincera, eu também não.

– Então, você vai lá falar com ele agora? – pergunta Madison.

– Como é que é? – Meu olhar dispara para a frente da sala, onde Liam está conversando com Olivia Reynolds. *Outra vez*. Meu Deus, ela é realmente bonita. É tão injusto. – *Agora*?

Madison bufa.

– Você me fez assistir a esse debate chato e ridículo todinho e não vai nem falar com ele? Sério, Olivia?

– Ele tá ocupado.

– E daí? Interrompe!

– Não posso simplesmente falar com ele do nada.

– Por que não?

– Ia ser estranho.

– Sério, Liv. – Ela ergue a mão. – Não sei nem o que dizer.

Talvez, se Liam não estivesse falando com Olivia Reynolds, eu fosse até ele. Mas não estou errada. Seria estranho se eu fosse até lá agora. Quer dizer, ele vai me achar grudenta ou coisa do tipo.

Começo a explicar isso para Madison, mas ela não está mais ouvindo porque Aidan entrou no auditório atrás dela. Ele ainda está usando a roupa do treino e cheira a suor. Meu Deus, será que ele não podia ter tomado um banho antes de vir para cá? A primeira coisa que ele faz é colar os lábios nos de Madison, e os dois se beijam por uns cinco minutos seguidos. É tão nojento. Tento não olhar. Eles provavelmente nem se dariam conta se eu fosse embora nesse segundo.

– Ei, Aidan. – Madison se afasta de Aidan por uma fração de segundo, provavelmente porque precisa respirar. – Fala pra Olivia que ela deveria ir dar oi pro Liam.

Meu rosto queima. Não me surpreende que Madison tenha contado ao namorado que eu gosto de Liam, mas mesmo assim odeio que ela tenha feito isso. Quer dizer que eu e Madison não podemos mais ter segredos? Além disso, Aidan é a pior pessoa para saber disso. Ele tem a língua maior que a boca, vai contar para todo mundo.

– Liam Cass? – Aidan faz uma careta. – Eu odeio esse cara. Ele é um babaca.

– Por que ele é um babaca? – pergunto. – Ele é muito legal.

Aidan dá risada.

– Aham. Legal com *você*. Enfim, você arranja coisa melhor, Olivia.

– Foi o que *eu* falei – complementa Madison.

– Tá bem, então – murmuro.

– Bem – diz Madison, pegando a mochila no assento. – Eu e o Aidan estamos indo. Quer carona pra casa?

Não quero de jeito *nenhum* ficar sentada no banco de trás enquanto Aidan dirige feito um doido porque precisa dar uns amassos em Madison e tocar nas pernas dela enquanto faz isso. Prefiro caminhar os três quilômetros até minha casa.

Aidan e Madison saem pela porta dos fundos e volto a me sentar. Devo

mesmo ser grudenta, porque ainda estou olhando para Liam. Ele fica tão lindo todo arrumado desse jeito. Eu queria até tirar uma foto com o celular para poder ficar olhando mais tarde. Estou encarando muito. Que horror. Mas não consigo parar. É por isso que vou ser reprovada em matemática.

Liam sobe para falar com a professora de oratória, a Sra. Randall, e depois conversa com uma mulher atraente na casa dos 40 anos que tem os mesmos cabelos e olhos escuros que ele, além de um nariz parecido. Acho que é a mãe dele. Ele é muito parecido com ela. Parece ser bem educado com a mãe, o que é bom. Li na internet que é muito bom quando os meninos são gentis com a mãe. Não sei do que Madison estava falando. Como ela pode dizer que não confia nele?

Só depois que a maioria das pessoas já se retirou do auditório que Liam olha para a plateia e nossos olhares se encontram. Ele volta a sorrir, e sinto um formigamento quente no corpo inteiro. Tenho certeza de que Liam não dá beijos babados como Aidan. Aposto que ele beija muito bem.

Ai, meu Deus, ele está vindo para cá.

Fico de pé num pulo, tentando moderar o sorriso besta nos lábios. Como as pessoas normais sorriem? É como se eu tivesse esquecido como se faz. *Meu Deus, ele vai me achar uma* tonta.

– Oi, Olivia – diz ele.

– Oi – respondo.

Soou bem. Casual. Não dei nenhum agudo e não cuspi ao falar.

Ponto para mim.

Liam passa a mão na nuca. Quando ele estava no palanque, parecia tão confiante. Tenho pavor de falar em público, já ele não parecia nem um pouco nervoso. Mas agora ele não para de esfregar a nuca e de remexer o corpo.

– Então, é… Você assistiu?

– Aham. – Fecho as mãos com força. Estão úmidas de um jeito fora do normal, como se eu estivesse com febre. – Você mandou muito bem. Quer dizer, pelo menos é o que eu acho. Nunca assisti a um debate antes.

– Valeu. – Ele tosse e sorri. – Fomos muito bem. Ganhamos.

– Eu sei.

– Ah.

E agora estamos os dois parados aqui. Reviro meu cérebro, tentando pensar em algo interessante para dizer antes que ele vá embora.

– Você já fez o dever de casa de matemática?

Acho que é suficiente.

Ele balança a cabeça.

– Não. Fiquei ocupado com o debate desde que a aula acabou.

– Ah. Claro. – Dã. É óbvio. Meu Deus, por que estou agindo feito uma idiota? – Bem, eu já fiz, e não foi tão difícil.

Na verdade, isso é uma mentira total. Era impossível me concentrar na lição de matemática sabendo que logo veria Liam.

– Ah, que bom. – Ele tosse de novo. – Escuta, Olivia, eu e uns amigos da equipe de atletismo vamos ao Charlie's amanhã depois da aula, só pra bater papo e comer alguma coisa. Você… tipo, quer ir com a gente?

Fico olhando para ele. Liam está *me convidando para sair*?

– Eu…

O sorriso no rosto dele se esvai.

– Enfim, não é nada de mais.

– Não, eu… Sim. Vou adorar ir também. Vai ser ótimo. Parece… divertido. Né?

Seus olhos castanhos se iluminam.

– É, vai ser muito divertido.

– Aham. – Minha boca está quase seca demais para falar.

– Então… quer me encontrar na frente da escola às quatro e meia? É depois do treino, e precisamos de um tempinho pra, sabe, tomar banho e tal.

Assinto.

– Tá bem. Estarei lá.

Ok, pode não ser um encontro oficial. Mas realmente acho que Liam talvez goste de mim. Tipo, ele pareceu muito feliz quando eu disse sim. E ele quer tomar banho antes para ficar bem cheiroso. Ou seja, só bons sinais.

Ai, meu Deus, eu tenho um encontro com Liam. Estou tão feliz!

NOVE

ERIKA

Liam é um orador brilhante. Ele sempre foi bom em se colocar diante de uma multidão e fazer o que gosta. Se ele fosse diferente, seria perfeito para a política. Ele fala bem, tem boa aparência e é incrivelmente inteligente. Meu filho tem muitas qualidades.

Antes de o debate começar, Liam está mergulhado em uma conversa com uma bela garota. Ela também parece fazer parte do time, mas poderia muito bem ser modelo. Tem cabelos loiros que parecem ter sido penteados por um profissional. E, levando em consideração sua magreza, é impressionante como os seios são grandes. Será que meninas de 16 anos fazem implantes? Fico horrorizada só de pensar.

Há uma mulher ao meu lado mexendo no celular. Os fios brancos salpicados em seus cabelos me fazem pensar que ela tem mais ou menos a minha idade (provavelmente outra mãe).

– Com licença – digo.

Ela ergue os olhos e abre um sorriso simpático.

– Oi?

– Você sabe o nome da menina loira no palanque? A de blusa amarela.

A mulher assente.

– Olivia Reynolds. Ela é uma oradora muito forte. Mas não tão boa quanto o garoto. Liam.

– O Liam é meu filho – digo, me permitindo sentir por um instante a pontada de orgulho a que muitas vezes me nego quando falo sobre Liam hoje em dia.

– Ah, é? – Os olhos da mulher se iluminam. – Bem, ele é absolutamente *maravilhoso*. Muito talentoso. Você deve estar muito orgulhosa. Quem dera meu filho falasse tão bem quanto ele.

Sorrio, tentando apreciar o elogio, mas minha mente está acelerada. Olivia Reynolds. Essa é a garota em quem Liam está interessado. E não é nenhuma surpresa, porque ela é absolutamente linda. É claro que Liam gosta dela.

Preciso dar um jeito nisso.

Peço licença à mulher, que não para de puxar o saco do meu filho, e saio do auditório. Preciso só fazer uma ligação rápida. Vou voltar a tempo para o debate.

Verifico os contatos no celular em busca de Frank Marino. Meu coração dispara quando clico em seu nome. O telefone toca uma vez. Depois outra.

Aqui é o Frank. Deixe sua mensagem.

Correio de voz.

– Frank? É Erika Cass. Preciso falar com você. Temos outro… Bem, me liga de volta, por favor. Assim que você puder.

Frank é muito confiável. Ele vai retornar a ligação hoje à noite.

Volto ao auditório. Os alunos estão reunidos no palanque e Liam está atrás do púlpito. Às vezes olho para ele e não consigo entender como aquele bebê minúsculo e indefeso cresceu e se tornou esse jovem bonito e inteligente. Quando Liam era bebê, houve momentos em que eu ficava imaginando como ele seria mais velho.

Eu era tão ingênua. Não fazia ideia do que estava por vir.

Liam tem um ótimo desempenho, como sempre. O time dele vence o debate, como já era esperado. Ele é um excelente orador e se coloca muito bem em público. Quando estava na terceira série, teve que fazer uma apresentação para a classe e insistiu em usar sua melhor combinação de camisa e calça sociais. Desenterrou, inclusive, a gravata preta que eu havia comprado para ele ir a um casamento no ano anterior. Ficou uma verdadeira gracinha, tirei umas cem fotos. Quase uma década depois, falar em público continua sendo assunto sério para ele.

Liam também é muito competitivo. Não sei o quanto ele valoriza o

debate em si, mas com certeza gosta de vencer. Sempre que se sai bem em uma prova de atletismo ou em um debate, fica de ótimo humor. Mas, se não for bem, fica quieto e não fala muito durante a noite. Felizmente para ele, Liam é um vencedor. E sabe muito bem conseguir o que quer.

Não vou permitir que consiga o que quer dessa vez.

Os olhos de Liam se iluminam ao me ver caminhar em sua direção para parabenizá-lo.

– Você viu, mãe? Nós ganhamos! Vamos para o Estadual!

Abro um sorriso.

– Você se saiu muito bem.

Ele afrouxa a gravata, o que o faz parecer ter mais de 16 anos. Ao contrário de quando tinha 8, agora ele sabe dar o nó na própria gravata (não precisa mais daquelas de mentirinha). Acompanhei quando, uns anos atrás, ele passou horas treinando em frente ao espelho até atingir a perfeição.

– Valeu.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, a Sra. Randall enlaça o braço no meu e me puxa para longe do meu filho. A Sra. Randall é professora de história e também a responsável pelo time de oratória. Deu aula de história dos Estados Unidos a Liam no primeiro ano do ensino médio e foi quem o incentivou a entrar para a equipe. Lembro que Liam ficou com 10 na matéria e o comentário em seu boletim escolar dizia que ele era o melhor aluno da turma. Atualmente, ela é professora de Hannah na mesma disciplina, mas, levando em conta o fato de Hannah recentemente ter chamado a Sra. Randall de "vagabunda", tenho a impressão de que minha filha não vai ter uma nota parecida.

– Sra. Cass! – A Sra. Randall está quase radiante diante da vitória, os cabelos grisalhos se soltando de seu coque respeitável. – O Liam foi muito bem, não é mesmo?

Faço que sim com a cabeça, embora esteja distraída pelo fato de Liam ter ido conversar com Olivia outra vez.

– Foi. Sei que ele vem praticando muito.

– Ele é tão dedicado. Adoraria que todos os meus alunos tivessem esse tipo de ética profissional. – Ela sorri para mim. É membro fiel do fã-clube de Liam Cass. – A próxima parada é Albany! E aposto que vamos chegar às Nacionais este ano. Vai ser ótimo ter isso no currículo quando ele tentar entrar na faculdade.

Pois é, em menos de dois anos Liam vai para a faculdade. Não consigo nem imaginar isso. Fico apavorada só de pensar nele sozinho e por conta própria.

– Isso é maravilhoso – digo.

O sorriso escapa aos poucos dos lábios da Sra. Randall.

– A propósito, detesto trazer esse assunto agora, mas a Hannah não fez várias das tarefas de casa este mês.

Era a única coisa que ela poderia ter dito para desviar minha atenção de Liam e Olivia.

– É… mesmo?

A Sra. Randall assente devagar.

– Cada lição de casa que ela deixa de fazer diminui a nota geral. E a nota dela na última prova…

– Eu sei.

Eu me encolho, pensando na nota vermelha de Hannah em história que exigiu minha assinatura. Ao contrário de Liam, Hannah nunca foi boa aluna, mas o ensino médio está se mostrando ainda pior do que o fundamental até agora.

– Vou conversar com a Hannah sobre isso e garantir que ela me mostre o dever de casa todas as noites – digo.

– Tenho certeza de que ela consegue reverter isso. – A Sra. Randall olha para Liam e depois para mim. – Tenho certeza de que ela é capaz.

Sei o que ela está insinuando, mas Hannah não tem nada a ver com Liam. Não se parece com ele fisicamente e a personalidade é toda diferente. A Sra. Randall não é a primeira professora a ficar decepcionada com a discrepância.

Mas nem todos os professores gostam do meu filho. Liam se tornou muito melhor em encantar os adultos, mas alguns conseguem enxergar quem ele realmente é. Isso aconteceu cerca de três anos atrás. Essa é uma confusão na qual não quero pensar nunca mais. Quando me lembro do que Liam fez…

Preciso falar com Frank. Hoje à noite.

DEZ

ERIKA

– Mãe! Mãe, você tá me ouvindo?

Desvio o olhar da louça na pia. Hannah deveria estar liberando a lava-louça enquanto limpo as panelas, mas, em vez disso, passou os últimos minutos reclamando de uma garota da aula de matemática chamada Ashley. De tão absorta nos acontecimentos do dia, acho que parei de ouvi-la em algum momento. Não faço ideia do que Hannah disse. Fecho os olhos, torcendo para ser capaz de rebobinar a fita na minha cabeça, mas não consigo. O que quer que ela tenha dito se foi para sempre.

– Hum… – digo, por fim.

– Eu sabia! – Hannah parece triunfante. – Você não tava me ouvindo. Você *nunca* me ouve.

– Estava, sim.

– Aham. Então fala o que tá acontecendo comigo.

Coloco de lado a panela que estava enxaguando.

– Você não vai entregar o dever de história?

As bochechas de Hannah ficam rosadas.

– Eu já te falei. Essas tarefas são ridículas.

– Não importa. Você tem que fazer mesmo assim.

– Mas qual é o objetivo? Por que preciso saber sobre uma guerra besta que aconteceu, tipo, quinhentos anos atrás?

– A Guerra da Independência foi há 250 anos, Hannah.

– Argh! – Ela coloca as mãos nos quadris. Faz isso desde os 2 anos de idade sempre que fica chateada. – Qual é a diferença? Faz muito tempo mesmo assim.

– Não importa se você acha ridículo ou não. Faz parte da sua educação. O Liam sempre…

– Claro. O Liam. Você quer que eu seja igual a ele. Porque ele é *tão* perfeito.

Eu me viro para Hannah, encarando seu rosto pálido e redondo. Não sei ao certo se ela está sendo sarcástica ou não. A maior parte dos piores episódios de Liam aconteceu quando ele era muito mais novo (imagino que Hannah seja jovem demais para se lembrar). Quando o levamos à Dra. Hebert, ele tinha apenas 7 anos e Hannah, 5. Fiz o possível para protegê-la dos acontecimentos, mas às vezes me pergunto quanto ela sabe.

Será que Hannah sabe de alguma coisa? De *tudo*? O que Liam contou a ela? Será que ela mencionou Olivia no carro para provocar o irmão ou para me alertar?

– Afinal de contas – acrescenta Hannah –, ele é o seu *favorito*, né?

Minhas bochechas ardem. Odeio o fato de ser tão óbvio como prefiro Liam a ela. Não deveria ser. É um sinal de que sou uma péssima mãe. Li uma vez que a maioria das crianças deseja que os pais se orgulhem delas, então faz sentido que Hannah esteja tendo dificuldades na escola se sente que nunca vai se sair tão bem quanto o irmão.

– Hannah, você sabe que isso não é verdade. Eu amo vocês dois do mesmo jeito.

Ela bufa.

– Olha. Por que não fazemos alguma coisa juntas? Só nós duas. Posso te levar ao shopping este fim de semana e comprar roupas novas pra você. Tem quase um ano que não fazemos compras. Estou te devendo.

Minha filha semicerra os olhos, mas não é preciso muito para conquistá-la. Roupas novas costumam funcionar.

– Podemos ir no sábado?

– Claro.

– E podemos ir na Purple Haze depois?

Purple Haze é uma sorveteria que Hannah adorava quando era criança.

– Com certeza.

Os lábios dela se alargam em um sorriso.

– Tá. Parece legal.

É claro que, logo depois, começo a questionar minha atitude. Acabei de descobrir que Hannah não anda fazendo as lições de história. Talvez essa situação não dê espaço para recompensas. Mas, agora que disse a ela que vamos ao shopping, não posso voltar atrás.

– Mas – acrescento – só vamos se você entregar todo o seu dever de casa de história esta semana. E vou querer dar uma olhada, Hannah.

Ela parece prestes a fazer bico, mas então seus ombros desabam.

– Tá. Tudo bem.

Uma pequena vitória.

Antes que pudéssemos avançar com a louça, a porta da frente se abre e os passos pesados do meu marido e do meu filho ressoam na cozinha. Jason levou Liam para mais uma aula de direção hoje à noite. As coisas estão indo muito bem: Liam é um motorista nato. Nenhuma surpresa nisso.

Eles nos encontram na cozinha, onde tentamos concluir as tarefas da noite. Jason está com um sorriso largo no rosto e passa o braço em volta dos ombros de Liam.

– O que dizer, Erika? Nosso filho é um ótimo motorista. Igualzinho ao pai.

Lanço a ele um olhar fulminante.

– E à mãe – acrescenta Jason depressa.

Hannah bufa.

– Boa, pai. Se saiu bem.

Mais de uma vez, ela já disse que Jason come na minha mão. Não sei se é verdade, mas ele é um bom marido. Não preciso ficar em cima dele para que leve o lixo para fora, ele sempre se lembra do nosso aniversário de casamento e trocou mais do que sua cota de fraldas quando as crianças eram pequenas.

Se pudesse mudar algo nele, gostaria que fosse um pouco menos relaxado. Em especial no que tange às minhas preocupações com Liam. Jason nunca ligou para nada, sempre com aquele papo de "garotos são assim mesmo". Mas sei que em algum momento a coisa vai ser ruim a ponto de ele não poder mais agir assim.

Olho para Liam, e seu rosto não tem expressão alguma, até que ele percebe que o estou observando.

Então ele sorri.

– Mal posso esperar pra tirar a carteira de motorista – diz.

– Aí você vai poder me levar pra escola de manhã – comenta Hannah.

– Claro. – Liam me dirige um olhar incisivo. – Se a mamãe e o papai me derem um carro.

– Veremos – diz Jason. – Por enquanto, fica com o Toyota da sua mãe.

Eu me preparo, esperando que acrescente "provavelmente vamos te dar um de aniversário", mas ele não faz isso. Ainda bem. Acho que Liam vai ser um bom motorista, mas algo sobre ele ter o próprio carro me deixa um pouco desconfortável.

– Mas o Liam foi muito bem hoje. – Jason se junta a mim diante da lava-louça e começa a esvaziá-la, embora seja trabalho de Hannah. – Olhou os espelhos retrovisores na hora certa. Agiu certinho diante de cada placa. Não fiquei com medo nem uma única vez.

Liam ri.

– Valeu, pai.

– Você precisa tomar cuidado – diz Jason. Ele tira uns pratos da máquina e inclina a cabeça de lado, pensativo. – Ei, vocês ficaram sabendo do cara que perdeu a perna e o braço esquerdo num acidente de carro? Mas agora ele está dirigindo direito.

Hannah solta um grunhido. Liam e eu ficamos em silêncio.

– Dirigindo *direito* – repete Jason. – Porque ele não tem nem o braço nem a perna esquerda. Entenderam?

– Entendi, sim – respondo.

Jason sorri para mim.

– É que você não está rindo. Por isso achei que precisava explicar.

– Não.

Jason dá uma piscadela. Mesmo antes de as crianças nascerem, ele já fazia essas piadinhas infames. Só que, naquela época, muitas delas envolviam um duplo sentido safado. Agora, são só piadas de tiozão. Mas acho cativante o fato de ele continuar fazendo isso, mesmo que ninguém dê risada.

Meu celular começa a tocar na sala. Uso o toque genérico que veio com o iPhone, porque não quero me dar ao trabalho de mudar. Para ser sincera, nem sei bem como fazer isso. Meu marido entende tudo de tecnologia, e eu não sei nem trocar o toque do celular.

Corro até o aparelho e o pego antes que ele pare de tocar. Olho fixamente para o nome que aparece na tela. Frank Marino.

Frank está me ligando de volta.

Saio discretamente para atender a ligação. E fecho a porta.

ONZE

ERIKA

– Erika Cass.

O sotaque de Frank soa do outro lado da linha. É tão forte que dá para saber que ele nasceu e foi criado no Brooklyn. Eu o encontrei quatro anos atrás na lista telefônica. Procurei por detetives particulares e escolhi o nome dele aleatoriamente. Não tinha a menor ideia do que estava fazendo e tive sorte de Frank ser tão bom quanto é.

Não quero nem pensar no que poderia ter acontecido se não fosse a ajuda dele.

– Oi, Frank. Obrigada por me retornar tão rápido.

– Por você, Erika? Qualquer coisa. Do que você precisa?

Frank tem lábia. Foi o que pensei na primeira e única vez que o encontrei pessoalmente, há três anos, pouco antes do primeiro trabalho para o qual o contratei. Ele era igualzinho à foto do celular: cabelos pretos ensebados com fios brancos aqui e ali, dentes amarelados por anos de fumo e olhos perspicazes que não deixavam passar nada. O sujeito me deixava nervosa. Mas sempre fez tudo que pedi. Pelo preço certo.

– O nome da garota é Olivia Reynolds – digo. – Ela estuda na escola do Liam. O mesmo combinado da última vez. Pode ser?

Frank fica em silêncio, anotando as informações, espero.

– Olivia Reynolds. Se escreve do jeito como se fala?

– Isso.

– Beleza.

– A mesma coisa da última vez. Tá bem?

– Tá bem, pode deixar. – Há um ruído de papel do outro lado da linha. – Nunca vi uma mulher tão desesperada em empatar a foda do filho. Às vezes, acho que em algum momento ele vai falar disso na terapia.

Seguro o aparelho tão forte que sinto a ponta dos dedos formigar. Frank já fez isso para mim muitas vezes, e esta é a primeira que sente necessidade de soltar esse comentário.

– Se você não quiser fazer, eu chamo outra pessoa.

– Não, tudo bem.

– Porque, se você não for fazer, me fala agora.

– Porra, Erika. Relaxa. Eu estava só brincando.

Meus ombros relaxam.

– Ótimo.

– Só uma coisa – diz Frank. – O preço aumentou.

– Quanto?

Ele me passa uma quantia quase duas vezes maior do que a que paguei da última vez. Meu peito fica apertado. Ele sabe que eu estava falando da boca para fora quando disse que arranjaria outra pessoa. Sabe que não vou arranjar outra pessoa. Preciso dele.

– Tudo bem.

– É sempre um prazer trabalhar com você, Erika.

Só faz seu trabalho, seu merda. Cerro os dentes, irritada por não conseguir dizer as palavras que estão passando pela minha cabeça. Mas ele vai fazer o que preciso que faça. Vai me ajudar a salvar meu filho de si mesmo.

DOZE

OLIVIA

Mesmo não sendo um encontro de verdade, estou ansiosíssima com a ida à lanchonete com Liam hoje.

Ontem à noite, experimentei todos os itens do armário na frente do espelho. Duas vezes. Coloquei uma saia curta demais, com a qual adoraria que Liam me visse, mas que daria a impressão de estar forçando a barra. Além disso, não tenho certeza se minha mãe teria me deixado sair de casa vestida daquele jeito (afinal, vamos sair só para comer alguma coisa depois do treino da equipe de atletismo). No fim das contas, optei por algo despojado e fofo. Coloquei minha calça jeans skinny mais bonita, com uma regata vermelha. Depois, passei mais uma hora em frente ao espelho tentando arrumar meu cabelo do jeito certo. Garotos dão tanto trabalho.

Neste momento, estou em frente à escola com minha bela regata e a calça jeans, abraçando o corpo para me aquecer. Meus braços estão arrepiados, mas a jaqueta não é muito sexy e não quero usá-la na frente de Liam. Espero que ele valorize todo esse esforço que estou fazendo por ele.

Madison decidiu esperar comigo, mas eu quase preferiria que não estivesse aqui. Ela não está sendo uma fonte de energia positiva e, embora nunca tenha gostado muito de Liam, neste momento está particularmente intolerante. Pelo visto, está tentando me convencer a dispensar Liam antes mesmo de qualquer coisa começar.

– E, além do mais, ele tá *atrasado*. – Madison tira o celular do bolso e o enfia na minha cara para mostrar a hora. – É isso que você quer? Um cara que sempre vai te deixar esperando?

– Ele me disse que talvez se atrasasse. – Começo a correr no lugar para me aquecer, mas depois fico com medo de suar. – Ele tá no treino. Não é culpa dele se não acabou na hora marcada.

Sem contar que Aidan *vive* atrasado. É quase uma regra.

Madison faz beicinho.

– Só acho que ele não serve pra você.

– Baseada em quê?

– Baseada em… – Ela olha ao redor para ter certeza de que somos as únicas pessoas aqui. – Olha, eu não queria te contar isso, mas… sabe, o Tyler Martinson era amigão do Liam.

Eu me encolho ao ouvir o nome de Tyler Martinson. Ele é um daqueles atletas metidinhos que jogam futebol americano com Aidan. Unicamente por esse motivo, nos aproximamos no início do ano e não fiquei surpresa quando ele me convidou para sair. Mas eu não sentia nem um pingo de atração por ele, então recusei de cara. Ele pareceu surpreso, como se estivesse me fazendo um *favor* ao me convidar para sair, e não acreditou que eu tivesse recusado o convite. A reação péssima dele me deixou ainda mais feliz por ter dito não.

– Então, parece que… – Madison abaixa um pouco a voz. – O Tyler falou que teve que deixar de ser amigo do Liam, porque o Liam é doido mesmo. Tipo, ele dizia e fazia umas coisas muito loucas. E o Tyler ficou assustado de verdade.

Reprimo a vontade de revirar os olhos.

– Doido tipo o quê?

– Não sei direito – admite Madison. – Mas, pelo visto, foram coisas *bem* bizarras. Tipo, o Tyler ficou com *medo* dele de verdade. Ele disse que o Liam é zoado da cabeça e que qualquer garota que se envolver com ele vai se arrepender.

Agora realmente reviro os olhos.

– Fala *sério*. Você acredita nisso?

– Acredito, sim! Liv, eu te falei que sinto uma energia ruim nesse cara. Tem alguma coisa nele…

– Bem, eu não vejo nada disso.

– Então você é cega.

Encaro minha melhor amiga e sinto uma explosão de raiva no peito. Por que ela está fazendo isso comigo? Ela sabe o quanto eu gosto do Liam. Ela já namorou dois completos babacas, e eu nunca disse uma palavra negativa a respeito de nenhum deles. Quer dizer, isso está prestes a mudar neste exato momento.

– Bem – digo –, pelo menos ele é melhor do que o Aidan.

A boca de Madison se abre.

– Do que você tá falando? Qual é o problema com o Aidan?

– Você tá brincando, né? O Aidan é um babaca. Ele te trata feito lixo e está praticamente reprovado. Faz bullying com os novatos. E provavelmente toma anabolizante.

Duas pequenas manchas rosadas aparecem nas bochechas de Madison.

– Ele não toma anabolizante.

– Beleza. Mas todo o resto é verdade. – Eu olho bem nos olhos dela, desafiando-a a me contradizer. Ela não faz isso, porque estou coberta de razão. – Mas o *Liam* que é péssimo. Porque você sente uma *energia* ruim. Ai, meu Deus, que *horror*.

As manchas rosadas nas bochechas de Madison aumentam.

– Beleza. Você quer sair com um psicopata? Fica à vontade.

Com essas palavras, Madison dá meia-volta e sai em disparada, provavelmente para ir ao encontro de Aidan. Seu rabo de cavalo loiro-acinzentado sacode violentamente atrás dela conforme se afasta. Já tivemos discussões antes, mas essa parece ser a maior de todas. Isso me deixa inquieta.

Mas, por um milagre, esqueço de tudo isso quando Liam se materializa na minha frente.

Está lindo de morrer com a camiseta do time de atletismo, uma calça jeans larga e um casaco leve, o cabelo um pouco úmido do banho. Ele sorri para mim, e meu coração dá um salto no peito. E daí se Madison e eu brigamos? Não consigo nem pensar nisso agora.

– Você veio – diz Liam, como se estivesse um pouco surpreso e satisfeito com isso.

Retribuo o sorriso.

– É claro que vim. Eu disse que viria.

– Pois é, mas… – Ele abaixa a cabeça. – Enfim, tô feliz que você veio.

Esse cara *não é* doido. Sem chance. Não sei do que Madison estava falando. É claro que Aidan e Tyler têm inveja de Liam, porque ele vai muito bem na escola e todas as garotas o acham bonito.

– Você parece estar com frio – comenta ele.

Não vou mentir. Estou com muito frio neste momento. Meus dentes estão até batendo um pouco e tenho a sensação de que meus lábios estão ficando roxos. Mas não quero dar a impressão de não estar curtindo.

– Um pouquinho, quem sabe.

E então Liam faz uma coisa que me derrete completamente: ele tira a jaqueta e a estende para mim.

– Aqui. Pega.

– Mas aí *você* vai ficar com frio.

– Nada. Eu tô bem. Ainda estou quente da corrida.

Nunca beijei um garoto antes, mas, de alguma forma, parece mais relevante que um garoto nunca tenha feito um gesto cortês e romântico por mim antes. Já faz meses que tenho uma queda por Liam, mas, neste momento, caí de quatro.

Estou completamente apaixonada.

TREZE

Transcrição do depoimento de Olivia Reynolds na delegacia

– Olivia, você pode descrever suas interações com Liam Cass?

– Fazemos parte do time de oratória. Há dois anos.

– Você é amiga dele?

– Sou. Quer dizer, fazemos parte do time há algum tempo. Então, conversamos muito. Tipo, não só durante os debates.

– Você descreveria seu relacionamento com Liam como algo mais do que amizade?

– Hum… Bem, não. Não é bem assim, mas… Olha, eu fico desconfortável falando disso com, tipo, a polícia… É meio constrangedor…

– Mas você entende por que isso é importante.

– Entendo, lógico. Tipo, foi por isso que liguei pra polícia. Eu achei que… talvez, se contasse o que aconteceu comigo, poderia ajudar.

– E nós agradecemos por você ter entrado em contato com a gente.

– É…

– Então, voltando à pergunta inicial: você teve algum envolvimento romântico com Liam Cass?

– Bem, não. Não oficialmente. Mas… eu meio que…

– O quê?

– Eu… Eu gostava dele. *Muito*. Achava ele bonito. E ele é muito bom nos debates, sabe?

– Ele expressou alguma intenção romântica em relação a você?

– De verdade? Às vezes eu meio que achava que sim. Uma vez, ele me acompanhou até em casa, mas não rolou nada. É óbvio que ele gostava de outra pessoa.

– E o que aconteceu depois?

– …

– Olivia, se você puder contar o que me disse antes sobre o que aconteceu depois…

– Você tá falando daquele cara?

– Isso. Você disse que um homem te abordou na rua.

– Foi. Eu estava passeando com meu cachorro, e um velho… ele tinha tipo uns 50 anos… veio até mim e perguntou se eu era Olivia Reynolds. E eu fiquei apavorada porque, sabe, a gente ouve mil histórias sobre garotas que saem pra passear com o cachorro e nunca mais voltam pra casa. E ele também era meio bizarro.

– Bizarro como?

– Sei lá. Fedia a cigarro e tinha os dentes meio amarelados. Provavelmente por causa do cigarro, né? É por isso que não vou fumar nunca mais. Nem *vape*. *Vape* é ainda pior. A professora disse que dá pulmão de pipoca, que é quando o pulmão estoura que nem pipoca de micro-ondas.

– Ah, claro. Então, o que aconteceu depois, Olivia?

– Eu meio que não falei nada. Só fiquei olhando pro cara, mas ele parecia saber quem eu era. Daí ele me perguntou se eu conhecia o Liam, e isso foi bem esquisito.

– O que você respondeu?

– Eu respondi que sim.

– E o que ele falou?

– Bem, ele começou a me contar todas as coisas que sabia sobre mim. Tipo, coisas ruins. Quer dizer, não *exatamente* ruins. Eu não fiz nada *tão* ruim assim. Mas, por exemplo, ele tinha vários prints de mensagens do meu celular que eu não gostaria que meus pais nem meus professores vissem. E algumas outras coisas.

– Que tipo de coisas?

– Eu tenho que contar isso?

– Gostaríamos de ter as informações completas.

– Não foi nada ilegal. Juro.

– Você não está encrencada, Olivia. Juro. Só conta a verdade pra gente.

– Tá… Bem, eu estava namorando um cara no ano passado e mandei pra ele umas fotos minhas que não deveria ter mandado. Foi burrice. E não sei como aquele sujeito bizarro conseguiu aquelas fotos. Meu Deus, que vergonha…

– E o que aconteceu depois?

– O cara falou que se eu continuasse andando com o Liam, ele iria mostrar pra todo mundo.

– E o que você disse?

– O que você acha? Tipo, eu gostava do Liam, mas não o suficiente pra me meter em confusão. Daí eu disse que não andaria mais com ele.

– E você cumpriu o que prometeu?

– Não. Mas, sinceramente, não fez muita diferença, porque no dia seguinte… Bem, você sabe.

– Você chegou a pensar em por que esse homem falou pra você não andar mais com o Liam?

– Não. Só fiquei muito assustada com tudo aquilo. Eu pensei… Sei lá. Essa história foi bem esquisita, pra falar a verdade.

– Bem, nós agradecemos, Olivia. Isso foi muito útil.

– Posso fazer uma pergunta?

– Pois não?

– Vocês acham mesmo que foi o Liam?

– Infelizmente, não posso compartilhar nenhum detalhe da investigação com você.

– Eu só queria dizer… que não acho que tenha sido ele. Conheço o Liam há mais de dois anos, e ele é um cara muito legal. Não estou dizendo isso só porque ele é bonito. Ele leva muito a sério a competição e é muito inteligente, e simplesmente *não faria* isso. Não acho que ele *seria capaz*. Quer dizer, que tipo de pessoa faz uma coisa dessas? Não consigo imaginar.

– Então por que você entrou em contato com a gente?

– Porque… sei lá. Não acredito que tenha sido o Liam. Mas acho que não tenho certeza absoluta. Nunca se sabe.

CATORZE

OLIVIA

Até a lanchonete dá pouco mais de um quilômetro, e Liam e eu caminhamos juntos. Bem, estamos com metade da equipe de atletismo e algumas das namoradas, mas Liam e eu ficamos um pouco para trás. O casaco dele é quente e tem o cheiro dele, de sabonete. As mangas são tão compridas que cobrem até meus dedos.

Conversamos principalmente sobre a aula de matemática. Liam diz que o Sr. Gregor tem cheiro de queijo velho, o que, na verdade, é bastante preciso. Parece não gostar muito dele, o que me surpreende, porque muita gente tenta bancar o engraçadinho nessa aula, mas Liam, não. Ele é muito educado com o Sr. Gregor (na frente dele). Acho que é um dos alunos favoritos do Sr. Gregor, e não só porque manda muito bem na matéria.

Liam fica bem perto de mim enquanto caminhamos. Algumas vezes, a mão dele roça na ponta dos meus dedos e acho que ele vai tentar segurar minha mão, mas não faz isso.

Quando chegamos à lanchonete, muitos alunos da escola já estão lá. Embora seja uma longa caminhada, o Charlie's tem os *melhores* milk-shakes. São muito bons, sério. É tipo o melhor sorvete que existe em forma de milk-shake. Noto que Tyler Martinson está sentado em uma das mesas e me lembro do que Madison disse mais cedo sobre Liam ser doido. E que Tyler tem *medo* dele.

Será que isso é verdade mesmo? Tyler parece ser um cara que não tem medo de nada. Mas, quando passamos por ele, ele e Liam não fazem contato visual. Ele também não olha para mim, e fico pensando se ainda está com raiva por eu não ter saído com ele. Eu o vi com outra garota uma semana depois, então pelo visto ele superou bem rápido.

Todos nos espremememos em uma mesa extragrande. Somos seis, e meu corpo está encostado no de Liam. Sinto o calor da coxa dele na minha. E não ligo nadinha.

– Tá apertada aí?

Ele olha para mim com preocupação nos olhos castanhos. Ele tem olhos tão bonitos. Sempre gostei de olhos azuis, mas, meu Deus, os dele são lindos. E seu hálito tem cheiro de hortelã. Fico imaginando se ele chupou uma bala antes de me encontrar. Porque eu, sim. Quer dizer, não queria estar com bafo.

– Tudo bem – respondo.

– Que bom. – Ele sorri para mim. – Porque, se eu me mexer mais um centímetro, vou cair do banco.

Retribuo seu sorriso.

– Não faça isso.

– Vou tentar. – Ele abre o cardápio. – Você sabe o que vai pedir?

– Milk-shake de baunilha – respondo sem hesitar.

– Ih, esse também é o meu favorito. Você roubou minha ideia.

Dou risada.

– Foi mal.

– Quer dividir?

Dividir um milk-shake com Liam? Sim, por favor.

– Claro.

Minhas dúvidas sobre isso ser um encontro ou não estão começando a desaparecer. Ele veio andando ao meu lado até aqui, estamos dividindo um milk-shake e, para ficar mais perto dele, só se estivesse sentada em seu colo. Além disso, quando ele pede o milk-shake para nós dois, cochicha no meu ouvido: "É por minha conta." E mesmo enquanto as outras pessoas na mesa estão conversando, ele só parece interessado em falar comigo. Sua atenção está totalmente voltada para mim.

Até que acontece algo que estraga tudo.

Nossa mesa fica bem perto do banheiro, e, quando Tyler e seus amigos se

levantam para usá-lo, precisam passar por nós. Embora Liam e Tyler tenham evitado olhar um para o outro quando entramos, Tyler esbarra com força no ombro de Liam ao passar. Foi claramente intencional. Eu sei disso, e é óbvio que Liam também.

Quando Tyler volta do banheiro, fico preocupada com a hipótese de que ele faça isso de novo. Mas, em vez disso, ao passar pela nossa mesa, ele tropeça e cai no chão com um estrondo. Por um momento, tudo fica em silêncio enquanto Tyler se levanta.

– Você colocou o pé na minha frente, babaca! – Tyler está encarando Liam. Há uma veia assustadora saltando em seu pescoço grosso de jogador de futebol. – Qual é o seu problema, hein?

Liam se vira e olha para Tyler, piscando os olhos, a própria imagem da inocência fingida.

– Ah, desculpa. Foi sem querer.

– Porra nenhuma!

– Você tá enganado, Tyler.

– Quero ver você dizer isso na minha cara.

Meu coração acelera dentro do peito. Tyler parece muito irritado. Ele ainda está com a tal veia saltada no pescoço, mas agora seu rosto está começando a ficar vermelho. Liam se levanta e noto que, embora os dois tenham quase a mesma altura, Tyler é mais largo, por jogar futebol americano. Liam tem um físico de corredor. Tenho medo de que, em uma briga, Tyler leve vantagem.

Mas Liam não parece nem um pouco intimidado. Ele encara Tyler.

– Eu não coloquei o pé na sua frente. Você que é desastrado.

Tyler bufa.

– Como é… Você tá tentando se exibir pra sua *namorada*? Não que precise de muita coisa pra impressionar *essa daí*.

Minhas bochechas ardem. A última coisa que quero é Tyler falando mal de mim na frente de Liam. Mas as palavras de Tyler atingem o alvo em cheio. O que ele disse parece ter irritado Liam mais do que qualquer outra coisa até agora.

– Cuida da sua vida – diz Liam, baixinho.

Tyler dá um passo ameaçador na direção de Liam. O confronto entre eles chamou a atenção do restaurante inteiro. Todo mundo provavelmente está

torcendo por uma briga – todo mundo, menos eu. Só quero que Tyler deixe a gente em paz.

– Sua namorada sabe que você é um psicopata?

Liam revira os olhos.

– Isso é tudo que você tem pra dizer?

– É verdade.

– Ah, é? – Liam ergue uma sobrancelha. – Então, se eu sou um psicopata, talvez seja melhor você tomar cuidado. Porque eu sei praticamente tudo que tem pra saber sobre a sua família. Sei onde sua mãe faz aula de ioga. Sei que seu pai estaciona o carro do lado de fora da garagem à noite. E sei qual é a janela do quarto da sua irmã.

Tyler arregala os olhos.

– Além disso – acrescenta Liam –, vocês estão com um gato novo, não é?

Toda a cor do rosto de Tyler se esvai. Nunca vi ninguém ficar tão assustado. Nem sei bem por quê. Do que Liam está falando? Por que ele está falando sobre o gato do Tyler? Não faz sentido.

Mas, aparentemente, o que Liam disse foi o suficiente. Tyler dá um passo para trás.

– Não seria nem um desafio te dar uma surra – murmura Tyler, e em seguida passa por Liam para voltar ao seu lugar, mas percebo que dessa vez se esforça para não tocar nele.

Liam se recosta no assento ao lado do meu. Há uma expressão de satisfação em seu rosto. Um sorriso secreto aparece em seus lábios.

– Acho que você acabou de dar um baita susto no Tyler – comento.

Liam dá de ombros.

– Pois é. Ele é um babaca.

– Vocês não eram amigos?

– Não. Na verdade, não.

Mas isso é mentira. Todo mundo sabe que Tyler e Liam eram próximos. Mesmo assim, ele parece não querer mais falar sobre o assunto, e por mim tudo bem. Não vim aqui para falar de Tyler Martinson. Vim aqui para ficar com Liam.

A garçonete traz dois canudos para o nosso milk-shake. Queria que tivéssemos apenas um, para que Liam e eu pudéssemos compartilhar. Mas dois canudos também é bom. Tento prestar atenção para tomar um gole ao

mesmo tempo que ele, de modo que nossos rostos fiquem a centímetros de distância.

– Adoro os milk-shakes daqui – diz Liam.

A perna dele está encostada na minha e o braço também. Fico imaginando se ele tentaria me dar um beijo se não estivéssemos cercados pelos colegas dele da equipe de atletismo. Só de pensar nisso, meu coração quase pula do peito.

Mas, antes que possa me animar demais, meu celular começa a tocar no bolso. Reconheço o toque. Minha mãe.

Que maravilha.

– Peraí.

Enfio a mão no bolso e tiro o aparelho, que ganhei de presente de aniversário no ano passado. Mas minha mãe colocou milhares de restrições nele, então não consigo passar muito tempo em jogos nem no YouTube. Ah, e tem rastreamento por GPS. Desse jeito, ela sabe onde estou a cada momento do dia. Sério, por que ela simplesmente não coloca um microchip na minha cabeça?

– Oi, mãe.

– Olivia – diz ela. – Você ainda tá na lanchonete? Tá ficando tarde.

Caramba, ela *sabe* que ainda estou na lanchonete. Ela tem o treco do GPS no celular dela.

– Não tá tão tarde assim. – Olho para o relógio e depois para a janela. – Nem anoiteceu ainda.

– Como você planeja voltar pra casa?

– Hum… – Olho de relance para Liam, que está com as sobrancelhas erguidas. – Vou andando.

Ele vai me levar para casa. Tenho certeza disso.

– Andando! – Minha mãe fala como se eu tivesse sugerido pegar uma tirolesa de volta para casa. – Nem pensar! Eu vou te buscar de carro.

– Mãe! – Tento não parecer muito reclamona, mas não quero *mesmo* que ela venha me buscar. Não agora. Não quando as coisas estão indo tão bem. – Ainda tá cedo. Me deixa ficar. Por favor.

– Você não tem dever de casa pra fazer?

– Eu fiz na escola.

(Isso é mentira. Era impossível me concentrar no dever sabendo que Liam e eu estávamos prestes a ter nosso primeiro quase encontro.)

Minha mãe fica em silêncio por um instante, refletindo. Cruzo os dedos para que ela diga que posso ficar.

– Não – diz ela, por fim. – Estou indo te buscar agora. Quero você em casa antes de escurecer.

– Mas, mãe…

– Não estamos negociando, Olivia.

– Tá bem – resmungo.

Se Liam não estivesse bem ao meu lado, eu provavelmente teria insistido mais para ficar, mas não quero que ele me ouça brigando com minha mãe. Tipo, uma dessas brigas em que tenho que explicar que não sou um bebê e que ela está sendo absolutamente ridícula. Essas brigas podem se prolongar por um tempo, e já percebi que geralmente não terminam bem para mim.

Desligo o celular e coloco o aparelho de volta no bolso.

– Desculpa – digo a ele. – Minha mãe tá vindo me buscar agora.

– *Agora*? – O rosto dele perde o brilho. – Você tem mesmo que ir?

– Ela não quer que eu volte pra casa sozinha.

Ele limpa as mãos na calça jeans.

– Eu podia te levar.

Sei que ele teria feito isso. E a mãe dele não está preocupada com o fato de ele me levar para casa e depois ele mesmo ir para casa sozinho. Porque a mãe *dele* não é louca feito a minha.

– Desculpa – repito.

– Tudo bem.

Então, ele coloca a mão esquerda embaixo da mesa e encontra a minha. Dá um apertão e, de repente, *estamos de mãos dadas*. Ai, meu Deus, estamos de mãos dadas! Ele sorri para mim, e eu sorrio de volta. A única coisa estragando um pouco o clima é que minha mão está suando demais. Meio que quero afastá-la da dele e secá-la na calça jeans, mas não tenho certeza de como explicaria isso.

– Ei! – Um dos outros rapazes da equipe está dando um sorrisinho para Liam. – Cass! O que vocês estão fazendo embaixo da mesa? Mãos ao alto, cara!

Liam ri, mas suas orelhas ficam levemente vermelhas e ele afasta a mão da minha. Meu coração afunda no peito e, nesse momento, minha mãe me manda uma mensagem dizendo que está do lado de fora e que é melhor eu sair o mais rápido possível.

– Tenho que ir – digo a Liam.

Ele morde o lábio.

– E se eu falar pra ela que vou te acompanhar até em casa?

– Ela já tá lá fora. Eu preciso mesmo ir.

– Tudo bem. – Ele se levanta para que eu possa sair e esfrega a nuca. – Tô feliz por você ter vindo.

Sorrio para ele.

– Eu também.

Todos os amigos dele da equipe estão olhando para nós. Ele abaixa a cabeça e sorri, envergonhado.

– Quem sabe outra hora, então?

Faço que sim com a cabeça, tentando não deixar transparecer a decepção que sinto no momento. Ele não está me convidando para sair outro dia. Mas não é que a gente nunca mais vá se ver também. Temos aula de matemática juntos amanhã. Virou minha aula favorita, e eu nem gosto de matemática.

– Até amanhã.

– Até – diz ele.

Espero mais um pouquinho, na esperança de que ele mude de ideia e se incline para me beijar ou, pelo menos, sugira que a gente saia outra vez. Mas nada disso acontece.

QUINZE

OLIVIA

Estou muito irritada com a minha mãe. Estava me divertindo *tanto* com Liam. Ele é, tipo, o primeiro garoto por quem me interessei assim. E ele também parece gostar de mim. E ela estragou tudo. Sem motivo!

– Você vai passar o caminho todo pra casa me dando gelo? – pergunta minha mãe ao virar na Maple Street.

Cruzo os braços.

– Você sabe que o Liam me chamou pra sair hoje.

– E ele vai te chamar de novo.

– E se ele não fizer isso?

– Tenho certeza de que ele não vai desanimar tão fácil.

– Você não sabe disso.

– Me dá algum crédito, Olivia. E pra *ele* também.

Solto um grunhido irritado e fico olhando pela janela. Minha mãe sabe o quanto gosto de Liam. Passei o ano inteiro compartilhando com ela minha paixonite. Principalmente porque Madison é cem por cento contra o Liam, então minha mãe tem sido minha principal confidente. Ela sabe o quanto eu estava animada para esta noite.

– Acho que vi o Liam pela janela – diz ela.

Minha mãe optou por ignorar o fato de que a estou ignorando. Odeio quando ela faz isso, embora, para ser honesta, geralmente funcione.

– Era o moreno de camiseta azul?

– Era – admito.

Por mais que eu queira ficar com raiva da minha mãe, também quero falar de Liam. Estou muito dividida.

– Ah. – Ela assente. – Ele é *muito* lindo. Dá pra ver por que você gosta dele.

– Né? – Minhas mãos ficam suadas de novo só de pensar nele. – E ele não é *só* lindo. Ele é, tipo, um dos caras mais inteligentes da escola. Você precisava ter visto ele ontem no debate, mãe.

– Bem, sinto muito por ter te feito voltar pra casa, mas tenho certeza de que você vai ter outra chance com ele.

– Ele pegou na minha mão. – Sorrio com a lembrança. Todo o meu corpo fica arrepiado só de pensar nisso. – Tipo, muito rápido, porque um dos amigos dele começou a zoar a gente. Mas… foi…

– Você deveria chamar o Liam pra ir lá em casa.

– Com *você* lá, é isso?

– Ai, meu Deus. Impensável.

– Mãe…

Ela dá uma piscadela para mim.

– O que foi? Vou ficar na minha.

Ai, meu Deus, ela com certeza *não vai* ficar na dela. Provavelmente vai pegar álbuns antigos e mostrar a ele fotos minhas aprendendo a usar o penico.

– Ele pode ir com você pro seu quarto – acrescenta ela. – Desde que a porta fique aberta.

– Tem que deixar aberta? A gente não vai fazer nada de mais.

Minha mãe bufa. Mas acho que talvez ela tenha razão. Se Liam e eu ficássemos sozinhos em um quarto… Meu Deus, só de pensar nisso, fico toda arrepiada de novo. Mal posso esperar para vê-lo outra vez.

Ela estaciona o Honda em frente à nossa casa e, a esta altura, já a perdoei. Além de Madison, minha mãe é a minha melhor amiga e é difícil ficar com raiva dela. E ela provavelmente tem razão. Não acho que eu tenha estragado tudo com Liam. A gente não tem que se fazer de difícil com os garotos?

Por isso, estou de bom humor quando saio do carro. Até que vejo quem está sentado nos degraus da entrada da nossa casa.

DEZESSEIS

ERIKA

O cheiro de rocambole de carne assando toma conta da cozinha enquanto corto pepinos para a salada que vai ser o elemento verde do jantar de hoje. Minha mãe me ensinou a sempre acrescentar um elemento verde ao jantar. É o que faço mesmo tendo a certeza de que Hannah vai colocar a salada de lado no prato com o polegar e o indicador, olhando para ela como se fosse cocô de cachorro. E Liam também, provavelmente. Na verdade, há cinquenta por cento de chance de que Jason também faça isso.

Ainda assim, é preciso ter um elemento verde.

A porta da frente se fecha, o que significa que Jason chegou do trabalho. Bem na hora. Ele tirou os sapatos ao lado da porta – conseguir que ele passasse a fazer isso foi uma vitória conquistada com muito esforço. Ele entra na cozinha, belíssimo, de camisa e gravata, e abre um sorriso de canto de boca.

– Que cheiro bom.

– Rocambole de carne.

Ele para ao meu lado na bancada e olha para o pepino que estou cortando.

– Engraçado. Não parece rocambole de carne.

Reviro os olhos e o cutuco com o ombro.

– Está no forno. Mais cinco minutos, marcados no relógio.

Ele vai até o forno e o abre para olhar o rocambole de carne que está lá dentro. Detesto quando ele faz isso, pois interfere no cozimento, mas, ainda que a contragosto, fico feliz que ele goste tanto da minha comida a ponto de querer acompanhar o processo.

– Como estava o trânsito? – pergunto.

Continuo sem saber como ele consegue encarar o trajeto de Manhattan a Long Island em plena hora do rush e ainda manter um sorriso no rosto. Cinco minutos nessa via expressa são suficientes para me deixar irritada pelo resto do dia.

– Até que não estava tão ruim. – Ele enfia o polegar na gravata para afrouxá-la. – Quer ajuda pra picar?

Dou uma risada anasalada. Jason é bom com computadores, mas cozinhar não é a praia dele. É bem provável que acabe cortando um pedaço do dedo ao picar legumes, e prefiro não ter sangue espalhado na salada inteira.

– Não precisa.

– Que foi? – Ele aponta para o tomate no balcão. – Eu consigo cortar isso pra você.

– Hum… Será?

– Claro. Sou muito habilidoso com facas e coisas assim. – Quando o encaro, ele sorri para mim. – Ah, para com isso. É só a salada do jantar. Não estamos participando de nenhum concurso, não.

– Que tal você pôr a mesa?

– Seu desejo é uma ordem, minha ama.

Reviro os olhos.

– Você pode antes pedir pra Hannah e pro Liam descerem?

– É pra já.

Jason termina de afrouxar a gravata enquanto se dirige à escada para mandar as crianças descerem para o jantar. Depois, obediente, volta até a cozinha para pôr a mesa. Hoje ele está um marido cinco estrelas.

– Teve um bom dia no trabalho? – pergunto, enquanto começo a cortar o tomate.

Ele balança a cabeça vigorosamente.

– A equipe vem fazendo um baita avanço. Todo mundo está trabalhando bastante e, em breve, vamos ter um novo produto. Estamos animados.

Jason já me explicou algumas coisas sobre o programa que eles estão

desenvolvendo, mas nunca consigo entender. Ele é definitivamente um gênio. É um pouco intimidador, porque eu não sou nada genial, mas, depois de vinte anos de casamento, não me sinto mais insegura em relação a isso. Pelo menos, significa que podemos ter uma bela casa e belos carros. E, quem sabe, se ele conseguir uma folga, possamos tirar belas férias em família.

Hannah entra na cozinha, com os pés descalços, no momento em que o timer do rocambole de carne dispara. Jason faz questão de enfatizar o quanto parece delicioso, mas Hannah apenas torce o nariz. Ela olha para a montanha acinzentada, que brilha por conta do molho de tomate e do próprio suco da carne.

– A gente não vai *comer* isso, né?

– Claro que não – responde Jason. – Essa é a nossa TV nova. O que você gostaria de assistir?

– Pai – resmunga Hannah. Ela semicerra os olhos diante da comida que acabei de passar a última hora preparando. – É tão… carnudo. É tipo um bloco de carne.

– Pois é, Hannah. É um rocambole de carne.

Ela se afunda em uma das cadeiras da mesa da cozinha.

– Preferia frango.

– Bem, eu preferia estar nas Bahamas. – Jason dá de ombros. – Nem sempre temos o que queremos. Às vezes, é preciso fazer coisas terríveis, como comer um delicioso rocambole de carne.

Sorrio para mim mesma enquanto continuo picando os tomates.

– Cadê o Liam? Alguém pode pedir pra ele descer?

Hannah pega o celular e começa a rolar as mensagens de texto.

– O Liam não tá em casa.

O quê?

– Como assim? – Tento reprimir o tremor em minha voz. – Cadê ele?

– Sei lá. Treinando? Qual é o problema? Não tá tão tarde assim.

Dou uma olhada pela janela, e já está escurecendo.

– O sol já se pôs.

– E daí? – Hannah mantém os olhos no celular. – Ele provavelmente foi com os amigos comer em algum lugar, ou algo do tipo. Por que você tá surtando desse jeito?

– Não estou surtando.

Mas ela tem razão. Estou surtando, *sim*. Olho para Jason, que não parece

nem um pouco preocupado com o fato de Liam não estar em casa. O que faz sentido, porque nosso filho tem 16 anos e está quase tirando carteira de motorista. É capaz de cuidar de si mesmo. Ainda não está tão tarde assim. Ele já chegou em casa a essa hora outras vezes.

Mas não é com Liam que estou preocupada.

Minhas mãos estão tremendo tanto que deixo a faca vacilar e a lâmina crava bem no meu indicador esquerdo. O sangue se espalha imediatamente por toda a tábua.

– Meu Deus, Erika! – Jason toma um susto e corre para buscar toalhas de papel. Ele pega duas e as atira na minha direção. – Você tá bem? O corte parece ter sido feio.

Pressiono o dedo com as toalhas de papel, que imediatamente ficam ensopadas de vermelho. Mas o corte é a menor das minhas preocupações. Onde está Liam? Só consigo pensar em Olivia Reynolds. E se ele estiver com ela?

O que ele estará fazendo com ela?

Espero que Frank se apresse e faça a droga do trabalho dele.

– Erika! – A voz de Jason interrompe meus pensamentos. – Isso tá sangrando muito. Talvez seja melhor irmos ao pronto-socorro…

– Não! – falo alto demais, e Jason pisca para mim, aturdido. Dou um pigarro. – Tá tudo bem. Sério. É que eu sangro muito mesmo.

Jason tenta sorrir, mas está pálido.

– E você estava com medo de *eu* picar os tomates…

A porta da frente bate, e solto um suspiro. Liam está em casa. Graças a Deus.

Meu filho entra na cozinha, ainda usando os tênis que agora espalharam sujeira por todo o tapete e pelo piso da cozinha. Já gritei com ele várias vezes por causa disso, mas não vou surtar agora. Estou feliz por ele estar em casa.

– A mamãe tava preocupada com você – diz Hannah, antes que eu seja capaz de fingir que não é verdade.

– Estava? – Liam parece surpreso. – Só fui no Charlie's com uns amigos do atletismo. Você falou pra eu estar em casa às sete. Não foi? – Ele olha para o relógio. – Não tô atrasado.

– Não, tá tudo bem. – Pego outra toalha de papel na bancada para substituir a que está encharcada de sangue. – Foi legal?

Liam dá de ombros.

– Foi.

O sangramento parece ter diminuído, o que é bom. Estava começando a ficar com medo de precisar levar pontos. Nunca levei pontos antes, a não ser no parto.

– Foram só seus amigos do time? Ou tinha garotas também?

Tento falar como se não fosse nada, torcendo para que ele deixe escapar alguma coisa. Mas, dada a maneira como Jason sorri para mim, acho que não fui bem-sucedida.

Liam vai até o armário pegar os copos, que Jason esqueceu quando estava arrumando a mesa. Liam já arrumou a mesa muito mais vezes do que Jason.

– Só os garotos.

Jason ri.

– Ele provavelmente não contaria se fosse o caso.

Provavelmente, não. E é disso mesmo que eu tenho medo.

DEZESSETE

OLIVIA

– Tyler. – Franzo a testa. – O que você tá fazendo aqui?

A última pessoa que esperava ver ao chegar em casa era Tyler Martinson. Ainda usando a camisa de futebol americano, ele estava sentado na escada em frente à minha casa, com os cotovelos apoiados nos joelhos, mas se levantou rapidamente ao me ver saindo do carro.

– Olivia – diz ele. – Preciso conversar com você.

– Tyler!

Minha mãe cumprimenta Tyler. Ele a conhece porque a mãe dele é uma dessas doidas da Associação de Pais e Mestres. Ela está sempre se voluntariando para alguma coisa ou vendendo ingressos para outra. Todos os pais vivem puxando o saco dela, inclusive minha mãe.

– Como você está? – pergunta ela.

– Bem.

Tyler dá de ombros. Liam é sempre muito educado com adultos, mas Tyler, não. Sorte a minha ele não ter xingado minha mãe.

– Sra. Mercer, preciso falar com a Olivia um minutinho.

Minha mãe hesita. Mesmo conhecendo a mãe de Tyler, ele não é o tipo de garoto com quem uma mãe quer deixar a filha sozinha. Ele é grande, não olha os adultos nos olhos, a menos que esteja irritado, e tem cara de estuprador de filmes para a TV.

– Um minutinho só – diz minha mãe. – Depois, quero que você entre, Olivia.

Faço que sim com a cabeça, decepcionada por minha mãe não ter me dado uma desculpa para dispensar Tyler. Não quero conversar com ele. Nem um minutinho, nem um segundinho. Mas, quando minha mãe entra em casa, nós dois ficamos sozinhos pela primeira vez desde o dia em que ele me convidou para sair e eu disse não.

Assim, Tyler não é feio. Na verdade, ele é bem bonito. Não tão bonito quanto Liam, mas quem é, não é mesmo? O motivo pelo qual não quis sair com ele não tinha nada a ver com aparência. Tinha a ver com o fato de ele ser um babaca. E um valentão.

Por exemplo, quando estávamos no primeiro ano do ensino médio, havia um garoto na nossa sala, chamado Greg, que era o menino mais fofo *do mundo*. Mas ele também era franzino, usava óculos supergrossos e era mesmo muito nerd. Por algum motivo, Tyler tinha como missão torturar Greg. Eu fazia educação física com eles, e Tyler vivia tentando dar um jeito de arremessar a bola bem no Greg com toda a força que conseguisse. O que, no caso de Tyler, era muita. Eu me lembro de uma vez que ele atirou a bola com tanta força que partiu os óculos de Greg e o nariz dele começou a sangrar.

Tyler também espalhou boatos sobre Greg na internet. Não me lembro de todos os detalhes, mas foi bem feio. Acho que também fizeram uma montagem no Photoshop em que colocaram o rosto de Greg em fotos constrangedoras. Depois, enviaram as fotos para a escola inteira.

Foi o ano todo assim. Quando chegou junho, Greg estava tão abatido que praticamente não falava mais com ninguém. Então, em setembro, ele não voltou para a escola.

Ah, e no ano passado rolou toda aquela história com Lily Macintosh. Acho que os dois estavam saindo, mas ele ficou bravo com ela, aí mandou para a escola toda fotos de Lily sem sutiã, que ela aparentemente havia enviado para ele quando os dois estavam saindo. Fiquei muito mal por ela, embora só uma pessoa muito burra fosse enviar fotos sem roupa para um cara como Tyler Martinson. No fim das contas, ela também saiu da escola. Madison me contou que ela tentou se matar, mas não tenho certeza se é verdade. Uma vez, ouvi o Tyler tirando sarro disso no corredor.

Então, sim. Esse é o Tyler. Esse é o tipo de coisa que ele faz.

– O que foi, Tyler?

Abraço meu corpo, porque está ainda mais frio do que antes. Tyler está de casaco, mas não há a menor chance de ele o oferecer a mim como Liam fez. É egocêntrico demais para sequer perceber que estou com frio.

– O que você quer? – insisto.

– Eu preciso conversar com você sobre o Liam.

Reviro os olhos.

– Nem se dê ao trabalho.

– É importante.

– O Liam é um cara muito legal. – Ergo o queixo para encarar Tyler nos olhos. – Não tem nada que *você* possa me dizer sobre ele que vá me fazer mudar de ideia.

– Você precisa me ouvir, Olivia. – A voz de Tyler fica um pouco trêmula, o que me surpreende. Será que ele está mesmo aflito? – Eu não tô brincando. O Liam é… ele é perigoso.

Eu bufo.

– O *Liam* é perigoso?

– De verdade, eu acho… – Ele franze a testa. – Acho que, se você sair com ele, sua vida pode estar em perigo.

– Ah, fala *sério*! Então você tá dizendo que ele é um *assassino*?

– Eu tô dizendo… que, de todas as pessoas que conheço, ele é a única que me dá muito medo.

– Por quê?

Tyler fica remexendo as pernas grossas, inquieto.

– É uma longa história. Você precisa confiar em mim.

Eu simplesmente faço que não com a cabeça.

– E, além do mais – acrescenta ele –, o Liam não tem praticamente nenhuma experiência com garotas. Você não prefere estar com alguém… – Ele dá uma piscadela para mim. – Alguém que sabe o que está fazendo?

Claro. E agora ele finalmente chegou ao verdadeiro motivo de estar aqui. Ele está incomodado de eu ter saído com o Liam depois de rejeitá-lo.

– Na verdade, não – respondo.

Começo a me afastar de Tyler, mas, antes que eu consiga, ele estende a mão e agarra meu braço. Tento me livrar, mas ele me segura com força.

– Você precisa me ouvir, Olivia – implora ele. – Você tá cometendo um grande erro. De verdade.

Os dedos de Tyler são da grossura de salsichas. Tento novamente me livrar dele enquanto já sinto os hematomas surgindo na minha pele.

– Me solta – digo entredentes.

– Você não tá entendendo…

– Me solta ou eu vou gritar.

Ele finalmente cede. Abre o punho, e eu me afasto. Meu braço ainda lateja onde ele estava me agarrando.

– Vamos conversar melhor depois – diz ele.

– Não – retruco. – Não vamos.

DEZOITO

ERIKA

Jason e eu adoramos assistir a séries na cama. Quando instalamos a televisão no quarto, ficamos nos sentindo decadentes. Até então, só tínhamos um aparelho, na sala. "Que tipo de viciados somos nós para precisarmos ter uma televisão em cada cômodo?", comentou Jason. Mas acabamos comprando a televisão de tela plana, tão grande quanto a da sala. E a usamos *o tempo todo*. Não consigo pensar em nenhuma outra compra que nos dê mais prazer do que essa televisão. Nem mesmo os carros.

Jason ficou só de camiseta e cueca e me abraçou enquanto eu me aconchegava nele para assistir ao quinto episódio da segunda temporada de *BoJack Horseman*. É uma série sobre um cavalo viciado em drogas que participou de um seriado dos anos 1990. Sem julgamentos.

Mas é difícil me concentrar. Frank deve falar com Olivia hoje à noite. Ele disse que me mandaria mensagem ao terminar. Ou seja, até receber essa mensagem, não vou conseguir relaxar por completo. Tem um nó latejando no meu pescoço.

– Essa série é a melhor de todas – comenta Jason.

Os olhos dele estão grudados na tela, e ele está completamente alheio à forma como tamborilo os dedos na cama. Tique de quando fico nervosa.

– Melhor do que *Stranger Things*?

– Ok, as duas são boas de jeitos diferentes.

– Hum.

Meu celular começa a tocar na mesinha ao lado da cama e praticamente dou um pulo de susto. Mas não é Frank (ele disse que mandaria mensagem, não que ligaria). Pego o aparelho e vejo o nome do meu chefe na tela. Olho para o relógio e vejo que são nove e meia. Ainda é um horário aceitável para contatar um funcionário.

– É o Brian – digo. – Podemos pausar *BoJack*?

– Acho que sim – resmunga Jason. – Mas anda logo. Essa série não vai se maratonar sozinha.

Atendo a ligação, e a voz nasalada de Brian invade meu ouvido. Brian tem a minha idade, mas odeia tecnologia e evita mensagens e e-mails sempre que pode. Ele nem sequer tem um smartphone. Está a cargo do *Nassau Nutshell* há dez anos e tem uma ideia muito rígida de como as coisas devem ser feitas.

– Erika. – Ele tem um tom impaciente na voz, o que é bem típico. – Onde está a matéria sobre o concurso de tortas?

Como parte de minha carreira jornalística incrivelmente empolgante, fui designada para cobrir um concurso local de tortas. Para ser franca, não foi tão ruim assim, porque pude provar algumas delas. Mas não era exatamente o que eu sonhava quando me formei em jornalismo.

– Achei que só precisava te entregar amanhã de manhã.

– Então você estava planejando esperar até o último segundo do prazo?

Jason tenta fazer cócegas na minha barriga, e eu o afasto.

– Brian, se você precisa que eu te mande a matéria em um determinado momento, por que *esse* não é o prazo estabelecido?

– Erika, por favor, só me manda a matéria.

– Vai estar pronta amanhã cedinho.

– Erika…

– Amanhã cedo. Prometo.

Brian resmunga, mas precisa aceitar. Em outro momento, eu pegaria o computador e escreveria a matéria para ele agora mesmo, mas não estou com cabeça para isso. Só consigo pensar em Frank. Meio que eu estava tentada a me esconder nos arbustos do lado de fora da casa de Olivia para ver tudo acontecer.

Depois que desligo, Jason ergue as sobrancelhas para mim.

– Podemos continuar?

– Podemos. Tá tudo bem.

– Sabe – diz ele –, agora que as crianças estão mais velhas, você poderia procurar um emprego melhor. Em Manhattan.

Eu bufo.

– Como vou fazer isso se acabo tendo que levar os dois pra escola dia sim, dia não?

– Logo, logo o Liam vai tirar carteira de motorista. Ele pode levar a Hannah. – Jason pisca os olhos azuis. – Você deveria pensar nisso. Sei que você não tá feliz no *Nutshell*.

Respiro fundo.

– Eu adoraria. Você sabe disso. Mas as crianças… Elas precisam muito de mim no momento.

Ele não entende. Eu amo meu marido, ele tem sido um parceiro incrível nos últimos vinte anos. Mas não está tão presente quanto eu. Ele sai para trabalhar todos os dias e precisa viajar com frequência a serviço, o que significa que acaba perdendo muita coisa. Quando algo ruim acontece, ele tem que ouvir de mim em segunda mão. E sempre tem certeza de que estou exagerando.

Ele não tem a menor ideia do que nosso filho é capaz.

Meu celular vibra na mesa de cabeceira. Ao pegá-lo, noto que uma mensagem de texto apareceu na tela. Vejo o nome de Frank e a seguinte mensagem:

Falei com ela. Tudo resolvido.

A tensão se esvai de meus ombros. Ainda bem. O desastre foi evitado mais uma vez, ainda que temporariamente. Olivia Reynolds foi poupada, e ela nem sabe disso. Estremeço só de pensar no que poderia ter acontecido se eu tivesse que ir a Manhattan todos os dias para trabalhar. Talvez jamais tivesse ficado sabendo dessa garota.

– Vou pensar sobre o trabalho – minto, enquanto pego o controle remoto.

DEZENOVE

OLIVIA

É muito constrangedor o fato de meu quarto não ser muito diferente de quando eu era criança. Ainda tenho pôsteres de gatinhos e cãezinhos em todas as paredes – nada mais fofo do que um gatinho dormindo em cima de um cachorrinho. Ainda preciso de uma luz acesa para poder dormir. E ainda tenho que tirar os bichos de pelúcia da cama todas as noites.

Esta noite, eu me aconchego com o Sr. Pinguim e tento pegar no sono. Enfio o rosto em seu pelo macio preto e branco e fecho os olhos com força. *Dorme, caramba!*

Não, é impossível. Não consigo parar de pensar em Liam.

Não acredito que tive que ir embora cedo da lanchonete. Quanto mais penso no assunto, mais acho que Liam teria me beijado. Mas, em vez disso, ele nem sequer me chamou para sair outra vez.

Tudo isso me deixou extremamente contrariada.

O Liam é tãããão lindo. Tudo nele me deixa arrepiada. Toda vez que fecho os olhos, eu o imagino sorrindo para mim. Além disso, os dentes dele são bonitos. Por alguma razão, gosto muito de dentes. Acho dentes perfeitos e alinhados muito sexy. Será que isso é estranho? Talvez. Mas o fato é que Liam é muito lindo.

Liam pareceu decepcionado quando tive que sair correndo para encontrar minha mãe. Talvez ele tenha chegado à conclusão de que não

valho o esforço. Afinal de contas, ele conhece muitas outras garotas na escola que são mais bonitas do que eu. Não sou nem mesmo a Olivia mais bonita que ele conhece.

E o pior é que não posso nem conversar sobre isso com Madison. Normalmente, ela me manda um milhão de mensagens durante a noite, mas hoje meu celular ficou estranhamente silencioso. Parece que falta uma parte de mim sem Madison.

Vou ter que falar com ela amanhã. Preciso tentar resolver isso.

Ouço algo batendo na janela. Primeiro, imagino que talvez seja a chuva, mas depois percebo que tem alguém atirando pedrinhas no vidro. Deixo o Sr. Pinguim de lado e me levanto para investigar.

Ai, meu Deus. É o Liam.

Ele está parado lá embaixo, vestido com uma jaqueta leve e calça jeans. Seus cabelos escuros estão desgrenhados pelo vento, e ele está esticando o pescoço para olhar na direção da minha janela. Acena para mim, e abro o vidro apenas o suficiente para passar a cabeça.

– O que você tá fazendo aqui? – pergunto.

Ele joga uma pedra no ar e a pega.

– Praticando tiro ao alvo.

Fico olhando para ele.

– Brincadeira, Olivia. Será que você… pode descer?

Olho para trás e vejo o relógio na mesa de cabeceira. É uma e quinze da manhã. Meus pais com certeza já estão dormindo, como dá para ver pela ausência de luz na fresta embaixo da porta. Eles nunca vão saber se eu sair. E, além do mais, vou estar ali embaixo, só isso.

– Tá, vou descer.

Estou usando apenas uma camiseta grandona para dormir, e não vou sair de casa vestindo isso de jeito nenhum. Coloco uma calça jeans e uma regata nova. E, desta vez, pego um casaquinho leve porque a temperatura caiu vertiginosamente durante a noite.

Como imaginava, a porta do quarto dos meus pais está fechada e a luz parece apagada lá dentro. Passo pelo quarto, desço as escadas e entro na cozinha escura. Destranco a porta dos fundos e saio de mansinho, tomando cuidado para não deixar a porta fazer um estrondo ao fechar.

A luz da varanda dos fundos projeta uma sombra no rosto de Liam.

– Oi – diz ele.

Sinto um arrepio, apesar de estar de casaco.

– Oi.

Olho para o céu e vejo que é noite de lua cheia. Quando estava na quinta série, aprendemos sobre as diferentes fases da lua. Lua cheia, lua crescente, lua nova. Não lembro muito bem. Mas sempre gostei das luas cheias.

Liam enfia as mãos nos bolsos e dá um sorriso de canto de boca.

– Desculpa te acordar.

– Você não me acordou.

– Não?

– Não estava conseguindo dormir.

Ele assente.

– Nem eu. – Ele passa a mão na nuca. – Eu… é… não conseguia parar de pensar em você.

Engulo em seco.

– Você… Não, é?

Ele ergue a cabeça, e seus olhos parecem ainda mais escuros do que o normal agora, sob a luz da lua.

– Você teve que sair correndo. Eu estava… Eu queria muito te trazer em casa.

– Ah.

– Olha, Olivia, eu…

Ele respira fundo. Não faço ideia do que ele vai dizer, e também não tenho certeza se ele faz. Então, ele dá um passo à frente, abaixa a cabeça e cola os lábios nos meus.

Ai. Meu. Deus.

É meu primeiro beijo. Meu primeiro beijo de verdade. E é *incrível*. Liam beija *muito* bem. É verdade que não tenho nenhum outro cara com quem compará-lo, mas não preciso disso para saber que ele é bom. Tipo, na primeira vez que tomei sorvete, soube que era bom. E isso é indescritível.

Quando ele se afasta, meu corpo inteiro está tremendo. E, quando ele passa a mão pelos cabelos escuros, percebo que também está tremendo. Ele abre um sorriso sem graça.

– Queria fazer isso desde o primeiro dia de aula.

– Estou muito feliz que tenha feito isso.

– Sério? – Os olhos dele se iluminam. – Eu também.

E então ele me beija de novo.

VINTE

ERIKA

Acordo de um pesadelo com falta de ar.

Não me lembro de todos os detalhes, mas me lembro de estar em um buraco cavado no chão. E alguém jogava terra em cima de mim, me enterrando viva. E, enquanto me enterravam, riam. Uma risada que ecoava por toda a cova.

Meu coração ainda bate acelerado só de lembrar. Tenho que respirar fundo para tentar me acalmar.

Viro a cabeça e olho para Jason, que dorme um sono profundo ao meu lado. Ele ronca suavemente, como sempre faz quando dorme de barriga para cima. Os cílios claros tremulam de leve, mas ele não se mexe. Jason sempre teve um sono pesado e raramente sofre de insônia. Há muito tempo, antes de termos Liam, eu poderia tê-lo acordado para contar sobre o pesadelo. Ele não teria ficado chateado. Teria passado o braço ao meu redor, me puxado para perto e feito com que eu sentisse que estava tudo bem.

Jason, porém, não consegue mais fazer com que eu me sinta assim. Nada consegue. E ele precisa acordar cedo para trabalhar. Não posso acordá-lo. Não seria justo com ele.

Era tão simples quando éramos mais novos. Conheci Jason há mais de vinte anos. Estava escrevendo uma matéria sobre a startup de tecnologia que ele havia ajudado a fundar e que rapidamente vinha se tornando bem-

sucedida. Seu cabelo castanho-avermelhado, que nossa filha herdaria mais tarde, precisava de um corte e ele precisava fazer a barba, mas Jason era lindo. Enquanto ele explicava o que a empresa fazia, com os olhos azuis cada vez mais arregalados e empolgados, eu falei, sem rodeios:

– Preciso dizer que acho que você é o cara mais inteligente que já conheci.

Jason parou no meio da frase e piscou para mim, aturdido.

– Isso é bom?

Não hesitei.

– É.

– Ótimo. Porque acho que você é a garota mais bonita que já conheci.

Depois disso, fomos inseparáveis por muito tempo. Chegamos a passar um verão viajando pela Europa em grande estilo após Jason vender sua empresa por uma montanha de dinheiro. Foi na Torre Eiffel que ele se ajoelhou diante de mim e me pediu em casamento. Pode ter sido clichê, mas jamais imaginei algo tão romântico.

Amo Jason ainda mais do que naquele dia, mas admito que as coisas não são mais as mesmas em termos de romance. Detesto o fato de ele levar tanto tempo para chegar ao escritório todos os dias. E detesto as viagens frequentes que ele precisa fazer a trabalho. E passei a detestá-las ainda mais depois de um incidente ocorrido dois anos atrás.

Na ocasião, Jason me disse que teria um jantar com um investidor para tratar de negócios. É algo que acontece vez por outra, e não dei muita importância. Mas, quando ele chegou em casa, estava com um sorriso de orelha a orelha e cheirava a um perfume desconhecido. Senti o cheiro assim que ele me cumprimentou com um beijo. E, logo em seguida, ele foi direto para o chuveiro.

Ele passou as semanas seguintes sendo particularmente atencioso comigo. Flores, jantares caros, me deu até mesmo brincos de diamante que ele me pegou admirando no computador. Foi impossível não observar que Jason estava dando todos os sinais de um marido infiel.

Pensei em confrontá-lo, mas, em meu coração, não acreditava que meu marido estivesse me traindo. Imaginei como ele ficaria magoado se eu sequer sugerisse isso. Por fim, concluí que tinha imaginado o perfume. Ou talvez ele tivesse jantado com *uma investidora* que usava um perfume particularmente forte e o cheiro tivesse se entranhado. Tipo quando alguém

vai no bar e volta para casa cheirando a fumaça, mesmo sem ter fumado um cigarro sequer.

E, depois daquela noite, nunca mais senti o perfume. Portanto, mesmo que tenha acontecido alguma coisa, nunca mais se repetiu.

Mas, no fundo, continuo preocupada com isso. Principalmente agora que Jason ficou "gato". Queria que ele não trabalhasse tanto. Queria que as garçonetes não flertassem com ele quando vamos a um restaurante, embora ele não flerte de volta. Mas o que importa é que confio nele. Ele jamais me trairia – mesmo.

No fim das contas, não é a preocupação com meu marido que me mantém acordada à noite.

– Jason – sussurro.

Não quero despertá-lo, mas, se por acaso ele já estiver acordado, não seria minha culpa.

Ele ronca.

Tudo bem. Jason não vai acordar. E eu não vou voltar a dormir tão rápido. É melhor me levantar e fazer um chá.

Enfio os pés nas pantufas e pego o casaco fofo azul na cômoda, na qual o jogo todas as manhãs. Bocejo e saio para o corredor. Começo a me dirigir à escada, mas algo me faz parar.

A porta do quarto de Liam está entreaberta.

Liam nunca deixa a porta do quarto aberta à noite. Nunca. Não deixava nem quando tinha 5 anos de idade. Ele sempre quer a porta completamente fechada. A visão da porta um pouco aberta é tão aterrorizante quanto o pesadelo. Quando se trata de Liam, o inesperado é sempre ruim.

Vou até a porta do quarto e a abro totalmente. Olho para o quarto do meu filho mergulhado na escuridão.

Está vazio.

Corro até a sala, com o coração batendo acelerado. Talvez encontre Liam no sofá, assistindo à televisão. Como eu, ele tem dificuldade para dormir. Embora eu o obrigue a ir para a cama às dez, sei que fica acordado até muito mais tarde. Ele me disse uma vez que só precisa de cinco horas de sono.

Mas Liam não está na sala. Não está na cozinha. Não está nem no banheiro do térreo nem no do primeiro andar. Vasculho a casa inteira e chego a dar uma olhada na varanda e no quintal antes de subir correndo as escadas de volta ao quarto.

– Jason!

Tanto esforço para não o acordar. Mas nosso filho *sumiu*. Não posso simplesmente *não* contar a ele. O que eu deveria fazer? Voltar a dormir depois de descobrir que Liam desapareceu do quarto de madrugada?

Jason abre os olhos. Ele os esfrega com as costas das mãos como se tivesse 2 anos de idade.

– Erika?

– O Liam sumiu! – Esfrego as mãos uma na outra. – Ele não tá em casa. Ele foi a algum lugar.

Encaro Jason, esperando que ele fique tão preocupado quanto eu. Ele esfrega os olhos outra vez. Boceja. Sinceramente, não sinto meu marido transparecer medo algum.

– Jason – tento novamente. – Não consigo encontrar o Liam, e são duas da manhã.

– Tudo bem, relaxa. Ele não é um bebê. – Ele boceja de novo. – Você tentou ligar pro celular dele?

Não consigo acreditar que, sei lá como, não tenha pensado em fazer isso. Fico impressionada com a capacidade que meu marido tem de pensar racionalmente em qualquer situação.

Pego o celular na mesa de cabeceira, onde está carregando. Seleciono o número de Liam na lista de favoritos. Pressiono o nome dele enquanto prendo a respiração, rezando para que ele atenda.

– Alô?

Sinto uma onda de alívio ao ouvir a voz de Liam.

– Te falei – diz Jason, sem emitir som.

– Liam! Onde você tá?

– Ah. – Ele fica em silêncio por um momento. – Não estava conseguindo dormir. Então saí pra dar uma volta.

– Às duas da manhã? Eu estava morrendo de preocupação!

– O papai disse que eu poderia dar uma volta no quarteirão se não conseguisse dormir.

Olho para Jason com um ar acusatório.

– Você falou que ele poderia sair pra dar uma volta no quarteirão de madrugada?

Jason dá tapinhas no queixo.

– É…

Eu me resolvo com ele mais tarde. Volto a atenção para o celular.

– Liam, quero que você volte pra casa agora mesmo.

– Agora?

– Sim. *Agora*.

Ele fica em silêncio outra vez.

– Tá bem. Tô indo pra casa.

Desligamos, e agora estou livre para gritar com meu marido. Ao que parece, ele não tem um pingo de bom senso.

– Você disse pra ele que não tinha problema andar pela vizinhança de madrugada? É sério?

Jason se senta na cama.

– Tá, olha só, eu sei que você tá brava. Mas o bairro é seguro. E ele não é nenhuma criancinha. Ele é da minha altura. É um atleta. Pode se defender.

– Não contra uma faca. Ou uma arma.

– Você acha mesmo que alguém ronda o nosso bairro com uma faca ou uma arma?

– Não é uma boa ideia.

– Fala sério, Erika. Ele já é praticamente um adulto. Você acha mesmo que vai acontecer alguma coisa com ele?

Não. Para ser sincera comigo mesma, não acho que vá acontecer nada com Liam. Não acho que ele vá ser assaltado nem atacado. Liam sabe cuidar de si mesmo. Não estou nem um pouco preocupada com isso.

O que me preocupa é o que Liam pode fazer com outra pessoa. Porque meu primeiro pensamento ao ver o quarto dele vazio foi: o que ele quer fazer que só pode ser feito às duas da manhã?

E se ele estiver com Olivia Reynolds?

Minha respiração fica acelerada e ofegante. Estou hiperventilando. Jason entra em ação quando percebe o que está acontecendo. Ele vai às pressas até o banheiro, e eu o ouço revirando o armário de remédios. Quando volta, está segurando um frasco de comprimidos. Ele abre a tampa e pega um deles.

– Toma – diz.

Faz dois meses que não preciso tomar um calmante. Estava tão orgulhosa de mim mesma. Mas esse progresso foi por água abaixo. Pego o comprimido da mão dele e o coloco na boca. Engulo sem água. Jason me

observa com as sobrancelhas franzidas. Antes, o vinco aparecia apenas quando ele franzia a testa, mas agora é visível o tempo todo.

– Você tá bem? – pergunta ele com uma voz suave, como se eu tivesse algum tipo de transtorno.

Já estou me sentindo mais calma, mesmo que provavelmente seja um efeito placebo. Não é possível que o remédio funcione tão depressa.

– Escuta – diz Jason, com a mesma voz excessivamente calma. – Por que você não se deita?

– Só depois que o Liam chegar – consigo dizer.

– E se eu for lá pra baixo esperar o Liam? Vou conversar com ele sobre não sair mais de madrugada, tá bem?

Tento protestar, mas me sinto tonta e fraca. É o que acontece comigo sempre que hiperventilo. E o calmante provavelmente não está ajudando também.

– Tá bem. Obrigada.

Eu me deito na cama, e, embora Jason tenha dito que iria descer, ele se deita ao meu lado e acaricia meu cabelo.

– Você precisa relaxar mais, Erika. Tá tudo bem. As crianças estão bem. Você se preocupa demais.

Adoraria viver no universo de Jason, onde as crianças estão bem e meu maior problema é o valor considerável da nossa hipoteca. Mas, infelizmente, nada na minha vida é tão simples assim.

Esse é meu último pensamento antes de cair no sono. Não faço a menor ideia de que meu mundo está prestes a desmoronar.

VINTE E UM

ERIKA

Liam pede para ir no banco da frente no trajeto até a escola na manhã seguinte. Ele está de bom humor, o que é incomum, apesar de Jason ter lhe dado uma bronca quando ele chegou em casa e eu ter repetido o discurso hoje de manhã. Mas tenho a impressão de que Jason não foi tão severo assim com ele e sei que não dei o meu melhor, pois ainda estava meio aérea devido ao misto de privação de sono e ressaca de calmante.

Além disso, não podia ficar tão brava sabendo que Jason havia lhe dado permissão para sair de casa durante a noite. Na verdade, Jason deveria ter sido o alvo da minha ira. No entanto, ele se levantou às pressas, tomou banho e pegou a estrada antes de eu estar cem por cento acordada. Não acho que tenha sido por acaso.

Liam assumiu o rádio e colocou uma música do Maroon 5 para tocar. Está cantarolando junto, o que é muito inusitado vindo dele. É Hannah quem geralmente canta as músicas que tocam no rádio, com uma voz dolorosamente desafinada. Apesar de não ter dormido direito, Liam está muito bem-disposto esta manhã. Acho que ele tem razão: não precisa dormir tanto assim. Ainda está cantarolando quando chegamos ao quarteirão que dá na escola.

– O que tá acontecendo? – pergunta Hannah.

É uma excelente pergunta. A entrada da escola está lotada de policiais e

repórteres em igual número. É uma péssima combinação. Tento parar na frente do prédio, mas um policial me conduz para a entrada lateral. Sinto um buraco no estômago. A última coisa que se quer ver na escola dos filhos é um bando de policiais.

– A escola está aberta ou não? – questiono. – O que está acontecendo?

É claro que Hannah e Liam imediatamente sacam seus celulares para tentar descobrir o que está havendo. Encosto na entrada lateral, onde um professor toma conta da porta. Aparentemente estão deixando as crianças entrarem, embora eu esteja hesitante em deixar meus filhos saírem do carro.

– Uma aluna sumiu do quarto dela ontem à noite! – exclama Hannah. – Ninguém faz ideia de onde ela tá.

Puxo o freio de mão e olho para Hannah.

– Que aluna?

Que não seja Olivia Reynolds. Que não seja Olivia Reynolds.

– Peraí… – Ela ainda está rolando a tela com o polegar. – É…

A cor do rosto dela se esvai.

– Hannah?

Hannah morde o lábio. Ela olha para Liam e depois volta os olhos para o celular.

– Olivia Mercer.

– Olivia… – Franzo a testa. – Olivia… Mercer? De que ano ela é?

Hannah mantém os olhos fixos na tela do celular, o cabelo caído no rosto.

– É… Ela é do segundo ano.

Ergo os olhos para encarar Liam. Ele está olhando para a tela de seu celular, com os lábios entreabertos.

– Liam, você conhece essa garota?

– Mais ou menos – diz ele. – Já estive com ela. Mas não conheço muito bem.

Semicerro os olhos para ele. Será que está mentindo? Não consigo mais saber. Antes, eu sabia quando Liam estava fingindo, mas ele se tornou mestre em me enganar. Parece estar dizendo a verdade, ao menos. Talvez esteja mesmo.

Então olho para Hannah, que é um livro aberto. Como era de se esperar, ela está encarando a tela do celular, mordendo o lábio com força suficiente para deixá-lo sem cor. Sinto o terrível buraco no estômago outra vez. Ah,

meu Deus, *será que fui atrás da Olivia errada*? Quantas Olivias existem nessa droga de escola?

– Acho melhor vocês não irem pra escola hoje – digo.

Hannah faz que não com a cabeça.

– Eu tenho prova de matemática hoje. E, além do mais, por que a gente ficaria em casa? Vamos ficar seguros na escola.

– Se você acha…

Hannah consegue dar um sorriso, mas contido.

– Não fica tão preocupada assim, mãe.

Dito isso, ela pega a mochila e sai do carro. Liam estica o braço na direção da mochila que está a seus pés e começa a fazer o mesmo, mas eu agarro seu braço. Ainda me lembro de quando seu braço era tão pequeno e magro que eu conseguia fechar meus dedos ao redor dele. Muita coisa mudou desde então.

– Liam – digo.

Ele coloca a mochila no colo. Hannah tem um milhão de enfeites pendurados na mochila, mas Liam não tem nada.

– Eu vou me atrasar pra aula.

– Liam. – Quase engasgo ao dizer: – Onde você foi ontem à noite?

Ele ergue a cabeça e olha diretamente nos meus olhos.

– Só dei uma volta no quarteirão.

– Você jura?

– Mãe, para com isso. Eu juro.

Quando era mais novo, Liam tinha dificuldade em manter contato visual quando mentia – era assim que eu sabia. Mas o contato visual é firme agora. Se ele está mentindo, está fazendo isso na minha cara e muito bem. A verdade é que não sei em que acreditar. Mas não consigo me esquecer da maneira como Hannah ficou abalada ao ler o nome da garota na tela.

– Mãe, preciso ir.

– Tá bem. – Solto o braço dele. – Vai. Mas fala pra Hannah que eu venho buscar vocês dois mais tarde.

– Eu tenho treino de atletismo.

– Hoje você não vai.

Liam dá a impressão de que vai protestar, mas fica calado. Ele coloca a mão na maçaneta da porta, pronto para abri-la.

– Tchau, mãe. Te amo.

– Também te amo.

O mais difícil em relação a Liam é que, quando ele diz “te amo”, não sei se é mentira também.

VINTE E DOIS

Transcrição do depoimento de Eleanor Williams na delegacia

– Como a senhora conheceu Liam Cass, Sra. Williams?

– Fui professora dele na segunda série.

– A senhora foi professora dele o ano inteiro?

– Isso mesmo.

– E o que achou do Liam?

– Bem, no início, ele era um dos meus alunos favoritos. Talvez *o favorito*. Alunos da segunda série… não têm muita capacidade de manter o foco. Eles se distraem ou começam a fazer bagunça com facilidade, e é preciso chamar a atenção deles. Mas o Liam não era assim. Ele sempre se comportava bem, mesmo quando as outras crianças estavam fazendo bagunça. E sempre terminava as tarefas primeiro. Ele entendia *tudo*. Os deveres de casa eram impecáveis. E, além disso, era muito educado. Ele também era um garoto muito bonito. Do tipo que se vê em comercial.

– Como era a interação das outras crianças com ele?

– De modo geral, todo mundo gostava muito dele. Ele só tinha 7 anos, mas era encantador. Quase encantador demais, se é que me entende. Como se estivesse atuando. Não é algo comum para uma criança de 7 anos. Nessa idade, as crianças costumam ser transparentes.

– Então, o que aconteceu ao longo do ano para a senhora mudar de opinião sobre ele?

– Bem, como eu disse, o Liam era uma criança excepcionalmente bem-comportada. Mas às vezes ele dizia coisas muito perturbadoras. Ele tinha um rosto doce, mas, quando dizia algo desse tipo…

– De que tipo?

– Hum, bem, é difícil me lembrar de coisas de tanto tempo atrás, mas houve algo que ele disse que me chamou atenção. E foi por isso que liguei pra polícia.

– O que ele disse?

– Estávamos tendo uma aula sobre família, casamento, essas coisas, e o Liam levantou a mão e disse que não via a hora de se casar.

– Não parece tão ruim assim.

– Ele disse que mal podia esperar pra se casar, pra poder enfiar a esposa num buraco e nunca mais deixar ela sair.

– …

– Pois é.

– A senhora fez algo em relação a essas coisas que ele dizia?

– Entrei em contato com os pais dele, é claro. Não levei o caso à direção, porque não parecia ser algo tão frequente assim e ele não estava atrapalhando a aula.

– Então a senhora falou com os pais dele?

– Só com a mãe. O pai dele estava viajando a trabalho e não pôde ir à reunião.

– E o que a Sra. Cass disse quando a senhora falou com ela?

– Ela ficou horrorizada, é claro. Eu falei que achava que seria bom o Liam fazer algum tipo de terapia, e ela concordou. Disse que iria atrás de um terapeuta infantil o mais rápido possível. Mas o mais estranho é que…

– Sim?

– Ela ficou horrorizada, mas não pareceu *surpresa*. Não exatamente. Não do jeito que qualquer pessoa imaginaria que ela fosse ficar.

– E por que a senhora acha que ela não ficou surpresa?

– Acho que ela já sabia que o Liam tinha pensamentos como esse. Ele deve ter dito coisas do tipo pra ela ao longo dos anos, é o que quero dizer.

– A senhora sabe se ela chegou a colocar o filho na terapia?

– Ela me disse que sim.

– E o comportamento dele melhorou?

– Se está perguntando se ele continuou falando essas coisas

perturbadoras, a resposta é não. Não falou. Ele nunca mais disse nada do gênero. Mas eu sempre tive a sensação…

– De quê?

– Bem, como eu disse, o Liam era um garoto inteligente. Tive a sensação de que ele só parou de falar essas coisas porque percebeu que não deveria mais comentar em voz alta, e não porque tenha deixado de ter esses pensamentos. Mas, obviamente, é impossível saber.

– Sim, é verdade.

– Espero ter feito a coisa certa ao ligar pra polícia. Não tinha certeza se deveria, mas, depois que li o que aconteceu com a garota, Olivia Mercer, e me lembrei de que o Liam era do mesmo ano que ela… Bem, achei que deveria dizer alguma coisa.

– Não, foi bom a senhora ter procurado a gente.

– Espero muito que vocês encontrem a menina.

– Nós também.

VINTE E TRÊS

ERIKA

Estou tirando conclusões precipitadas.

Só porque uma garota desapareceu e calhou de Liam estar na rua ontem à noite, não significa que meu filho tenha algo a ver com isso. Só porque o nome dela é Olivia, não significa que ela seja a garota em que Liam estava interessado. Olivia Reynolds era a garota com quem Liam estava conversando. Ela faz parte do time de oratória. Confirmei que era ela com base em seu perfil no Facebook. Essa é outra Olivia cem por cento não relacionada.

Estou surtando por nada. Vai ficar tudo bem.

Paro em uma rua lateral logo depois que as crianças saem do carro e pego o celular. Busco "estudante do ensino médio desaparecida" em nossa cidade, e o nome Olivia e uma matéria aparecem no mesmo instante. Olivia Mercer, 16 anos, desapareceu de seu quarto durante a noite. A mãe foi acordá-la para ir à escola, e ela não estava lá.

A polícia está levando em consideração a possibilidade de a menina ter fugido, mas acha improvável. Todas as roupas e as malas dela pareciam estar intocadas e, além disso, ela deixou para trás a carteira e o celular. Em contrapartida, não havia sinais de luta nem de arrombamento. Talvez ela não tenha fugido, mas saído de casa por vontade própria. Com alguém que ela conhecia.

Há uma foto colorida de Olivia Mercer em uma das matérias. Ela não é muito bonita, mas é uma graça, isso é inegável. Rosto redondo, muitas sardas, uma covinha em cada bochecha ao sorrir. Parece uma garota adorável. O tipo de garota de quem é impossível não gostar.

Li cerca de dez matérias sobre o desaparecimento de Olivia Mercer, mas, depois das três primeiras, todas começaram a repetir as mesmas informações. Atualizo a página, na esperança de encontrar uma nova publicação dizendo que ela foi milagrosamente encontrada.

Mas não. Olivia Mercer ainda está desaparecida.

Quero ir para casa e me esconder debaixo das cobertas, mas preciso fazer compras. Infelizmente, o mercado perto da escola vai estar cheio de pais de alunos, que não querem nada além de fofocar sobre o desaparecimento da pobre Olivia. Não quero falar disso. Não quero nem *pensar* nisso.

Há outro supermercado que abriu recentemente a cerca de vinte minutos de distância. Não vou esbarrar com nenhum pai por lá. Vale a pena gastar mais gasolina. Talvez dirigir me ajude a espairecer.

Aciono o GPS do carro para me levar ao supermercado. Mas, quando começo a digitar o nome da loja, o GPS exibe uma lista de pesquisas recentes que inclui um endereço que não me é familiar. A última pesquisa da lista é Green Street, 41.

Quando foi que eu busquei *esse* endereço? Quem mora lá?

Em um impulso, clico nele. A voz com sotaque britânico do GPS me instrui a dirigir em linha reta e virar à direita no próximo semáforo. Sigo as instruções e viro à direita no semáforo, depois pego uma esquerda e novamente a direita na Green Street. Passo pela rua, observando os números do lado direito, que são as casas com números ímpares. Estou atrás do número 41.

Não é difícil de encontrar. É a casa cheia de policiais e repórteres na frente. Claramente há muitas pessoas interessadas nessa casa hoje.

Nem preciso verificar a caixa de correio, mas olho mesmo assim, só para me torturar.

As letras pretas escritas na caixa cinza são um soco no estômago: MERCER.

Viro na esquina e paro em uma rua vazia. Passo quinze minutos sentada dentro do carro, as mãos tremendo demais para dirigir. Liam saiu ontem à

noite. Pegou meu carro. E dirigiu até aqui. Até a casa da garota que agora está desaparecida. Possivelmente morta.

Tiro o celular da bolsa, mas minhas mãos tremem tanto que quase o deixo cair. Mal consigo pressionar o botão que disca o número de Jason. Graças a Deus, ele atende. Jason fica sempre muito envolvido com o trabalho, portanto temos um acordo de que só o incomodo em emergências de segundo ou primeiro graus. Acho que isso conta.

– Erika?

– Oi. – Minha voz fica trêmula e dou um pigarro. – Jason, a gente precisa conversar.

– Meu Deus, o que houve? Você tá bem?

– Tem uma aluna da escola desaparecida. – Reprimo um soluço. – Ela não estava no quarto hoje de manhã quando os pais entraram. E o Liam… Acho que quando ele saiu ontem à noite, pegou meu carro e foi até a casa dela. O endereço da garota está no GPS do carro. E agora ela está desaparecida. Ela *sumiu*, Jason. Desapareceu!

– Peraí… – Jason fica em silêncio por um instante. – Você tá dizendo que ele pegou o carro sozinho, sem mim? – Ele eleva um pouco a voz. – Isso não tá certo! Ele só tem uma licença de aprendiz para dirigir.

– É com *isso* que você tá preocupado? Jason, você entendeu o que eu disse?

– Eu… acho que não…

Respiro fundo.

– Uma garota está desaparecida. Foi levada por alguém, e talvez o Liam tenha sido a última pessoa que viu ela viva.

– Então ele precisa ligar pra polícia e contar o que sabe pra que eles possam descobrir quem fez isso.

Minhas mãos ainda estão tremendo, mas agora é de raiva. Como Jason pode ser tão burro? Talvez ele não esteja muito presente, porém sabe as histórias envolvendo Liam tão bem quanto eu. E não, ele não acredita que haja algo de errado com nosso filho, mas não é possível que não se dê conta do que parece estar acontecendo.

– Peraí. – A voz de Jason interrompe meus pensamentos. – Você tá dizendo que acha que o Liam tem alguma coisa a ver com o desaparecimento dela?

– É óbvio que é isso que eu estou dizendo!

– Meu Deus, Erika. Você tá falando sério? Acha mesmo que o Liam iria…?

– Você sabe o que eu acho.

– Ele não faria isso. É do nosso filho que a gente tá falando.

– Tá.

Ouço ruídos do outro lado da linha.

– Quer que eu vá pra casa?

Deixo escapar um suspiro.

– Não. Não tem nada que você possa fazer. Não por enquanto, pelo menos.

– Não foi o Liam – afirma Jason com uma convicção maior do que a minha. – Ela provavelmente fugiu e vai aparecer daqui a uns dias.

Meu Deus, espero que ele esteja certo. Porque a outra opção é horrível demais para sequer imaginá-la.

VINTE E QUATRO

ERIKA

Quando chego em casa, há um Lincoln Continental branco na entrada da garagem. Eu o reconheço na mesma hora: é o carro da minha mãe. Ela é a última pessoa com quem eu gostaria de falar neste momento, mas pelo visto já usou a chave dela para entrar e provavelmente está preparando uma boa xícara de café quentinho.

Embora minha mãe more em Nova Jersey, que é distante daqui, está aposentada e é solteira, e por isso acha que não tem problema aparecer aqui do nada, sem perguntar antes. Por incrível que pareça, Jason não parece se incomodar com isso. A mãe dele morreu de câncer de mama quando ele estava na faculdade e o pai faleceu apenas um ano depois em decorrência de um infarto. ("Ele morreu porque ficou de coração partido", comentou Jason.) Portanto, ele gosta de ter por perto a única dos quatro avós das crianças. Também gosto de tê-la aqui, só preferiria que ela ligasse antes.

Mas não tenho para onde correr. Parece que vou ter que lidar com seja lá o que ela queira.

Assim que entro em casa, ouço-a fazendo barulho na cozinha. Minha mãe adora uma cozinha. Está sempre comprando algum eletrodoméstico novo para nós. A última coisa que me deu foi uma panela elétrica, no mês passado. Ela passou vinte minutos divagando sobre todas as delícias que eu poderia cozinhar com ela. Desde então, a panela só vem acumulando poeira

num canto da cozinha. Sei que esse treco faz ótimas sopas, mas não *gosto* de sopa.

– Erika!

Dito e feito, minha mãe está mexendo na cafeteira. Foi ela quem a comprou para nós, juntamente com um suprimento de cápsulas de café suficientes para um ano. Os cabelos grisalhos dela estão presos em um coque e os óculos de casco de tartaruga, apoiados no nariz.

– Faz meia hora que estou te esperando! – reclama ela. – Tudo bem?

Não sei nem como começar a responder a essa pergunta. Minha mãe e eu somos próximas – ela foi a primeira pessoa a quem contei quando Jason me pediu em casamento –, mas nunca dividi com ela meus medos em relação a Liam. O que posso dizer? Ele foi o primeiro neto dela, o único neto homem. Não consegui contar que ele não era nada parecido com o anjinho perfeito que ela acreditava que fosse. Liam está sempre esbanjando charme perto da minha mãe. Ela não consegue enxergá-lo da mesma forma que eu.

– Tudo bem – respondo, um pouco engasgada.

Minha mãe pega sua xícara de café. Escolheu uma das canecas com o rosto de Liam, aos 4 anos. Ele está tão bonitinho nessa foto: sardas no nariz e sem um dos dentes da frente. Mas só consigo pensar que foi nesse ano que comecei a perceber como ele era de verdade.

– Fiquei sabendo da garota que desapareceu – diz ela. – Que assustador. Estou surpresa por você ter deixado a Hannah sair de casa.

Dou um pigarro.

– Tenho certeza de que ela vai aparecer.

– Essa é a pior parte de ter uma filha – comenta ela. – Vivemos preocupadas com coisas desse tipo. Com o Liam, você não precisa se preocupar.

Penso no endereço que apareceu no GPS do carro. O intervalo de tempo em que ele esteve ausente na noite passada. Só pode ser coincidência.

Por favor, Deus, que essa garota tenha fugido. Ou que não seja nada que envolva meu filho…

Eu me atiro no sofá, chateada demais para tentar fazer qualquer outra coisa. Minha mãe se junta a mim com a xícara de café. O sofá sacode quando ela se senta ao meu lado.

– Escuta, Erika – diz ela baixinho. – Preciso te dizer que esta não é uma visita casual. Tem uma coisa que preciso te contar. E… é… não vai ser fácil.

Eu me endireito. O que ela quer me contar? Será que minha mãe está com câncer? É assim que esse dia horrível vai terminar? Sinto vontade de vomitar.

– O que houve?

Ela olha para baixo.

– Você vai me odiar.

Olho para o rosto da minha mãe. Embora as rugas tenham aparecido, para mim ela é igualzinha a quando eu era criança. É a mesma mulher corajosa que me criou sozinha depois que meu pai foi atropelado e morreu. Não teve nenhum namorado durante toda a minha infância, porque disse que queria se concentrar em mim. Foi somente nos últimos dez anos que começou a ter casinhos ocasionais e a viajar. Não consigo imaginar que tipo de coisa ela poderia dizer que me faria odiá-la.

– O que houve, mãe? – insisto.

– Eu não… – Ela solta um suspiro e olha pela janela. – Não fui totalmente honesta com você, Erika. Tem coisas que você não sabe. Coisas que preciso te contar agora, antes que você descubra por conta própria.

Ela está realmente começando a me assustar.

– Bem, o que é?

– É… sobre o seu pai.

– Meu pai?

Evoco a imagem de um homem bonito, com cabelos e olhos escuros, da única fotografia que guardo na gaveta da mesinha de cabeceira. Minhas lembranças dele são, na melhor das hipóteses, irregulares. Eu me lembro de como seu rosto arranhava e do cheiro da fumaça de cigarro que costumava ficar nele. Meu pai morreu quando eu tinha menos de 4 anos, portanto não chegou a me ver crescer. Não teve a oportunidade de conhecer o neto que a cada dia fica mais parecido com ele.

– O que tem o meu pai? – quero saber.

– A verdade é que…

A mão da minha mãe treme de leve ao redor da alça da caneca de café. Ela a coloca na mesa de centro, ignorando o porta-copos a poucos centímetros de distância de onde pousou a caneca. Em qualquer outro dia, isso me tiraria do sério. Hoje, porém, não poderia me importar menos.

– A verdade é que seu pai não… – prossegue ela. – Na verdade, ele…

– O quê?

– Ele está vivo.

– *Como é que é?*

Dois minutos antes, estava pensando que não havia nada que pudesse me fazer odiar minha mãe, mas agora estou começando a achar que talvez exista. Meu pai está *vivo*? Como isso é possível? E como ela pôde me fazer acreditar que ele estava morto durante todos esses anos? Meu pai sofreu um acidente de carro. Eu havia confiado de olhos fechados na palavra dela por mais de quarenta anos.

– Sinto muito, querida – diz ela, com um suspiro. – Eu queria ter contado antes, mas não existe um jeito fácil de abordar um assunto desses.

– Que tal não mentir, pra começo de conversa? – Cerro os dentes. – Por que você me disse que ele tinha morrido? O que aconteceu? Ele fugiu com outra mulher?

Suponho que isso possa fazer algum sentido maluco. Talvez meu pai tenha fugido com alguma vagabunda e, tomada pela raiva, minha mãe preferiu fingir que ele estava morto em vez de aceitar que ele era um safado. Ainda não sei se sou capaz de perdoá-la por passar quarenta anos mentindo sobre isso, mas acho que posso tentar.

– Não – diz ela. – Não foi isso.

Cruzo os braços. Será que vou ter que arrancar a história dela?

– Então o que aconteceu, exatamente? Onde ele esteve nos últimos 42 anos?

Ela olha para as próprias mãos enrugadas no colo.

– Preso. Por homicídio.

VINTE E CINCO

ERIKA

Cada coisa que minha mãe diz é mais um soco no estômago.

Meu pai está vivo.

Um soco.

Meu pai passou mais de quarenta anos na cadeia.

Outro soco.

Meu pai é um assassino.

Soco. Soco.

Não sei nem o que dizer. Fico olhando para a parede, com o coração pulando no peito. Esta foi a manhã mais estressante de toda a minha vida. A esta altura, imagino que o dia vai terminar comigo no hospital, após eu sofrer um derrame.

– Dá pra entender por que eu não queria te contar – diz minha mãe, as palavras saindo depressa. – Achava que seria traumático pra você. E, se as pessoas ficassem sabendo, as outras crianças poderiam implicar com você.

– O quê…? – Começo a frase, mas minha voz soa estrangulada. Argh, péssima escolha de palavras. – O que ele fez?

– Bem, ele matou uma pessoa.

– Tá, isso eu entendi. Quem ele matou?

E *por quê*?

As rugas no rosto da minha mãe ficam mais profundas. Percebo que ela

não quer contar a história toda, mas só lamento. Ela já passou tempo suficiente escondendo esse segredo de mim. Eu mereço saber.

– Uma mulher com quem ele estava tendo um caso.

– Por que ele a matou?

– Ele disse que foi um acidente. Que não teve a intenção de matar ela. Pelo menos, foi o que ele disse. – As rugas no rosto da minha mãe se aprofundam ainda mais. – Mas a versão dele não fazia sentido. E, obviamente, o júri não acreditou. Acharam que ele tinha planejado tudo.

Talvez ele só quisesse vê-la sofrer. Talvez ele só quisesse vê-la gritar.

– Você acha que ele planejou? – consigo perguntar.

Minha mãe fica em silêncio por um instante.

– Acho, acho que ele planejou, sim. Ela estava ameaçando expor o caso deles, por isso ele matou ela.

– Como… – Fecho os olhos por um momento, imaginando meu pai atirando essa mulher misteriosa em um buraco escuro para que ela não pudesse escapar. – Como ele a matou?

– Envenenada.

Sinto aquele aperto no peito, o mesmo que senti na noite passada quando descobri que Liam tinha saído. Estou à beira de outra crise de pânico, a segunda em dois dias. Respiro fundo, tentando me acalmar.

– Por que você tá me contando isso agora? – pergunto. – Depois de todos esses anos, por que me contar agora?

E por que *hoje*?

– Porque… – Ela morde com força o lábio inferior. – Acabei de descobrir: seu pai obteve liberdade condicional. Ele saiu da prisão.

– Ele…

– E pensei que ele poderia vir atrás de você – explica ela. – Então… queria que estivesse preparada pra isso. Se você quiser ver seu pai. Ou não.

– Tá.

Hoje, mais do que nunca, essa notícia é demais para mim. Meu pai está vivo e é um assassino. Ele envenenou uma mulher. E ah, sim, saiu da cadeia e pode ser que venha me procurar.

– Acho… – Respiro fundo. – Acho que preciso ficar sozinha.

– Claro. – Minha mãe agarra o tecido da saia com os punhos cerrados. – Você me odeia?

– Não. Eu não te odeio.

Você só escolheu o pior momento de todos.

Minha mãe se inclina na minha direção e passa os braços ao redor dos meus ombros. Houve uma época na vida em que um abraço da minha mãe resolvia tudo. Mas já faz muito tempo que essa época passou.

Eu a acompanho até a porta e fico na janela olhando para ter certeza de que ela foi embora. No entanto, mesmo depois que ela vai, não me afasto da janela. Fico olhando para a rua, pensando em tudo que aconteceu hoje. Uma garota desapareceu e pode ser que Liam, de alguma forma, seja o responsável. Meu pai está vivo e esteve preso por homicídio.

Não há nada que eu possa fazer em relação ao meu filho, mas há algo que posso fazer em relação ao meu pai. Durante todos esses anos, pensei em como seria se ele estivesse vivo. Pensei nas conversas que teríamos, nele orgulhoso na minha formatura, balançando a cabeça por não aprovar um namorado, pescando no lago junto comigo. E ele estava vivo esse tempo todo, embora não estivesse em condições de me levar para pescar.

E pode ser que ele me procure.

É claro que não preciso esperar que ele me procure. Posso eu mesma procurá-lo. Aposto que Frank seria capaz de localizá-lo em coisa de cinco minutos. Depois de todos esses anos, eu poderia ver meu pai. O homem que eu achava que tinha morrido muito tempo atrás.

Então, meus olhos se fixam no meu Toyota 4Runner na entrada da garagem. O carro que Liam pegou ontem à noite para ir até a casa de Olivia Mercer. E depois mentiu sobre isso.

Meu pai vai ter que esperar. Tenho problemas muito piores.

VINTE E SEIS

OLIVIA

Acordo e tudo está preto ao redor. Onde estou? O que está acontecendo?

Levo as mãos ao rosto, tentando aliviar uma sensação latejante na testa, bem entre os olhos. Como cheguei aqui? A última coisa de que me lembro é…

Entra no carro. Só por uns minutinhos.

Não. Não, ele não fez isso. Ele não faria isso.

Ai, meu Deus, acho que vou vomitar.

Sinto ânsia de vômito, mas meu estômago está vazio e não sai nada. Engulo em seco, enrolada no chão. Pisco algumas vezes, tentando ajustar a vista à escuridão, torcendo para que o mundo entre em foco, mas isso não acontece.

Não consigo ver um palmo à frente do nariz. Não consigo ver onde estou, nem sequer um centímetro adiante.

Por que não vejo nada?

Ai, meu Deus, será que estou cega?

Mas não. Quando olho para cima, há um pequeno feixe de luz à distância. Não há nada de errado com meus olhos. Simplesmente não há luz onde quer que eu esteja.

Minha cabeça está rodando, o que faz com que seja muito mais difícil me orientar. O chão é granulado e está úmido. Terra? É muito difícil dizer. Eu

me sento e estendo a mão para a frente, em busca de alguma coisa, qualquer coisa. Meus dedos finalmente tocam algo sólido. Tem a mesma consistência do chão. Terra também.

Acho que estou em um buraco.

Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Estou dentro de um buraco. Estou em um buraco no chão.

Meus dedos começam a formigar conforme o pânico aumenta. Não sou claustrofóbica, mas é como… é como se eu tivesse sido enterrada viva. Em um minuto, estava beijando Liam, um dos melhores momentos da minha vida, e agora acordo aqui.

Por quê?

Preciso sair daqui. Deve haver uma saída. *Tem* que haver.

Há um feixe de luz acima de mim, uma saída. Se eu conseguisse alcançá-la, talvez pudesse sair. Eu me levanto, mas é aí que me dou conta de outra sensação. *Dor*. Uma dor brutal no tornozelo esquerdo. Tão forte que imediatamente caio de novo no chão.

O que tem de *errado* comigo?

Levanto a perna da calça jeans e tateio meu tornozelo esquerdo. Está inchado. *Muito* inchado. E quente. E até mesmo tocá-lo de leve provoca uma onda de dor insuportável. Acho que quando fui jogada neste buraco, quebrei o tornozelo na queda. Ou, ao menos, machuquei feio.

Por isso, não consigo apoiar o peso no tornozelo. Mas ainda posso tentar ficar de pé. Desta vez, eu me apoio na parede de terra, que desmorona um pouco com a pressão. Ainda dói muito, mas consigo me levantar. Mesmo que em um pé só. Estico o braço, procurando algo acima da minha cabeça em que possa me agarrar.

Meus dedos não chegam. Não consigo alcançar.

Ai, meu Deus, estou presa aqui.

Quando me colocou nesse buraco, ele sabia o que estava fazendo. Sabia que seria difícil escapar. Minha única chance é se alguém vier me resgatar.

– Socorro! – grito com toda a força dos meus pulmões. – Socorro! Alguém me ajuda! Estou presa!

Nada.

Grito até ficar rouca e com a garganta irritada. Mas não ouço nada. Nenhum passo. Nenhum som. Só Deus sabe onde estou. No meio do mato? No subsolo do porão à prova de som dele?

Mas está evidente que ninguém vai me encontrar tão cedo. Não aqui.

Desabo contra a parede de terra. Minha garganta está seca. Não lembro quando foi a última vez que bebi ou comi alguma coisa. Um dia atrás? Se ele planeja me deixar aqui presa, será que ao menos vai me dar algo para beber? Vai, não vai? Caso contrário, vou morrer e não vou servir para o que quer que seja.

Espero que ele me traga comida. O que vou fazer se não trouxer?

Ele não me estuprou. Embora haja uma lacuna na minha memória, de alguma maneira tenho certeza disso. Se ele tivesse feito uma coisa dessas, eu saberia. Certo? Ainda sou virgem, então tenho certeza de que ficaria dolorida se ele tivesse feito isso comigo. Foi o que Madison disse, pelo menos. Minha calça ainda está abotoada e com o zíper fechado, e não há nada rasgado. Estou intacta, a não ser por essa porcaria de tornozelo.

Por que não dei ouvidos a Madison quando ela me avisou sobre Liam?

Talvez ele tenha deixado um pouco de água para mim. Talvez haja uma garrafa cheia em algum lugar. Preciso tatear este espaço e me orientar. Se houver alguma chance de escapar daqui, tenho que descobrir com o que estou lidando. Afinal de contas, mulheres escapam de sequestros o tempo todo. Já li matérias sobre isso. Elas usam sua destreza, sua inteligência, ou o que quer que seja, e encontram uma saída.

Ou então não escapam. E, anos depois, o corpo é descoberto parcialmente enterrado numa floresta por trilheiros.

Ai, meu Deus, vou vomitar outra vez.

Eu me viro para o chão de terra. Mais uma vez, não sai nada. Forço ao ponto de ficar com os olhos cheios de lágrimas. E, antes que eu perceba, elas estão escorrendo pelo meu rosto.

Estou presa aqui. Ele me prendeu.

Quero ir para casa. Quero minha mãe. Por favor…

VINTE E SETE

ERIKA

O jantar é bastante silencioso.

Jason deu um jeito de chegar em casa mais cedo hoje, algo que ele não consegue com frequência. Normalmente, quando ele chega cedo, faço uma grande festa e preparo algum prato especial, mas não hoje. Esta noite, vamos comer macarrão com queijo de caixinha. E o primeiro que abrir a boca para reclamar vai perder o prato e sua comida vai para o lixo.

Não que alguém vá se importar. Tanto Hannah quanto Liam praticamente não comeram. Estão apenas empurrando o macarrão de um lado para outro. Liam mal falou desde que chegou em casa horas atrás.

– Desculpa pelo jantar – me sinto compelida a dizer.

– Do que você tá falando? – diz Jason. – Eu adoro macarrão com queijo. Roquefortíssimo.

Hannah desperta por tempo suficiente para dar um gemido. É impossível para ela não reclamar dos trocadilhos de Jason.

– Não tem Roquefort nenhum, pai. É só aquele pozinho que vem num - pacote.

– Sim, eu sei, Hannah. Caramba, estou só tentando melhorar o clima.

– Bem, não está ajudando – retruca ela.

Jason me encara, depois estende a mão e agarra o pulso dela.

– Ei, nada de celular à mesa. Você sabe disso.

Nossa, Hannah é mais sorrateira do que eu imaginava. Nem percebi que ela estava com o celular embaixo da mesa. Ela prontamente o coloca na mão estendida de Jason. Então, se recosta na cadeira, fazendo biquinho.

– Eu só queria ver se encontraram a Olivia.

Meu coração palpita.

– E encontraram?

Hannah hesita.

– Acho que não.

Olho para Liam, que encara o prato de comida. Ainda não perguntei sobre o que encontrei no GPS. Estou com medo. Porque é difícil pensar em alguma explicação que não o coloque numa péssima posição. A única coisa que eu sei é que ele mentiu descaradamente hoje de manhã, e eu não percebi.

– Vocês são do mesmo ano, né, Liam? – pergunta Jason.

– Acho que sim. Eu não conhecia ela muito bem.

Então por que você foi à casa dela ontem à noite? Às duas da manhã?

A campainha toca, o que é um alívio, porque não estava me saindo tão melhor do que as crianças na tarefa de comer o macarrão com queijo. Esse alívio dura apenas até eu olhar pelo olho mágico e ver dois policiais uniformizados parados à porta.

Ah, meu Deus. Acho que vou ter outra crise de pânico.

Respiro fundo duas vezes antes de abrir a porta. Coloco um sorriso no rosto que acredito parecer bastante genuíno. Talvez Liam esteja se inspirando em mim.

Dois policiais estão parados diante da porta da nossa casa. Um deles é um homem, de uns 40 anos, com bochechas coradas e a barriga quase estourando o uniforme. A outra é uma mulher magra. Parece ser de ascendência hispânica, com olhos negros e penetrantes, maçãs do rosto salientes e o cabelo preso em um coque impecável.

– Olá – diz o policial com um forte sotaque de Long Island. – Liam Cass mora aqui?

Ah, não. Não, não, não, não…

– Sim… – consigo responder. – É meu filho.

A policial abre um sorriso frio.

– Sou a investigadora Rivera e este é o investigador Murphy. Gostaríamos de fazer algumas perguntas ao Liam. Ele está em casa?

– Está? – respondo, embora não tenha certeza de por que soa como uma pergunta. Dou um pigarro. – Ele está jantando.

– A senhora poderia chamá-lo, por favor? – diz Rivera.

O sorriso forçado desapareceu do rosto dela.

– Hum…

Olho de relance na direção da sala de jantar. Jason veio ver o que está acontecendo e os olhos dele se arregalam ao ver os policiais.

– Ele precisa de um advogado?

Talvez eu não devesse ter perguntado isso. Dá a entender que ele tem culpa no cartório. E nem temos certeza se Liam fez alguma coisa ou não. Afinal, ele é um garoto de 16 anos.

– Não, acho que não é necessário – responde Rivera. Ela parece ser a porta-voz. – São só umas perguntinhas rápidas.

– Do que se trata? – pergunta Jason.

– Estamos apenas tentando obter algumas informações sobre a garota que desapareceu hoje de manhã – diz Rivera. – Estamos falando com alguns colegas de sala que talvez possam nos ajudar. Só queremos encontrar a Olivia.

– Bem, o Liam diz que não conhece ela. – Jason cruza os braços. – Acho que talvez acabem perdendo tempo aqui.

O investigador Murphy desarma Jason com um sorriso.

– Então vai ser bem rápido. Só queremos ter certeza. A vida de uma garota está em jogo, Sr. Cass. Precisamos fazer tudo que pudermos para encontrar a Olivia.

– Vou lá chamar – digo.

Vou apressada até a sala de jantar. Liam e Hannah não saíram do lugar, mas Hannah estica o pescoço para ver o que está acontecendo. Coloco a mão no ombro de Liam, e ele se encolhe com o meu toque.

– Tem dois policiais lá fora que querem te fazer umas perguntas.

Os olhos de Hannah ficam sombrios.

– Ele não precisa de um advogado? Não precisamos ter um advogado presente quando somos interrogados pela polícia?

Fico incomodada com a rapidez com que Hannah – a única confidente de Liam – chega a essa conclusão. Balanço a cabeça.

– Eles disseram que são só algumas perguntas rápidas. Só fala a verdade, Liam.

– Tudo bem. – Liam se levanta. – Vou falar com eles.

Hannah arregala os olhos, mas não fala nada.

Quando volto para a sala de estar, os dois policiais estão na nossa namoradeira, enquanto Jason está sentado no sofá. Ele está conversando com os policiais, mas não parece nervoso nem nada. Não dá a impressão de que vai vomitar a qualquer momento, que é como me sinto. Ele realmente acredita que Liam não tem nada a esconder.

Meu filho se senta ao lado de Jason no sofá com uma postura ereta, como sempre faz. Ele também não parece nervoso. Não mexe na bainha da camisa nem no buraco da calça jeans: as mãos estão completamente firmes, e ele lança aos policiais um sorriso breve e desarmante. Isso quase me faz pensar se estou preocupada à toa. Se Liam é capaz de parecer tão calmo perto de dois policiais, não deve ter nada a esconder.

– Liam? – começa a investigadora Rivera.

Liam assente.

– Eu mesmo.

– Você se importaria de responder a algumas perguntas sobre Olivia Mercer? – pergunta ela.

– Já conversei com um policial na escola – diz ele. – Contei pra ele tudo que sei.

– Sim, mas temos mais algumas perguntas. Coisa de rotina.

– Claro. – Liam a olha bem nos olhos. – Vou fazer qualquer coisa pra ajudar a encontrar a Olivia. Pode perguntar, fique à vontade.

Rivera cruza as pernas e se inclina um pouco para a frente.

– Você conhece Olivia Mercer?

– Conheço. Ela estuda na minha escola.

– E você é amigo dela?

Ele não hesita.

– Estamos na mesma turma de matemática. Já conversei com ela.

As respostas parecem ensaiadas. Como se ele soubesse o que iriam lhe perguntar e tivesse se preparado mentalmente para isso, da mesma forma que se prepara para os debates. Fico imaginando se eles percebem.

– Olivia é sua namorada?

– Não.

Rivera ergue uma sobrancelha.

– Não?

– Não tenho namorada.

Rivera solta uma gargalhada.

– Um rapaz bonito como você? É difícil de acreditar.

– Ele só tem 16 anos, investigadora – digo.

– Quando eu tinha 16 anos, tinha duas namoradas! – exclama Murphy.

As bochechas coradas do homem ficam mais rosadas.

Liam não esboça qualquer reação. Dá um breve sorriso, mas não diz nada.

O sorriso desaparece do rosto de Rivera novamente. O olhar dela é tão penetrante que me assusta. Quero dizer a Liam para ter cuidado, que ela não vai se deixar levar pelo charme dele.

– Então, Liam, quando foi a última vez que você viu a Olivia?

– Fui com o pessoal do time de atletismo ao Charlie's. Ela também estava lá.

– Foi um encontro?

– Não.

– Entendo. – Rivera faz que sim com a cabeça. – E essa foi a última vez que você viu a Olivia?

– Sim.

– Você faz alguma ideia de onde ela possa estar agora?

– Não – responde ele, sem hesitar. – Eu lamento mesmo. Queria muito saber. – E em seguida, em uma voz incrivelmente sincera: – Estou preocupado com ela. Espero muito que ela esteja bem.

– Nós também – diz Rivera.

E então parece que eles estão prestes a se levantar. E talvez isso tenha acabado. Talvez eles não tenham absolutamente nada contra Liam, e ele estivesse dizendo a verdade quando afirmou que mal conhecia Olivia. Talvez a polícia só esteja interrogando todos os alunos. Talvez isso não passe de mera rotina.

Mas, quando estava prestes a se levantar, Rivera volta a se sentar, como se tivesse se lembrado de algo.

– Mais uma coisa, Liam – diz ela.

– Sim?

– Uma vizinha da Olivia Mercer viu que ela estava no quintal, por volta das duas da manhã, conversando com um adolescente.

Sinto um buraco no estômago. Ainda não acabou, afinal.

– Você sabe quem era o garoto, Liam? – pergunta Rivera.

Ele não responde, mas seu corpo se enrijece quase imperceptivelmente.

Rivera dá um sorriso sombrio.

– Depois que alguns de seus amigos disseram pra gente que você tinha levado a Olivia à lanchonete ontem, nós mostramos à vizinha algumas fotos suas da escola. E adivinha só? Ela te reconheceu. E reconheceu o Toyota que está parado neste momento na garagem de vocês.

Os punhos de Liam agarram a calça jeans, mas ele logo se recompõe.

Rivera se inclina e o encara.

– Você quer reconsiderar a resposta que deu à minha pergunta sobre quando foi a última vez que viu Olivia Mercer?

Liam abre a boca como se estivesse prestes a responder, mas, antes que o faça, Jason se levanta do sofá.

– Não! Chega de perguntas. Não sem um advogado.

– Estamos só tentando descobrir o paradeiro de uma adolescente de 16 anos, Sr. Cass – afirma Rivera, categórica. Ela olha para Liam. – Liam, se puder nos dizer onde ela está…

– Liam, não fala nada. – Jason olha para Rivera, uma veia saltando em seu pescoço. – Ele é um rapaz de 16 anos. É um ótimo aluno e um ótimo garoto. Ele não fez nada.

– Com todo o respeito, Sr. Cass…

– Não, os senhores vão me escutar.

Jason aponta o dedo para eles. Acho que nunca o vi tão irritado. Mesmo nos momentos em que fiquei mais assustada por conta de Liam, ele sempre parecia extremamente calmo. Se eu não estivesse tão apavorada, acharia até um pouco sexy a maneira como ele está protegendo Liam.

– Meu filho já contou tudo que sabe – prossegue ele. – Se quiserem falar com ele outra vez, vai ser na presença do nosso advogado.

Rivera se levanta e Murphy a acompanha.

– Como quiser, Sr. Cass.

Só depois que os policiais vão embora sinto que posso respirar normalmente de novo. É claro que isso foi um desastre. Agora está confirmado. Liam foi visitar Olivia Mercer na noite passada. Provavelmente foi a última pessoa a vê-la viva. E mentiu para a polícia a respeito disso.

– Que merda foi essa, Liam? – dispara Jason.

Enquanto os policiais estavam presentes, Liam conseguiu manter um

excelente contato visual, mas agora baixou os olhos. A máscara de afabilidade que geralmente usa sumiu e ele parece péssimo. Quase sinto pena dele.

– Liam – digo calmamente ao me sentar ao lado do meu filho. – Você sabe onde a Olivia está?

Ele faz que não com a cabeça. Mentindo outra vez. Queria que Jason não tivesse impedido os policiais de interrogá-lo. Queria que tivessem feito o trabalho deles e arrancado a resposta de Liam.

– Mas você estava na casa dela ontem à noite…? – questiona Jason.

O pomo de adão de Liam oscila quando ele engole em seco.

– Estava. Eu estava lá. Tá bem?

– Você pegou o meu carro? – pergunto.

– Peguei. Desculpa.

Jason passa a mão nos cabelos grisalhos. Acho que ele ganhou dez novos fios brancos nos últimos vinte minutos. Se não fosse pelo meu cabeleireiro, eu mesma estaria completamente grisalha agora, graças ao meu filho.

– O que você estava fazendo lá? – pergunta Jason.

– Eu só… – Liam se contorce no sofá. – Eu gosto dela, tá? Eu queria ver a Olivia. Aí ela desceu e… você sabe…

Jason franze a testa.

– Não. Eu *não* sei.

As orelhas de Liam ficam rosadas.

– A gente deu uns beijos. Só isso.

– E depois?

– Depois, a mamãe ligou. Aí eu voltei pra casa. E foi isso.

Jason semicerra os olhos para Liam, mas dá para ver que ele acredita na história. Ele foi sincero no que disse aos policiais. Não acredita que o filho adolescente possa ser responsável pelo desaparecimento de uma jovem. Sabe que Liam é capaz de mentir, mas não sabe do que mais nosso filho é capaz. Só eu sei a verdade.

– Vai pro seu quarto – diz Jason a Liam.

Jason não precisa pedir duas vezes. Liam pula do sofá e sobe as escadas correndo. Queria muito que pudéssemos continuar a questioná-lo, mas não vai fazer diferença. Independentemente do que sabe, isso é o máximo que ele vai contar.

Jason recosta a cabeça no sofá e solta um longo suspiro.

– Temos que arrumar um advogado pro Liam, Erika. A situação não parece nada favorável pra ele.

– É… – Mordo o lábio. – Mas é uma grande coincidência, você não acha?

– O que você tá querendo dizer?

– Tipo, simplesmente *calhou* de ele estar na casa dessa garota na noite em que ela desapareceu? Você realmente acredita nisso?

Ele franze a testa.

– O que você tá falando?

– Você sabe o que eu tô falando.

– Como é? Você acha que o nosso filho matou essa garota? Sério mesmo, Erika?

– Talvez não tenha matado…

Eu queria ter uma esposa, para poder enfiar num buraco. Ainda consigo ouvir as palavras da Srta. Williams nos meus ouvidos. Liam disse muitas coisas perturbadoras, mas essa foi a maior de todas. Uma das que jamais vou me esquecer. Juntamente com a resposta que ele me deu mais tarde, naquela mesma noite, quando o questionei sobre isso:

Só queria ver o que iria acontecer com ela, mamãe. Se eu enfiasse ela num buraco e não desse comida, o que aconteceria? E se ela fosse minha esposa, eu poderia fazer o que quisesse e ninguém nem iria procurar por ela.

Foi nesse dia que marquei a primeira consulta com a Dra. Hebert.

– Você sabe o tipo de comentários que o Liam fez no passado – lembro a Jason.

– Você sempre deu importância demais a essas coisas. Ele é precoce. São só palavras.

– Não são só palavras.

Jason apenas pisca, aturdido.

– Eu não vou… não vou ter essa conversa com você, Erika. É do nosso filho que estamos falando. Ele não fez isso. E não vou deixar que ponham a culpa nele.

– Tá – digo. – Arruma um advogado pra ele.

Jason passa o resto da noite em busca de advogados criminalistas. Está convencido de que um bom advogado pode resolver esse problema. Mas sei que ele está enganado. O único que pode resolver isso é o Liam.

VINTE E OITO

OLIVIA

Não sei quanto tempo passei encolhida em uma bolinha no chão, aos prantos.

Quando paro de chorar, devo estar com os olhos vermelhos e o rosto inchado. Tem catarro seco nas minhas bochechas e mãos. Mas esse é o menor dos problemas.

Não posso ficar aqui com pena de mim mesma. Se não quiser morrer nesse lugar, preciso fazer alguma coisa. Tenho que descobrir uma maneira de escapar. Ou, pelo menos, uma maneira de sobreviver até ser resgatada.

Preciso ser esperta. É o único jeito.

Apalpo o chão, na esperança de encontrar algo que possa me dar uma pista de onde estou ou de como me libertar. Preciso rastejar, porque o tornozelo dói demais se coloco qualquer peso nele. Com certeza, está quebrado. Lateja muito, mesmo quando não estou me apoiando nele.

Descubro outra parede à minha frente. Diria que esse buraco tem cerca de 1,20 metro por 1,20 metro. Talvez uns 2 metros de profundidade. Não é muito grande. Fico pensando se foi ele próprio quem cavou. Se foi, deve ter levado um bom tempo. Eu me lembro de ter lido o livro *Buracos* quando estava na nona série, sobre um garoto que tinha que cavar buracos como parte de um castigo. Era muito bom, pelo que me lembro. Acho que virou filme.

Ao verificar o terceiro canto, meu coração dá um pulo quando meus dedos se fecham em torno de uma pequena garrafa térmica. Eu a pego, e ela faz barulho quando a sacudo. Tem líquido dentro! Agarro a tampa, tentando desesperadamente abri-la, embora não consiga ver nada. Se eu derramar o líquido dessa garrafa térmica, estou ferrada. Não é muita água, mas eu a desejo mais do que qualquer outra coisa que já desejei na vida. Até mais do que desejei que Liam me beijasse quando estávamos na lanchonete.

Ouço um estalo, e meus dedos entram em contato com um canudo que sai do recipiente. Coloco os lábios no canudo e dou um gole. *Ai, meu Deus, isso é divino*. Embora tenha um leve sabor metálico, é a melhor coisa que já provei. Sinto a água gelada na boca, na garganta ressecada e no estômago vazio. Quero beber tudo, mas, ao mesmo tempo, não tenho certeza de quando vou ter mais. É melhor economizar. Racionar. É o que um sobrevivente faria.

Com relutância, fecho a tampa e, com cuidado, coloco a garrafa de volta no canto, agora pela metade. Não vou beber mais até estar realmente desesperada. Preciso entender a situação. Será que ele vai voltar? Vai me dar mais água? Comida?

Com a água escondida, exploro o último canto do buraco. Esse canto também não está vazio. Sinto algo comprido e macio. Meus dedos se fecham ao redor. Semicerro os olhos forçando a visão o máximo que posso, tentando desesperadamente enxergar alguma coisa. Qualquer coisa. Mas está escuro demais.

Continuo tateando e percebo que há mais objetos nesse canto. Eles têm texturas e consistências semelhantes. Bordas afiadas ou arredondadas. Em sua maioria, são compridos e finos.

Então me deparo com algo que parece um pouco diferente. É redondo, mais ou menos do tamanho de um melão. Mas não é uma esfera. Quando meus dedos contornam a curva, sinto dois grandes buracos. Meu peito aperta quando me dou conta do que estou tocando.

É um crânio.

Não consigo parar de gritar, ainda que ninguém possa me ouvir.

VINTE E NOVE

Transcrição do depoimento da Dra. Alice Hebert na delegacia

– Agradecemos muito por falar conosco hoje, Dra. Hebert.

– Achei que era minha obrigação.

– Pode declarar qual é a sua profissão, para que fique registrado?

– Sou psicóloga infantil. Atendo no meu consultório há 23 anos.

– Imagino que já tenha visto de tudo, então?

– Praticamente.

– E o que fez a senhora vir até aqui?

– Quando descobri que a vida de uma jovem estava em perigo, achei que tinha a obrigação moral de dizer alguma coisa. Para salvar a vida dela. Mesmo que isso significasse quebrar o acordo de confidencialidade com um paciente.

– Por isso estávamos tão ansiosos pra falar com a senhora hoje. Não sabemos quanto tempo a Olivia ainda tem. Estamos desesperados para encontrá-la.

– Eu entendo. Vou fazer o que for possível.

– Levando em consideração o fato de a senhora estar disposta a abordar assuntos confidenciais, presumo que acredita que Liam Cass seja o responsável.

– Obviamente, não posso afirmar com certeza. Faz muitos anos que parei de atender o Liam. Mas… sim, acredito que ele seja capaz disso.

– Quando a senhora começou a atender o Liam?

– Quando ele tinha 7 anos. A mãe o levou até mim por conta de várias declarações perturbadoras que ele fez na escola e em casa.

– Que tipo de declarações?

– Mais de uma vez, ele mencionou a ideia de querer aprisionar uma garota e ver como ela morreria de fome. Na verdade, ele chegou a encenar isso uma vez, quando estava no jardim de infância. Ele prendeu uma garota com fita adesiva em um armário.

– Eu conversei com a diretora da escola em questão e ela me contou sobre o incidente do armário.

– Foi muito perturbador, obviamente, e a mãe dele ficou bastante incomodada com tudo.

– E o pai?

– Só estive com ele uma vez. Ele vivia ocupado trabalhando e parecia achar que estávamos fazendo um grande alarde por nada. Ele não entendia. Mas a mãe estava praticamente em surto. Tivemos uma sessão sem o Liam, e ela levou uma lista de coisas que ele tinha feito que a assustaram.

– Por exemplo?

– O Liam era, em muitos aspectos, maduro pra idade dele. Era muito responsável. Por esse motivo, a Sra. Cass foi persuadida por ele a comprar um hamster de estimação. Infelizmente, o primeiro hamster supostamente fugiu, e ela teve que comprar outro pra ele. O Liam disse que o segundo hamster também havia fugido, mas ela flagrou o filho enterrando o bicho no quintal.

– O hamster estava morto?

– Estava, e o Liam acabou admitindo que havia matado o hamster. Deixou que ele morresse de fome, lentamente.

– Meu Deus.

– Pois é, foi bastante perturbador. Depois de alguns meses, ficou muito claro que o Liam sofria de transtorno de personalidade antissocial. Sabe o que é um sociopata?

– É quando a pessoa não tem emoções, certo? Jeffrey Dahmer e Ted Bundy não eram sociopatas?

– Muito provavelmente. No começo do século XIX, os médicos que trabalhavam com pessoas consideradas doentes mentais notaram que alguns pacientes demonstravam um comportamento aparentemente normal, mas

não tinham senso de ética ou empatia. Esses pacientes eram chamados de "psicopatas", mas depois o termo foi alterado para "sociopatas", devido ao efeito que essas pessoas tinham na sociedade. Atualmente, ambos os termos são usados, mas "sociopata" geralmente se refere a uma forma mais branda do transtorno. Psicopatas são muito mais raros.

– E o que isso tudo significa?

– Bem, pra começar, sociopatas não sentem emoções humanas comuns, como empatia. Não se preocupam com os sentimentos dos outros. Também têm alta capacidade de não sentir repulsa, o que foi medido a partir da falta de reação desses pacientes a imagens de rostos mutilados. Mas os sociopatas não se dão ao trabalho de fingir emoções. Os psicopatas, por sua vez, são excelentes atores. São inteligentes, charmosos e fantásticos em manipular emoções. São capazes de fazer uma pessoa acreditar que se importam, quando, no fundo, não sentem nada.

– Então são bons mentirosos.

– São mentirosos patológicos. Capazes de contar as histórias mais absurdas sem pestanejar. E outra característica marcante dos sociopatas é não ter muito sentimento de culpa. Eles sentem muito pouco arrependimento, vergonha ou remorso. Já os psicopatas não têm *nenhum* sentimento de culpa. Dá pra imaginar como é isso? Não sentir remorso algum por coisas terríveis que fez? Além disso, os sociopatas têm uma tolerância muito baixa à frustração e não são muito bons em controlar a agressividade.

– Isso significa que…?

– Precisa de bem pouca coisa pra que eles se tornem violentos.

– Entendi.

– E eles são destemidos. Quando uma pessoa normal é colocada numa situação em que antecipa um estímulo doloroso, como um choque elétrico, suas glândulas sudoríparas aumentam a atividade. Mas, em psicopatas, a pele não emite nenhuma resposta. Eles não sentem medo da mesma maneira que nós.

– Claro.

– Então, juntando tudo isso, temos um indivíduo que não sente empatia nem remorso ou medo e que é propenso à violência. Não é de surpreender que tantos assassinos em série sejam diagnosticados como psicopatas.

– Então a senhora está dizendo que Liam Cass é um psicopata?

– É difícil dizer. Liam só tinha 9 anos na última vez que o vi, e tecnicamente não é possível fechar um diagnóstico de transtorno de personalidade como esse antes dos 18. Mas…

– Mas…?

– Ele sem dúvida é um sociopata, mas minha intuição era de que ele também era um psicopata. Mesmo muito novo, ele mentia e manipulava as pessoas muito bem. Mas, ao mesmo tempo, quando o conheci, meu instinto foi gostar dele. Foram necessárias várias sessões até que eu conseguisse enxergar o que havia por trás. E eu sou profissional.

– Então ele é um assassino em série?

– Cuidado ao tirar conclusões precipitadas. Quase todos os assassinos em série provavelmente são psicopatas, mas nem todos os psicopatas se tornam assassinos.

– Mas a senhora acredita que o Liam seja capaz de matar alguém?

– Bem, psicopatas são capazes de matar. Portanto, se o Liam é um psicopata, então, sim, ele é capaz de matar.

– Por quanto tempo a senhora trabalhou com o Liam?

– Dois anos.

– Não parece muito tempo, diante da situação.

– O Liam não queria ser ajudado. Ele não tinha interesse em melhorar. Quando eu tentava conversar com ele, ele simplesmente mentia pra mim sobre o que estava sentindo. Se tem uma coisa que as sessões com ele fizeram, foi ajudá-lo a perceber o que deveria e o que não deveria dizer em voz alta. E a verdade é que…

– Sim?

– Eu comecei a ficar com medo dele.

– Medo?

– Eu costumava deixar em cima da mesa uma foto da minha filha, que tinha mais ou menos a idade do Liam. Durante uma sessão, ele ficou olhando pra foto e sorrindo de um jeito muito perturbador. Depois, começou a fazer perguntas sobre ela.

– Que tipo de perguntas?

– Perguntas inocentes. Por exemplo, o que ela gostava de comer e de fazer para passar o tempo. Não foi nada grave, mas a maneira como ele perguntou foi muito perturbadora para mim. E acho que ele queria que eu ficasse desconfortável. Depois disso, guardei a foto.

– Ele fez algum mal à sua filha?

– Não. Mas logo depois disso, eu disse à Sra. Cass que achava que não estava ajudando o filho dela, e interrompemos as sessões. Eu não queria mais trabalhar com ele.

– Porque a senhora estava com medo.

– Isso.

– De um menino de 9 anos.

– Se soubesse o que se passa na cabeça daquele garoto, você também ficaria com medo.

TRINTA

ERIKA

Assim que Jason e eu terminamos de colocar a louça na máquina, um alarme dispara no meu iPhone. Tiro o aparelho do bolso e leio o alerta:

> Reunião da APM às 19h30. Trânsito leve. Você deverá chegar em dez minutos.

Droga. A porcaria da reunião da APM é hoje. E falei para Jessica que iria, porque estou responsável pela noite de cinema.

– O que foi? – pergunta Jason.

– Eu tinha uma reunião da APM hoje.

– Da APM? – Ele franze a testa. – Acha mesmo que é um bom momento pra se envolver com a APM?

– Jason…

– Não tem como você faltar? Você não falou que odeia essas coisas?

– Sim, falei. E odeio mesmo. Mas a Jessica está contando comigo pra organizar a noite de cinema. E tenho a impressão de que… talvez não seja um bom momento pra inimizades…

Jason me encara.

– Acha mesmo que precisa se preocupar com o que Jessica Martinson pensa de você?

Não. Eu não deveria. Mas ainda me preocupo. Sempre almejei a aprovação daquela mulher.

– Não vou ficar muito tempo, tá?

Ele dá de ombros.

– O que você achar melhor, Erika. Vou procurar um advogado pro Liam, enquanto você organiza a noite de cinema ou o que quer que considere mais importante do que o nosso filho…

Ele tem razão. Eu não deveria estar organizando noites de cinema neste momento. Se estou em uma situação em que preciso correr atrás de um advogado para meu filho de 16 anos, significa que minha vida está complicada demais para organizar noites de cinema. Talvez eu converse com Jessica quando chegar lá. Vou explicar para ela que não tenho como me comprometer com a noite de cinema e que lamento muito.

No entanto, não quero que ela pense que estou desistindo porque Liam é culpado de alguma coisa.

Dirijo até a escola e, como o trânsito está de fato tranquilo, a viagem leva apenas dez minutos. Vejo os carros de todas as outras mães estacionados do lado de fora. A minivan de Jessica está bem perto da entrada, na vaga privilegiada que ela sempre consegue pegar.

As reuniões são realizadas na biblioteca, no segundo andar. Subo as escadas e, ao olhar para o relógio, descubro que, não sei como, estou cinco minutos atrasada. A porcaria do iPhone não me alertou cedo o bastante. Paciência. Vou me esgueirar pelos fundos e pronto. Além do mais, Jessica costuma passar os primeiros vinte minutos recapitulando as atas da reunião anterior. É uma tortura.

A porta da biblioteca range alto ao ser aberta. Fica nítido que sou a única retardatária e que já estão todos reunidos em torno da mesa de conferência montada no meio da sala. Jessica está de pé lá na frente, usando um vestido azul e branco que fica fantástico nela. Essa mulher está sempre fantástica. Em qualquer outra circunstância, talvez eu tivesse uma pontada de inveja, mas essa é a última coisa que estou sentindo no momento.

Eu me lembro da primeira vez que vi Jessica Martinson, quando os meninos estavam na primeira série. Tínhamos acabado de nos mudar para cá e estávamos recomeçando depois do terrível incidente no jardim de infância. Jason achou que era bobagem minha quando eu disse que deveríamos nos mudar, mas muitas pessoas sabiam o que tinha acontecido.

Sentia os cochichos ao meu redor toda vez que ia ao supermercado. Havíamos nos tornado párias e precisávamos de um novo começo.

Naquele dia, cheguei às três e quinze para buscar Liam – ele estava na primeira série. Jessica também aguardava e estava absolutamente glamourosa, mesmo de camiseta e calça de ioga. Estava cercada por um grupo de mulheres atentas a cada palavra dela. Jessica adora ser o centro das atenções – isso não mudou. Fiquei observando quando elas deram risada de uma piada que Jessica havia feito, mas me senti intimidada demais para tentar me aproximar. Nunca fui popular na época da escola e não esperava que fosse diferente na vida adulta.

Foi só quando Tyler e Liam saíram juntos da escola que Jessica criou um súbito interesse em mim. Ela se aproximou cheia de propósito, com um sorriso encantador nos lábios vermelhos. Ela olhava para mim, mas seus olhos estavam no meu filho.

– Você deve ser a mãe do Liam. Eu sou a Jessica, mãe do Tyler.

– Erika – respondi.

– O Tyler não para de falar do Liam – comentou Jessica, parecendo bastante impressionada.

– Que maravilha – respondi, embora no fundo estivesse torcendo para que Liam não acabasse prendendo o menino em um armário com fita - adesiva.

– Parece que os meninos ficaram muito amigos. – Ela olhou para Liam, que estava pacientemente parado de pé ao meu lado com a mochila do Bob Esponja nos ombros, enquanto os outros meninos corriam de um lado para outro, desembestados. – Oi, Liam. Eu sou a mãe do Tyler.

Liam estendeu a mão direita, e Jessica o cumprimentou.

– É um prazer te conhecer – disse ele.

Jessica riu, absolutamente encantada com meu filho.

– Como você é educado. Você é boa nisso, Erika!

Por incrível que pareça, eu não havia ensinado aquilo para ele. Liam aprendeu sozinho o que dizer aos adultos para que eles o amassem.

Depois daquele dia, Jessica se tornou minha melhor amiga. Liam e Tyler se encontravam para brincar uma ou duas vezes por semana, e passamos a contar uma com a outra em casos de emergência em que precisássemos de alguém para buscar um de nossos filhos na escola. Foi só no fim do ensino fundamental que isso mudou de repente. Os meninos praticamente não se

falavam mais. Jessica e eu ainda nos falávamos, mas não éramos mais amigas. Nunca entendi bem o porquê.

E tenho a sensação de que as coisas só vão piorar.

Tento entrar na biblioteca sem fazer barulho, mas a porta se fecha atrás de mim e Jessica para de falar de repente. Todos se viram para me olhar.

– Ah, é… Olá – gaguejo.

– Erika! – exclama ela, sem muito ânimo. – Não esperava ver *você* por aqui.

– Pois é, eu… Desculpa o atraso…

Os olhos azuis gelados de Jessica se fixam no meu rosto.

– Imagina…

Contorno algumas das outras mães (e um único pai) para chegar ao lugar vazio. Todos estão olhando para mim. Achei que ninguém saberia da ligação entre Liam e Olivia, mas está dolorosamente óbvio que não é o caso. Todo mundo sabe. Talvez não saibam que a polícia esteve em nossa casa esta noite. Talvez não saibam que Liam esteve na casa de Olivia às duas da manhã. Mas sabem de *alguma coisa*.

Jessica dá um pigarro.

– Muito bem. Vamos voltar às atas.

Sempre achei as reuniões da APM uma espécie de tortura. Embora ame meus filhos, não suporto ter que participar da organização dos eventos de um ano inteiro. Não vejo problema em planejar um evento, como a noite de cinema, embora preferisse ser apenas um pau-mandado distribuindo os ingressos ou as fatias de pizza na noite em questão. Mas Jessica e eu nos conhecemos há muito tempo. Se ela precisa da minha ajuda, não tenho escolha a não ser oferecê-la.

– Ainda precisamos de mais voluntários para a feira do livro – reclama Regina Knowles. – Ninguém quer fazer a limpeza. E é nisso que precisamos de mais ajuda.

Sim, o eterno problema. Todo mundo quer ajudar nos eventos, mas ninguém quer fazer parte da equipe de limpeza.

– Tenho certeza de que conseguimos encontrar alguém pra ajudar na limpeza – diz Jessica. Os olhos dela varrem a sala, enquanto várias mulheres desviam o olhar. – Rachel? Maria? Vocês podem ajudar?

Rachel Richter e Maria Sheldon não parecem nem um pouco entusiasmadas com a ideia de limpar tudo depois da feira do livro. Já fiz isso

antes, e é um trabalho exaustivo empacotar todos aqueles livros. Todos nós sabemos disso. Mas Jessica encara as duas, e elas fazem que sim com a cabeça.

– Maravilha. – Jessica bate palmas. – Agora que já resolvemos a feira do livro, vamos falar sobre a noite de cinema.

Finalmente.

Ela olha para Alicia Levine.

– Alicia, quero te agradecer muito por ter assumido a organização da noite de cinema.

Como é que é?

– Fico feliz em ajudar, Jess – diz Alicia.

Ela está de brincadeira comigo? O que está acontecendo aqui?

Dou um pigarro e digo com a maior delicadeza possível:

– Desculpa, Jessica, mas você não me perguntou se eu poderia ficar encarregada da noite de cinema?

Jessica coloca uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha.

– Foi, mas sei que você é muito ocupada, Erika. E a Alicia foi muito gentil em se prontificar. Então… vou te livrar dessa.

A biblioteca fica em silêncio novamente enquanto todos olham para mim e para Jessica. Aquilo era uma mentira descarada. Ela *me* pediu para ficar responsável pela noite de cinema. E mudou de ideia quando ficou sabendo sobre Olivia.

Ela poderia ao menos ter feito a cortesia de me avisar com antecedência, para que eu não perdesse tempo dirigindo até aqui enquanto meu filho precisa de mim em casa.

E agora o silêncio é interrompido pelo som de cochichos. Não sei o que diabos estão dizendo, mas posso imaginar. Quero gritar para eles que, se tiverem algo a dizer sobre meu filho, que digam na minha cara. Mas, no fundo, não quero. Só quero ir para casa.

Eu me levanto, cambaleante.

– Acho que é melhor eu ir embora, então.

– Fica à vontade – diz Jessica. – Mas agradeço por você ter se oferecido para ajudar, Erika. De verdade.

Ao longo de minha amizade com Jessica, houve momentos em que senti vontade de lhe dar um tapa, mas nunca tanto quanto neste momento. No

entanto, sou capaz de controlar meus impulsos. Então, pego a bolsa e saio em disparada, antes que essas mulheres me vejam chorar.

TRINTA E UM

Transcrição do depoimento de Madison Hartman na delegacia

– Há quanto tempo você é amiga da Olivia Mercer?

– Praticamente desde sempre. Ficamos amigas no primeiro dia do jardim de infância. A gente estava usando o mesmo vestido e nos aproximamos por causa disso.

– Então você é muito próxima dela?

– Aham! Somos melhores amigas.

– A Olivia alguma vez deu a entender que poderia fugir?

– Não. Nunca. A Olivia jamais fugiria. Ela não faria isso com os pais.

– Ela usava drogas ou álcool?

– Tá brincando, né? Olivia é uma santa. Uma vez, eu e o Aidan, o meu namorado, oferecemos a ela um copo de cerveja que o Aidan pegou do pai dele, e ela não quis nem encostar.

– Se ela estivesse planejando fugir, contaria pra alguém?

– Sim! Pra mim… Mas ela não fugiu. Estou te falando. Impossível… Foi o Liam. Aquele desgraçado do Liam Cass.

– Você acha que o Liam é o responsável pelo desaparecimento dela?

– Eu não acho. Eu *sei*.

– Por que você diz isso?

– Hum, porque o Liam é doido?

– Por que você acha que ele é doido?

– Então, olha, eu não tinha certeza absoluta antes. Quer dizer, rolavam uns boatos sobre ele. Tipo, eu não estudava na mesma escola que ele antes, mas as pessoas às vezes falavam sobre o tal professor de inglês e o que achavam que o Liam tinha feito com ele. Uma parte do pessoal acredita que ele fez aquilo, sim, mas eu sinceramente não acreditava até então. Vocês sabem dessa história?

– Sim. Nós sabemos.

– Tipo, antes eu só não gostava da energia dele. Claro, ele é bem bonito, mas parecia muito forçado. Muitas garotas achavam o Liam charmoso, mas eu só conseguia achar ele falso.

– Como assim?

– Por exemplo: um dia, eu vi ele de papo com uns amigos antes de entrar e aí ele chegou atrasado na aula. Eu era da turma dele, e a professora perguntou por que ele tinha se atrasado. Ele disse que o pneu do carro da mãe dele furou no caminho pra escola e por isso estava atrasado.

– Muitos jovens mentem.

– É, eu sei. Tipo, eu minto pros professores ou pros meus pais o tempo todo. Mas eles sempre parecem saber que eu tô mentindo. É difícil contar uma mentira convincente pra um adulto. Mas o Liam é muito bom nisso. Ele olhou bem nos olhos da professora e falou na cara dura, e ela não suspeitou nem por um segundo. Eu também teria acreditado se não tivesse visto o Liam lá fora. Entende? E teve outras coisas também.

– Como o quê?

– Uma vez, depois da aula, eu estava na pista de atletismo, esperando o Aidan sair do treino de futebol americano, e estava rolando uma competição do time de atletismo. O Liam perdeu a corrida, e percebi que ele ficou muito irritado com isso. Ele chegou perto de uma cerca e deu um chute com tanta força que ela quebrou. Fiquei um pouco chocada com a raiva que ele parecia estar sentindo.

– Você contou isso pra Olivia?

– Não…

– Por que não?

– Bem, porque no ano passado o Aidan deu um soco na parede e quebrou a mão, então pensei que, se contasse, ela iria mencionar a história do Aidan e agir como se não fosse nada de mais. Ou falar pra eu terminar com o Aidan.

– A Olivia falou pra você terminar com o Aidan?

– Falou… Quer dizer, não pra valer. Mas ela não gostava dele.

– Por que não?

– Sei lá. Ela achava ele um jogador de futebol brutamontes, mas… o que isso tem a ver com o Liam?

– O Aidan já foi violento com você?

– Não! Nunca! O Aidan não é perfeito, mas é um cara legal. Não é igual ao Liam.

– O Liam já foi violento com a Olivia?

– Não. Ele conseguia ser muito legal quando queria. É disso que eu tô falando… Ele é muito falso. E ela caiu totalmente nesse papo. Ela estava muito a fim dele… E ela nem é assim. Ela nem liga tanto pra garotos. Ele enganou a Olivia direitinho.

– Você acha que ele tinha algum motivo para machucar a Olivia?

– Não. Quer dizer, ela já queria sair com ele, e aposto que teria feito praticamente qualquer coisa por ele.

– Então, por que você tem tanta certeza de que o Liam é responsável pelo desaparecimento dela?

– Porque ele é doido! Gente doida não precisa de motivo pra fazer alguma doideira, certo?

TRINTA E DOIS

ERIKA

Quando chego em casa, Jason diz que Liam não saiu do quarto desde que os policiais foram embora, então decido dar uma olhada nele. É um alívio quando bato na porta e ele me diz para entrar.

Por mais estranho que pareça, encontro meu filho à escrivaninha, debruçado sobre um livro didático. Ele está lendo e sublinhando o livro, como se fosse um dia como outro qualquer. Como se a polícia não tivesse estado aqui, poucas horas antes, basicamente acusando-o de homicídio.

– Liam?

Ele não tira os olhos do livro.

– Oi?

– O que você tá fazendo?

– Estudando. Tenho prova de história amanhã.

– Você pode dar uma paradinha? Queria conversar com você.

Se fosse Hannah, ela teria reclamado, dizendo que eu não deveria interrompê-la quando está tentando estudar, embora ela mesma se distraia a cada cinco minutos com o celular. Mas Liam obedientemente ergue os olhos castanhos do livro de história e me encara, piscando com inocência.

– O que foi, mãe?

Respiro fundo. Minhas mãos estão tremendo e sinto que estou prestes a me desmanchar em lágrimas. Eu me lembro de quando Liam era mais novo

e se consultava com aquela terapeuta. Ela usava um termo no qual eu já havia pensado, mas tinha medo de dizer em voz alta:

Sociopata.

Ele não sente empatia como você. Não sente amor. Está apenas fingindo.

Como mãe, essa foi uma das piores coisas que alguém já me disse. *Seu filho não ama você. Ele não é capaz disso.* Na época, eu me recusei a acreditar. Mas, com o passar dos anos, percebi como tudo que a Dra. Hebert me disse era verdade.

– Onde ela está, Liam? – pergunto. – Onde está a Olivia?

Ele me olha bem nos olhos, da mesma forma que fez com os policiais quando mentiu na cara deles.

– Eu não sei.

– Liam…

Uma lágrima escapa do meu olho direito, e eu a enxugo antes que ele consiga ver. Demonstrar vulnerabilidade diante de uma pessoa que não sente empatia é sempre um erro.

– A polícia sabe o que está fazendo. O que quer que você tenha feito… Eles vão descobrir. Se você me contar onde ela está, posso te ajudar. Posso soltar ela. Posso fingir que encontrei ela por acaso… – Respiro fundo. – Mas, se você matar essa menina…

– Mãe. – O lábio dele se projeta para fora, o que o faz parecer mais novo. – Eu juro pra você. Não fiz nada com a Olivia.

– Eu não acredito em você, Liam.

Os olhos dele escurecem. Há momentos em que fico com medo do meu filho. Como quando o encontrei com o hamster, quando ele tinha apenas 6 anos. Liam deixou o bicho morrer de fome bem ali, diante de seus olhos. O pobre hamster estava tão mirrado que todos os ossinhos estavam aparentes. Dava para ver que ele tinha sofrido. E Liam não se importava. Não, pior ainda: ele tinha gostado.

– Não fui eu, mãe. – A voz dele é firme, quase irritada. – Não sei cadê ela. Posso voltar a estudar agora?

Assinto, sem dizer nada, e Liam gira na cadeira para voltar ao livro de história. Ele começa a sublinhar outra vez, como se a própria mãe não estivesse ali, acusando-o de sequestro e homicídio. Liam é assim. Nada o incomoda.

Depois que a Dra. Hebert apresentou um diagnóstico, perguntei a ela de

onde isso tinha vindo. Liam cresceu em uma família de classe média alta, em um lar feliz. Sempre fomos firmes em termos de disciplina, mas muito justos também. Ele teve uma infância maravilhosa. Como ele tinha ficado assim?

– Muitas vezes, há uma predisposição genética – disse ela.

Mas isso não ajudava a explicar a situação. Jason e eu éramos o mais sem graça e normais possível. Não fazia sentido. Como um casal tranquilo e comum como nós dois poderia gerar um filho como Liam? Nunca entendi.

Não até esta manhã. Quando descobri que meu pai havia passado mais de quarenta anos preso por assassinato.

TRINTA E TRÊS

OLIVIA

Não faço a menor ideia de há quanto tempo estou aqui.

Finalmente parei de gritar. Passei muito tempo gritando. E, mesmo depois de parar, ainda estava tremendo. Fui me sentar no canto do buraco, em frente ao esqueleto, e abracei os joelhos. Acho que passei horas assim. Não sei de quem é esse esqueleto, mas não posso fingir que o fato de ele estar aqui não seja um mau sinal. Alguém mais esteve neste buraco. E essa pessoa morreu aqui.

Ou, mais provavelmente, foi morta.

As lembranças de como vim parar neste lugar começam a se tornar mais vívidas. O lenço com um cheiro estranho enfiado no meu rosto. Não conseguir respirar. E depois… um vazio.

Ele vai me matar. É por isso que estou aqui. E só consigo imaginar que o motivo pelo qual me colocou aqui em vez de me matar de uma vez é o fato de ter outros planos para mim antes de acabar comigo.

Mas todo mundo deve estar procurando por mim. Minha mãe… Queria tanto que ela estivesse aqui que chega a doer. Não consigo imaginar como ela deve ter ficado assustada ao entrar no quarto e ver que eu havia desaparecido. Deve ter chamado a polícia no mesmo instante. Ela nunca vai parar de me procurar. Vai colocar a polícia do estado inteiro atrás de mim.

E, quando a polícia me encontrar, ele vai ser mandado para a cadeia. E

eu vou poder ir para casa, para a minha cama quente e confortável. E minha mãe vai fazer panquecas de chocolate para mim. E vou passar uma semana sem nem sair da cama. Bem, talvez eu vá ao médico para ele dar uma olhada no meu tornozelo, que ainda está latejando.

Eu vou sair daqui. Sei disso. Meus pais vão me encontrar.

Meu estômago solta um grunhido baixo. Estou faminta. E com sede. *Muita* sede. A água acabou há uma hora. Sabia que deveria racioná-la mais, mas não consegui me conter. Peguei a garrafa térmica e a esvaziei em um só gole sem pensar duas vezes. E agora acabou.

Queria muito saber quanto tempo leva para uma pessoa morrer de desidratação.

Talvez tenha sido assim que Phoebe morreu. Foi esse o nome que dei à pessoa a quem pertence a ossada jogada em um canto. Minha mãe e eu costumávamos assistir às reprises de *Friends*, e Phoebe era minha personagem favorita. Então, esse é o nome dela. Phoebe. Ela merece um nome. Será que os pais ainda estão procurando por ela? Quando sair daqui, vou avisar que ela está aqui embaixo. Talvez os pais possam ter um desfecho para essa história.

Eu vou sair daqui. Vou, sim.

Vou dar um jeito. Não vou desistir.

Ouço um barulho vindo de cima. São passos? É a polícia? Tento gritar, mas minha garganta está tão seca que emito apenas um ruído rouco antes que minha voz saia.

– *Socorro! Me ajuda, por favor!*

São passos. Com certeza, são passos. Ouço um som de metal bem acima da minha cabeça e, em seguida, o ranger de dobradiças. Por fim, uma luz brilhante vem na minha direção.

Depois de passar tanto tempo no escuro, a luz é agonizante. Coloco as mãos sobre os olhos para bloqueá-la. É uma lanterna. Alguém está apontando uma lanterna para mim.

– Olivia?

É *ele*. Não é a polícia. Ele voltou.

– Socorro! – grito, na esperança de que um vizinho ou alguém que esteja passando possa ouvir. – Alguém! Alguém me ajuda! Me tira daqui!

Ele inclina a cabeça para o lado.

– Acho que você está gastando sua voz à toa, Olivia. Estamos em uma

cabana no meio do nada. Ninguém vai ouvir se você gritar.

Paro de gritar e fico olhando para ele enquanto recupero o fôlego. Não tenho certeza se acredito nele, mas ele não parece nem um pouco preocupado com o fato de eu estar gritando. Então, provavelmente é verdade.

– Desculpa ter demorado tanto pra voltar – diz ele.

Mas ele não parece arrependido. Na verdade, não há emoção alguma em sua voz, como se ele fosse um robô. Ele parece muito diferente do normal. É assustador.

– Tem policiais por toda parte – explica ele. – Tive que esperar até anoitecer.

– Por favor, me tira daqui – peço.

Espio por entre os dedos, na direção do rosto dele, semicerrando os olhos por conta da luz forte. Não consigo nem acreditar que o achei bonito um dia. Devia estar fora de mim.

– Lamento, mas não posso fazer isso – diz ele.

Lágrimas brotam em meus olhos, mas tento evitar que caiam. Tenho a sensação de que chorar não vai fazer com que ele sinta compaixão.

– Por que não? Não vou contar pra ninguém. *Juro!* Vou dizer que fugi. Prometo.

– Vai, sim. Aposto.

– Juro!

Ele sorri de um jeito que faz minha pele ficar toda arrepiada.

– Sinto muito, Olivia. Não posso deixar você sair.

Respiro fundo.

– Por favor… Se você me deixar sair daqui, eu… eu faço o que você quiser. *Qualquer coisa.*

Ele solta uma risada, alta o suficiente para que eu saiba que deve estar dizendo a verdade sobre sermos as únicas pessoas aqui.

– Você vai fazer o que eu quiser de um jeito ou de outro. Não tem muita opção.

Isso provavelmente é verdade. Ele não é um cara grande, mas é muito maior do que eu. Poderia me dominar facilmente, mesmo que eu não estivesse fraca pela falta de comida e água e com o tornozelo machucado.

– O que você quer, então? – pergunto, baixinho.

Ele não me responde. Encaro seu rosto.

– É melhor você me deixar sair agora mesmo. Senão, quando a polícia me encontrar, eu vou contar tudo pra eles.

Ele sorri outra vez.

– Ah, é?

– Pode apostar! – Um músculo se contrai na minha mandíbula quando grito para ele: – Vou contar pra eles o que você fez! Você vai passar o resto da vida na cadeia!

Observo sua expressão, esperando que ele reaja. Mas seu rosto não demonstra nem um lampejo de medo.

– Você está me ameaçando, Olivia? – diz ele. – Eu realmente espero que não esteja me ameaçando.

Há algo em seus olhos que é ainda mais aterrorizante do que o cadáver em decomposição no canto do buraco. Minha boca está tão seca que nem sei se consigo responder. Mas dou um pigarro.

– Não estou te ameaçando. Só estou te dizendo o que vai acontecer.

– Bem, é melhor eu cuidar para que eles nunca encontrem você.

Aperto os joelhos, com o coração batendo acelerado no peito. Ele está falando sério. Nunca vai me deixar sair daqui. Nunca.

Ai, meu Deus…

Ele ergue uma grande sacola de papel marrom no ar e a atira no buraco. Ela cai ao meu lado, fazendo um barulho tão alto que me encolho e dou um grito.

– Aí tem comida e bebida – diz ele. – Não sei quando vou conseguir voltar aqui, então é bom que durem.

Em seguida, a luz se apaga.

– Espera! – grito. – Espera!

A voz dele atravessa a escuridão novamente:

– Que foi?

Engulo em seco, na esperança de ter uma última chance de tentar obter alguma compaixão, porque ameaças obviamente não funcionam.

– Você pode deixar a lanterna? Por favor?

Ele fica em silêncio por um tempo, como se estivesse pensando no assunto. Será que há alguma chance de que diga sim? Daria tudo por essa lanterna.

– Tá muito escuro aqui embaixo – digo suavemente –, e não dá pra saber

o que tem ao redor. Isso tá me enlouquecendo. Se você puder deixar a lanterna…

– Não – responde ele.

E então o alçapão acima da minha cabeça se fecha. E ouço o som da fechadura sendo girada, me prendendo aqui embaixo mais uma vez. Enterro o rosto nos joelhos e solto um soluço.

Não quero morrer aqui embaixo. Tem que haver uma saída.

TRINTA E QUATRO

ERIKA

Pensei em deixar as crianças em casa, mas os dois queriam ir para a escola, e Jason disse que deveríamos tentar manter as coisas o mais normais possível. Mas ele mesmo não saiu para trabalhar. Trancou-se no quarto de hóspedes para trabalhar de casa, embora eu saiba que está no meio de um projeto importante e tem um monte de reuniões. Está tentando fazer todas por telefone.

– Você pode ir pro trabalho – tentei dizer a ele. – Vai ficar tudo bem com o Liam.

– Acho melhor eu ficar em casa – insistiu Jason.

Não queria admitir o quanto estava grata por ele ter ficado. Não havia acontecido mais nada depois que a polícia esteve aqui ontem à noite, mas passei a noite inteira acordando no susto por conta de pesadelos. Não me lembrava de nenhum deles quando me levantei hoje de manhã, mas meu corpo estava molhado de suor.

Tento trabalhar também, mas é difícil. Deveria estar escrevendo uma matéria sobre os melhores parquinhos locais, mas minha cabeça está longe. Além disso, faz muitos anos que Hannah e Liam já são velhos demais para brincar no parquinho. Queria muito sentir nostalgia em relação a épocas em que as coisas eram mais simples, mas não consigo. Desde que tinha 4 anos, Liam já era uma bomba-relógio.

Espero que encontrem Olivia. É só nisso que consigo pensar. Espero que ela tenha fugido. Torço para que a encontrem em algum hotel de beira de estrada, chorando e querendo voltar para casa.

A pouca concentração que consigo reunir é interrompida pelo toque da campainha. Quando vejo Jason descendo as escadas, percebo que está tocando há muito tempo. Deve ter algo de errado comigo para não perceber uma campainha tocando a poucos metros.

Jason chega à porta antes de mim. Ele olha pelo olho mágico e fica pálido.

– Merda. É a polícia.

Jason endireita os ombros e abre a porta. São Rivera e Murphy outra vez. Mas há mais pessoas com eles. Não parece um bom sinal. Quando a polícia vem com um esquadrão completo, você sabe que está em apuros.

– Olá, Sr. Cass. – Rivera não se dá ao trabalho de sorrir dessa vez. – Temos um mandado para revistar sua casa e o Toyota de sua esposa.

Eu me aproximo.

– Liam está na escola.

– Não precisamos do Liam no momento – diz ela. – Mas temos um mandado para o celular dele.

Só Deus sabe o que tem no aparelho dele. Não quero nem pensar nisso.

– Vocês podem passar aqui mais tarde pra pegar o celular?

Jason está ocupado analisando o mandado, mas não sei por que está se dando ao trabalho. É a polícia. Se eles precisam inspecionar nossa casa, não vamos impedi-los. Só espero que Liam tenha sido esperto o suficiente para não deixar rastro.

Meu celular começa a tocar no bolso. Eu o pego e vejo o nome da escola. Sinto um buraco no estômago.

– Investigadora, posso atender a ligação? É da escola.

Ela assente secamente, e deslizo o dedo para atender.

– Alô?

– Sra. Cass? É a diretora McMillan. Acho que estamos com um problema.

Ela está com um problema? Ela deveria ver o que está acontecendo na minha casa.

– O que houve?

– Preciso que venha até aqui o mais rápido possível. Liam e outro aluno

trocaram socos no corredor. Os dois estão na minha sala.

Ah, meu Deus.

– O Liam tá bem? – pergunto.

– Ele está bem. – A voz dela fica um pouco mais suave. – Mas não toleramos brigas dentro da escola. Preciso que a senhora venha até aqui imediatamente.

Não sei como vou fazer isso, mas não posso dizer não à Sra. McMillan.

– Já estou a caminho.

Jason abaixou o mandado de busca e está me encarando. Os dois investigadores também. Queria muito não ter essa conversa na frente deles. O momento não poderia ser pior.

– O Liam brigou na escola – digo, tentando ignorar a maneira como Rivera está me olhando. – Preciso ir até lá para buscar ele.

– Meu Deus. – Jason franze a testa. – Tá. Eu… Eu fico aqui e você vai buscar o Liam.

Olho para a equipe atrás dos investigadores, as pessoas que vão revirar minha casa. Queria muito poder ficar. Não consigo lidar com Liam brigando na escola, além de tudo isso. Havia recebido muitas ligações por causa de Liam ao longo dos anos, mas nada comparado a isso. Ele nunca tinha feito nada violento.

Pego a bolsa, mas a investigadora Rivera me para.

– A senhora não pode levar o Toyota. Precisamos revistar o carro.

– Mas eu só vou… Eu já volto…

– Vai com o Prius, Erika. – Jason pega as chaves do carro dele do gancho na parede onde as guarda e as joga para mim. – Me manda uma mensagem depois de falar com a diretora, tá bem?

Faço que sim com a cabeça. Acho que vai ser melhor assim. Tenho a sensação de que essa não vai ser uma conversa rápida.

TRINTA E CINCO

ERIKA

Quando entro na escola, minha filha está me esperando na entrada. Tenho certeza de que ela deveria estar em sala, então presumo que esteja matando aula. Mas esse é o menor dos problemas no momento. Hannah está com os olhos vermelhos e o cabelo castanho-avermelhado todo bagunçado (ainda mais do que o habitual). Parece que alguém morreu.

– Mãe! – grita ela. E me abraça, algo que não fazia em público havia muito tempo. Embora, para ser honesta, aparentemente não haja mais ninguém na entrada. – Eu vi tudo. Não foi culpa do Liam.

Eu me afasto do abraço. É difícil acreditar que tudo que está acontecendo nesse momento não seja culpa dele.

– Tem certeza?

– Tenho! – Ela enxuga os olhos com as costas da mão. – O Tyler partiu pra cima dele do nada. O que o Liam podia fazer? Ficar lá parado enquanto Tyler dava uma surra nele?

– Por que o Tyler fez isso?

– Não é óbvio? – Hannah pisca, me lançando um olhar incrédulo. – Todo mundo acha que o Liam é o responsável pelo que aconteceu com a Olivia. Mas ele *não é*. Eu *sei* disso.

Não sei como Hannah pode ter certeza disso. Eu certamente não tenho nenhuma.

– O Tyler tá falando pra *todo mundo* que o Liam é um psicopata – diz Hannah. – O *Tyler* que deveria ser suspenso. A culpa não foi do Liam.

Tenho um mau pressentimento de que a Sra. McMillan não verá as coisas dessa forma. E, além do mais, Liam não pode continuar a frequentar a escola nesse momento. Está muito óbvio. Não até isso tudo passar.

– Vou ver o que posso fazer, Hannah – prometo a ela.

Não comento nada sobre os policiais que estão vasculhando os pertences do irmão dela na nossa casa neste exato momento. E sobre o meu carro. Não faz sentido deixá-la ainda mais chateada.

– Vou falar com a diretora agora. Mas você precisa voltar pra aula.

Só que Hannah claramente não tem intenção de voltar para a sala de aula. Ela me segue até a diretoria, e não a impeço. Está sendo difícil para ela também.

Quando entro na administração, Jessica Martinson já está lá. A última coisa que quero neste momento é ter uma conversa com Jessica, mas a porta da diretoria está fechada, então não tenho escolha a não ser me sentar ao lado dela e esperar. Ainda sinto o incômodo causado pela forma como ela me evitou na reunião da APM. Depois de todos esses anos, como ela foi capaz de fazer isso comigo?

– Oi, Erika – diz Jessica em um tom indecifrável. – Os meninos tiveram uma briga e tanto, né?

– Foi – respondo, vagamente.

Não menciono o fato de minha filha ter me contado que o filho dela, um troglodita jogador de futebol americano, atacou meu filho. De alguma maneira, suspeito que Liam vai levar a culpa por tudo isso.

– Garotos brigam, acho – comento.

Jessica dá um sorriso tenso.

– Pois é. Tenho certeza de que estão fazendo tempestade num copo d'água. Espero que eles recebam só uma advertência e pronto.

Sem chance. Eles brigaram dentro da escola. É impossível que não recebam uma punição severa. Mas aprecio o otimismo de Jessica.

A porta da diretoria se abre, e a Sra. Kristen McMillan aparece na entrada. Ela tem mais ou menos a minha idade, mas é muito mais alta, com um maxilar bem marcado e o cabelo penteado no formato de um capacete imóvel na altura dos ombros. A última vez que nos falamos foi durante a noite dos pais e mestres, quando ela me encontrou no corredor e me disse

como Liam tinha sido brilhante no último debate e como ele está a caminho de se tornar o orador da turma. Desta vez, ela não está sorrindo ao nos conduzir até sua sala.

Os dois rapazes estão sentados em frente à mesa dela. Tyler está largado na cadeira, segurando uma bolsa de gelo no rosto, e Liam está sentado ereto, olhando para a parede. Mas a cara dele também não está muito boa. Tyler deu um bom soco em sua maçã do rosto, que está vermelho-escura, a caminho de ficar preto-azulada. A camisa está rasgada e o cabelo escuro, normalmente arrumado, está despenteado. Ele parece um garoto que acabou de levar uma surra. Apesar de tudo, queria muito abraçá-lo.

Afinal de contas, é meu filho. Não importa o que aconteça.

– Dois professores precisaram separar a briga – conta a Sra. McMillan. – Foi uma das piores brigas que já vi em todo o meu tempo como diretora.

– A culpa foi dele. – Tyler afasta a bolsa de gelo do rosto, revelando um corte no lábio. – Foi ele quem começou.

– Não, não fui eu – diz Liam, calmamente. – Eu não fiz nada.

– Claro que você fez!

– Meninos, se acalmem! – A Sra. McMillan dá uma bronca nos dois.

Mas Tyler não vai ceder.

– Você começou quando matou a Olivia Mercer, seu psicopata. Todo mundo sabe que foi você!

Liam não responde. Apenas olha fixamente para a frente.

– Já chega – diz a Sra. McMillan com firmeza. – Tyler, não me importa quem começou. Vocês dois estavam envolvidos na briga.

– Ele mereceu. – Tyler quase cospe as palavras. – Isso e muito mais.

A Sra. McMillan encara os dois, semicerrando os olhos.

– Tyler, Liam, gostaria que vocês dois saíssem enquanto falo com as mães de vocês.

Liam obedece imediatamente, enquanto Tyler tenta protestar. Mas a Sra. McMillan pede que a secretária os acompanhe até o lado de fora e tome conta deles enquanto ela própria conversa com nós duas. Quando a porta se fecha, seus lábios formam uma linha reta e ela nos olha por cima da armação dos óculos.

– Obviamente, não existe justificativa para esse tipo de comportamento – diz a Sra. McMillan. – Brigas não são toleradas. Não podemos permitir que um episódio como esse se repita.

– Com certeza – diz Jessica. – Peço desculpas pelo comportamento do Tyler. Ele só está… mexido.

Fico calada, como meu filho fez.

– O Tyler vai ser suspenso por uma semana – declara a Sra. McMillan. Ela olha para mim e hesita. – O Liam vai receber um dia de suspensão.

Há uma semana, eu estaria preocupada com a forma como isso afetaria as inscrições de Liam para as universidades. Agora não estou nem aí. Ela poderia muito bem tê-lo suspendido por uma semana. Não posso mandá-lo de volta para a escola depois disso.

Mas Jessica está absolutamente furiosa. Uma mancha cor-de-rosa se forma em cada uma de suas bochechas.

– Uma *semana*? Por que o Tyler é suspenso por uma semana e o Liam, só por um dia?

– Em primeiro lugar – explica a Sra. McMillan –, esta é a segunda ocorrência do Tyler. Eu disse pra senhora, depois que ele se envolveu naquela briga no ano passado, que isso não poderia acontecer outra vez. Além disso, várias testemunhas confirmaram que o seu filho puxou a briga. O Liam tem um histórico impecável. Ele é um aluno nota 10.

– Mas ele é maluco! – dispara Jessica. Ela olha para mim e rapidamente desvia o olhar. – Desculpa, mas esse é o elefante branco na sala. O Liam é *maluco*. Ele sequestrou aquela menina e provavelmente vai matar ela. O Tyler só estava chateado com isso.

Encaro minha ex-amiga, chocada por ela ter dito isso. Mesmo quando Tyler e Liam deixaram de ser amigos, ela nunca disse uma palavra negativa sobre Liam.

– Desculpa, Erika – diz. – Mas você sabe que é verdade. O Liam tem sérios problemas mentais. Ele e o Tyler não são mais amigos porque o Tyler ficava com medo quando o Liam ia pra nossa casa. *Eu* ficava com medo. – Ela cerra os dentes. – Ele precisa de terapia. Melhor ainda, de internação.

– Sra. Martinson! – exclama a Sra. McMillan. – Eu sei que a senhora está aborrecida, mas, por favor. Isso é desnecessário.

Olho para minhas mãos. Não sei o que dizer. Quero defender meu filho, mas a verdade é que concordo com Jessica. Mas, antes que ela possa dizer mais uma palavra, ouvimos gritos do lado de fora da sala. A Sra. McMillan se levanta, e nós a seguimos. O que foi *agora*?

Liam e Tyler ainda estão sentados do lado de fora, mas outra garota se

juntou a eles. O cabelo loiro-escuro está solto ao redor do rosto rechonchudo e lágrimas escorrem pelo rosto. Ela está apontando para eles, com a mão trêmula.

– Cadê ela, seu babaca? – grita ela para Liam. – Fala o que você fez com a Olivia!

– Madison! – dispara a Sra. McMillan. – Por favor, se acalme agora mesmo!

As mãos da garota se fecham em punhos e fico com medo de que ela vá atacar Liam. Mas, em vez disso, ela bate o pé no chão.

– Foi ele! Esse desgraçado fez alguma coisa com a minha melhor amiga. E olha só pra ele! Ele não dá a mínima!

Olho para Liam, que assiste ao escândalo de Madison sem nenhuma expressão no rosto. Ele não disse uma palavra em protesto. Apenas a encara como se ela fosse um inseto rastejando na parede. Como se realmente não se importasse.

Acabam tendo que chamar o segurança da escola para levar Madison embora, porque ela não para de gritar com Liam. A Sra. McMillan me chama em um canto, com um olhar preocupado.

– Talvez seja melhor para o Liam ficar em casa até que isso passe.

– Sim – murmuro. – Estava pensando a mesma coisa.

Ela franze a testa.

– O Liam é um bom menino. É terrível que ele tenha se envolvido nessa tragédia.

Dá para ver que a Sra. McMillan foi encantada com sucesso pelo meu filho. Durante seus aproximadamente dois anos no ensino médio, ele tem se comportado muito bem. Não houve nenhum incidente durante esse período. O último, de fato, foi o que envolveu o tal professor de inglês da oitava série. Não gosto nem de pensar nisso. Mas a Sra. McMillan claramente não sabe sobre o Sr. Young. Ela só vê o que Liam permite que ela veja.

– Boa sorte – diz ela para mim.

TRINTA E SEIS

Transcrição do depoimento de Tyler Martinson na delegacia

– Tyler, há quanto tempo você conhece Liam Cass?

– Séculos. Sei lá, desde a primeira série.

– E vocês eram amigos?

– Melhores amigos, na verdade. Eu vivia na casa dele, e ele na minha. Éramos muito próximos.

– E qual era sua opinião sobre ele naquela época?

– Bem, ele era meu melhor amigo. Então é óbvio que eu gostava dele. Ele era legal. Mas tinha um lado meio sombrio, se é que você me entende.

– Como assim?

– Ele sabia como ninguém manipular as pessoas pra conseguir o que queria. Principalmente os professores. Ele deixava de fazer o dever de casa e nunca se metia em confusão. Eu não conseguia sair impune de *nada*.

– E o que os outros alunos achavam dele?

– Gostavam dele também. Principalmente as meninas. Todas elas eram, tipo, *apaixonadas* por ele. Era muito irritante. Mas o Liam só achava engraçado.

– Você tinha inveja dele?

– Eu? Não. Assim, eu não ligava muito pra garotas naquela época. Agora é mais irritante. Todas elas amam o Liam. Ele é tipo o Ted Bundy. Não era ele o assassino em série que as mulheres amavam tanto?

– Você disse que o Liam manipulava as pessoas. Como ele fazia isso?

– Por exemplo, na quarta série, tinha uma fazenda de minhocas na sala de aula. O Liam sugeriu que jogássemos a fazenda no chão e esmagássemos todas as minhocas. Esse era o tipo de coisa que ele achava divertido. E eu fui no embalo porque… Sei lá. Também achava divertido, acho. Enfim, na nossa turma tinha um garoto chamado Michael. Ninguém gostava do Michael, porque ele era nojento, gordo e vivia com o dedo no nariz. Mas o Liam chamou ele pra vir junto, e o Michael ficou todo feliz. Só que era tudo um truque, sabe? Porque o único motivo pelo qual o Liam queria que ele fosse era pra que o Michael levasse a culpa pelo que a gente fez. E deu certo. O Liam falou pra professora que o Michael fez tudo sozinho, e ela acreditou nele. E o Michael nem sequer dedurou a gente, provavelmente porque esperava que continuássemos amigos dele depois. Mas isso não aconteceu.

– Você se sentiu mal com isso?

– Não. Quer dizer, não na época. Mas, olhando pra trás, sim, foi uma coisa horrível de se fazer com o Michael. Mas a ideia foi do Liam.

– Em que momento você deixou de ser amigo do Liam?

– Humm, acho que deve ter sido na sexta série.

– Algum motivo específico?

– Ah, sim. O Liam foi até a minha casa com um esquilo preso dentro de um pote de vidro. Ele tinha feito uns furos na tampa pro bicho poder respirar. E disse que queria cortar a circulação de ar e ficar assistindo pelo vidro enquanto o esquilo sufocava.

– …

– Aham, pois é. Eu fiquei apavorado e falei pra ele que não queria fazer isso. Ele tentou me convencer, mas eu recusei e disse que ele era um esquisito. Aí ele ficou irritado e foi embora.

– Você contou isso pra alguém?

– Contei pra minha mãe, porque queria garantir que ele nunca mais voltasse na minha casa.

– O que ela falou?

– Não pareceu muito surpresa. Só me disse pra ficar longe dele.

– Você comentou anteriormente que houve outra interação com o Liam bastante perturbadora pra você.

– Sim. Foi no ano passado.

– O que aconteceu?

– Então, a irmã do Liam… sabe, a Hannah… é a maior pentelha. Ela ficou irritadinha comigo por algum motivo e contou pra ele, imagino. Aí ele achou que podia tirar satisfação, ou sei lá. Mas eu não tinha feito nada de errado.

– O que ele fez?

– Tinha um gato de rua que costumava rondar a nossa casa. A minha irmã costumava dar comida pra ele, então ele sempre voltava. Eu não dava a mínima. Nunca alimentei o gato, tipo, não é minha responsabilidade alimentar a porcaria de um gato de rua. E, às vezes, ele ficava bem na frente da porta, então eu precisava enxotar ele pra passar. Enfim. Um dia, cheguei em casa da escola e o gato burro estava na minha cama. Dá pra imaginar? Achei que a Emma tivesse deixado ele entrar. Mas, quando tentei expulsar ele, o bicho não se mexeu. Então, quando fui pegar ele no colo pra tirar ele de lá…

– Sim?

– As entranhas dele caíram.

– …

– Nossa, estou me sentindo mal só de lembrar. Alguém abriu a barriga dele e, quando eu levantei o gato… BUM, tripas pela cama toda!

– Isso deve ter sido muito perturbador.

– Cacete, foi muito. Ah, desculpa. Posso falar isso?

– Falar o quê?

– Cacete. Porque é, tipo, um palavrão.

– Tudo bem. E o que você fez depois?

– Contei pros meus pais. E falei pra eles que achava que tinha sido o Liam. Mas eles perguntaram se eu tinha alguma prova, e eu não tinha. Então não fizemos nada. Minha mãe só disse pra eu ficar longe dele e da família dele.

– E essa foi sua última interação mais séria com o Liam?

– Aham. Bem, se a gente não contar a surra que dei nele no outro dia.

– Tyler, como você conheceu Olivia Mercer?

– Ah, da vida. Ela era do mesmo ano que eu. E era amiga da Madison Connor, que namora meu amigo Aidan.

– Vocês eram amigos?

– Sei lá. Mais ou menos.

– Você já convidou a Olivia pra sair?

– Não…

– Alguns dos seus amigos do time de futebol disseram que você convidou ela pra sair. E ela recusou o convite.

– Não foi… Não foi nada disso que aconteceu. Alguns de nós estávamos saindo pra comer hambúrguer, e eu simplesmente chamei ela pra ir junto. Nada de mais. E ela estava ocupada no dia.

– Você ficou incomodado quando viu a Olivia saindo com o Liam?

– Claro que não. Ela nem é tão gata assim. Ela pode sair com quem quiser. Com o Liam, com metade do time de futebol, não dou a mínima.

– Então você não ficou com ciúme?

– Mas que… Achei que estávamos falando do *Liam*. O Liam que é o maluco.

– Tyler, quantas vezes você foi suspenso por conta de brigas?

– Meu Deus do céu, só duas vezes. É muito?

– É mais do que qualquer um de seus colegas.

– É, mas… A primeira vez não foi minha culpa. O cara roubou minha namorada. Isso não se faz.

– Mas você deu o primeiro soco.

– É. Dei. Mas…

– E foi você quem deu o primeiro soco no Liam no corredor. Não foi?

– Tá. Foi. Olha, eu tava com raiva do Liam porque acho que ele matou a Olivia. Esse é o motivo… Eu não sou doido feito ele. Sim, nós éramos amigos. Mas depois que percebi como ele era, deixamos de ser. Eu não sou igual a ele. E definitivamente não fiz nada com a Olivia.

TRINTA E SETE

ERIKA

Jason me manda uma mensagem dizendo que a polícia ainda está revistando a casa, então levo as crianças para almoçar no McDonald's. Quero avisar o Liam sobre o que está acontecendo, mas não sei bem como contar para ele.

Hannah reclama do cardápio do McDonald's, alegando que vai arruinar sua dieta. Em seguida, pede um cheesebúrguer duplo com bacon e batata frita grande. Liam diz que não está com fome, mas, com relutância, pede um Big Mac com Coca-Cola. Também não estou com muito apetite, mas escolho algo aleatoriamente no cardápio. Precisamos comer.

Hannah é a única que consegue comer alguma coisa. Enfia batatas fritas na boca de forma distraída, quase automática. Liam encara o hambúrguer. Sua bochecha direita parece pior do que na sala da Sra. McMillan. Só posso imaginar quão feio vai ficar amanhã.

– Quer que eu pegue um pouco de gelo pro seu rosto? – pergunto.

– Não.

– Vai ficar pior se não colocar gelo.

– Não ligo. – Ele olha para o hambúrguer com uma cara de nojo. – Mãe, eu tô sem fome. Posso ir pro carro?

Não sei exatamente o porquê, mas tenho a impressão de que não devo perder Liam de vista neste momento.

– Não. Vamos ficar todos aqui.

– Mas, mãe…

– Você não precisa comer, mas precisa ficar aqui.

– Tá.

Liam afunda na cadeira, emburrado. Uau, ele está agindo feito um adolescente de verdade agora. Hannah é especialista em fechar a cara quando dizemos a ela o que fazer, mas Liam sempre aceitou tudo sem discutir.

– Além disso – acrescento –, tem uma coisa que você precisa saber.

Liam ergue os olhos.

– A polícia está na nossa casa neste momento. Estão revistando a casa e o carro.

Hannah larga o cheesebúrguer, com os olhos esbugalhados.

– *Como é que é?* Eles não precisam de um mandado ou algo assim pra poder fazer isso?

Assinto.

– Precisam. E eles têm um mandado. – Olho para Liam outra vez. – Eles também querem o seu celular. E, só pra você saber, eles vão conseguir ler tudo que você apagou.

Ele fica quieto por um instante, brincando com a embalagem do sanduíche.

– Tudo bem.

– Isso é muito ruim, Liam?

Antes que Liam possa se manifestar, Hannah diz:

– O Liam não fez nada. Então eles não vão encontrar nada incriminatório.

Não tenho tanta certeza disso. Mas Liam não revela nada em sua expressão. Tenho a sensação de que meus filhos têm conversado sobre o assunto.

Às vezes fico pensando que tipo de coisas Liam diz a Hannah. Ele confia nela de um jeito que não confia nem em mim, nem no Jason. Queria muito ser uma mosquinha para saber.

– Hoje à tarde vamos falar com o advogado que seu pai contratou – digo. – Ele vai dizer pra gente o que deve acontecer a partir de agora.

Eu me forço a engolir a salada. Não tenho apetite, mas preciso comer para poder encarar o que está por vir.

TRINTA E OITO

OLIVIA

Fiz o inventário dos itens da sacola.

Ele me deixou duas garrafas plásticas de água, quatro fatias de pão, duas maçãs e uma barra de cereais. Se ele voltar em um dia, vai ficar tudo bem. Mas ele comentou que não tinha certeza de quando conseguiria voltar aqui. Então quanto tempo essa comida vai ter que durar? Dois dias? Três? Uma *semana*?

Ele podia ter me trazido mais comida. Fez isso de propósito. Talvez para ter certeza de que eu fique fraca o suficiente a ponto de não conseguir lutar com ele nem escapar. Como se estar mergulhada na escuridão 24 horas por dia não fosse ruim o bastante.

Separei os cantos do pequeno espaço conforme suas variadas finalidades. Um canto é o da Phoebe. Não vou encostar nela de jeito nenhum. O segundo é para fazer minhas necessidades. Consegui segurar por muitas horas, mas é impossível ir contra a natureza. É claro que isso não está colaborando em nada com o cheiro de um buraco úmido como esse. O terceiro canto é para a comida. E o quarto é para eu me sentar ou dormir. Surpreendentemente, consegui dormir ontem à noite, embora tenha sido um sono fragmentado e intercalado com pesadelos.

Acordei soluçando. Só consigo pensar na minha casa. Em quanto quero voltar para lá. Em quanto quero minha mãe.

Preciso encontrar uma maneira de sair daqui.

Nesse meio-tempo, dividi a comida em porções. Estou me permitindo uma fatia de pão por dia, meia maçã e meia garrafa de água. Já comi a barra de cereais (não consegui me conter), mas o restante precisa durar vários dias. Não é nem de longe suficiente, mas vai ser o bastante para sobreviver. Enquanto eu não conseguir sair daqui.

Venho trabalhando em um plano.

Se ele cavou esse buraco, isso aconteceu quando o solo estava mais quente e maleável. E imagino que ele tivesse uma pá. Mas eu consigo fazer um buraco no chão com os dedos. Se raspar com força suficiente, ele se solta. Meu plano é cavar o bastante para formar um monte de terra no qual eu possa subir para alcançar o alçapão acima de mim. E, depois que chegar lá, quem sabe eu consiga dar um jeito de quebrar a tranca.

Ele nunca vai me deixar sair daqui. Vi a expressão em seus olhos ontem à noite. Ele é *doido*. Quer me manter aqui, sei lá por quê. Isso significa que, se eu quiser sair, vou ter que fazer isso sozinha. Não posso contar com a polícia para me salvar.

Vou sair daqui. Nem que seja a última coisa que eu faça.

TRINTA E NOVE

ERIKA

Jason me manda uma mensagem dizendo que a polícia está quase terminando, mas ainda precisa do celular de Liam, então coloco as crianças no carro e volto para casa. Eles ficam assustados com a quantidade de viaturas de polícia. Não consigo nem imaginar o que os vizinhos estão pensando. Mas, se estiverem lendo os jornais locais, provavelmente têm um palpite.

A investigadora Rivera está conversando com Jason quando abro a porta. Ela olha para o rosto machucado de Liam.

– O que aconteceu?

– Foi só uma briga na escola – digo.

Odeio o fato de ela vê-lo desse jeito. Liam nunca se envolveu em uma briga na vida. Não é um garoto violento. Ao menos, não do jeito que Tyler é.

– Liam, vou precisar do seu celular – diz Rivera.

Liam tira o aparelho do bolso e entrega a ela sem discutir.

– Não preciso nem dizer que você não pode sair da cidade sem nos avisar – acrescenta ela. – Entraremos em contato se descobrirmos qualquer coisa.

Dito isso, ela vai embora, deixando minha família em paz outra vez. Examino a sala de estar, que não parece ter sido muito mexida. Fico imaginando o que eles fizeram aqui todo esse tempo.

– Eles fuçaram mais o quarto do Liam – explica Jason, como se estivesse lendo meus pensamentos. – E o carro. Passaram uma eternidade mexendo no seu carro.

– Vamos nos encontrar com o advogado? – pergunto.

Ele assente.

– Isso, consegui um encaixe para daqui a uma hora. – Ele olha Liam de cima a baixo, para a camisa rasgada e o rosto machucado. – É melhor você trocar de roupa.

Liam assente e sobe as escadas. Hannah também vai para o quarto, deixando Jason e eu sozinhos na sala. Jason olha para a escada e abaixa a voz:

– O advogado tem um contato no departamento de polícia – murmura ele. – Ele disse que estão perto de emitir um mandado de prisão. Eles esperam encontrar alguma coisa aqui hoje que encerre o caso de vez.

Afasto o enjoo que se forma em meu estômago. Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo. Não consigo acreditar que exista uma boa possibilidade de Liam estar prestes a ser preso.

– Mas eles não vão encontrar nada – diz ele.

Gostaria muito de acreditar na inocência de Liam como Jason acredita.

• • •

Nosso advogado se chama John Landon. Ele parece competente. É alto, tem cabelos grisalhos volumosos e usa um terno que parece bastante caro. Nem perguntei a Jason quanto esse cara vai nos custar. Não quero saber. Mas sei quanto advogados cobram e, se esse cara for bom, provavelmente está nos cobrando um dinheirão.

Liam se senta entre nós, diante da mesa de mogno de Landon. Como era de se esperar, seu rosto está ainda pior do que no começo do dia. Ele vai ficar com um baita olho roxo. Vai ser o primeiro de sua vida. Ele nunca precisou de pontos nem teve um osso quebrado antes.

– O que aconteceu com o seu olho? – pergunta Landon.

– Esbarrei no punho de um garoto – responde Liam.

Jason balança a cabeça.

– Tem alguns garotos perturbando o Liam na escola. Eles acham que ele

é culpado.

– Quem? – pergunta Landon.

Liam baixa os olhos.

– Todo mundo.

Landon assente, nada surpreso.

– Receio que isso vá piorar antes de melhorar. Acabei de falar com meu contato no departamento de polícia e parece que eles encontraram algo durante a busca.

Todos os pelos dos meus braços ficam arrepiados.

– O que eles encontraram?

Landon abre os braços.

– Ainda não sei. Mas é algo sério, pelo visto. Me disseram que podemos esperar uma prisão nas próximas 24 horas.

O rosto de Liam fica pálido.

– Você tá querendo dizer que eles vão me colocar na *cadeia*?

Sempre considerei Liam um garoto capaz de lidar com qualquer coisa. Na maioria das vezes, nada o abala. Mesmo quando foi expulso do jardim de infância, vários anos atrás, ele não pareceu muito incomodado com isso. Mas, neste momento, ele parece absolutamente apavorado. Não o julgo. Também estaria apavorada em seu lugar. Estou apavorada *por* ele.

– Receio que sim – diz Landon. – Mas espero que, levando em conta a sua idade e o fato de você não ter antecedentes, exista a opção de pagar fiança. Eles estão dando um peso desproporcional à reclamação de um sujeito chamado Richard Young… Um professor que o Liam teve.

Liam parece que vai vomitar. É claro que todos nos lembramos de Richard Young. Foi a primeira vez que a polícia apareceu na nossa porta, e eu pensei que havia uma chance razoável de Liam ir parar na cadeia. Mas não deu em nada. O que Young alegou que Liam fez foi absolutamente terrível, mas ele não tinha provas.

Mas eu nunca tive certeza.

– Você sabe do que o Sr. Young o acusou? – pergunta Jason.

– Sim, eu sei.

– Então você reconhece que foi completamente desproporcional. – Jason cruza os braços. – Esse cara é totalmente paranoico. Quer dizer, o Liam só tinha 13 anos na época. Dá pra imaginar? Não tem como ele ter…

Landon olha para Liam por alguns segundos. Nós o obrigamos a vestir

uma camisa social e uma calça mais arrumada antes da visita e, tirando o hematoma no rosto, está bonito e bem-apessoado como sempre.

– Não, eu concordo. Parece improvável.

Solto um suspiro.

Landon cruza as mãos à sua frente e concentra o olhar no meu filho.

– Liam, eu só vou te perguntar isso uma vez. Você sabe o que aconteceu com Olivia Mercer?

Liam olha para mim e depois para Jason.

– Não – responde ele.

Landon ergue uma sobrancelha.

– Você deve saber que tudo que me disser fica nesta sala. Saber toda a verdade vai me ajudar a te defender. Não gosto de surpresas.

– Eu não sei o que aconteceu com ela – insiste Liam.

Observo meu filho proclamar sua inocência. Quando as palavras saem de sua boca, tenho a forte sensação de que ele está mentindo. Mas, em compensação, ele está sempre mentindo. Nada do que ele diz tem qualquer base na realidade. Dá vontade de agarrar os ombros dele e sacudi-lo.

Landon reflete. Fico imaginando se está pensando a mesma coisa que eu.

– Sr. e Sra. Cass, posso falar com o Liam a sós?

Jason franze a testa.

– Por quê?

– Porque o meu cliente é o *Liam*. Não vocês dois. E o privilégio advogado-cliente não se aplica a vocês. Se ele for acusado, é quase certo que será julgado como um adulto. Portanto, acho que devemos tratar o Liam como um adulto.

– Tudo bem por você, Liam? – pergunto gentilmente.

Coloco a mão em seu ombro, mesmo sabendo que ele não gosta de ser tocado. Não que ele reclame quando sou carinhosa, mas nunca me pediu abraços como Hannah costumava fazer. Ele simplesmente não se importava. Nunca precisou de afeto físico como as outras crianças.

– Tudo bem – responde Liam.

Mesmo que isso acabe comigo, deixamos Liam na sala com Landon. Jason está tão descontente quanto eu. Enquanto estamos sentados na recepção, ele não consegue tirar os olhos da porta fechada.

– O que você acha que eles estão falando lá dentro?

– Não sei.

Olho ao redor da pequena sala de espera de Landon – para a atraente secretária loira e para as poucas pessoas que ocupam os lugares à nossa frente. Landon é criminalista, portanto, presumivelmente, todos aqui foram acusados de cometer algum crime. A mulher à minha frente tem mais ou menos a minha idade, óculos de professora e o cabelo preso em um coque. Eu a vejo folhear um exemplar de uma revista sobre boa gestão do lar.

Que crime essa mulher pode ter cometido? Ela parece alguém com quem eu esbarraria em um evento da APM.

No entanto, se há uma coisa que aprendi nos últimos dezesseis anos, é que as aparências enganam.

Jason batuca o pé direito no tapete, dando uma olhadinha para trás, em direção à porta fechada da sala de Landon.

– Não acredito que estejam falando daquela palhaçada envolvendo o professor de inglês – murmura ele. – Se é só isso que eles têm, estão procurando pelo em ovo.

– Foi muito grave, Jason. O Liam teve muita sorte de não ter sido processado.

– Processado? Ele não fez nada!

Não sei o que dizer. Provavelmente deveria concordar, mas não consigo.

– Se ele realmente fez aquilo… – Ele ajeita os óculos no nariz. – Erika, nosso filho não é um monstro.

Posso ver nos olhos do meu marido que ele está falando sério. Fico imaginando o que eles encontraram de tão significativo na nossa casa e se isso vai ser suficiente para fazer Jason mudar de ideia.

QUARENTA

Transcrição do depoimento de Richard Young na delegacia

– O senhor disse que foi professor de inglês de Liam Cass?

– Isso mesmo.

– E quando foi isso?

– Uns três anos atrás. Ele estava na oitava série.

– E qual era sua opinião sobre ele?

– Sinceramente?

– Claro.

– Eu odiava ele. Fico péssimo de dizer isso, porque que tipo de professor odeia um de seus alunos? Mas havia algo no Liam que não me agradou logo de cara. E preciso dizer que era o único que tinha essa opinião. De modo geral, todos os professores adoravam ele. Alunos dessa faixa etária não são fáceis, mas o Liam parecia ser um bom garoto… O tipo que todo professor quer ter em sua turma. Era obviamente muito inteligente, bem-comportado em sala e sempre entregava as tarefas no prazo.

– Mas o senhor não gostava dele?

– Ele simplesmente me incomodava… Nem sei dizer por quê. Tinha algo nele que era muito forçado. E também…

– Sim?

– Eu tenho uma filha. Ela tem a idade do Liam e fez algumas matérias com ele. Algumas vezes, eu vi os dois conversando no corredor e isso me

tirou do sério. Minha esposa disse que eu estava exagerando, mas, dadas as circunstâncias atuais, parece que a minha reação fazia sentido.

– O senhor fez alguma coisa na época?

– …

– Sr. Young?

– Não tenho orgulho disso…

– É importante ser honesto neste momento. A vida de uma garota pode estar em jogo.

– Está bem. Um dia, depois da aula, chamei o Liam num canto e disse para ele ficar bem longe da minha filha.

– Ele obedeceu?

– Não. Ele não obedeceu. Na verdade, começou a demonstrar mais interesse nela depois disso. Bem quando sabia que eu estava vendo. Como se estivesse me provocando.

– Pois é, essa é uma maneira bem comum de um adolescente reagir à autoridade.

– Também não me orgulho de dizer que descarreguei minha frustração nas notas dele. Minha matéria é muito subjetiva, e comecei a pesar a mão nas avaliações dele. Liam passou de média 9 para 7.

– Ele fez alguma coisa a respeito disso?

– Ele reclamou. Mas eu me recusei a mudar as notas. Também disse à Lily, minha filha, que ela ficaria de castigo se voltasse a falar com ele.

– E como isso se desenrolou?

– No início, achei que tinha sido bem-sucedido. A Lily parou de falar com o Liam, e ele simplesmente teve que engolir as notas baixas. Achei que estivesse tudo resolvido.

– Mas não estava?

– Obviamente, não posso provar que o Liam fez nada comigo.

– O que o senhor *acha* que ele fez?

– Era um sábado à noite, por volta das duas da manhã. Minha esposa e eu estávamos dormindo profundamente e de repente nossa cadela subiu na cama. Ela vomitou a cama inteira e acordou a gente. Mas, quando abri os olhos, não conseguia pensar direito, e minha esposa e eu nos demos conta de que estávamos os dois com uma dor de cabeça muito forte. Liguei para a emergência e fui até o quarto da Lily para ver como ela estava. Não consegui acordar ela de jeito nenhum. Depois, desmaiei no quarto dela.

– O que aconteceu?

– Envenenamento por monóxido de carbono.

– Mas a sua família se recuperou?

– Sim, graças à minha cadela. Passamos vários dias no hospital, mas ficamos bem. Mas, se a Daisy não tivesse nos acordado, estaríamos mortos pela manhã. Nós três.

– E descobriram como isso aconteceu?

– Havia uma rachadura no aquecedor. Em tese, esse tipo de coisa pode acontecer, mas nossa casa é relativamente nova. Foi, no mínimo, suspeito.

– O senhor não tinha um detector de monóxido de carbono?

– Sim. Também teve isso. O detector estava desconectado.

– Isso é um pouco suspeito.

– Exatamente.

– O senhor suspeitou de Liam Cass?

– Não. Não no começo. Digo, eu não gostava do garoto, mas ele só tinha 13 anos. Eu achava que ele nem sabia o que era monóxido de carbono.

– O que fez o senhor suspeitar dele, então?

– Um vizinho falou pra mim e pra polícia que viu um garoto rondando a casa pouco antes do ocorrido. Encontrei uma foto do Liam nos registros escolares e confirmaram que era ele.

– A polícia investigou?

– Eles interrogaram o Liam, mas aparentemente ele tinha um amigo que morava no mesmo bairro que eu, então essa foi a desculpa dele para estar lá. Não tinha nenhuma outra evidência de que ele tivesse feito algo. Se ele entrou na minha casa, não deixou nenhum rastro.

– Mas o senhor acha que foi ele?

– Sem dúvida.

– Então ele se safou?

– Com certeza.

– O senhor fez mais alguma coisa?

– Teve uma coisa que eu fiz, sim.

– O quê?

– Dei um 10 pro garoto em inglês. Não vale a pena morrer por determinadas coisas.

QUARENTA E UM

ERIKA

Liam praticamente não falou no trajeto para casa. Tentei algumas vezes fazê-lo falar, mas ele estava monossilábico. Eu queria saber o que Landon disse a ele quando estavam sozinhos. Ou, mais importante ainda, o que ele disse a Landon. Será que contou a verdade para o advogado?

É um alívio encontrar Hannah no quarto ao chegarmos em casa, exatamente onde a deixamos. Depois da forma como Olivia Mercer desapareceu, quase senti medo de que Hannah também tivesse sumido. Mas, é claro, por que isso iria acontecer? O monstro estava no nosso carro.

Assim que entro no meu quarto, procuro o calmante no armário de remédios. Nunca precisei dele tanto quanto agora. É demais para mim. Meu filho sendo preso? Não é algo que se encontra em muitos livros de maternidade.

Droga, cadê meu remédio?

Não está no armário. Vasculho em meio a frascos de analgésicos, anti-inflamatórios e antialérgicos, pomada antibiótica, creme antifúngico, loção facial, loção para as mãos, antibióticos vencidos… *Meu Deus, por que temos tanta porcaria nesse armário?* Mas nada do calmante.

Então me dou conta. Meti o frasco na gaveta da minha mesa de cabeceira da última vez que tomei. Queria que estivessem ao lado da cama para facilitar o acesso na próxima vez que acordasse suando frio.

Vou diretamente até a mesinha e abro a gaveta. O frasco de comprimidos rola para a frente e sinto uma pontada de alívio. Pego o frasco, tiro a tampa e coloco um na boca. Engulo sem água.

Outra coisa chama minha atenção dentro da gaveta. Em um primeiro momento, acho que é uma foto de Liam, mas então percebo que é a foto do meu pai. A mesma que sempre guardo na mesa de cabeceira, para nunca me esquecer dele.

É claro que eu a coloquei ali antes de saber quem ele realmente era. O que ele fez.

Pego a foto para olhar melhor. Meu pai parece ter 20 e poucos anos, cerca de dez a mais do que Liam, mas, caramba, eles são muito parecidos. Olhar para a fotografia é como olhar para uma máquina do tempo que mostra meu filho no futuro. O mesmo cabelo, os mesmos olhos, o mesmo sorriso torto, a mesma estrutura física. É assombroso.

Só posso imaginar o que mais Liam herdou desse homem.

Não me lembro muito do meu pai. Tenho uma vaga lembrança de segurar sua mão imensa enquanto ele caminhava comigo pela rua. Também me lembro de quando apareceu um camundongo na nossa casa e meu pai colocou uma armadilha para pegá-lo. Ele me mostrou a armadilha, a cauda do camundongo capturada pela barra de metal, enquanto o bichinho grunhia de aflição. Ele riu quando me encolhi atrás das pernas da minha mãe. Essa é uma de minhas primeiras lembranças.

Sempre a vi como uma demonstração do cuidado do meu pai com a família, ele tendo resolvido o problema dos roedores. Agora, porém, fico pensando se havia outra coisa por trás disso. Será que ao torturar aquele ratinho ele estava se divertindo da mesma forma que Liam ao matar os hamsters de fome?

Antes, quando olhava para essa fotografia, sentia uma onda de afeto por esse homem que nunca viu a filha crescer. Agora, sinto algo muito diferente. Jason e eu tentamos fazer tudo certo como pais, mas não conseguimos mudar nosso filho. Havia algo errado com ele, algo inato. Algo em seus genes.

Afinal de contas, Liam é neto de um assassino.

Pego o celular e digito o número da minha mãe. Ela atende após o segundo toque.

– Ah, Erika, graças a Deus. Estava com medo de você nunca mais falar

comigo.

Ela não faz ideia do que passamos com Liam nas últimas 24 horas. Qualquer ressentimento que eu possa ter sentido por ela ter guardado um segredo de mim ficou em segundo plano diante de todo o resto.

– Você fez o que achava certo. Não posso ficar com raiva de você por isso.

– Só fiz isso pra te proteger. Porque te amo.

Ela estava me protegendo porque me ama. Da mesma forma que quero proteger o Liam, ainda que ele não mereça. Ainda que não me ame. Ainda que não seja capaz disso.

– Mãe, posso te perguntar uma coisa?

– Claro, meu bem. O que é?

– Como era o meu pai?

– O quê… O que você quer dizer?

– A personalidade dele. Como ele era?

– Ah. – Ela hesita. – Bem, ele era… muito charmoso. Como você pode imaginar. Todas as mulheres adoravam ele. Acho que o Liam puxou a ele. Você não acha?

Acho que o Liam puxou a ele além da aparência. Ao menos, tenho medo de que sim.

– Você diria que ele era… manipulador?

A risada da minha mãe parece falsa.

– Ele me manipulou pra que eu me casasse com ele, disso não tenho dúvida. Foi… Bem, não foi um erro, porque eu tive você. Mas ele não era um bom marido, mesmo antes.

– Por que não?

– Ele era muito egocêntrico. Não estava de fato pronto pra sossegar. Não era o tipo de homem que queria passar o sábado à noite assistindo à televisão. Ele sempre queria sair pra fazer alguma coisa. E, quando tivemos você, isso só piorou.

Respiro fundo.

– Ele era cruel com você?

Ela fica em silêncio por um momento.

– É, ele com certeza era capaz de ser cruel. Muito. – Ela suspira. – Ele simplesmente não era uma boa pessoa, Erika. Provavelmente, a melhor coisa que aconteceu foi ele ter saído da nossa vida. Ele não teria sido um bom pai.

Olho para a fotografia que tenho na mão. Minha mãe respondeu a algumas de minhas perguntas, mas tenho mais. Fico com a sensação de que a única maneira de entender meu filho é entendendo meu pai.

E só há uma maneira de fazer isso.

– Obrigada, mãe. Preciso desligar.

– Você tá bem, Erika? Estou te achando estranha.

– Eu tô bem, sim.

– A garota já foi encontrada? Que tragédia.

– Preciso mesmo desligar, mãe – digo, engasgada.

Desligo o telefone antes que minha mãe possa perguntar mais uma vez se estou bem. Não estou. Não sei se algum dia as coisas vão ficar bem de novo.

Fico olhando para o celular por um momento. Estou um pouco mais calma. Deve ser por causa do remédio.

Dou uma olhada na lista de chamadas dos últimos dias. Seleciono o número de Frank Marino na lista antes que acabe me acovardando. Tenho um novo trabalho para Frank.

Depois de cinco toques, quando já estava prestes a desistir, ele atende.

– Erika! O que está havendo? Sua cidadezinha está em todos os jornais.

– Aham.

Engulo em seco. Frank não mencionou Liam, o que significa que o nome do meu filho não está no noticiário. Obviamente, como ele é menor de idade, a mídia não pode citá-lo. Mas tenho a impressão de que, se ele for preso, tudo vai acabar vindo à tona. A mídia não pode mencionar o nome de Liam, mas a informação pode ir parar no Twitter ou ser compartilhada no Facebook. Ou o que quer que as pessoas façam no Instagram.

– Frank, preciso que encontre uma pessoa pra mim.

– Encontrar uma pessoa?

– Sim, tipo, onde ela mora. Um endereço. – Respiro fundo. – O nome da pessoa é Marvin Holick.

– Tá…

– Só pra você saber – acrescento. – Ele é meu pai.

QUARENTA E DOIS

OLIVIA

Acho que ele não volta hoje à noite.

Meio que fico com medo de que ele nunca mais volte. Não que eu queira vê-lo – a ideia de vê-lo de novo me causa um mal-estar físico –, mas só me restam três fatias de pão, uma maçã e uma garrafa d'água. Estou fazendo o possível para não comer nem beber, mas minha garganta chega a doer de tão seca. Tudo que quero é tomar a garrafa inteira, mas sei que seria burrice.

E se ele não voltar pelos próximos dois ou três dias? E aí?

Se ele não voltar logo, eu vou morrer.

Não posso deixar que isso aconteça.

Estou avançando na construção do monte de terra. É difícil dizer o tamanho que ele precisa ter, pois não consigo ver onde está o alçapão com o estreito feixe de luz que passa por ele e desaparece completamente à noite. É muito complicado dizer em que altura está. Além disso, estou fazendo tudo basicamente às cegas. O buraco é um breu, não faz diferença se meus olhos estão abertos ou fechados.

E estou muito fraca. A única coisa que tenho vontade de fazer é me deitar no chão e dormir. Seria fácil fazer isso. Deixar que a fome e a desidratação me levassem.

Toda vez que sinto isso, penso nos meus pais. Meus amigos. Meu quarto. Mas não posso pensar muito nessas coisas, senão começo a chorar.

Tenho usado os dedos para escavar, e agora eles estão doloridos e em carne viva. Não consigo ver a aparência, porque não há luz, mas imagino que estejam muito vermelhos. Imagino pontinhos de sangue.

Dou tapinhas no monte com a palma das mãos. Não é grande o suficiente, isso dá pra saber. Precisa ser pelo menos alguns centímetros mais alto. Raspo o chão com os dedos e sinto um calafrio. Meu Deus, como meus dedos doem. Não sei o que é pior: os dedos ou o tornozelo.

Se ao menos eu tivesse uma ferramenta para me ajudar a cavar…

Tenho a garrafa de água vazia. É melhor do que nada, mas é difícil de segurar. Além disso, a única coisa aqui embaixo que se assemelha a uma ferramenta é…

Ah, não, não vou fazer isso.

Sim, um daqueles ossos caídos em um dos cantos seria ideal para cavar. Não tão bom quanto uma pá, mas muito melhor do que uma garrafa de plástico e anos-luz melhor do que meus pobres dedos. Mas não posso fazer isso.

Posso?

Estico o braço na direção do canto de Phoebe até meus dedos tocarem a superfície lisa de um de seus ossos. Sinto um arrepio. Eu me inclino um pouco mais para a frente até que meus dedos se fechem em torno do osso.

Seria perfeito.

Mas não posso. É terrível estar presa aqui embaixo. É terrível estar morrendo de fome. Mas não vou fazer *isso*.

É claro, essa pode ser a única maneira de sair daqui. A única maneira de ver minha família outra vez.

Pego o osso, sentindo o peso na mão. Não tenho escolha.

Vou sair daqui por nós duas, Phoebe.

Vou avisar sua família que você está aqui. Vou dar a eles uma satisfação. Vou dar a você um enterro de verdade.

E vou fazer de tudo para esse babaca passar o resto da vida na cadeia.

QUARENTA E TRÊS

ERIKA

No dia seguinte, às cinco da tarde, ouço um estrondo vindo da cozinha.

Estava na sala, tentando desesperadamente me concentrar para escrever uma matéria da próxima edição do *Nassau Nutshell* quando o ruído de vidro quebrando roubou o pouco que restava do meu foco. Tiro o notebook do colo e me levanto para investigar.

Há uma pedra caída no chão, no meio da cozinha. A janela acima da pia está quebrada e há vidro por todos os lados. Dou um passo e sinto um caco entrando no meu pé. Estremeço de dor e me agacho para pegar a pedra. Um pedaço de papel está preso a ela, e vejo uma palavra rabiscada com canetinha vermelha:

ASSASSINO

Começou.

– O que houve, Erika?

Jason está parado na entrada da cozinha, ainda de cueca boxer e camiseta. Ele insistiu em ficar em casa hoje mais uma vez, e estou profundamente agradecida. Se Liam for preso hoje, não quero estar sozinha aqui. É claro que, se a polícia aparecer, talvez Jason não devesse estar de cueca. Mas não quero encher o saco dele. A cueca de Jason é o menor dos meus problemas.

Pego a pedra do chão.

– Alguém quis mandar uma mensagem pra gente.

– Merda – diz ele, com um suspiro. – Será que chamamos a polícia?

– Pra quê?

A verdade é que Liam provavelmente merece. E a última coisa que quero é convidar a polícia para entrar na nossa casa.

– Só toma cuidado onde pisa até que eu limpe – aviso. – Tem vidro por todos os lados.

Jason olha para o relógio no pulso.

– Tá ficando tarde. Nada da polícia ainda. Talvez eles não prendam o Liam, afinal.

Bufo.

– Você tá de brincadeira.

– Olha, eu sei que acham que foi ele. Não sou burro. Mas eles precisam ter provas pra prender nosso filho. Não podem fazer isso com base num pressentimento.

Fecho os olhos. Fico imaginando onde Olivia Mercer está agora. Rezo para que esteja bem.

A campainha toca e meus olhos se abrem. Toda vez que ouço esse toque, acho que vou infartar. Jason e eu nos entreolhamos.

– Talvez seja a pessoa que jogou a pedra, vindo se desculpar? – sugere ele.

Não vou me dar ao trabalho de responder.

Chego primeiro à porta. Espio pelo olho mágico e vejo o rosto da investigadora Rivera.

Ah, não.

Minhas mãos estão tremendo demais para abrir a porta. Jason tem que destrancá-la para mim. Quando ele a abre, vejo imediatamente as algemas nas mãos de Rivera. Acho que vou desmaiar.

– O Liam está em casa, Sra. Cass? – pergunta ela.

– Ele vai ser preso – digo, entorpecida.

Ela assente devagar.

– Sinto muito.

Jason olha para as algemas e seu rosto fica pálido, mas ele não protesta dessa vez. Caminha até o pé da escada e grita:

– Liam! Coloca uma roupa agora mesmo e desce aqui.

Observo enquanto meu filho aparece na porta do quarto, vestindo uma

camiseta simples e uma calça jeans limpa. Apesar do hematoma no rosto, parece tão jovem e bonito nesse momento. Quando vê os investigadores na porta, ele para de andar. Observo como respira fundo e se força a seguir em frente.

Sou tomada por um desejo desesperador de abraçá-lo e dizer que vai ficar tudo bem. Mas seria mentira.

Quando Liam chega ao pé da escada, Rivera dá um passo à frente. Ela estende as algemas, e Liam dá um passo para trás.

– Liam Cass, você está preso pelo sequestro e pelo homicídio de Olivia Mercer.

Ela lê os direitos de Liam enquanto ele ouve em silêncio, com uma expressão atordoada no rosto que provavelmente reflete a minha. Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo. Minhas pernas estão moles, parece que vou desmoronar.

Fico imaginando o que eles encontraram durante a busca. Deve ser algo grave mesmo.

Quando Rivera termina de ler os direitos dele, estende as algemas. Agora Liam parece estar realmente em pânico. Parece estar prestes a chorar, mas ele se segura. Não vejo Liam chorar desde que ele tinha 3 anos de idade. Ele raramente chorava quando era bebê. Era um bebê tão bonzinho. Eu me lembro de pensar comigo mesma quão injusto era uma mulher ter tanta sorte.

– Você tem que colocar isso em mim? – pergunta ele, incapaz de esconder o tom de desespero.

– Receio que sim – responde ela, sem nenhuma empatia.

Pelo menos, ela algema as mãos dele à frente do corpo, e não às costas. Sinto um calafrio quando as algemas se fecham. É isso. Eles realmente estão levando meu filho para a cadeia. O meu bebê. Na *cadeia*. Como isso pode estar acontecendo?

– Liam, por favor, só fala onde ela está! – digo, desesperada.

Por um momento, todos ficam em silêncio.

Jason me encara, boquiaberto.

– Erika…

Os policiais também estão olhando para mim. O rosto de Liam fica vermelho.

– Mãe, eu não…

Mas antes que ele possa concluir o que quer que fosse dizer, Rivera coloca um braço nas costas dele e o conduz para fora pela porta da frente. Ainda está claro, e é óbvio que vários vizinhos observam enquanto Liam é conduzido até a viatura algemado. Todo mundo sabe o que está acontecendo. Já posso esperar mais pedradas na nossa janela esta noite.

Em seguida, eles vão embora. Eu os sigo até o lado de fora e fico olhando para o carro da polícia até ele se tornar um grão de poeira ao longe. Jason sai e se junta a mim. Esperava que ele gritasse comigo por ter explodido naquela hora, mas ele não fala nada.

Quando entramos em casa novamente, Hannah está de pé no meio da sala. Seus olhos estão injetados e parece que ela não tomou banho hoje. Tenho quase certeza de que está usando o jeans e a camiseta de ontem.

– Eles levaram o Liam? Prenderam ele?

Jason suspira profundamente.

– Sim.

Uma lágrima escapa do olho esquerdo dela.

– Pai! Como é que você deixou eles fazerem isso?

Ele franze a testa.

– Não tinha muito o que eu pudesse fazer. Eles tinham um mandado de prisão.

Ela bate o pé no chão.

– Isso é uma palhaçada! Não foi ele. Você sabe que não foi!

– Hannah… – digo.

– Nem começa, mãe! – retruca ela. – Eu sei o que *você* pensa do Liam. Vejo como você olha pra ele. Pelo menos, o papai acredita que ele é inocente.

Os dois olham para mim, à espera de uma resposta. Não sei o que dizer. Hannah está coberta de razão.

– Mesmo que o Liam seja culpado, eu ainda amo ele – digo, por fim.

Essa é a verdade. Hannah e Jason podem achar que Liam é inocente, mas estão enganados. Sou a única capaz de enxergar a essência dele. Agora, só posso torcer para que Olivia Mercer ainda esteja viva. Talvez, se ele contar à polícia onde ela está, peguem mais leve.

– Você não sabe de nada, mãe – diz Hannah. – O Liam nunca iria fazer uma coisa dessas. Ele gostava muito da Olivia.

Eu queria ter uma esposa, para poder enfiar num buraco.

Infelizmente, Hannah é a única que não sabe do que está falando. Conheço meu filho. E sei que isso não vai acabar bem.

• • •

Quando vi pela primeira vez aquelas duas linhas azuis no teste de gravidez, há 17 anos, jamais teria acreditado que o bebê que crescia dentro de mim acabaria atrás das grades.

Tudo no início da vida de Liam foi fácil, a começar pela gravidez. Engravidei na primeira tentativa e, ao contrário da gestação de Hannah, em que passei mal o tempo todo, me sentia muito bem quando estava com Liam na barriga. As pessoas costumavam dizer que eu estava radiante. E o parto foi igualmente fácil. Cinco bons empurrões, e ele saiu. Aos berros, rosado e perfeito.

Liam foi um bebê muito tranquilo. Raramente chorava ou ficava agitado. Mamava sempre que eu lhe oferecia o peito e dormia praticamente a noite toda desde que o levamos para casa. Também era um bebê lindo. Parecia uma dessas crianças de revista, com bochechas rechonchudas e sorriso doce. Outras mulheres viviam me parando na rua para admirá-lo.

E Liam desempenhava muito bem seu papel. Quando as pessoas lhe perguntavam quantos anos ele tinha, ele levantava um dedo e gritava: "Um!" Adorava atuar. Às vezes, eu olhava para o berço à noite, para seu rosto adormecido, e me perguntava como tivera tanta sorte.

Foi quando ele mal havia completado 4 anos de idade que notei algo diferente nele.

Estávamos no parque. Hannah estava no carrinho, chorando como sempre. Eu tinha a sorte de Liam ser capaz de brincar sozinho, porque Hannah exigia toda a minha atenção. Por isso, não percebi o que ele estava fazendo até encontrá-lo agachado em um canto do parque. Fui até lá empurrando o carrinho de Hannah para ver o que estava acontecendo.

Liam estava brincando com uma formiga imensa. Ele havia construído uma espécie de cercado e deixava a formiga sair, depois a prendia novamente. Passei um minuto observando, tentando entender as regras da brincadeira. Por fim, perguntei:

– O que você tá fazendo, Liam?

Ele ergueu seus grandes olhos castanhos e sorriu para mim – o mesmo sorriso que fazia com que todas as mulheres se apaixonassem por ele.

– A formiga acha que vai fugir, mas não consegue! Ela não sabe que eu vou esmagar ela.

Essas palavras, ditas na voz de Liam, uma criança de apenas 4 anos, me deixaram muito desconfortável.

– Liam – falei, com a voz sufocada. – Você está sendo malvado com a formiga.

Ele franziu o rostinho.

– Mas é só uma formiga, mamãe. Quem se importa?

– É um ser vivo, Liam.

Mas ele simplesmente olhou para mim com uma expressão vazia, até que eu lhe disse que fosse brincar no parquinho. Ele voltou, a contragosto, mas não consegui tirar a situação da cabeça. Naquela noite, contei a Jason o que Liam tinha dito, mas ele não ficou nem um pouco preocupado.

– Meninos gostam de brincar com insetos – disse ele.

Só que aquilo não era brincadeira. Era *tortura*.

Depois disso, as coisas só pioraram. Frases ainda mais perturbadoras que se tornavam cada vez mais difíceis de ignorar. E então, a garota que foi encontrada presa no armário com fita adesiva quando ele estava no jardim de infância. Liam foi expulso da escola por causa disso. Eu lhe disse que ele nunca mais poderia fazer algo desse tipo, e, tecnicamente, ele não fez. Por fim, levei-o à psicóloga, Dra. Hebert, mas acho que ela não ajudou em muita coisa. Ele apenas se tornou mais sagaz em manter a boca fechada.

E não saber o que ele estava pensando era a parte mais difícil de todas.

Depois que a polícia leva Liam embora, Jason liga imediatamente para John Landon. Nós nos sentamos no sofá, e ele coloca o advogado no viva-voz, para que ambos possamos ouvir. Temos que mandar Hannah subir, porque ela não deveria estar ouvindo essas coisas e, além disso, está praticamente descontrolada.

– John – diz Jason. – Acabaram de levar o Liam. A polícia. Algemaram ele e colocaram numa viatura. Estão levando o Liam pra cadeia.

– Sim. – A voz de Landon vem do celular de Jason. – Eu tinha o pressentimento de que isso iria acontecer hoje.

– O que vai acontecer agora? – pergunto.

– Ele vai ser levado à delegacia de polícia pra ser fichado – explica

Landon. – Vão tirar fotos e impressões digitais, e depois ele vai ser colocado numa das celas da carceragem.

Meu filho atrás das grades. Lágrimas brotam nos meus olhos. Não vou suportar.

– Vamos conseguir uma audiência com o juiz amanhã de manhã – diz Landon. – Com sorte, a fiança é autorizada e ele pode responder em liberdade.

Jason respira fundo.

– Você acha que eles podem não autorizar a fiança?

– É possível. Ele está sendo acusado de homicídio.

– Mas eles nem sabem se a Olivia está morta! – exclama Jason.

– Verdade. Eles têm que provar que houve crime, então isso está a favor do Liam. – Landon faz uma pausa. – Além disso, ele só tem 16 anos. Vou argumentar tudo isso na audiência.

– Então existe uma chance de eles nem conseguirem fazer uma acusação de fato? – pergunto, esperançosa.

Landon fica em silêncio por alguns segundos.

– Não vou mentir para você, Erika. Eles podem não ter um corpo, mas têm argumentos fortes contra ele.

Sinto um buraco no estômago.

– O que eles têm?

– Bem, pra começar, eles tinham conhecimento de que os dois estavam saindo, se não eram namorados. Temos o vizinho que afirma não apenas que Olivia e Liam estavam juntos naquela noite, mas que ela entrou no carro dele. – Ele dá um pigarro. – Mas a pá de cal foi o que encontraram no seu carro. Vestígios de sangue do mesmo tipo sanguíneo de Olivia e três fios de cabelo dela. No *porta-malas*.

– No porta-malas? – repito, entorpecida.

– Isso – responde Landon. – Se estivessem apenas no banco, poderíamos argumentar que ela esteve no carro, mas o porta-malas é um pouco mais complicado.

– Mas é um SUV – ressalta Jason. – Se ela estivesse no banco de trás, os fios poderiam ter caído no porta-malas. O porta-malas não é fechado nem nada.

– Eu até posso alegar isso. Mas não explica o sangue, não é?

Jason se recosta no sofá, balançando a cabeça. Acho que ele acabou de

abandonar a conversa.

– Vocês ainda estão aí? – pergunta Landon.

– Estou aqui – respondo.

– Estou indo lá ver o Liam. Ele provavelmente está muito assustado, então vou explicar o que vai acontecer a partir de agora. Além disso…

– O quê? – digo.

Landon suspira.

– Vou tentar convencer ele a me contar onde a Olivia está. Se ela está viva ou não. Podemos usar isso como moeda de troca.

Engulo um nó na garganta. É a última coisa que gostaria de ouvir.

– O Liam te contou que foi ele?

– Você sabe que não posso responder a essa pergunta, Erika. Confidencialidade.

– Por favor, John! Ele só tem 16 anos e acabou de ser preso e…

Começo a chorar ao telefone. Estou a dois segundos de perder completamente o controle, se é que já não perdi. Não sei como tudo isso pode estar acontecendo. Eu fui tão cuidadosa. Como pude ir atrás da Olivia errada?

– Erika, Erika… – A voz de Landon interrompe meus soluços. – Olha, fica calma. Ele… não me contou nada. Está bem?

Engulo em seco, tentando recuperar o fôlego.

– Mas você acha que foi ele.

Não é uma pergunta. O advogado fica em silêncio por um instante.

– Sim, acho. Vamos lá, Erika. É óbvio que foi ele. As provas são claras. – Ele me dá um segundo para assimilar. – Mas, olha, mesmo que ela esteja morta e enterrada, ele pode se oferecer pra levar a polícia até o corpo dela em troca de benefícios. Uma sentença de prisão perpétua em vez da pena de morte.

– Você acha que ela está morta? – pergunto em uma voz que mal chega a ser um sussurro.

Landon fica em silêncio pelo que parece ser uma eternidade.

– Sinceramente? Sim. Acho que ela já está morta. Se não estava no início, ele provavelmente percebeu que precisava se livrar dela pra destruir as provas.

– Meu Deus – sussurro, enxugando os olhos com as costas dos dedos.

– Mas vou dar o meu melhor – diz Landon. – Seja o que for que ele

tenha feito, vou lutar por ele. Esse é o meu trabalho.

Por quê? Essa é a pergunta que quero fazer. Porque, se Liam realmente matou aquela garota, ele *deveria* ser preso. Deveria estar em um lugar onde não pudesse machucar ninguém nunca mais.

Passei toda a sua infância tentando protegê-lo de si mesmo. E fracassei.

QUARENTA E QUATRO

ERIKA

Quando desço as escadas no fim da noite para me forçar a jantar, encontro Hannah largada no sofá da sala assistindo à televisão. Chego perto o suficiente para ver o que está passando na tela. É *A princesa prometida*.

A princesa prometida era meu filme favorito quando eu era criança. Quando Hannah tinha 4 anos, mostrei o filme para ela e Liam pela primeira vez. Liam não ligou muito, mas Hannah adorou. Tornou-se o filme favorito dela, e acho que ainda é. É um filme de conforto. É a tigela de canja dela.

Fico ali parada por um momento, observando Hannah assistir ao filme. Seus olhos estão fixos na tela, e ela pronuncia as palavras junto com os personagens. Provavelmente é capaz de recitar todas as falas do filme de cor. Na verdade, eu também.

– Posso ficar com você? – pergunto.

Hannah olha para mim com seus olhos azuis agora avermelhados. Da última vez que a vi, ela estava gritando comigo. Mas no momento só dá de ombros.

– Como queira.

É uma frase do filme. Uma bandeira branca, talvez?

Eu me sento no sofá ao lado de Hannah, mantendo uma distância respeitosa entre nós. Se me sentar perto demais, ela vai reclamar que a estou sufocando. Mas sentar longe demais a deixará triste. Não consigo entender

como fazer Hannah feliz, nunca consegui. Desde quando ela era bebê e uivava a plenos pulmões, e eu implorava para que me dissesse o que havia de errado. Até mesmo Liam, aos 2 anos, comentou uma vez: "A bebê está sempre triste."

Quatorze anos depois, nada mudou.

– Sinto muito que você tenha visto tudo aquilo acontecer mais cedo – digo a Hannah.

Ela não desvia o olhar da tela.

– Não foi culpa sua.

– Eu sei, mas…

Ela se vira para me olhar.

– Você acha mesmo que foi ele, né?

Dou um pigarro.

– Bem, não tenho certeza. Quer dizer…

– Foi por isso que você contratou aquele cara pra assustar todas as garotas de que o Liam gosta.

Meu queixo cai. Como Hannah sabe disso? Nem sequer me ocorreu que ela pudesse saber. Achava que era meu segredo mais obscuro.

– Uma delas me contou. – Os olhos de Hannah se voltam para a tela da televisão. – Adivinhei que você estivesse por trás disso. Considerando que foi você quem colocou o Liam na terapia.

– Como você sabe disso?

– Liam me contou.

Respiro fundo.

– Eu sinto muito mesmo, Hannah. Sinto muito que você tenha sido envolvida nisso tudo. Eu te prometo que vou fazer o possível pra te manter fora disso de agora em diante.

Hannah pega o controle remoto e desliga a televisão. Ela me encara agora, com os olhos cheios d'água.

– Eu não *quero* ficar de fora. Só quero que meu irmão volte pra casa.

A lealdade de Hannah a Liam é compreensível. Independentemente do que se possa dizer sobre Liam, ele é um bom irmão mais velho. Quando engravidei, as pessoas me avisaram que trazer um recém-nascido para casa quando já se tem uma criança de 2 anos é uma receita para ciúme. Uma amiga me disse que precisava ficar o tempo todo protegendo o bebê do mais velho.

Mas isso nunca aconteceu entre Liam e Hannah. Quando levamos Hannah para casa, ele não conseguia parar de olhar para ela. Quando finalmente o deixamos segurá-la sob cuidadosa supervisão, ele foi muito gentil. Ficava acariciando o rostinho dela, a boca aberta de admiração. Quando ela estava com cerca de 4 meses, nós a levamos ao parque e um cachorro grande correu em direção ao carrinho, latindo alto o suficiente para fazer Hannah começar a chorar. Liam pulou na frente do cachorro, erguendo corajosamente a mão.

– Totó, não! – gritou ele. – Não machuca minha irmã! *Não*!

Não sei o que Liam fez ou deixou de fazer com Olivia, mas ele sempre protegeu a irmã.

– Vai ficar tudo bem – digo à Hannah. – Vamos trazer ele pra casa.

Hannah enxuga os olhos com as costas da mão.

– Você acredita mesmo nisso, mãe?

Queria muito poder dizer que sim. Queria poder dizer à minha filha que a verdade virá à tona e que Liam será libertado. Mas o fato é que, quer a verdade venha à tona ou não, acredito que Liam vai passar o resto da vida na prisão.

QUARENTA E CINCO

ERIKA

Jason e eu nos preparamos para ir dormir em silêncio absoluto.

A única coisa sobre a qual poderíamos falar neste momento é o fato de nosso filho estar na cadeia, e esse foi nosso único assunto ao longo desses dias. É a última coisa sobre a qual quero falar agora. Sei que Jason ainda está furioso comigo por conta do que eu disse quando a polícia veio prender Liam. Mas não era meu intuito dar a impressão de que meu filho é culpado. Se pudesse voltar atrás, eu o faria.

Eu me junto a meu marido no banheiro enquanto ele escova os dentes. Ele está com a escova de dentes elétrica na boca. Há cinco anos, Jason fez um tratamento de canal e, depois de jurar que nunca mais passaria por algo do gênero, comprou uma escova de dentes elétrica e um estoque de fio dental. Usa os dois religiosamente e, desde então, suas avaliações odontológicas têm sido tão boas que, no ano passado, passei a usar a escova elétrica também. Sinto que ela deixa os dentes mais limpos, mas a parte chata é que não podemos mais escovar os dentes ao mesmo tempo. Preciso esperar que ele termine e depois trocar a cabeça da escova.

Enquanto espero, lavo o rosto, embora não haja muito o que limpar, já que nem passei maquiagem hoje de manhã. Deixo a água quente enxaguar a pele, tentando não pensar no que vai acontecer amanhã. A audiência de custódia de Liam. Toda vez que penso nisso, sinto o estômago revirar.

E se eles não concederem a fiança? Não consigo nem imaginar não trazer meu filho para casa amanhã. Mas Landon diz que preciso aceitar a possibilidade de Liam não responder em liberdade.

Liam na cadeia. Meu garotinho na cadeia. Cercado de assassinos e ladrões.

– Pronto – diz Jason, e me entrega o cabo da escova de dentes elétrica.

– Obrigada – respondo.

Somos tão educados.

Minhas mãos tremem enquanto tento encaixar a cabeça da escova elétrica no lugar. Jason fica me olhando por um tempo até que pega o aparelho da minha mão e prende a escova.

– Vai ficar tudo bem. – A voz dele é absurdamente calma. – Foi só um mal-entendido. Daqui a uma semana, tudo isso vai ter passado.

Bufo.

– Você acredita mesmo nisso?

Ele me encara com um ar triste em seus olhos azuis.

– Erika, você acredita mesmo que o nosso filho matou aquela garota?

O banheiro parece pequeno e sufocante. Preciso sair daqui. Apoio a escova de dentes na pia, embora ainda não a tenha usado, e corro para o quarto. Jason vem atrás, aparentemente ainda esperando uma resposta para a pergunta. Queria muito ter a mesma fé que ele tem em Liam, mas sei de coisas que ele não sabe. Por mais que ele queira e precise ouvir que acredito na inocência de Liam, não posso dizer isso.

– Eu sei que o cenário não é favorável pra ele. – O tom de Jason é quase de súplica. – Mas o Liam não faria isso. Ele é um bom garoto. Ele vem de uma boa família.

Sem dúvida, Jason e eu somos bons pais; somos tão normais que chegamos a ser chatos. Mas Jason não conhece a minha história. Não sabe do segredo que eu mesma só descobri recentemente. E talvez seja minha obrigação contar a verdade a ele. Talvez essa seja a única maneira de fazê-lo entender. Mesmo que isso faça com que ele me enxergue de outro jeito.

– Jason – digo. – Eu preciso te contar uma coisa.

Ele respira fundo. Depois da quantidade de revelações com as quais teve que lidar nos últimos dias, fico mal por jogar essa bomba no colo dele. Mas lhe devo honestidade.

– Você tá me assustando, Erika – diz ele. – Será que… é melhor eu me

sentar?

Estendo a mão e pego a dele, que, como era de se esperar, está suando. Eu o conduzo até a cama e nos sentamos lado a lado. Jason olha para mim atentamente, batendo o pé direito no tapete.

– Há pouco tempo, descobri uma coisa… um tanto surpreendente.

– Mais surpreendente do que a polícia prender nosso filho?

Respiro fundo.

– É sobre o meu pai. Ele está… Ele está vivo.

Jason fica de queixo caído. Provavelmente deve estar fazendo a mesma cara que eu quando minha mãe me contou tudo.

– Você tá falando sério? Como?

Contar a verdade a ele é mais difícil do que eu imaginava. Porque sei o que significa. Sempre acreditei que, embora Liam tivesse alguns problemas, a culpa não fosse minha. Mas agora sei a verdade. Liam é neto de um assassino. Está nos genes. E não ajuda em nada o fato de ele ser igualzinho ao meu pai. Idêntico.

Explico a situação da melhor maneira que posso, considerando que sei apenas o que minha mãe me contou. Jason ouve, com o rosto mais pálido a cada segundo. Quando termino, ele murmura:

– Meu Deus.

– Eu sei.

– Como sua mãe foi capaz de esconder isso de você?

– Acho que ela imaginou que seria mais fácil se eu pensasse que ele estava morto. Que saber que ele estava na cadeia poderia me traumatizar.

Ele franze a testa.

– Você vai se encontrar com ele?

– Você acha que eu deveria?

– A decisão é sua, Erika.

– Sim, mas o que você acha?

Ele hesita por apenas um segundo.

– Se eu fosse você, não faria isso.

– Mas é meu pai…

– E daí? O cara é um assassino. Você realmente quer ter alguma relação com ele agora que sabe disso?

A convicção na voz dele me deixa desconfortável. Afinal, pode haver um momento em um futuro próximo em que teremos que visitar Liam na

cadeia. Se for provado que Liam matou Olivia, Jason vai renegar o próprio filho?

A verdade é que, no fundo, sei que, independentemente de Liam ter feito isso ou não, vou apoiá-lo. Vou visitá-lo toda semana na cadeia, se for preciso. Espero que não seja verdade, e peço a Deus que Olivia esteja bem, mas não importa o que aconteça, Liam é meu filho. Não importa o que ele faça, isso não vai mudar.

Não tenho certeza se Jason pensa da mesma forma.

– Ainda não decidi. – Mordo o lábio. – Não é o melhor momento, é claro. Mas… estou curiosa. E se o Liam for desse jeito por…?

Jason inclina a cabeça de lado.

– Por…?

– Por minha causa? Porque herdou isso de mim?

Ele pisca algumas vezes.

– Você não é uma assassina, Erika.

– Mas meu pai é.

Meu marido encara as próprias mãos por um momento. Sinto o estômago revirar enquanto tento descobrir o que ele está pensando. Quando não consigo suportar nem mais um segundo, ele volta a olhar para mim.

– O Liam não matou aquela garota.

– Mas e se tiver matado?

– Não. – Ele endireita os ombros. – Desculpa, Erika. Mas só porque o seu pai é um assassino maluco, isso não significa que o Liam também seja.

Mas posso ver em seus olhos a ponta de incerteza. Pela primeira vez, ele não parece estar tão certo de que nosso filho seja inocente. Quando se casou comigo, Jason não fazia ideia de que eu era filha de um assassino condenado. Um *psicopata*. Agora que sabe o que corre no meu sangue e o que posso ter passado adiante, ele finalmente está começando a acreditar que nosso filho talvez não seja a criança perfeita que achava que fosse.

E a culpa é toda minha.

QUARENTA E SEIS

OLIVIA

É noite. Sei disso porque o feixe de luz desapareceu, me deixando mergulhada de novo no pior tipo de escuridão.

Quase não há mais o que comer ou beber. Uma fatia de pão. Um pouco de água na última garrafa. Estou com tanta sede que poderia beber meu próprio xixi. Nunca entendi como as pessoas eram capazes de fazer isso em situações extremas, mas agora entendo perfeitamente. Estou tonta de fome e sede.

Com a força que ainda me resta, tenho trabalhado na elevação do monte usando o osso de Phoebe. A pequena torre tem cerca de 30 centímetros de altura, pelo que posso sentir. Possivelmente alta o suficiente para alcançar o alçapão.

Tenho que tentar. Antes que ele volte.

Subo no monte de terra com o pé direito. Tento me esticar até o topo, me apoiando na lateral do buraco, mas sem querer coloco peso no tornozelo esquerdo.

Ai, meu Deus.

Gemo e me dobro de dor. Meu tornozelo esquerdo está pior a cada dia. Com certeza, está quebrado. Está muito inchado e quente, e tenho dificuldade para mexer os dedos dos pés. Mas é só dor. Pessoas são baleadas

e seguem em frente. Preciso passar por isso. É minha única chance de sobreviver.

Pense em coisas boas, Olivia.

Meus pais.

Minha mãe.

Meu quarto.

Madison.

Só posso imaginar o que Madison deve estar pensando neste momento. Ela me avisou. Ela me avisou, e eu não dei ouvidos.

Preciso sair daqui. Preciso ver minha família outra vez.

Respiro fundo e subo no monte de novo. Meu tornozelo esquerdo toca o chão e dói muito, mas não me permito cair novamente. Fico em pé, erguendo um osso comprido acima da cabeça. Ele encosta no teto do meu cativeiro.

Deu certo! Consigo alcançar o topo!

Bato com o osso e ouço ruído de metal. O alçapão está trancado. É claro.

Não deveria estar surpresa, pois ouvi a fechadura girando da última vez que ele veio, mas meu corpo inteiro é assolado pela decepção. Achei que sairia daqui. Achei que havia acabado. Que escaparia e estaria em casa daqui a uma hora.

É apenas um contratempo. Não desista.

Respiro fundo, afastando uma onda de vertigem. Não está tudo perdido. Afinal de contas, é tudo madeira acima de mim. Se conseguir ultrapassar a madeira, vou poder sair daqui. Tenho todo o tempo do mundo para bater na madeira até que ela se parta.

Vamos ver no que dá…

QUARENTA E SETE

ERIKA

Pela manhã, todos os jornais noticiam que uma pessoa foi presa por estar envolvida no caso do desaparecimento de Olivia Mercer. Não apenas os noticiários locais, como também os nacionais, publicaram a história. Não podem expor o nome de Liam, por ele ter apenas 16 anos, mas não importa. É impossível impedir que as pessoas mencionem o nome dele nos comentários.

Eu me sento na cama, relutante em me levantar e encarar o mundo, e leio os comentários até não aguentar mais. Em sua maioria, o público acha que Liam é culpado.

> E daí que esse garoto tem 16 anos? Ele merece a cadeira elétrica. Algumas pessoas são doentes demais pra ficar vivas.
>
> Ouvi dizer que ele tem um longo histórico de problemas mentais. Os pais também merecem ir pra cadeia por não terem garantido que ele recebesse a ajuda que precisava.
>
> Prendam esse garoto e joguem a chave fora!
>
> Trágico e terrível! É pra isso que serve a injeção letal!

Mas o pior são os comentários de pessoas que obviamente conhecem Liam na vida real. Parece que a maior parte da cidade está convicta de que ele é culpado. Ou, pelo menos, os que estão na internet.

> Conheço Liam Cass desde o primário. Ele é doente! Consigo tranquilamente imaginar ele assassinando alguém. O Liam com certeza é culpado!
>
> O Liam brincava com o meu filho, mas falei pra ele que o Liam não era mais bem-vindo. Eu sabia que aquele garoto era confusão.
>
> A Olivia era uma garota linda. Ela foi burra de sair com Liam Cass, só porque achava ele bonito. Agora está pagando por isso.
>
> A família vem escondendo os problemas mentais do Liam há anos. Ele é um psicopata, mas os pais fazem de tudo para proteger ele!
>
> Esse garoto foi expulso do jardim de infância por estuprar uma menina. Isso diz tudo!

Que ótimo. Agora a internet condenou um garoto de 5 anos por estupro. É difícil ler todos esses comentários, mas, de alguma maneira, não consigo desviar os olhos. Há alguns positivos, pelo menos, entremeados com os terríveis.

> Meu Deus, o Liam é da minha turma de espanhol e ele é muuuuito legal. Ele nunca faria isso! Não acredito que seja verdade!
>
> O Liam é um dos melhores alunos que já tive em todos esses anos como professor. Talvez eu não tenha conhecimento de todas as provas, mas é difícil imaginar que um jovem tão incrível tenha sido capaz de fazer isso.
>
> O Liam é um ótimo companheiro de time e um cara legal! Isso é bobagem! Alguém deve estar armando contra ele!

Finalmente largo o celular e paro de ler quando Jason aparece na porta do quarto. Não nos falamos desde a conversa de ontem à noite, e fico pensando se ele ainda está com raiva de mim. Mas a cara dele não é de raiva. Ele está pálido.

– Não quero que você surte, Erika…

– Então não começa a frase desse jeito. – Eu me endireito na cama, agarrando as cobertas. – O que tá acontecendo? O que houve?

– Alguém pichou a nossa porta.

Não quero nem imaginar o que alguém pode ter escrito na nossa casa. Bem na frente de todos os vizinhos, que com certeza não viram nada. Tenho me esforçado ao máximo para conter as lágrimas, mas agora elas ameaçam transbordar.

– Erika… – Ele se senta ao meu lado na beirada da cama. – Tá tudo bem. Não chora. Estou cuidando disso. Só fica dentro de casa.

Mas o problema é bem maior do que meia dúzia de palavras pichadas na nossa porta. Isso podemos cobrir com tinta. O que importa não é resolvido tão facilmente. Enxugo os olhos, tentando controlar as lágrimas, mas não consigo.

O olhar de Jason amansa. Ele me abraça enquanto choro pelo nosso filho. É difícil conter. Não paro de pensar no meu bebê. O pacotinho indefeso que trouxe do hospital para casa dezesseis anos atrás. Na cadeia. Ele deve estar apavorado. Sou sua mãe e deveria ter cuidado dele, mas fracassei.

– A culpa é toda minha – murmuro contra a camisa molhada de Jason.

A mão quente dele acaricia minha nuca.

– Não, não é. Para de dizer isso. Você é uma ótima mãe. A culpa não é sua.

Mas como ele pode afirmar isso? Ainda mais agora que conhece a história do meu pai?

Ele me aperta com mais força.

– O Liam vai ficar bem. É só um engano. Já, já ele vai estar de volta, e você nem vai perceber. – Ele dá um beijo no topo da minha cabeça. – Olha, por que você não toma um banho pra gente ficar pronto pra audiência? Eu cuido da porta.

Muito bem: a audiência de custódia de Liam é às onze. Tenho que sair da cama e tomar banho antes disso. Mas não sei se consigo reunir a energia

necessária. Não consigo parar de pensar que Liam passou a noite na cadeia. E pior, que vai passar os próximos trinta anos lá dentro.

– Está bem – murmuro.

Jason se afasta.

– Você vai ficar bem?

Faço que sim com a cabeça, sem dizer nada.

– Tem certeza? – pergunta ele.

Engulo um nó na garganta.

– Vai fazer as suas coisas.

Jason dá a impressão de que vai insistir em ficar, mas então meu celular toca na mesa de cabeceira e ele aproveita a deixa para descer as escadas. Olho para a tela e vejo o nome do meu chefe piscando.

Meu Deus! Tenho uma matéria para entregar hoje. Ultimamente, a última coisa em que penso é o trabalho, mas Brian vai pirar quando souber que a matéria ainda não está pronta. Além de tudo, não quero perder meu emprego. Em especial porque com certeza os honorários do advogado de Liam e a fiança vão ser substanciais.

– Oi, Brian – digo. Tento não soar tão mal quanto estou me sentindo. Se Liam consegue ser encantador mesmo sem vontade, eu também consigo. – Desculpa mesmo pelo atraso. Se você puder me dar até amanhã…

Brian fica em silêncio por um momento antes de dizer qualquer coisa.

– Esse é o problema, Erika. Preciso falar com você sobre a sua matéria.

– Eu provavelmente consigo terminar hoje à noite, se você realmente estiver precisando dela… As coisas andam uma loucura por aqui.

– Pois é – diz ele, com um suspiro. – Fiquei sabendo.

Ah, não.

– Ah, eu não sabia que você estava sabendo.

– Sou jornalista, Erika. Está em todos os noticiários.

– Não o nome dele – retruco, com a voz estrangulada.

Como se fizesse diferença.

– Acho que… – Brian baixa um pouco o tom de voz. – Acho que seria melhor se você desse um tempo do jornal. Até isso passar. Você precisa estar presente pra sua família agora.

– Tá tudo bem. Eu consigo fazer meu trabalho.

– Não é uma opção.

Ah, entendi. Ninguém quer ler dicas de maternidade vindas da mãe de

um assassino. Acho que faz sentido.

– Por quanto tempo?

– Vamos ver como as coisas ficam.

Ou seja: para sempre. Em resumo, estou sendo demitida. Provavelmente há alguma lei contra isso, mas não tenho energia para travar essa batalha. Tenho certeza de que Brian sabe disso.

– Tudo bem.

– Eu entro em contato – promete ele.

Não, ele não vai fazer isso.

Desligo o telefone. Não imaginava que fosse possível, mas agora me sinto ainda pior do que há cinco minutos. Além de tudo, perdi meu emprego. Pelo menos, Jason não pode ser demitido, já que é o próprio chefe. É um pequeno consolo.

Finalmente me arrasto para fora da cama e entro no chuveiro. Deixo a água quente jorrar, sem querer sair nunca mais daqui. Quero morar no chuveiro. O que Jason diria se eu me recusasse a sair do banheiro? Mas não posso. Tenho que estar presente para minha família. Seria egoísmo ter um colapso mental neste momento.

Quando estou me secando, o celular começa a tocar no quarto. Saio correndo do banheiro, molhada, e pego o aparelho antes que a chamada vá para o correio de voz.

Uma voz sibila para mim do outro lado da linha:

– Seria uma pena se alguém matasse sua linda filhinha como o seu filho matou aquela garota.

Meu coração quase para. Fico olhando para o celular.

– Quem tá falando?

Como era de se esperar, a pessoa desliga.

Fecho os olhos, desejando apenas poder dormir e que tudo não passe de um pesadelo. Mas não. Preciso me vestir e ir à audiência. Tenho que estar lá por Liam, não importa que atrocidade ele tenha cometido.

QUARENTA E OITO

ERIKA

Há repórteres do lado de fora do tribunal, então seguimos as instruções de Landon e entramos pelos fundos. Felizmente, o nome de Liam não pode ser citado, mas não sei ao certo onde terminam as restrições. Sem dúvida, se a internet inteira sabe quem ele é, os repórteres também sabem. Não foram até nossa casa, mas talvez em breve isso aconteça. E, se Liam for julgado como adulto, o que Landon afirma ser uma forte possibilidade, fico preocupada que todas essas proteções desapareçam.

A última vez que estive em um tribunal foi quando participei de um júri há quase uma década. Há fileiras de bancos na parte de trás. Uma mesa de madeira para a defesa e outra para a acusação e, na frente, a tribuna, atrás da qual o juiz preside a sessão. Quando Jason, Hannah e eu nos acomodamos no banco do fundo, aquilo me faz lembrar vagamente de ir à igreja. Faz mais tempo que não entro em uma igreja do que em um tribunal.

Talvez devêssemos ter sido mais religiosos. Talvez isso tivesse salvado Liam.

O juiz já está sentado na frente de todos. O Excelentíssimo George Maycomb. Ele é velho (o suficiente para ser meu pai), a cabeça e a barba estão cheias de cabelos brancos. Landon disse que o juiz Maycomb tende a ser tolerante, mas que, como se trata do homicídio de uma jovem, é melhor não contar com isso.

Depois de cerca de dez minutos, um oficial de justiça conduz Liam até a sala de audiências, e vejo meu filho pela primeira vez desde que a polícia o levou. Está vestindo um macacão laranja amarrotado, um tamanho acima do dele, e está com uma cara *péssima*. O rosto ainda está roxo por conta do soco que Tyler lhe deu, e as olheiras estão fundas. Pelo visto, não dormiu nada na noite passada. A aparência de Liam é tão ruim que Hannah solta um suspiro quando o vê.

Por um momento, ele não parece um jovem de 16 anos, à beira da idade adulta: parece um garotinho assustado. O *meu* garotinho. O mesmo que passou um ano inteiro exibindo um sorriso banguela e que levantava os dedos para mostrar sua idade. Tudo que mais quero é correr até ele e abraçá-lo. Quero protegê-lo disso tudo. Mas não posso. Fiz o melhor que pude e fracassei.

Nem sequer tivemos a oportunidade de falar com ele. Liam é conduzido diretamente a seu lugar, mas ele nos vê. Não acena, mas balança a cabeça; suponho que um cumprimento entusiasmado seria impróprio para uma pessoa acusada de homicídio. Eu me encolho ao lembrar que a última coisa que disse a ele foi implorar para que contasse onde Olivia está. Como fui capaz de dizer isso na frente da polícia? Sim, estava falando sério, mas foi a coisa errada a se dizer. Será que ele me odeia?

Landon nos explicou o que aconteceria hoje. Não haverá júri, mas as acusações serão apresentadas, Liam vai se declarar inocente e o juiz Maycomb determinará a fiança. Isso *se* for concedida. Como ele é acusado de homicídio, não há nenhuma garantia.

A promotora é uma mulher chamada Cynthia Feinstein, que tem por volta de 40 anos, olhos pretos e uma expressão irritada permanentemente gravada nos lábios. A impressão que dá é de que quer amarrar meu filho na cadeira elétrica pessoalmente. Quando se levanta para falar, sua voz é grave, intimidadora.

– Excelência. – Ela se dirige ao juiz, os olhos pretos se tornaram ainda mais escuros. – Há muitas evidências de que Liam Cass seja responsável pelo desaparecimento de Olivia Mercer. Vários estudantes confirmaram que os dois estavam saindo. Ele foi visto na casa dela às duas da manhã, inclusive viram ela entrando no veículo dele. O cabelo e o sangue dela foram encontrados no porta-malas do carro, em uma revista posterior. Não há nenhum outro suspeito nem pessoas envolvidas. Olivia Mercer está

desaparecida há três dias e, considerando o sangue encontrado no veículo, há vários motivos convincentes para acreditarmos que ele a matou e escondeu o corpo. – Feinstein faz uma pausa. – Dadas a gravidade dessas acusações e as provas contundentes, o réu tem motivos de sobra para deixar a cidade e evitar a condenação.

Quando a promotora expõe dessa forma, parece muito convincente. Se eu fosse o juiz, não concederia a fiança a Liam. Olho para meu filho, que está sentado em silêncio na mesa de defesa, com os ombros tensos, olhando para a frente.

Queria muito saber o que ele está pensando.

Landon se levanta.

– Excelência, todas as evidências que a acusação está trazendo são circunstanciais. Até o momento, não sabemos se Olivia fugiu. Sim, eles estavam juntos naquela noite e há provas de que ela esteve no carro dele. Mas isso não era de se esperar, considerando que era namorada dele? Além disso, o réu é uma *criança* de 16 anos. É só um garoto.

Ao ouvir as palavras de Landon, todos os olhos do tribunal se voltam para Liam. Ainda bem que ele está com o macacão amarrotado da prisão, e não de terno. De terno, pareceria mais velho. Mas, nesse momento, mal parece ter 16 anos. Parece um garotinho assustado.

– Ele nunca passou mais de uma noite longe dos pais – prossegue Landon, em uma voz mais suave. – Nem mesmo para uma viagem escolar. A mãe trabalha de casa e pode ficar com ele o tempo todo. Estamos dispostos a fornecer o passaporte dele ou o que mais for preciso. Mas esta é uma audiência de custódia para determinar o risco de fuga, e acho que está claro que não existe o risco de o meu cliente fugir.

O juiz Maycomb esfrega a barba branca. Examina Liam e fixa a fiança em 200 mil dólares.

Isso é motivo de comemoração: o juiz poderia facilmente ter negado totalmente o direito à fiança, e Liam ficaria preso até o julgamento. Em vez disso, depois de fazermos o depósito de dez por cento do valor total, Liam poderá estar em casa hoje à tarde. Isso também significa que Maycomb não acredita muito nas provas da promotora contra Liam.

Ainda assim, nenhum de nós está em clima de comemoração no caminho de volta para casa. O carro está tão silencioso que parece que estamos voltando de um enterro. Jason dirige e olho pela janela, sentada no

banco do carona. Hannah e Liam estão no banco de trás, tão quietos que eu poderia esquecer que estão lá.

– Como foi ontem à noite? – pergunta Jason a Liam, em uma tentativa patética de quebrar o silêncio.

Liam puxa a gola da camisa enquanto se contorce no banco. Ele voltou com a mesma camiseta e o mesmo jeans que usava quando foi preso.

– Tudo bem.

– Você conseguiu dormir um pouco?

– Um pouco.

– Você comeu?

– Comi. Foi tudo bem.

– Qual foi o jantar?

– Sei lá. Não me lembro.

Dou um cutucão em Jason para tentar fazê-lo parar. Liam não quer falar sobre a noite na prisão. Não gosto nem de imaginar como deve ter sido terrível para ele. Mas não é isso que ele merece?

Quando chegamos à porta de casa, sinto algo estranho no momento em que Jason está girando a fechadura. Não sei exatamente o que é, mas tenho a sensação de que não deveríamos entrar. É como sentir a mão de alguém no meu peito, me empurrando para trás. Instintivamente, dou um passo à frente de Liam. Mesmo depois de tudo que aconteceu, coloco minha própria vida na frente da dele.

Principalmente quando entramos e vemos o brilho de uma faca.

QUARENTA E NOVE

ERIKA

Ela surge das sombras, com os cabelos soltos e o rosto coberto de lágrimas. Está segurando um facão – uma faca nossa. Reconheço o cabo. É uma faca que alguém nos deu como presente de boas-vindas quando Jason e eu nos mudamos para cá. Jason corta o peru com essa mesma faca todo Dia de Ação de Graças. Já a usei várias vezes e sei que a lâmina ficou cega com o passar dos anos, mas está longe de ser inofensiva.

Ela se aproxima de nós com a faca na mão. Dou um passo para trás, com os braços estendidos para proteger Liam e Hannah, embora tenha a sensação de que Liam seja o verdadeiro alvo aqui. Ela vai na direção dele, sem se importar com o fato de eu estar na frente, e brande a faca em seu rosto.

– Cadê ela? – grita a mulher para ele. – Cadê minha filha?

Liam abre a boca e consegue dizer:

– Eu… Eu não sei.

– Mentiroso! – A mulher, aparentemente a Sra. Mercer, mãe de Olivia, brande a faca na direção dele. – Eu te conheço muito bem, *Liam Cass*. A minha filha falava de você o tempo todo. Mas a Madison me contou quem você é de verdade.

Ela é apenas uma e nós somos quatro, mas é ela quem está com a faca.

Em contrapartida, sua mão direita treme feito vara verde. Acho que ela não conseguiria esfaqueá-lo se tentasse. Mas prefiro que não tente.

– Sra. Mercer – diz Jason, em sua melhor tentativa de sorrir. – Por favor, abaixa a faca e vamos conversar.

Ela não dá nenhum sinal de que vá fazer isso.

– Vou abaixar a faca quando *ele* me disser onde ela está.

Jason tira o celular do bolso.

– Se não largar a faca, eu vou chamar a polícia agora mesmo.

Novas lágrimas brotam nos olhos da Sra. Mercer.

– Pode chamar. Não ligo. Ele já levou a única coisa importante pra mim neste mundo.

Olho para o rosto de Liam, em busca de um traço de emoção. Por mais que não queira essa mulher ameaçando meu filho com uma faca, uma parte de mim torce para que funcione.

Conta onde ela está, Liam! Por favor!

Mas ele não fala nada, e a Sra. Mercer fica em prantos. Ela deixa a faca cair no chão e esconde o rosto nas mãos, soluçando.

– Queria que ela nunca tivesse conhecido você. Queria…

Não sei mais o que fazer, então tento colocar a mão no ombro da Sra. Mercer, mas ela me enxota com força. Ergue o rosto coberto de lágrimas e olha para Liam mais uma vez.

– Por favor, me diz onde ela tá. Se você ainda tem um pingo de humanidade dentro de você, por favor…

Os olhos de Liam encontram os meus. E ele apenas balança a cabeça.

Jason é quem conduz gentilmente a Sra. Mercer para fora da nossa casa. Ele chama um táxi para ela e a coloca dentro dele em segurança. Ela parece ter se acalmado, mas ainda está chorando.

Liam assiste a tudo, com o rosto desprovido de qualquer emoção. E, quando o táxi vai embora, ele sobe para o quarto e fecha a porta sem dizer mais nada.

CINQUENTA

Transcrição do depoimento de Hannah Cass na delegacia

– Qual é sua proximidade com seu irmão, Hannah?

– Eu diria que somos muito próximos. Ele é meu melhor amigo.

– Seu melhor amigo?

– Bem, isso. É meu irmão mais velho. Ele cuida de mim.

– Você entende as acusações contra ele?

– Sim, entendo. Mas vocês estão totalmente errados. O Liam não fez nada.

– Você está ciente do histórico de comportamento antissocial do seu irmão?

– Está falando do hamster que ele matou? Sim, eu sei. Minha mãe dá muita importância a isso. A tudo. Ela é muito dramática.

– Houve outros incidentes.

– Nada de mais.

– Ele te contou sobre um antigo professor de inglês, o Sr. Young?

– Fiquei sabendo. Mas isso é ridículo. O Liam não fez aquilo. Ele tinha 13 anos! Como poderia saber como envenenar alguém com monóxido de carbono? Eu mal sei o que é isso.

– Mas você sabia que ele não gostava do professor?

– Sabia, mas… Olha, o Liam não fez nada com a Olivia. Ele não

sequestrou e matou ela. Ele *gostava* dela. E estava muito feliz de ela ter aceitado sair com ele.

– Por que ele ficou feliz?

– Hum, porque ele tem 16 anos e a garota de quem ele gostava aceitou sair com ele? É séria essa pergunta?

– Vários colegas de turma alertaram a Olivia pra que ela ficasse longe dele.

– Tipo quem? Tyler Martinson? Ele é a pior pessoa que existe.

– Por que você diz isso?

– Porque ele é! Ele gostava da Olivia antes e ficou bravo porque ela quis sair com o Liam e não com ele. Porque o Liam é bonito e charmoso, e o Tyler é feio pra caramba e um escroto.

– Parece que você não gosta muito do Tyler.

– Vou te contar uma coisa sobre o Tyler. Uma amiga minha saiu com ele uma vez, ele foi um babaca e ela não quis sair com ele de novo. Mas ele continuou a encher o saco da minha amiga, então mandei ele ficar longe dela. Aí ele começou a *me* infernizar.

– O que ele fez?

– Foi um escroto, basicamente. Gritava uns palavrões pra mim… Como se eu fosse ligar. Mas, uma vez, quando eu estava saindo da escola, ele agarrou o meu braço e não queria me soltar. Dessa vez, eu fiquei assustada, porque ele é um cara grande. Jogador de futebol americano, sabe? Ele podia ter… Bem, não quero nem pensar nisso.

– O que aconteceu depois?

– O Liam descobriu e ficou com muita raiva. Tipo, *muita*. Ele disse que iria garantir que o Tyler nunca mais me incomodasse.

– O que ele fez?

– Não sei. Mas, depois que ele disse isso, o Tyler me deixou em paz. Logo…

– Você nunca perguntou a ele o que fez?

– Tenho certeza de que foi menos do que o Tyler merecia. Sinceramente, aposto que foi o Tyler que matou a Olivia. Não ficaria nem um pouco surpresa. O Liam estava lá, mas era o Tyler quem tinha um motivo. Ele mataria alguém só pra meter o Liam em confusão. Juro por Deus.

– Olivia estava no carro do seu irmão. Temos uma testemunha.

– Pois é. Exatamente. O Liam saiu com a Olivia, depois apareceu na casa

dela de madrugada e não foi nem um pouco sutil. Depois de fazer tudo isso, vocês não acham que o Liam teria noção de que, se ela desaparecesse, ele seria o primeiro suspeito?

– Garotos de 16 anos não são muito inteligentes.

– Meu irmão não é burro. Podem falar o que quiserem dele, mas ele é muito inteligente. Se vocês acreditam mesmo naquela história ridícula do Sr. Young, meu irmão escapou sem deixar nenhum rastro. Acham mesmo que ele faria algo desse tipo sendo tão óbvio que seria pego?

– Vai ver a Olivia se recusou a fazer algo que o Liam pediu quando ele foi se encontrar com ela.

– Sem chance. A Olivia estava *completamente* apaixonada por ele. Ela teria feito qualquer coisa que ele pedisse. Ele não *precisava* sequestrar ela. Tô falando, não foi o Liam. Vocês vão ver. A verdade vai vir à tona.

CINQUENTA E UM

ERIKA

Meu celular não parou de tocar o dia inteiro. Queria muito poder desligar e pronto, mas fico morrendo de medo de perder alguma ligação importante. Ao mesmo tempo, não atendo nenhum número desconhecido. Oitenta por cento das chamadas são ameaçadoras, para dizer o mínimo. Pessoas provavelmente da cidade – nossos vizinhos – dizendo que meu filho deveria ser preso, que nossa família deveria ser assassinada.

Até quando são ligações simpáticas fica aquele gosto amargo na boca. Uma mãe de quem eu era amiga, Nancy Jeffers, me ligou faz uma hora. Ela disse que não acha que Liam seja culpado e que eu tinha "todo o apoio dela", mas imagino que, depois da ligação, ela tenha procurado as amigas para contar o quanto eu parecia cansada e estressada. *Só pela voz dá para ver que a Erika está um caco. Não queria estar no lugar dela.*

Quando estou me acomodando na cama para dormir, o celular toca novamente. Pego o aparelho e vejo o nome de Jessica Martinson na tela.

Eu não deveria atender. Nada de bom vai vir dessa ligação. Mas, se tem alguém que vive por dentro das fofocas, é Jessica.

Em um impulso, clico no botão verde para atender a chamada.

– Alô?

– Erika! – A voz de Jessica é doce feito mel. – É a Jessica. Jessica Martinson.

Como se eu não soubesse quem ela é. Como se eu não tivesse o número dela nos contatos do meu celular há uma década.

– Oi. – Engulo em seco. – O que foi, Jessica?

– Só queria saber como você está.

– Bem. – Não estou nem um pouco bem, mas ela é a última pessoa com quem quero desabafar. – Obrigada por perguntar.

– Imagina.

Fico esperando que ela diga algo agradável e encerre logo a ligação. *Se precisar de alguma coisa, me avisa.* Mas ela não diz nada. Apenas espera do outro lado da linha, como se tivesse algo a dizer, mas não soubesse como.

– Posso te ajudar em alguma coisa, Jessica? – digo, por fim.

Ela fica em silêncio.

– Eu não ia falar nada, mas sinto que preciso. Erika, acho que você não fez bem em pagar a fiança pra tirar o Liam da cadeia.

Respiro fundo, com a cabeça girando.

– Jessica…

– Sei que você vai dizer que eu não tenho nada a ver com isso – diz ela –, mas já fomos amigas e preciso dizer o que penso. Todos nós sabemos que foi o Liam. Ele merece ficar preso.

– Nós não sabemos…

– Fala sério! – dispara ela. – Não subestime a minha inteligência. Eu conheço o Liam muito bem. Ele matou um gato na minha casa, Erika. Eu sei que você mandou ele pra psicóloga. Mas é claro que não funcionou.

Minha garganta está tão seca que, quando abro a boca, não sai nada.

– Erika, você precisa deixar que a polícia prenda ele, e depois é melhor você *se afastar*. Se apoia esse monstro, então você…

Clico no botão vermelho para encerrar a ligação. Não consigo ouvir nem mais uma palavra. Em especial, porque sei que ela está certa. Meu filho é um monstro, mas como posso me afastar dele?

Afundo na cama e escondo o rosto nas mãos. Não sei mais o que fazer. Meu instinto é proteger Liam, mas não tenho certeza se é a coisa certa. Não sei mais o que é certo ou não.

O celular toca outra vez e tenho vontade de arremessá-lo do outro lado do quarto. Abro os olhos para encarar a tela. Frank Marino. Está retornando o meu contato. Essa é uma ligação que preciso atender. Mas minhas mãos estão tremendo tanto que tenho dificuldade em apertar o botão verde.

– Alô? Frank?

Ele solta uma risada sombria.

– Diazinho animado, hein, Erika?

Ele sabe. É claro que sabe. Ele é um detetive.

– Pois é.

– Bem, agora eu entendi por que você vivia querendo apavorar aquelas garotas.

Meu maxilar se contrai. Não é hora para piadas.

– Você conseguiu o endereço de Marvin Holick pra mim?

– Aham, consegui. Cara bacana. – Há um ligeiro sarcasmo em sua voz. – Tal avô, tal neto.

Quero desligar na cara dele e nunca mais ligar para Frank Marino. Mais do que isso, porém, quero encontrar meu pai. Ele pode ser a resposta para tudo isso.

– Qual é o endereço?

Ele me passa o endereço, e eu o anoto em um pedaço de papel na mesinha de cabeceira. Meu pai mora no Queens, provavelmente a menos de uma hora de carro daqui. Na verdade, é aqui do lado. Poderia ir vê-lo hoje à noite, se quisesse.

Talvez eu devesse fazer isso.

Fico imaginando o que Marvin Holick vai dizer quando eu aparecer na porta da casa dele.

CINQUENTA E DOIS

OLIVIA

Estou completamente *exausta*. Passei a maior parte do dia martelando o alçapão. Meus braços estão doendo, e nem tenho certeza se fiz algum avanço. Em um determinado momento, tive certeza de que a madeira estava se despedaçando, mas, quando a toquei com a ponta dos dedos, a senti intacta. É claro que é difícil ter certeza, porque não consigo ver nada.

Hoje também acabaram a comida e a água. Tentei me segurar, mas estava morrendo de fome e de sede depois de todo o esforço que fiz. Quando vi, tinha acabado.

Não tenho comida. Não tenho água. Não tenho nada.

O pior é que, embora tenha devorado cada migalha do que havia para comer, meu estômago ainda está completamente vazio. Parece que tem um buraco no meu peito. Sinto que não tenho energia nem para me mexer, muito menos para voltar a martelar o alçapão.

Mas é a única esperança.

Quer dizer, a única não. A polícia pode me encontrar. Deitada em um canto da minha cela, tentando ignorar a dor causada pelo vazio na barriga, fico imaginando como vai ser quando a polícia aparecer aqui. Eles vão me encontrar e me levar de volta para minha família. E o melhor de tudo é que *ele* vai ser punido. Meus pais nunca vão desistir de mim. Vão continuar procurando até me encontrarem. Eu *sei* disso.

Não sei que horas são quando ouço passos. Perdi a noção do tempo, mas o feixe de luz desapareceu, o que significa que deve estar escuro lá fora. No fundo, sei que provavelmente é ele, mas grito mesmo assim, para o caso de não ser:

– Socorro! Por favor, me ajuda! Tô aqui embaixo!

Acontece exatamente como da outra vez. Ouço as fechaduras girando e, em seguida, a lanterna ofusca minha visão. Eu me dou conta de que, se tivesse investido meu tempo em construir um monte de terra mais alto em vez de ficar batendo na tranca, poderia estar pronta para atacá-lo quando ele abrisse o alçapão.

Droga. Agora é tarde demais.

– Olivia – diz ele. – Como você tá?

– Péssima – respondo, irritada. – Tô morrendo de fome. Preciso de comida. E de água.

– Pois é – diz ele, pacientemente. – As pessoas precisam de água para sobreviver. Você sabia que uma pessoa consegue viver só de três a cinco dias sem água? Sem água, em algum momento os órgãos começam a falhar e o cérebro incha. Mas as pessoas conseguem sobreviver por mais tempo sem comida. Semanas. O corpo vai consumindo o excesso de gordura e, quando ela acaba, consome os músculos. O corpo se alimenta dele mesmo até o fim.

Fico olhando para ele, aturdida, tentando ignorar a dor de cabeça que surgiu por conta da lanterna nos meus olhos. Há um olhar de fascinação em seu rosto enquanto ele dá essas informações. Como se eu fosse uma espécie de rato de laboratório.

– Como você tá se sentindo, Olivia?

A fome e a sede se transformam em raiva. Não sou um rato de laboratório. Sou um ser humano. E não vou entrar nesse joguinho perverso.

– Vai se foder.

No entanto, a raiva parece apenas diverti-lo, assim como as ameaças.

– Só me diz. Qual é a sensação de estar morrendo de fome?

– Vai pro inferno.

Ele pega um saco de papel ao lado. Ouço o estalar do papel e, em seguida, ele tira algo da sacola. A princípio, fico achando que ele vai apontar uma arma para mim. Mas não é uma arma. É um pedaço de pão.

Ele sorri.

– Me fala como você tá se sentindo, e eu te dou este pão.

Quero tanto aquele pão. Como se fosse um pedaço do melhor bolo de chocolate do mundo. Fico olhando para ele, querendo mandá-lo para o inferno mais uma vez, mas querendo ainda mais o pão. Afinal de contas, o pão significa sobreviver. Se eu morrer, ninguém vai poder contar à polícia o que ele fez.

– Sinto como se tivesse alguma coisa agarrando as minhas entranhas – digo. – E vertigem. Um pouco de enjoo.

É suficiente? Isso é suficiente para você, seu desgraçado?

Imagino que sim, pois ele atira o pão no buraco. Faço um leve esforço para pegá-lo, mas ele passa pelos meus dedos e cai na terra. Não me importo. Estou quase literalmente comendo terra. Ele também joga outra garrafa de água, mas que só tem metade do tamanho das outras. E apenas uma.

– Se você colaborar, vai viver mais tempo – diz ele.

Ele aponta para os ossos no canto com a cabeça. Sob a luz da lanterna, consigo vê-los claramente pela primeira vez. O contorno das costelas e da pélvis. O que costumava ser braços e pernas.

– Ela não colaborou – acrescenta.

Fico imaginando o que está acontecendo lá fora. Faz dias que sumi, e as pessoas devem estar começando a presumir que estou morta. Por quanto tempo ele vai me deixar viver aqui embaixo? Parece uma eternidade, mas sei que não vai durar para sempre. Se ele continuar me dando tão pouca comida, vou morrer em um ou dois meses. Mas tenho a impressão de que ele não vai estender esta situação por tanto tempo assim. Como ele disse, as pessoas só conseguem viver de três a cinco dias sem água.

E, se de alguma maneira ele acabar sendo preso, mas não contar à polícia onde estou, vai ser o fim. Vou morrer de desidratação em alguns dias.

– Vou tentar voltar daqui a alguns dias – diz ele.

– Alguns dias? – Meu pânico aumenta ao perceber que tudo que tenho é um pedaço de pão e apenas um litro de água. – Mas…

– E não desperdice energia tentando fugir – avisa ele. – A madeira é resistente e a tranca também. Você não vai conseguir sair daqui.

Dito isso, ele fecha o alçapão novamente, fazendo com que eu mergulhe de novo na escuridão. Abraço os joelhos e solto um soluço, mas as lágrimas não vêm. Estou desidratada demais até para chorar.

Ele está me matando aos poucos.

CINQUENTA E TRÊS

ERIKA

Depois de tudo que aconteceu ontem, não consegui reunir energia para ir visitar meu pai. Passei metade da noite rolando na cama, mas, por volta das duas da manhã, quando acabei acordando Jason por conta disso, ele, ainda grogue de sono, sugeriu que eu tomasse outro calmante. Há um limite de quantos posso tomar por dia, e já o extrapolei, mas não queria passar a noite inteira acordada. Por isso, tomei outro comprimido, e deu certo.

Nem preciso preparar o café da manhã para a família. Quando chego à cozinha, Liam está sentado à mesa com uma tigela de cereal. Mas não está comendo, apenas revira o conteúdo com uma colher.

– Quer waffles? – pergunto.

– Não.

– Você quase não comeu nos últimos dias.

– Não tô com fome.

– Você precisa comer. Desse jeito, vai acabar ficando doente.

Liam me fita com os olhos castanhos de cílios compridos, que dão inveja à irmã.

– Que diferença faz pra você? Você acha que eu sou um assassino.

Abro a boca, mas não sai nada. Como devo responder a isso? Ele tem razão. Desde que encontrei o endereço de Olivia no GPS do carro, não

houve um momento sequer em que não tenha achado que Liam seja o culpado.

– Eu amo você mesmo assim.

É tudo que consigo dizer. Liam bufa.

– Por quê?

– Porque você é meu filho.

Ele baixa a cabeça e amassa um guardanapo, fechando o punho com força. Não espero que ele entenda. Foi algo que a Dra. Hebert me disse várias vezes. *Liam não é capaz de amar.* Ele diz que me ama, mas só faz isso porque sabe que é o que se espera dele. E sabe que isso me faz feliz. E é do interesse dele me fazer feliz.

Fico pensando se meu pai me amou em algum momento.

Preciso vê-lo. Não sei exatamente o porquê, mas sinto que reatar os laços com meu pai vai ser a resposta para tudo.

Deixo Liam na cozinha e subo para tomar banho. Jason está saindo do banheiro, com o cabelo molhado e a toalha enrolada na cintura. Depois de tanto tempo correndo, ele está mesmo em forma. Continua muito sexy, talvez até mais do que quando era mais jovem. Em circunstâncias diferentes, talvez tivesse me sentido tentada a iniciar uma brincadeirinha matinal. Mas, na situação atual, parece inconcebível.

– Oi – digo.

Ele esfrega os olhos. Parece cansado, e fico mal por ter atrapalhado o sono dele com a minha dificuldade para dormir.

– Oi.

– Queria saber se você pode ficar em casa com o Liam. Eu… preciso dar uma saída.

– Aonde você vai?

– Preciso ir lá no jornal resolver umas coisas. – A mentira sai da minha boca com muita facilidade. Até agora não contei a Jason que Brian me demitiu. – Não devo demorar muito.

– Tá bem. – Jason veste uma camiseta. – Vai tranquila. Eu cuido das coisas por aqui.

Ele cai na mentira com tanta facilidade que me sinto culpada. Jason confia muito nas pessoas. Ele acredita em mim e em Liam. Por que só eu duvido de tudo?

Passo por ele e entro no banheiro. Antes de ir para o chuveiro, fico me

olhando no espelho. Há uma semana, teria dito que havia envelhecido de maneira graciosa, mas neste momento pareço ter dez anos a mais. Foram os piores dias da minha vida. Quando Liam foi expulso do jardim de infância, aquilo pareceu a maior tragédia do mundo. O que eu não daria para voltar àquela época.

Eu me analiso no espelho e vejo os olhos castanhos, que agora têm olheiras roxas. São os mesmos olhos castanhos de Liam. Sempre falo que Liam se parece com meu pai, mas, na verdade, ele se parece comigo. *Eu* me pareço com meu pai.

Às vezes fico pensando o que mais nós três temos em comum.

Do que eu sou capaz?

CINQUENTA E QUATRO

ERIKA

Quando são mais ou menos nove da manhã, pego o carro e vou visitar Marvin Holick. Como não liguei antes, reconheço que há uma chance razoável de ele não estar em casa. Mas vou mesmo assim. Preciso de um tempo sozinha, e a viagem vai ajudar a clarear a mente.

Você acha que eu sou um assassino.

Não consigo parar de pensar no rosto de Liam no momento em que ele disse isso. Ele parecia magoado. Sempre achei que nada atingisse meu filho, mas pode ser que eu esteja enganada. Mesmo assim, continuo com o sentimento de que não passa de mais uma encenação. Afinal de contas, Hannah e Jason acreditam que ele seja inocente, então sou a única que consegue ver o que há por trás. Ou seja, ele precisa me convencer.

Enquanto estou dirigindo, o celular toca. Vejo o nome da minha mãe na tela e quase deixo a ligação ir para o correio de voz. Mas, no último segundo, atendo nos alto-falantes do carro.

– Oi, mãe – digo.

– Erika!

Minha mãe está praticamente berrando, o que costuma fazer ao telefone. Ela parece ser incapaz de controlar o volume da voz quando está no celular.

– Por que você não me ligou? – pergunta ela. – Acabei de saber pela Jeanne, no meio do carteado, que meu neto foi preso!

– Tá tudo bem. Ele já tá em casa.

– Bem? Você sabe o que andam dizendo que ele fez, não sabe?

– Não. Não faço ideia do crime do qual meu filho foi acusado.

– Erika…

– A gente tá resolvendo, mãe. Ele tem um bom advogado.

– Mas… Meu Deus, estão dizendo que ele…

– Vai dar tudo certo – digo, com uma confiança que não sinto. Mas pelo menos posso evitar que minha mãe fique preocupada. – Estão fazendo um drama desnecessário. Nosso advogado falou que vai ficar tudo bem.

– Falou, é?

– Sim.

Considerando que "bem" significa que o advogado acha que ele é culpado e precisa contar à polícia onde está o corpo. Mas já menti para meu marido hoje, posso muito bem mentir para minha mãe também.

– Enfim, tenho que ir – digo.

– Me liga se acontecer mais alguma coisa?

– Ligo.

Uau, outra mentira. Estou a todo vapor.

O endereço que Frank me deu é um edifício residencial. Parece mais um cortiço, com pichações em todas as paredes de tijolos e um pequeno toldo completamente esburacado. Só de olhar para o lugar, sinto vontade de apertar a bolsa com mais força contra o peito. Mas é compreensível que meu pai não tenha condições de pagar por um lugar melhor logo depois de sair da cadeia. É injusto culpá-lo. Ao menos, não por onde mora.

De acordo com as anotações no papel em cima do banco do carona, meu pai mora no segundo andar. Estaciono em uma vaga bem em frente ao prédio e fico ali sentada, tentando criar coragem para ir falar com ele.

Preciso fazer isso. Preciso fazer isso hoje.

Respiro fundo e saio do carro. Caminho com dificuldade até o prédio, feliz por ter escolhido uma sapatilha para a viagem, porque provavelmente cairia de cara no chão se estivesse de salto. Há um interfone na entrada, mas calhou de eu chegar bem na hora em que um homem estava saindo, e ele segurou a porta para que eu entrasse. E, num piscar de olhos, já estou do lado de dentro.

Subo os dois lances de escada que levam ao segundo andar. Quando chego ao corredor, há um odor de urina, a pintura das paredes está

descascando e a lâmpada do andar de cima pisca. Meu pai mora no apartamento 203. Sigo o corredor até chegar à porta. Os números 203 estão entalhados na pintura. Antes que perca a coragem, estendo a mão e toco a campainha.

Em seguida, espero.

Espero um minuto. Dois. No terceiro, meu estômago não está mais se revirando tanto. Obviamente, Marvin Holick não está aqui no momento. Vou voltar outro dia para reencontrar meu pai.

Mas então a porta é aberta.

CINQUENTA E CINCO

ERIKA

– Não sei o que você está vendendo, mas não estou interessado.

Um homem idoso me encara por trás de uma corrente. Mal consigo vê-lo, mas dá para distinguir bem os olhos. Os meus olhos. Os olhos de Liam. É ele. É o meu pai.

– Não estou vendendo nada – digo.

Ele semicerra os olhos.

– O que você quer, então?

– Eu… – Dou um pigarro. – Posso entrar pra explicar?

– Não. Me diz o que você quer e aí eu decido se você pode entrar.

Não era bem assim que eu queria ter essa conversa, pela fresta da porta, mas ele não está me dando opção.

– Eu… sou sua filha. Erika.

Por um segundo, a desconfiança em seu olhar aumenta, mas depois alguma coisa muda. Ele fecha a porta e ouço o barulho da corrente. Quando ele abre a porta outra vez, a desconfiança não está mais lá.

Ele é um senhor agora. Os fios de cabelo escuro e espessos da foto que fica na minha gaveta praticamente desapareceram, só sobraram fios brancos e ralos. Ele tem dentes amarelos e uma papada imensa. Está vestindo uma camisa xadrez e suspensórios. É uma sombra do homem bonito que foi no passado.

– Erika. – A voz dele treme. – Não acredito que você tá aqui. Entra.

Adentro o apartamento minúsculo, com pouca mobília: um sofá velho que parece ter sido catado do meio-fio, uma estante de livros vazia e uma mesa de centro desnivelada. Além disso, a sala está uma bagunça. Há roupas sujas espalhadas por todo o cômodo e caixas de delivery em cima da mesa de centro. Reprimo o impulso de arrumar tudo eu mesma. Ele provavelmente não mora aqui há tempo suficiente para ser um acumulador, mas está caminhando nessa direção.

– Senta – diz ele, ansioso, apontando para o sofá esfarrapado que parece estar cheio de larvas e percevejos. – Quer beber alguma coisa?

– Não. – Deus me livre beber alguma coisa em um copo deste lugar. – Obrigada.

Meu pai, Marvin Holick, senta-se ao meu lado no sofá. Está com um sorriso nervoso nos lábios, que o faz parecer mais jovem. Ele me lembra um pouco Liam quando sorri desse jeito. Não é nem um pouco o que eu esperava. Esperava um cara tipo Sean Connery, que estaria fumando um cigarro e contando casualmente, com um possível sotaque escocês, a história do crime que cometeu. Mas esse homem está longe de ser um Sean Connery. Está mais para Mr. Magoo.

Ele pisca os olhos lacrimejantes.

– Estou muito feliz por você estar aqui, Erika.

Dou um sorriso tenso.

– Quis tanto entrar em contato com você depois que saí da prisão – prossegue ele. – Mas sabia o que sua mãe tinha te falado a meu respeito. E pensei… Bem, pensei que você ficaria melhor sem mim na sua vida. Mas estou muito feliz de você estar aqui.

Faço que sim com a cabeça.

– Quero saber tudo sobre a sua vida. – Ele faz menção de pegar na minha mão, mas me afasto antes que tenha a chance. – Você é casada? Tem filhos?

– Sou casada – respondo, tensa – e tenho dois filhos adolescentes.

– Eu tenho netos? – O rosto dele se ilumina. – Você tem fotos deles?

Observo seu rosto enrugado. Será que é tudo uma encenação só para ganhar minha simpatia? Será que ele está realmente animado para ver fotos dos meus filhos? Porque a verdade é que Marvin Holick não parece ser um

sociopata. *Nem um pouco*. Mas ele matou uma pessoa. E a descrição que minha mãe fez dele me lembrou Liam.

Devagar, tiro o celular da bolsa e mostro algumas fotos recentes das crianças. Meu pai pega os óculos e olha para as imagens por tempo demais para ser uma encenação. Quando chega numa foto do Liam, tirada logo após um dos debates, ele dá um suspiro.

– Meu Deus! – exclama ele. – O garoto é a minha cara!

– Pois é – respondo, distraída.

Não foi só isso que ele puxou de você.

– O que ele tá fazendo nessa foto? – pergunta meu pai. – Ele tá todo arrumado.

– Ele faz parte do time de oratória.

– Time de oratória! – O rosto dele se ilumina. – Que garoto inteligente. Uau. Seu marido deve ser inteligente. Com certeza, ele não herdou isso de mim.

– A minha mãe é muito inteligente.

O sorriso desaparece dos lábios dele.

– Você tem razão. Ela é, sim. – Ele me devolve o celular, com uma expressão preocupada no rosto. – Eu sinto muito, Erika. Por… Bem, por tudo. Estraguei tudo.

– Pois é – murmuro.

Ele abaixa os olhos.

– Você provavelmente quer saber o que aconteceu.

Não quero saber. Mas *preciso*. Tenho que saber o que o levou a matar uma mulher. E o que posso fazer para evitar que seu neto tenha o mesmo destino que ele – se não for tarde demais.

– Sim – respondo, sem conseguir dizer mais nada.

Ele assente e suspira, afundando ainda mais no sofá esfarrapado. Passa a mão pelo que restou do cabelo. É difícil imaginar que os fios já foram tão escuros e grossos quanto os de Liam.

– Eu era jovem e burro – diz ele, por fim. – É uma péssima combinação. Conheci uma moça. Nancy. Meu Deus, como queria poder voltar atrás. Eu amava a sua mãe, mas… era jovem e bonito, e isso me metia em confusão. Aí a moça me disse que estava grávida e ameaçou contar pra sua mãe. Achei que sua mãe iria me deixar e que eu perderia vocês duas.

– Aí você matou a moça.

– Não!

Ele arregala os olhos castanhos, marejados. Olhos que costumavam ter a mesma cor que os de Liam, mas agora perderam a vivacidade, como uma camisa lavada muitas vezes.

– Eu não queria matar a Nancy. Juro. Eu só… arranjei uns comprimidos com um amigo, que daria a ela sem que ela soubesse, e assim a Nancy perderia o bebê. Depois, meu plano era terminar com ela e ser fiel à sua mãe. Eu nunca quis matar ela. *Juro*.

Fico olhando para ele.

– Você não acredita em mim. – Ele balança a cabeça. – Não te julgo. A polícia também não acreditou. Talvez tivessem acreditado se ela estivesse realmente grávida, mas era mentira. Nunca houve bebê nenhum. – Ele solta um suspiro trêmulo. – E aí eu perdi vocês duas mesmo assim.

Desvio o olhar, incapaz de encará-lo. Será que acredito nele?

– Foi um erro terrível – diz. – Queria muito poder voltar atrás. Eu teria encarado a situação, independentemente do que custasse. Mas, meu Deus, como paguei por isso. Perdi a sua vida todinha. Perdi a chance de ter um neto que se parece comigo. Perdi a oportunidade de pegar meus netos no colo quando eles eram bebês. E a Angela… Ela nunca foi me visitar. Queria esquecer que eu existia. Criar você sozinha.

– Ela fez um bom trabalho.

– Fez. Não tenho dúvida. – Ele tira os óculos e esfrega os olhos. – Não mereço isso, Erika, mas queria muito poder conhecer sua família um dia. Acha que há alguma chance de isso acontecer? Algum dia?

– Quem sabe.

Sei que ele seria o homem mais feliz do mundo se eu dissesse que sim, mas não posso fazer isso agora. Ele obviamente não faz ideia da confusão em que Liam se meteu. Não posso investir na minha relação com meu pai em meio a isso tudo. E ainda não sei como me sentir em relação à confissão dele.

– Eu entro em contato – digo.

– Tudo bem. – Ele dá um sorriso nervoso. – Por acaso você não tem uma foto sua e das crianças que possa… ficar pra mim?

Tenho miniaturas das fotos escolares de Hannah e Liam na carteira. Entrego as duas. Ele passa alguns segundos a mais olhando para a de Liam,

com os lábios entreabertos. Ele realmente perdeu a chance. Teria adorado ser avô daquelas crianças.

E como teria sido minha vida se ele tivesse feito parte dela? Se ele não tivesse feito uma coisa tão burra e ido para a cadeia? Tudo poderia ter sido diferente.

Olho para o relógio e percebo que já estou aqui há uma hora. Preciso voltar para casa antes que Jason comece a se perguntar onde estou de fato. A última coisa de que preciso é que ele fale com Brian. Então, me despeço do meu pai e volto às pressas para o carro. Ele insiste em me acompanhar até o veículo e fica acenando até que eu vá embora de vez.

Não sei o que esperava quando fui visitar meu pai, mas não estava esperando um velho solitário, com certeza. Não faço a menor ideia se Marvin Holick realmente quis matar aquela mulher ou se estava dizendo a verdade e tudo não passou de um acidente terrível. Quero acreditar que ele não seja um assassino. Quero acreditar nisso mais do que em qualquer outra coisa.

Mas sei do seguinte: se ele é um sociopata, é também o melhor ator da história.

CINQUENTA E SEIS

ERIKA

Parei de atender o celular de vez. Não sei como as pessoas conseguem meu número, mas tenho passado o dia inteiro recebendo ameaças de morte. Estão cada vez piores. As pessoas ligam e dizem que vão me matar, matar minha filha e, principalmente, meu filho. Quando não atendo, deixam mensagens de voz. É um horror.

Até certo ponto, porém, sei como se sentem. Elas me culpam pelo que Liam fez. Eu me culpo. Parece que há algo que eu poderia ter feito. Talvez, quando o trabalho com a Dra. Hebert não funcionou, eu pudesse ter ido atrás de outra pessoa. Alguém melhor. Alguém que poderia ter curado Liam.

Ou poderia ter feito o que Jessica Martinson sugeriu: deixado preso e ido embora.

Mas isso não teria resolvido o problema. Não é possível prender uma pessoa com base no que ela pensa. Eu poderia tê-lo mandado para um colégio interno, mas, quando ele completasse 18 anos, não haveria mais nada que eu pudesse fazer.

Às seis e meia, meu celular toca e automaticamente dou um pulo. Estou deitada na cama, de olho no relógio, à espera de Jason (ele deveria ter chegado em casa dez minutos atrás). Só tenho tido alguma vontade de sair

de meu casulo quando o ouço entrar em casa. Mas então olho para a tela e vejo o nome de Jason.

– Erika? – Ele parece cansado do outro lado da linha. – Olha só…

– Por favor, não me diz que vai chegar tarde…

– Me desculpa mesmo. – Ele solta um longo suspiro. – Passei o dia inteiro apagando incêndios… Todo mundo sabe do Liam. Dois investidores deram pra trás hoje.

Sinto um buraco no estômago. Achava que a situação não poderia piorar, mas aqui está. Não podemos nos dar ao luxo de ficar sem a renda de Jason. Temos uma hipoteca altíssima e agora os honorários do advogado de Liam, além da despesa com a fiança.

Seguro o aparelho com mais força.

– Você vai demorar quanto tempo?

– Tenho um jantar agora e depois preciso me reunir com a equipe pra discutir a situação. Só consigo sair do trabalho daqui a umas duas horas.

– *Duas* horas?

Vou cair no choro. Já estava difícil quando eu achava que Jason chegaria em breve. Duas horas até ele pegar a estrada significam pelo menos três até ele chegar em casa. Isso se o trânsito tiver diminuído até lá.

– Me desculpa mesmo, Erika – repete ele.

Não quero ficar sozinha neste momento. Tenho medo de que outra pessoa jogue uma pedra na nossa janela. Ou coloque fogo em tudo. Agora que o sol se pôs, fico especialmente aflita.

– Se você quiser – diz ele, por fim –, eu cancelo as reuniões. Se você realmente estiver precisando de mim…

Fico tentada a dizer que sim. Que preciso dele. Mas também não podemos nos dar ao luxo de ficar sem dinheiro. Tenho que segurar a onda. Afinal de contas, são só três horas. O que pode acontecer em três horas?

– Tudo bem. Eu vou ficar bem.

– Tem certeza…?

– Tenho.

Ele dá um suspiro.

– Tá bem. Obrigado, Erika. Vou pra casa assim que puder.

Engulo em seco.

– Te amo – digo.

– Também te amo.

Três horas. Ele vai chegar em três horas. Não é tanto tempo assim.

Tento distrair a cabeça vendo televisão – qualquer coisa, menos o noticiário. Assisto a um filme na Netflix só para não correr o risco de ouvir nenhuma notícia. A única notícia que quero ouvir é que Olivia Mercer foi encontrada e que, sei lá como, meu filho não teve nada a ver com isso. Até parece.

São cerca de oito e meia quando ouço uma batida na porta do quarto.

– Entra! – grito.

A porta se abre e vejo Liam ali parado. Está vestindo a mesma camiseta e a mesma calça jeans de ontem, e me pergunto se ele dormiu com essa roupa. Liam olha para mim, e seus olhos estão vermelhos. É algo que nunca vi antes.

– Liam?

– Mãe – diz ele, e sua voz fica embargada.

Então ele começa a chorar. Meu filho de 16 anos (praticamente um homem) está aos prantos. Os ombros sacodem, e ele esconde o rosto machucado nas mãos. Pulo da cama e atiro os braços em volta dele, que se agarra a mim. Nunca o vi desse jeito. Nem quando era criança.

– Liam. Meu amor, o que tem de errado?

É uma pergunta burra. O que *não tem* de errado? Mas, especificamente, tem algo que o incomoda agora. Talvez ele esteja assustado com a perspectiva de passar o resto da vida na cadeia. Jamais o julgaria por isso.

– Tem uma coisa… – Ele engole em seco, tentando recuperar o fôlego. – Tem uma coisa que eu preciso te contar.

Respiro fundo.

– É sobre a Olivia?

Ele assente e enxuga os olhos.

– Você… Você sabe onde ela está?

Ele assente outra vez.

É verdade. Tudo que eu temia é verdade.

– Ela tá viva?

Ele fica em silêncio por um instante.

– Eu… eu não sei.

É melhor torcer para que ela esteja viva. É o que o separa de passar a vida na cadeia ou ter a chance de talvez sair um dia. Mas não digo nada disso. Ele já está chorando. Não há necessidade de fazê-lo se sentir pior.

– É melhor a gente ligar pra polícia – digo. – Agora mesmo. Vamos dizer a eles onde ela está.

Liam balança a cabeça vigorosamente.

– Não. Não é… Não é uma boa ideia.

– Liam…

– Vou te mostrar como chegar lá – diz ele. – Vamos juntos.

– A gente precisa ligar pra polícia.

– Por favor, mãe. – A voz dele fica embargada novamente. – A gente liga pra polícia quando chegar lá, pode ser? Precisamos ir. *Agora*.

A urgência na voz dele me surpreende. Afinal, onde quer que Olivia esteja, já está lá há dias. Por que é tão importante irmos agora? Mas ele está me encarando com os olhos inchados, e é difícil dizer não. Mas, assim que chegarmos lá, vou ligar para a polícia.

– Tá bem – digo. – Vamos.

Liam não fala muito durante a viagem. Mantém os olhos fixos na estrada à nossa frente, abrindo a boca apenas para me dar instruções. Quando peço um endereço, ele diz que não tem, mas que sabe como chegar.

Eu me concentro na estrada. Aonde quer que ele esteja me levando, tenho que rezar para que Olivia ainda esteja viva. Se estiver, então podemos dar um jeito nisso. Ele tem uma chance.

Se ela estiver morta, ele vai passar o resto da vida na cadeia.

Quando paramos em um sinal vermelho, pego o celular.

– Deixa eu mandar uma mensagem pro seu pai avisando aonde estamos indo.

– Não – diz ele, com firmeza. – Não faz isso.

Ele diz isso de forma tão dura que me deixa agoniada. Então me dou conta de que Liam está me levando para o meio da floresta sozinha, não quer me dizer para onde estamos indo nem me deixa contar para mais ninguém. Meu filho pode ter feito algumas besteiras na vida, mas nunca encostou um dedo em mim. Nunca.

Mas agora, pela primeira vez na vida, temo pela minha própria segurança. E se ele não estiver me levando até Olivia? E se estiver me levando para a floresta para me matar?

Não. Ele não faria isso. Não o meu filho. Meu bebê. Meu favorito.

– Vira à direita ali – diz Liam.

Semicerro os olhos na direção em que ele aponta. Vejo apenas árvores,

com uma estreita clareira entre elas.

– Mas isso nem é uma estrada.

– Vira à direita – insiste ele, teimando.

Estou prestes a protestar quando vejo uma roda girando, encostada a uma árvore. Forço a vista na direção da mata fechada.

– É a bicicleta da Hannah?

Olho para Liam. Ele também está olhando para a bicicleta, com uma expressão ilegível no rosto.

– Vamos.

– Talvez seja melhor chamar a polícia – digo pela milionésima vez.

– Mãe…

Mas puxo o celular. Não vou mais entrar nesse joguinho. Não vou entrar de carro nessa estradinha minúscula que leva a sei lá onde. E o fato de Hannah estar aqui também é incrivelmente perturbador. É hora de a polícia assumir o controle. Sei quando as coisas estão fora do meu alcance. E, para ser sincera, Liam está começando a me assustar. Ele continua olhando para a frente, semicerrando os olhos na direção da floresta.

Estou ligando para a polícia. Vou contar tudo a eles. Assim que…

Ah, meu Deus. Sem sinal.

– Vamos, mãe. – Liam coloca uma das mãos no volante, e mal consigo ver seu rosto na escuridão. – Se você não vai dirigir, eu vou.

CINQUENTA E SETE

OLIVIA

O pedaço de pão e a garrafa d'água já se foram há muito tempo. A falta de água é muito pior do que a falta de comida. Minha boca está tão seca que mal consigo abri-la. Parece que os lábios foram selados com cola. E sempre que tento me levantar, fico tonta. A cabeça está girando. Quando durmo, sonho com água. Sonho que encontro uma poça e mergulho a língua nela feito um cachorro. Não sou exigente. Beberia a água da privada se pudesse.

Por falar nisso, não me lembro da última vez que fiz xixi. Acho que não estou mais fazendo xixi.

Ele está me matando aos poucos. Vai me deixar morrer de desidratação, uma morte absolutamente terrível. Nem mesmo vai permitir que chegue ao ponto de eu morrer de fome, embora isso também fosse horrível.

A única coisa boa que tenho a dizer é que meu tornozelo esquerdo não lateja mais como antes. Quase não o sinto, a não ser quando passo os dedos pela panturrilha, onde a pele está esticada e inchada. Não consigo mais mexer os dedos dos pés nem o tornozelo. Tenho certeza de que, se tentasse apoiar o peso nele, iria doer, mas não tenho forças para ficar de pé.

Já é noite. O pequeno feixe de luz se foi. Já me acostumei com a escuridão total desse buraco. Quer eu abra ou feche os olhos, é a mesma coisa. Ser cego deve ser assim. Isso só mostra que somos capazes de nos acostumar com qualquer coisa. Agora parece normal tatear o caminho.

Os passos acima da minha cabeça me tiram do torpor. Será que ele voltou? Já? Não passou tanto tempo assim, passou?

Talvez ele tenha trazido comida ou água para mim. Estou disposta a fazer o que ele quiser por isso. *O que for*. Não me resta nenhum orgulho. Só quero água.

– Olá?

Levanto a cabeça. Não é a voz dele. É uma voz de mulher. A voz de uma mulher jovem. Será que é alguém que me encontrou?

Reúno todas as forças, respiro fundo e tento gritar por ajuda. Mas, quando abro a boca, nenhuma palavra sai. Minha garganta está seca demais. Dou um pigarro, o mais forte que consigo.

– Socorro! Me ajuda! Tô aqui embaixo!

Há uma longa pausa e um ruído de pés.

– Opa! Tem alguém aí?

– Tem! – Meu peito se enche de alívio. – Tô aqui embaixo! Meu nome é Olivia Mercer! As pessoas estão me procurando!

– Peraí – diz a voz de mulher. – Tem uma chave na parede.

Tento me levantar, mas é muito difícil. A perna esquerda não consegue suportar nenhum peso e a direita parece gelatina. Mas preciso. Não sei de que outra forma vou conseguir sair daqui.

Ouço o som de uma chave girando em uma fechadura. Depois, o ruído de metal contra metal, e em seguida algo cai no chão. Antes que eu me dê conta, a luz de uma lanterna vem na minha direção, tão brilhante que é como uma faca furando meus olhos. Eu os fecho com força, mas ainda está muito claro.

– Apaga a luz! – peço, ofegante.

– Desculpa – diz a garota.

E agora que a luz não está mais me ofuscando, posso ver que é mesmo uma garota, ainda mais jovem do que eu. Observo o cabelo castanho-avermelhado e o rosto redondo. Ela me parece familiar. Confusa como estou, levo um minuto para identificar quem é.

Hannah Cass.

– Hannah – digo, sem ar. – O seu…

– Eu sei. – A voz dela é triste. – Eu segui ele até aqui ontem à noite. Eu não… Eu não queria mesmo acreditar nisso.

Ela parece que vai chorar, e não a julgo. Por mais horrível que tenha sido

para mim, vai ser muito ruim para ela também. A vida dela nunca mais vai ser a mesma depois disso.

– Acho que ele vai dar um jeito de vir aqui hoje à noite – diz ela. – A gente precisa sair daqui.

– Você chamou a polícia?

Hannah cruza os braços.

– Não queria ligar até ter certeza de que… Bem, não tem sinal aqui. A gente precisa correr. Tô de bicicleta.

Correr? Impossível, considerando o estado do meu tornozelo. Mas uma coisa de cada vez. Preciso primeiro sair deste maldito buraco.

– Imagino que você não consiga escalar – diz Hannah.

– Meu tornozelo tá machucado – admito. – Vai dificultar as coisas.

Ela arqueia as sobrancelhas.

– Se eu te der a mão, você acha que consegue…?

Tento me levantar de novo. A perna direita parece borracha. Quase consigo ficar de pé mas, sem querer, apoio um pouco de peso no tornozelo esquerdo. A dor queima como carvão em brasa. Dou um grito e caio no chão.

– Olivia?

– Não consigo ficar de pé – respondo, ofegante. – Não consigo. Você vai ter que… buscar ajuda…

A ideia de mandar Hannah embora é assustadora. Passei uma eternidade esperando que alguém viesse até aqui e não quero que ela vá embora. Mas não tenho como sair deste buraco, mesmo com a ajuda dela. Precisamos de alguém maior e mais forte, e possivelmente de uma escada.

Olho para Hannah, que está franzindo a testa.

– O que houve? – pergunto.

– Acho que ouvi alguma coisa.

Ficamos as duas em silêncio. Ouço o coração batendo nos ouvidos, mais nada. A princípio.

Então escuto.

O farfalhar das folhas. Seguido por passos. O som de dobradiças rangendo.

– Ele tá aqui – sussurra Hannah.

Ai, meu Deus. Ele está aqui. E vai matar nós duas. Bem, talvez não Hannah. Talvez ele deixe que ela saia viva – afinal, ela é da família. Mas já

era para mim. A esta altura, claramente me tornei um risco. Provavelmente não vale mais a pena ficar me vendo morrer de fome.

– Oi, Hannah. – A voz dele invade o cômodo acima de mim. Eu me encolho com o som familiar. – Achei que fosse te encontrar aqui.

Ela fica em silêncio por um momento. Quando volta a falar, a voz está trêmula.

– Oi, pai.

CINQUENTA E OITO

JASON

Chegou a minha vez, afinal? Erika já terminou de falar? Ou vai continuar por mais duas horas?

Essa é a Erika. Nunca cala a boca. Sempre preocupada com qualquer bobagem. Obcecada. Principalmente quando tem a ver com Liam. Toda vez que ele abre a boca, ela precisa analisar cada detalhe. Na metade do tempo, fico só olhando para ela, esperando que pare de falar. Hannah é igual. As duas podem não ser parecidas fisicamente, mas são farinha do mesmo saco. Tal mãe, tal filha.

Liam, por sua vez…. Bem, você já deve imaginar a quem *ele* puxou.

Você deve estar se perguntando por que me casei com Erika, considerando que ela certamente está longe de ser minha pessoa favorita. Não há uma resposta simples para isso, mas suponho que parte de mim quisesse uma vida normal. Quando conheci Erika, ela era linda. Longos cabelos negros e olhos escuros. Estava usando uma blusa branca justa e uma saia que exibia apenas o suficiente para estimular a imaginação. Eu a desejei. E não apenas por uma noite, para logo depois me desfazer do corpo. Eu a desejei por uma segunda noite, que se transformou em uma terceira, e depois em um ano.

E, pela primeira vez, consegui imaginar uma vida normal para mim. Bem, tão normal quanto seria capaz de ter. Uma esposa – uma família. Não

parecia má ideia, e, antes de refletir a fundo, Erika e eu estávamos nos casando. Olhando em retrospecto, foi um erro. Mas, quando me dei conta disso, já era tarde demais. Já tínhamos um bebê a caminho.

A coisa mais fácil a fazer era mandar minha família para Long Island. Eu trabalho muito. Não, não é bem assim. Não trabalho muito, longe disso. Tenho ideias excelentes que me rendem dinheiro sem que eu tenha que fazer muita coisa. A verdade é que disponho de muito tempo livre, que consigo preencher com várias atividades.

E a melhor parte é que Erika nunca suspeitou de nada. Nadinha de nada. Isso só mostra como minha atuação é brilhante. Já Liam deixa muito a desejar. Acho que não posso culpá-lo. Eu era igualmente descuidado quando tinha a idade dele. Meus pais também não eram tão compreensivos quanto Erika e eu. Minha mãe era uma católica beata que acreditava que eu era um castigo dado a ela por algum pecado de seu passado.

Minha mãe sentia pavor de mim. Isso provavelmente tinha a ver com o fato de eu ter matado o gato dela aos 5 anos. Ela adorava aquele gato, por motivos que jamais consegui entender. Afinal de contas, era só um gato. Ele não tinha emoções reais, embora tenha se debatido bastante quando segurei o travesseiro em cima dele até que parasse de se mexer. Fazia parte da diversão.

Erika levou Liam para a terapia, mas meus pais usavam técnicas diferentes para lidar comigo. Depois que matei o gato, minha mãe me trancou no armário embaixo da escada. Ela me deixou lá por seis horas e me ignorou quando soquei as portas e gritei até ficar rouco. Isso não me "curou". Após o incidente seguinte, meu pai me bateu com o cinto até eu chorar. Naquela época, ninguém na escola se importava com os lanhados nas minhas costas. Bater nos filhos era mais aceitável. Ele fazia isso com frequência.

Então, quando eu tinha 14 anos, veio a garota. Michelle. Minha primeira. Não me lembro do nome de todas, mas é impossível esquecer a primeira.

Não fui pego pela polícia. Era esperto demais. Mas meus pais sabiam. Não tinham nenhuma informação que pudessem apresentar em juízo, porém, para os dois, era o suficiente. Para tristeza deles, eu já era grande demais para ser trancado no armário. Já era tão alto quanto meu pai – e mais forte.

Foi quando minha mãe contratou o exorcista.

Era um padre – ao menos, estava de batina. Um homem de meia-idade, com um rosto redondo e vermelho. Eles me surpreenderam quando cheguei da escola um dia, e meu pai, o padre e seu assistente trabalharam juntos para me segurar e me amarrar na cama enquanto fechavam as cortinas. Durante horas, eles gritaram na minha cara e jogaram água benta em mim. O padre exigiu que eu repetisse as orações e, na primeira hora, eu me recusei.

Na segunda, estava disposto a fazer o que ele quisesse para poder sair dali.

Quando finalmente me desamarraram, eu sentia a maior raiva que já havia experimentado na vida. Havia hematomas nos meus pulsos, por ter sido amarrado à cama, e estava encharcado com um misto de água benta e suor. Queria pular em cima daquele padre e arrancar os olhos dele, mas estava em desvantagem. Precisava esperar.

Naquela noite, tirei as pilhas dos detectores de fumaça da casa. Liguei o fogão a gás. Naquela noite, infelizmente, meus pais morreram em um trágico incêndio ao qual seu único filho conseguiu sobreviver. Disse a Erika que minha mãe morreu de câncer e que meu pai sofreu um infarto, mas era impossível que ela soubesse ser mentira.

E o padre… Bem, ele foi assaltado alguns dias depois em um beco escuro. Coitado. Segundo o relatório da polícia, ele passou pelo menos uma hora sofrendo bastante antes de cortarem sua garganta.

Depois de enterrar meus pais, fui morar com minha avó. Vovó estava com 80 anos, tinha demência e era parcialmente cega. Ela não se importava com o que eu fazia da minha vida. Nós nos dávamos muito bem.

Todo mundo fala que Liam é um garoto inteligente, mas ele não é tanto quanto eu. Ganhei 2 milhões de dólares vendendo minha primeira startup quando tinha só 25 anos. Sem diploma universitário. Apenas com inteligência. Ganhei muito mais com a segunda. Ou seja, tenho muito dinheiro. Um dinheiro com o qual Erika nem sonha. Ela fica toda preocupada com aquela mixaria que ganha naquele emprego ridículo no jornal, é até difícil não cair na gargalhada.

Sim, eu poderia viver muito bem sem minha família. Mas não é tão ruim assim. Faço muitas viagens a trabalho, ocasiões em que posso me divertir, e volto para casa antes que a polícia chegue. Sou muito mais cuidadoso quando estou perto de casa. A garota dividindo o buraco com Olivia se

chamava Hallie Barton – era o que dizia a carteira de motorista. Ela fugiu de casa porque a mãe era uma bêbada e o padrasto a espancava, então estava pedindo carona quando a peguei. Será que essas garotas não sabem que é perigoso pedir carona? Quer dizer, olha só o que aconteceu com Hallie.

Seja como for, ninguém está procurando por Hallie.

Eu poderia muito bem ter passado a vida inteira fazendo isso, feliz da vida. Poderia ter continuado com minhas atividades paralelas, e ninguém teria percebido. Mas aí veio Liam.

Ele fazia coisas estúpidas para chamar a atenção. O que ele estava pensando quando amarrou a garota no armário com fita adesiva? Sei que ele só tinha 5 anos, mas fiquei irado quando soube. Foi expulso da escola. Mais tarde, Erika acabou levando-o para a terapia. Por mais que eu dissesse que não era nada de mais, ela sabia que era.

Liam jogava um holofote em mim. E eu sabia que era só questão de tempo até as pessoas perceberem. Até Erika se dar conta de que a personalidade do Liam não era uma herança do pai dela, um ex-presidiário fracassado.

Anos atrás, vi Liam rondando a casa do professor de inglês. Eu tinha ido à reunião de pais e mestres naquele ano e percebido que o cara odiava Liam. Ele o via como meus pais me viam. E então Liam faria algo estúpido e óbvio, e provavelmente se meteria em uma confusão que seria suficiente para Erika querer mandá-lo de novo para a terapia.

Então, dei uma mãozinha para o Liam. Quebrei o aquecedor para causar o vazamento de monóxido de carbono. Provoquei um curto-circuito no detector de fumaça. Liam jamais teria sido esperto o suficiente para fazer isso sozinho. Era para estarem todos mortos pela manhã. Um vizinho teria visto Liam se esgueirando pela casa, e ele levaria a culpa. Mas o professor acabou não morrendo, e a polícia foi incompetente demais para prender meu filho. Ou seja, um fracasso.

E agora surgiu essa oportunidade.

Às vezes presto atenção quando Hannah está tagarelando. Ela mencionou uma garota de quem Liam gostava, Olivia Mercer. Sempre me perguntei se ele realmente gosta de mulher ou se é como eu. Sinto atração por mulheres, mas apenas pelo motivo mais raso de todos: são uma válvula de escape sexual, só isso. Será que Liam também é assim? No começo, achava que sim, mas, na noite em que voltou do encontro com Olivia, ele

sorria consigo mesmo feito qualquer adolescente apaixonado. Ele é como eu em muitos aspectos, mas também é diferente de mim. A proximidade que ele tem com Hannah, por exemplo. A forma como a protege. Nunca fui próximo de ninguém dessa maneira. Nem mesmo de Erika. Embora tenha gostado muito dela uma época. Talvez até a amasse. Sei lá.

Na noite em que Liam saiu de fininho para ver Olivia, eu soube que era a minha chance. Ainda mais depois de vê-lo sair da garagem com o carro de Erika. Eu o mandei para a cama e depois saí, seguindo as instruções do GPS. Fiquei pensando em como faria Olivia descer outra vez, mas quando cheguei ela estava na varanda. Olhando para as estrelas. Provavelmente sonhando acordada com meu filho.

Olivia me reconheceu quando acenei para ela e me aproximei do carro. Ela abriu um sorriso enorme. Eu devia ter perdido aquele peso extra anos atrás, porque faz uma diferença enorme com as mulheres. Elas confiam mais em você se for bonito. É claro, Liam se parece com a mãe e é mais atraente do que já fui. E isso o torna mais perigoso.

Mas, para ser sincero, sou extremamente perigoso.

– O Liam disse que estava indo pra casa – expliquei a Olivia. Fiz a cara de preocupação que havia percebido que os pais fazem quando os filhos não voltam para casa no horário que deveriam. – Mas ele ainda não voltou. Estou preocupado.

Ela franziu a testa, como se também estivesse preocupada.

– Ai, meu Deus, espero que ele esteja bem.

– Será que você poderia vir comigo para me ajudar a procurar um pouco? É difícil ficar de olho enquanto estou dirigindo.

– É claro!

Olivia entrou no carro sem pensar duas vezes. Eu já estava com o clorofórmio a postos. Ela apagou totalmente. E, antes que qualquer vizinho intrometido pudesse perceber que dessa vez era eu que estava dirigindo e não meu filho, fui embora.

O relacionamento de Liam com Olivia. O vizinho que o viu com ela às duas da manhã. O cabelo e o sangue que coloquei no porta-malas. E, depois que Olivia morresse, eu faria seu corpo reaparecer, porque é mais difícil conseguir uma condenação quando não há cadáver. Estava tentando pensar em que mais poderia colocar na cena para enfiar o último prego no caixão do meu filho.

E agora Hannah está aqui, atrapalhando tudo.

Bem, é isso que ela está *tentando* fazer. E, sim, ela está atrapalhando o plano original, que era me divertir um pouco com Olivia e fazer com que Liam passasse o resto da vida preso. Nunca tive nenhuma outra ambição além dessa. Mas, agora que Hannah está aqui, percebo que esse plano pode ser ainda melhor do que eu pensei inicialmente.

Eis o que a polícia vai descobrir:

Liam sequestrou Olivia e, quando Hannah descobriu o plano do irmão, Liam teve que matar as duas. Depois, Erika ficou tão transtornada que teve uma overdose de calmante que guarda em sua mesa de cabeceira. Só que aquilo não é o que ela pensa, é algo muito mais forte que coloquei no lugar de seu remédio habitual meses e meses atrás.

Ou talvez Liam mate Erika também. Ainda não me decidi em relação a isso.

E eu, é claro, vou fazer o papel do viúvo em luto. Que não precisa mais lidar com uma esposa irritante, uma filha reclamona e um filho sociopata. Vai ser ainda mais fácil do que quando eu tinha 14 anos e interpretei o filho em luto.

É um plano excelente. Mal posso esperar para ver como tudo isso vai se desenrolar.

Essa é a parte divertida.

CINQUENTA E NOVE

OLIVIA

Até agora não consegui entender tudo. O Sr. Cass. Pai de Liam. Já o havia visto uma vez, quando ele foi buscar Liam mais cedo na escola, e ele pareceu muito legal. E para um pai… Bem, ele é bem gato. *Muito* gato. É tão atlético e musculoso, e tem um sorriso bonito, enquanto meu pai é careca e barrigudo.

Então, quando ele pediu para entrar no carro, é claro que entrei. Estava preocupada com Liam. E não havia motivo para suspeitar que o Sr. Cass quisesse me fazer mal. Afinal, era o pai de Liam.

Se as pessoas estão imaginando o que aconteceu comigo, devem estar culpando Liam. Foi com ele que eu tive um encontro naquela noite. Aposto qualquer coisa que a vizinha intrometida, a Sra. Levy, viu a gente se beijando naquela noite. Se eu não aparecer, ele vai ser o culpado. Se alguém for preso por isso, será Liam.

– Pai – diz Hannah com a voz sufocada. – Por favor, não faz isso.

Fazer o quê? Ele tem uma arma? Uma faca? Queria conseguir ver o que está acontecendo lá em cima.

– Hannah. – Ele fala com a mesma voz suave e calma que usou todas as vezes que me perguntou como era morrer de fome. – Você sabe o que está fazendo? Está destruindo nossa família.

– Juro por Deus, não chega perto de mim.

– Hannah. Vamos lá. Eu sou seu pai. Ela não é ninguém.

– Pai… – Hannah está soluçando agora. – Por favor…

– Vou simplificar as coisas pra você, Hannah. Ela não vai sair daqui viva. Não tem a menor chance. A única pessoa que tem alguma chance é você.

Meu coração bate tão rápido que meu peito começa a doer.

– Hannah – digo. – Não dá ouvido. Ele é a maldade em pessoa.

– O que você acha de acabar com ela, Hannah? Eu puxo ela aqui pra cima e deixo você fazer isso.

– Por favor, pai, não…

Ele ri. É um som que passei a detestar nos últimos dias.

– Estou só brincando. Sei que você não é capaz disso. Você não é como eu. Você é tão parecida com sua mãe que chega a me dar nojo.

Mal consigo distinguir o rosto de Hannah nas sombras, mas vejo que as bochechas dela estão cobertas de lágrimas.

– Acho que infelizmente as coisas chegam ao fim esta noite – diz o Sr. Cass. – Pra vocês duas.

Então Hannah dá um grito.

SESSENTA

ERIKA

– Mãe! – Liam sacode meu braço, com uma urgência cada vez maior na voz. – Por favor. Vamos.

Não tem sinal de celular aqui. Todos os meus ossos estão gritando que eu deveria chamar a polícia. Mas e aí? Meu filho está aqui. Minha filha aparentemente está aqui. Algo terrível está acontecendo, e não consigo imaginar a possibilidade de ficar aqui sentada até a polícia chegar.

Liam não vai me matar. Às vezes não sei bem o que ele está pensando, mas disso eu sei. Ele jamais me machucaria. E a única coisa que consigo perceber em sua voz agora é medo. Ele está com medo de alguma coisa.

Mas de quê?

E o que a bicicleta de Hannah está fazendo aqui? Não consigo entender.

Então entro na floresta, seguindo as instruções dele. Dirijo por mais cinco minutos pelo caminho de terra e por fim vejo um chalé em ruínas: a madeira está lascada e suja, caindo aos pedaços em alguns pontos. A porta da frente está pendurada por apenas uma das dobradiças. Parece abandonada há anos. Exceto por duas coisas.

A luz fraca vindo do lado de dentro. E o Prius estacionado do lado de fora.

Não sei por que a bicicleta de Hannah está aqui. Mas não consigo nem

começar a imaginar por que o carro do meu marido está estacionado aqui, quando ele deveria estar no trabalho.

– Liam – digo lentamente. – O que está acontecendo? Chega desse joguinho. Me fala agora mesmo.

Ele respira fundo.

– O pai saiu ontem à noite, e a Hannah foi atrás dele. Ele veio pra cá. Ela anotou como fazia pra chegar e me mostrou. Ela me disse que iria voltar hoje à noite, e eu queria vir junto, mas ela ficou com medo de que eu acabasse me metendo em confusão… Bem, se ela encontrasse alguma coisa muito errada. Aí eu estava no quarto pensando na Hannah e… achei que o pai poderia…

Fico olhando para ele.

– Poderia o quê?

Ele franze a testa.

– Você sabe que ele é doido, né?

Sinto um aperto indescritível no peito, como se o mundo ao meu redor estivesse implodindo.

– Do que você tá falando? Seu pai é o homem mais normal que já vi.

Ele bufa.

– Acho que você não percebe. Eu, sim. Sempre percebi. É por isso que ele fica com tanto medo quando eu… Bem, você sabe. Ele se enxerga em mim. Mas eu não sou igual a ele. Pelo menos, não tanto quanto ele pensa.

– Que loucura é essa? – sussurro. – Por que você tá me falando isso?

– Achei que você soubesse. – Liam me encara, surpreso. – Todos esses anos. Você nunca… Tipo, eu não sei onde ele passa o dia inteiro, mas não é no trabalho. Liguei pra lá uma vez quando precisei falar com ele, e me disseram que ele nunca tá lá. Você nunca suspeitou…?

Não, eu nunca suspeitei de nada. Nunca.

Mas ele sempre trabalhava até tarde. Vivia fazendo "viagens de negócios". Sempre acreditei piamente. Houve uma época em que fiquei com medo de que ele estivesse tendo um caso, mas talvez fosse algo muito pior.

Será que o perfume que senti era de uma mulher morta?

Não, não é possível. Isso é loucura. Por que estou pensando nessas coisas? Jason é meu marido há vinte anos. Ele não é um assassino. Não sei o que o carro dele está fazendo aqui, mas deve haver uma explicação razoável.

– Acho que a Olivia tá lá dentro – diz Liam. – Mãe, tô com muito medo

de que ele acabe matando as duas.

– Ele não faria uma coisa dessas.

Embora esteja bem claro que não sou especialista no tipo de coisa que Jason faria ou não.

Liam hesita por apenas uma fração de segundo antes de sair em disparada do carro. Grito seu nome, tentando evitar que ele entre e encare o que quer que esteja acontecendo lá dentro. E se for mesmo Jason? Será que ele faria mesmo algo desse tipo? Impossível. Jamais. Não ligo para o que Liam diz. Conheço meu marido. Um cara que consegue fazer tantos trocadilhos com ovos não sai por aí matando pessoas. Não mesmo.

O chão de terra está coberto de folhas e galhos, e sigo um pouco atrás de Liam, desviando até alcançar o chalé. Ele é mais alto do que eu, então seus passos são mais largos e ele tem mais estabilidade no terreno irregular. Chegamos lá bem a tempo de ver Jason tropeçar na porta quebrada.

Liam para de repente, olhando para o pai.

– Cadê a Hannah? Cadê a Olivia?

O rosto de Jason ganha uma expressão sombria que nunca vi antes. Neste momento, parece totalmente possível que tudo que Liam acabou de me contar seja verdade. Que Jason seja alguém que não conheço. Alguém capaz de ter feito coisas horríveis.

Então ele me vê e o olhar perverso desaparece de seu rosto como se nunca tivesse estado lá.

– Erika! Ainda bem que você tá aqui. Você precisa chamar a polícia agora mesmo!

– Cadê elas? – grita Liam.

Jason o encara com os olhos injetados de veneno.

– Estão lá dentro… mortas. Mas você já sabe disso, já que foi você quem matou as duas. Seu monstro.

Sinto como se alguém tivesse me dado um soco no estômago.

– Mortas?

– Sinto muito, Erika. – Os olhos de Jason se enchem de lágrimas enquanto ele corre na minha direção. Ele coloca a mão nas minhas costas. – Eu tentei salvar a Hannah…

– Seu mentiroso! – O rosto de Liam fica vermelho. – Você odeia a Hannah! Você odeia todos nós!

Minhas pernas estão fracas. Hannah não pode estar… Não…

Os braços de Jason me envolvem, mas praticamente não conseguem me segurar quando desabo.

– Vamos chamar a polícia – diz ele em uma voz suave e tranquilizadora. – Eles vão punir o Liam pelo que ele fez com a nossa garotinha. – Jason lança um olhar frio para Liam. – Nem tente fugir. Eles vão pegar você.

Liam nos encara, com o rosto vermelho. Então algo muda em sua expressão.

Ele arregala os olhos, como se tivesse visto algo terrível.

– Mãe – diz ele, engasgado.

Em vez de correr, ele vai para cima do pai. Vejo uma faca reluzir na mão de Jason. Ele não a estava empunhando quando saiu do chalé. Ele a puxou enquanto me consolava.

Ah, meu Deus. Ele ia me esfaquear?

Jason pode ser mais pesado que Liam, mas Liam é mais jovem e mais rápido. A faca cai da mão de Jason, e Liam o prende no chão. Por um momento, parece que Jason vai conseguir se soltar, mas então Liam dá um soco nele e ouço um estalo repugnante. Quando olho para o rosto de Jason, vejo sangue saindo de seu nariz.

– Seu merdinha! – grita Jason. – Eu vou te matar.

– Mãe, a faca – diz Liam.

A faca está caída na grama. Não me parece familiar (não é uma das facas cegas da nossa cozinha). Eu a pego do chão para que Jason não consiga alcançá-la. Meus dedos se fecham ao redor do cabo, mas não sei ao certo o que fazer com a ponta afiada. Aponto na direção de Jason, mas quem quero enganar? Jamais seria capaz de esfaqueá-lo.

Ele também sabe disso.

– Mãe. – Liam está sem fôlego. – Me dá a faca.

Jason se debate contra nosso filho, que o prende com força. Fico impressionada com a facilidade com que Liam o imobiliza. Liam se tornou mais forte que o pai.

– Erika, não dá a faca pra ele – diz Jason.

Encaro meu marido.

– Por que não?

Jason está pálido.

– Você sabe como o Liam é. Sempre soube. Ele é *doido*, Erika.

Bem, não deixa de ser verdade.

Jason percebe minha hesitação e insiste.

– Erika – diz ele, desesperado. – Você *não* quer essa faca na mão dele. Você sabe. Ele vai matar nós dois.

Será?

Liam olha para mim com seus olhos castanhos, tão parecidos com os que vejo quando me olho no espelho. Não sei mais em que acreditar, mas, entre Jason e Liam, sei a quem prefiro entregar a faca.

Viro a lâmina na minha direção e ofereço o cabo a Liam.

Meu filho sorri para mim com seus dentes perfeitos e alinhados, um sorriso que sei que é cem por cento verdadeiro.

– Obrigado, mãe. – Os dedos dele se fecham ao redor do cabo. – E você meio que tinha razão, pai.

Fico olhando enquanto Liam enfia a faca no peito do pai.

SESSENTA E UM

ERIKA

Liam sabia exatamente onde enfiar a lâmina. Com essa única facada, todo o sangue do meu marido é drenado do rosto e, segundos depois, começa a sair pela boca, conforme ele tosse. Jason está morrendo. Está morrendo depressa. Tão depressa que, ainda que chamássemos uma ambulância agora, se fosse possível, seria tarde demais.

– Erika – consegue dizer Jason, engasgando com o próprio sangue. – Sua…

Fico olhando para ele, aguardando as últimas palavras que ele tem a me dizer. Será que vai falar que me ama uma última vez? Acho que eu não iria aguentar. Mal estou conseguindo me manter em pé.

– Sua *puta* – conclui ele. – Depois de tudo que eu fiz por você…

Eu me encolho como se ele tivesse me batido. Liam tinha razão. Jason não é o homem que eu imaginava. Ele é perturbado. Louco. E fez algo terrível. Planejava me matar, e a única razão pela qual estou viva agora é porque meu filho me salvou.

Jason merece essa morte.

Dou um passo à frente, paro ao seu lado e fico olhando para ele. Recuo o pé e, com toda a força, lhe dou um chute em cheio nas costelas. É a última coisa que ele sente antes de perder a consciência.

Escondo o rosto nas mãos, com vontade de chorar, mas atordoada

demais. Jason. Hannah. Mortos. Isso está realmente acontecendo? Acho que vou vomitar.

– Mãe. – A voz de Liam retoma a urgência, me tirando daquele torpor. – Vamos entrar no chalé. Pode ser que a gente consiga salvar as duas.

Ele me puxa pelo braço e vou junto, sem pensar. Minhas pernas se movem automaticamente, mas minha cabeça não para de girar. Estou morrendo de medo de ver o que tem lá dentro. Acho que não sou capaz de continuar vivendo se encontrar minha filha morta no chão daquele chalé. Isso acabaria comigo.

Entramos no chalé, que está escuro, a não ser por uma lanterna caída no chão. A lanterna fornece luz suficiente para sabermos que não há ninguém aqui. Mas ouço vozes. Vozes femininas abafadas.

– Hannah! – grita Liam. Ele se ajoelha e coloca as palmas das mãos no chão. – Cadê você?

Nesta hora, ouço mais claramente a voz da minha filha:

– Aqui embaixo!

Aparentemente, existe um alçapão. Há um molho de chaves no chão, e Liam experimenta cada uma delas até que a fechadura se abre. As mãos dele estão tão firmes que fico impressionada. Como ele pode estar calmo assim depois do que acabou de acontecer? Acho que eu não conseguiria sequer segurar a chave, muito menos colocá-la na fechadura. Ele abre o alçapão e aponta a lanterna para dentro.

Lá estão elas. Hannah, com o rosto coberto de lágrimas, mas viva. E Olivia.

Também viva.

O alívio que sinto quase me derruba no chão. Hannah está bem. Minha filha está viva.

Ainda bem.

SESSENTA E DOIS

OLIVIA

– Hannah! Cadê você?

A voz de Hannah flutua pelo ar:

– Aqui embaixo!

Tateio a escuridão até que minha mão toca o braço de Hannah.

– Xiu! O que você tá fazendo?

– Tá tudo bem. É o Liam. Ele vai ajudar a gente.

– Tem certeza?

– É claro que tenho. Ele é meu irmão.

Não menciono o fato de que foi o pai dela que me deixou aqui presa por quatro dias, com o plano de me deixar morrer de fome. Portanto, o fato de alguém pertencer à família dela não faz com que eu me sinta melhor. Mas, a esta altura, não há mais nada que eu possa fazer.

O alçapão se abre, e lá está ele. Liam Cass. O garoto por quem estive apaixonada por quase três meses, que eu achava o cara mais bonito da escola. Ele está segurando uma lanterna, mas não a aponta para nossos olhos como o pai fazia. Mal consigo distinguir os contornos de seu rosto.

– Vocês conseguem sair? – pergunta ele.

Hannah balança a cabeça.

– Não – responde ela. – Machuquei o pulso quando o pai me jogou aqui dentro. E o tornozelo da Olivia tá muito feio.

Liam ouve, assentindo, pensativo.

– Eu posso descer aí. Ajudo vocês a sair.

Antes que eu consiga dizer que não é uma boa ideia, Liam já está descendo até o buraco. Ele é muito ágil e consegue entrar facilmente sem se machucar. Agora que posso vê-lo de perto, percebo que está banhado em sangue. O corpo todo. A camiseta está toda manchada e o rosto, coberto de respingos. Hannah cobre a boca com a mão.

– Liam! – exclama ela. – Você… Quer dizer, ele…?

– Eu tô bem. – Liam faz uma careta. – O sangue é *dele*.

O queixo de Hannah cai.

– Ele tá… morto?

Liam faz que sim com a cabeça, devagar. Ele não dá mais nenhum detalhe, e fico feliz por isso.

– Eu falei pra você não vir aqui – sussurra ela, com os olhos cheios de lágrimas novamente. – Vai acabar se metendo em confusão.

– Você só pode estar de brincadeira, Hannah. Ele teria te matado. Como eu poderia deixar isso acontecer?

Em seguida, ela o abraça com tanta força que, quando se afasta, o sangue do pai também está na sua blusa. Hannah seca os olhos enquanto ele se agacha ao meu lado no chão, onde estou agarrada ao meu tornozelo. À luz da lanterna, seus olhos parecem pretos.

– Onde dói? – pergunta ele.

Mostro o tornozelo. Liam aponta para ele com a lanterna, e nós dois nos chocamos ao mesmo tempo. A aparência é *horrorosa*. Está inchado, tem o dobro do tamanho que deveria ter, a pele está brilhante e vermelha e há pus saindo de uma lesão na pele. Não sabia que a situação era tão ruim.

– Não se preocupa – diz Liam. – A gente vai te tirar daqui. Prometo.

Um canto de seus lábios se move para cima em um sorriso, e eu me lembro do quanto gostava dele. De como ele fazia meu coração acelerar quando o via correndo na pista depois da aula. Parece que foi há uma eternidade.

Liam é alto o suficiente para enxergar por cima do alçapão quando fica em cima do monte de terra que fiz. Ele pede a ajuda de outra pessoa. Por um momento, fico paralisada, morrendo de medo de que o pai dele esteja ali, mas então ouço a voz trêmula da mãe.

– Vou passar as duas pelo alçapão – diz ele à mãe. – Você precisa ajudar

elas a sair.

Liam é muito gentil comigo. Ele coloca o braço esquerdo sob meus joelhos com calma para não me machucar ao me levantar. Eu me agarro ao seu pescoço quando ele sobe no monte e me ergue com cuidado até a mãe. Ela treme como vara verde enquanto me ajuda a chegar ao chão de madeira do chalé. Meu tornozelo é atingido no processo, porque ela não é tão cuidadosa quanto Liam, e sinto tanta dor que meus olhos lacrimejam.

Depois que Liam tira Hannah do buraco, a Sra. Cass não para de abraçá-la. Ela coloca os braços em volta dos ombros de Hannah, aos prantos, dizendo que achava que ela estava morta. Hannah se agarra à mãe com a mesma força. Ver as duas me faz querer tanto a minha mãe que chega a doer. Pelo menos agora sei que vou vê-la em breve. Não é como quando estava presa no buraco. Está quase acabando.

– Ele falou que voltaria pra matar a gente assim que terminasse com vocês dois – diz Hannah, aos prantos. – Ele tava falando sério. Dava pra ver nos olhos dele.

Ainda não consigo ficar de pé. Meu tornozelo dói mais do que eu imaginava ser possível. Não está só quebrado – tem algo muito errado com ele. Estou me contorcendo no chão quando Liam se abaixa ao meu lado.

– Vou te pegar no colo, tá?

Eu me encolho, sem querer que ninguém chegue a meio metro do meu tornozelo.

– Tá doendo muito.

– Vou tomar cuidado. Prometo.

Que escolha eu tenho?

– Tá bem.

Ele faz exatamente o que fez antes e me pega gentilmente nos braços. Não dá nem um grunhido quando me levanta do chão. Não sabia que ele era tão forte. Apesar de tudo que aconteceu, uma sensação de calma se apodera de mim enquanto ele me carrega, e encosto a cabeça em seu peito. Eu me sinto segura aqui.

Liam me leva para fora do chalé, com a mãe e Hannah na dianteira. Após cerca de dez passos, ele para e olha algo no chão.

Demoro um pouco para perceber que ele está olhando para o pai.

O Sr. Cass está caído de costas no chão de terra. A camisa está encharcada de sangue, muito mais do que o tanto que tem na camiseta de

Liam. Há sangue no queixo dele também, os olhos encaram o céu e a boca está aberta.

Ele está morto. Com certeza, está morto.

Acabou.

SESSENTA E TRÊS

Transcrição do depoimento de Erika Cass na delegacia

– Sra. Cass, a senhora pode contar mais uma vez o que exatamente aconteceu quando chegou ao chalé?

– Depois que estacionamos, vi o Jason saindo do chalé. Ele tinha uma faca e disse que a Hannah e a Olivia estavam mortas. Ele admitiu que tinha matado as duas, mas na hora não percebi que era mentira.

– A senhora acreditou nele?

– Eu não sabia em que acreditar. Eu e Jason fomos casados por vinte anos. Nunca imaginei que ele pudesse fazer uma coisa desse tipo. Mas você não viu a expressão nos olhos dele…

– E o que aconteceu depois?

– Ele veio pra cima de mim com a faca. Ainda bem que o Liam estava lá comigo… Caso contrário, eu estaria morta. O Liam correu na direção dele e agarrou o Jason, que deixou a faca cair. Foi quando eu peguei a faca e…

– Sra. Cass?

– Desculpa. É muito difícil…

– Por favor, não tenha pressa.

– Ele conseguiu escapar do Liam. Ele é maior que o Liam. Aí veio pra cima de mim outra vez e…

– E…?

– Eu ainda estava com a faca. Então, fiz a única coisa que podia fazer: dei

uma facada nele quando ele tentou me atacar.

– Então foi a senhora quem esfaqueou ele?

– Isso mesmo.

– Não foi o Liam?

– Não.

– A questão é a seguinte, Sra. Cass. O padrão dos respingos de sangue nas roupas de Liam faz parecer que ele estava bem na frente do Jason no momento do golpe. As suas roupas praticamente não estão sujas de sangue.

– Não sei bem o que te dizer. O Liam estava bem do meu lado. E ele se curvou sobre o Jason depois da facada, e acho que foi por isso que acabou cheio de sangue daquele jeito. Ele tentou reanimar o pai, mas não funcionou, é claro.

– Entendi.

– Estou… Estou sendo presa?

– Dadas as circunstâncias e o depoimento da Olivia corroborando a sua história, não temos planos de fazer nenhuma acusação por enquanto.

– …

– Mas a investigação não está concluída. Haverá autópsia.

– Sim. Sim, claro.

– Tenho mais uma pergunta, Sra. Cass.

– Sim?

– Por que a senhora está protegendo o Liam?

– Não faço ideia do que está falando. Meu marido acabou de tentar me matar.

– Mas foi o Liam quem esfaqueou ele, não foi?

– O homem que foi meu marido por vinte anos está morto. O dia foi muito difícil. Eu não… Não consigo nem pensar direito. Já contei o que aconteceu. Não tenho mais nada a dizer.

SESSENTA E QUATRO

ERIKA

A investigadora Rivera não acredita na minha história.

Ela acha que foi Liam quem esfaqueou Jason. De fato, ele está coberto de sangue. Mas eu não podia correr o risco de meu filho ir para a cadeia por causa disso. Se alguém tem que assumir a culpa, que seja eu. Eu sou a burra que se casou com aquele cara. Sou a tonta que acreditou nas mentiras dele durante vinte anos de casamento.

A investigadora Rivera nos encontrou no pronto-socorro do hospital e ficou bastante surpresa ao descobrir que Olivia não só estava viva, mas também agarrada a Liam, que a carregava até lá. Ele ficou quieto enquanto eu contava à investigadora a história sobre como esfaqueei Jason em legítima defesa. Ele e eu somos os únicos que sabemos a verdade.

Com a ajuda de Hannah, dei a ela as coordenadas até o chalé onde poderiam encontrar o corpo do meu marido.

– Não consigo acreditar – repetia Rivera. – Eu realmente pensei…

Não a julgo. Eu pensava a mesma coisa.

Enquanto Hannah faz um raio-X do pulso, fico com Liam no quarto que ela ocupa no pronto-socorro. É o primeiro momento que temos a sós desde que resgatamos Hannah e Olivia. Bem, desde que *ele* resgatou as duas, melhor dizendo. Eu ajudei. Um pouco.

Há tanta coisa que sinto que preciso dizer. Pensava o pior dele, e ele sabia

disso. Uma mãe não deveria se comportar dessa maneira. Sinto vergonha de mim mesma. Sinto vergonha de em momento algum ter percebido o que Jason fazia.

Meu próprio marido. Não consigo acreditar.

– Você não precisava falar pra investigadora que foi você – diz Liam, baixinho. – A gente podia ter contado a verdade.

– É melhor assim.

– Por quê?

– Você sabe por quê. – Olho para minhas mãos, que finalmente pararam de tremer. – Não vou deixar que te coloquem na cadeia outra vez. Não por isso.

– Foi legítima defesa.

– Não, não foi. E você sabe disso.

Liam olha para os tênis, que estão cobertos por um misto de lama e sangue. Ele não retruca, e fico feliz, porque ambos sabemos que seria mentira. Estou cansada de mentiras.

Aperto os joelhos.

– Mas me desculpa por ter te acusado de… Bem, você sabe. Eu estava errada. É óbvio.

Ele não me encara.

– Bem, você não era a única a pensar assim. A cidade inteira achava que tinha sido eu.

– É, mas eu sou sua mãe. Eu deveria ter acreditado em você.

Ele morde o lábio, com o olhar ainda baixo.

– Tá, mas… vamos encarar os fatos… Ao longo dos anos, eu te dei muitos motivos pra acreditar que faria algo assim.

É verdade, mas é um choque ouvi-lo admitir isso. Sempre fingimos que Liam era o filho perfeito, e ele desempenhava esse papel à altura.

– Mas você não fez.

– Não. Não fiz.

– Além disso – acrescento –, eu quero te agradecer.

Liam finalmente olha para mim. O hematoma em seu rosto diminuiu um pouco, mas ainda está ali.

– Pelo quê?

– Você salvou minha vida. Salvou a vida da Hannah. Apesar de…

Ele franze a testa.

– Apesar de quê?

– Apesar de… – Dou um pigarro. – Nada. Deixa pra lá.

Ele inclina a cabeça para o lado.

– De quê?

Mordo o lábio, com medo de pronunciar as palavras que têm rondado minha cabeça durante a última década. *Seu filho não ama você. Ele não é capaz disso.*

– Eu sei que você não tem… Você sabe…

Liam fica quieto por um momento.

– Não tenho *o quê*?

– A Dra. Hebert me explicou – falo de repente. – Sei que você tem questões com… Você sabe, sentimentos.

– Sentimentos?

– É… Amor…

– *Como é que é*? – Liam me encara, surpreso. – Hum, isso é besteira. Você acha mesmo que eu não amo você e a Hannah?

Não sei o que responder.

– Não tem problema se não amar. É o seu jeito.

– Meu Deus, mãe. – Ele passa a mão nos cabelos escuros. – Não acredito que você tá dizendo isso. É claro que eu te amo. Você é minha mãe.

– Mas a Dra. Hebert disse…

– Ah, bem, se aquela charlatã disse isso, então deve ser verdade, né? – Ele bufa. – Eu acabei de arriscar a minha *vida* por você. Eu te amo, mãe. Se acontecesse alguma coisa com você ou com a Hannah…

Ele fica em silêncio, olhando para as mãos.

– Seria horrível – diz, por fim.

Nem sempre sei se Liam está dizendo a verdade, mas, neste momento, tenho certeza de que sim. Meu filho me ama. Sempre achei que ele fosse incapaz disso. Mas estava enganada.

SESSENTA E CINCO

OLIVIA

Faz cinco dias que estou no hospital, e meus pais praticamente não saíram do meu lado. Minha mãe tem dormido aqui em uma poltrona reclinável, porque tem medo de me deixar sozinha. Eu reclamaria, mas estou feliz por ela estar comigo. A última coisa que quero é ficar sozinha neste quarto de hospital.

Tive que fazer uma cirurgia no tornozelo. Estava fraturado em dois lugares e, além disso, tinha infeccionado. Precisei tomar antibióticos intravenosos e também estava completamente desidratada quando cheguei. Meu tornozelo está engessado agora, e o médico explicou que vai demorar um pouco até eu poder apoiar o peso nele de novo. Então, acho melhor me acostumar com as muletas.

Ontem finalmente comecei a me sentir à vontade para receber visitas de outras pessoas além dos meus pais. A primeira a vir me ver foi Madison, é claro. Ela me deu um abraço apertado e nós duas choramos, como se nossa briga nunca tivesse acontecido. Ela me disse que jamais perdeu a esperança de que eu estivesse bem.

Ela veio hoje outra vez. Está sentada ao lado da cama, enquanto minha mãe foi lá embaixo, no refeitório. Madison está rabiscando meu gesso. Nunca usei gesso antes e estou muito animada para que todo mundo o

assine. Eu me lembro de sempre morrer de inveja das crianças da turma que precisavam de gesso e podiam receber autógrafos.

Tirando isso, o gesso é um saco. Essa porcaria coça muito. Hoje de manhã, enfiei um lápis lá dentro para tentar aliviar uma coceira na lateral da panturrilha e, quando dei por mim, o lápis tinha sumido! Quando tirar o gesso, metade do conteúdo da minha gaveta vai cair no chão.

– Deixa espaço pras outras pessoas – digo a Madison, cujo desenho está começando a sair um pouco do controle.

Daqui a pouco, só vai dar ela no meu gesso.

– Ei, tô dando um toque artístico ao seu gesso. – Ela não está para brincadeira. Na verdade, trouxe canetinhas de cores diferentes exatamente por esse motivo. – Você vai me agradecer depois.

Quando ela volta a trabalhar em seu projeto, a enfermeira entra no quarto.

– Olivia – diz ela, cantarolando. – Tem outra visita pra você.

Devo estar me sentindo muito melhor, porque pensar em ter duas pessoas comigo neste quarto não me deixa apavorada.

– Quem é?

– É um garoto. E ele é uma *gracinha*. – A enfermeira dá uma piscadela para mim. – Disse que se chama Liam. É seu namorado?

Madison paralisa, no meio de um traço do desenho.

– Você não vai falar com ele, né?

– Mad, ele salvou a minha vida – murmuro.

– É, mas se não fosse pelo pai dele, isso não teria sido necessário.

Não quero admitir que compartilho da hesitação dela. Liam também veio me visitar ontem, e minha mãe logo o dispensou. Fiquei chateada com ela, mas também um pouco aliviada.

Mas, ao mesmo tempo, Liam salvou minha vida. Quando viu que eu estava presa naquele buraco, pulou lá dentro sem hesitar e me pegou no colo. Ele me carregou até o hospital. Foi meu herói.

– Fala pra ele entrar – digo.

Madison me encara.

– Tem certeza de que é uma boa ideia?

– Vai ficar tudo bem, mas… você pode deixar a gente sozinho um pouco?

Ela levanta um dedo.

– *Um* minuto. Nem um segundo a mais, mocinha.

Liam entra no quarto, tímido, segurando um pequeno buquê de flores multicoloridas. Madison lhe lança um olhar de reprovação, mas se afasta para deixá-lo entrar. Ele se aproxima da cama, com as flores na mão.

– Oi. Isso é pra você. A florista disse que eram… flores de verão.

– Obrigada – respondo, um pouco tensa. – Coloca ali no parapeito da janela.

Quando ele apoia o buquê ao lado dos outros, eu me lembro da última vez que o vi. Agachado em frente ao carro da mãe, com a camisa coberta de sangue seco, tentando me convencer a sair do carro para me carregar para dentro do hospital. Ele foi tão gentil comigo. Era exatamente do que eu precisava.

Ele baixa o olhar.

– Estou muito feliz por você estar bem – diz.

Observo as feições de Liam. Cinco dias atrás, notei que ele estava com um olho roxo, e, embora a mancha tenha praticamente desaparecido, ainda consigo ver um leve hematoma.

– O que aconteceu com o seu rosto?

Ele ri e toca a bochecha.

– Isso aqui? Ah, não foi nada.

– Então me conta.

– É… o Tyler me deu um soco porque achava que eu tinha…

– Ah.

Não soube de muita coisa a respeito do que aconteceu enquanto estava desaparecida. Aparentemente, a cidade inteira achava que Liam havia me sequestrado. A polícia chegou a prendê-lo em casa e levá-lo para a cadeia. Enquanto eu estava presa, ele também estava.

– Como tá a sua família? – pergunto.

O sorriso desaparece do rosto de Liam.

– Uma merda. Minha mãe só chora.

– Você sente falta dele?

Prendo a respiração, à espera da resposta. Passei a desprezar Jason Cass ao longo dos dias em que ele me manteve presa naquele buraco, mas não posso me esquecer de que era o pai de Liam. Se eu descobrisse que meu pai é um assassino, será que o odiaria? É difícil imaginar.

– Não sei, Olivia – responde ele. – Ele mentiu pra todos nós. Houve

outras mulheres, sabe? Muitas outras. A polícia nem sabe ao certo quantas… Sinceramente, me sinto mal só de pensar.

Respiro fundo, percebendo que, se Hannah não tivesse seguido o pai naquela noite, eu teria me juntado à longa lista de vítimas dele. E Jason Cass provavelmente teria se safado. Liam poderia muito bem ter levado a culpa.

– Eu nem sequer o conhecia – diz Liam. – Como posso sentir falta dele se nem sabia quem ele era de verdade? Nenhum de nós sabia.

Faço que sim com a cabeça.

– Entendo o que você quer dizer.

Um dos cantos dos lábios dele se contrai.

– Enfim, tenho certeza de que a Madison vai aparecer aqui a qualquer momento pra me expulsar. E sei que a sua mãe vai me matar se me encontrar aqui. Então… só queria mesmo ter certeza de que você tá bem. É melhor eu ir agora.

Olho para ele. Fico me lembrando do momento em que ele pulou no buraco para me salvar. Ninguém jamais fez algo assim por mim antes. Não me importa que tipo de pessoa o pai dele era, Liam é muito diferente. Ele é uma boa pessoa. Ele é um herói.

Além disso, a enfermeira tinha razão. Ele é *mesmo* uma gracinha. E ainda sinto um pequeno formigamento nos lábios quando penso no dia em que ele me beijou.

– Ei – digo.

Ele ergue uma sobrancelha para mim.

– Que foi?

– Quando eu sair daqui, será que você topa ir tomar um milk-shake de baunilha comigo?

Ele arregala os olhos.

– Sério?

– Bem, quero te agradecer por ter salvado minha vida – respondo.

Um sorriso lento se espalha pelo rosto dele.

– Acho que eu iria gostar.

Dou de ombros, mas também estou sorrindo.

– Tá marcado, então?

– Aham. – Ele assente com vigor. – Tá marcado.

E não conseguimos parar de sorrir um para o outro.

EPÍLOGO

ERIKA

Um ano depois

Estou preparando o café da manhã. Há dois ovos na frigideira, cozinhando lentamente em fogo baixo. Esse é o truque.

Coloquei um rádio na bancada da cozinha. Liam e Hannah ouvem música nos respectivos celulares usando algum aplicativo maluco, mas sou das antigas e gosto de ouvir rádio. Gosto de ouvir os lançamentos da música pop, as piadinhas sem graça dos apresentadores e até mesmo os comerciais. Neste momento, está tocando uma música de Bruno Mars e canto junto.

– *Ma-nhê* – resmunga Hannah ao desviar o olhar da tigela de cereais. – Você tá cantando tudo errado. Se vai cantar junto, pelo menos respeita a letra da música.

– Não tô cantando *tudo* errado.

– Você acha que não, mas tá, sim.

– Não tô, não.

– Tá, sim. Que vergonha alheia.

– Tudo bem, eu não ligo

E, só pra deixar claro, canto a letra errada de propósito.

– Ai, mãe, pelo amor de Deus.

Hannah se levanta com a tigela, incapaz de tolerar mais um segundo da minha cantoria. Ela coloca a tigela na bancada e solta mais um suspiro monstruoso antes de subir as escadas.

Sorrio sozinha enquanto mexo os ovos. Um ano atrás, jamais teria imaginado que estaríamos nesta mesma cozinha, preparando ovos como se tudo tivesse voltado ao normal. Hannah conseguiu melhorar as notas na escola, e Liam voltou ontem à noite da competição estadual de oratória em Albany, a qual o time dele venceu. As coisas voltaram ao normal e não poderiam estar indo melhor, levando em conta todas as revelações que vieram à tona no último ano.

Por exemplo, o fato de meu marido ser um assassino em série.

Sim, isso foi um grande choque. Já foi ruim o suficiente descobrir que ele foi responsável pelo sequestro da Olivia. No entanto, a investigadora Rivera me manteve informada, e, a partir de amostras de DNA, Jason Cass já foi vinculado a doze homicídios cometidos nos últimos 25 anos. E esses são apenas aqueles em que Jason deixou rastros. Só Deus sabe quantos mais houve. Mas, como ele está morto, jamais vamos saber.

A animosidade pela qual passamos quando a verdade veio à tona foi avassaladora. Achei que precisaríamos deixar a cidade e trocar nossos nomes para escapar das ameaças de morte. Então um noticiário nacional me convidou para contar minha história.

Depois de contar como descobri o segredo do meu marido, o matei em legítima defesa e resgatei a garota que ele havia sequestrado, me tornei uma heroína nacional. Brian me ofereceu novamente a vaga no *Nassau Nutshell*, mas recusei porque fechei um contrato para escrever um livro por uma boa grana.

Esposa de um assassino em série. Tem certo charme, não tem?

Enquanto mexo os ovos, Liam entra apressado pela porta dos fundos, vestindo uma camiseta encharcada de suor e short de ginástica. Ele saiu para correr hoje cedo. Não sei como ele tem energia depois de ter chegado tarde de Albany com o resto do time ontem à noite. Seu rosto está rosado, e ele abre um sorriso de orelha a orelha.

– Ovo! – exclama ele quando vê o que tenho na frigideira. – Você tá fazendo pra mim também, né?

– Claro.

– O cheiro tá ótimo – diz ele. – Tô morrendo de fome.

Ele ainda está sorrindo quando tira o celular do bolso. Está de *muito* bom humor esta manhã, mas tem sido assim ultimamente. Ele digita uma mensagem no aparelho usando os polegares, depois sorri ainda mais

quando o telefone toca em resposta. Provavelmente está trocando mensagens com Olivia.

Por incrível que pareça, Liam e Olivia ainda estão juntos. Ele é louco por ela. Saem juntos várias vezes por semana e se falam por telefone toda noite. Ela está sempre presente nos treinos, torcendo por ele toda vez que corre. Estão coordenando as faculdades para as quais estão se candidatando, para que possam ficar juntos após a formatura em junho. Não sei bem se é uma boa ideia: eles só têm 17 anos e há tantas experiências novas pela frente. E, para ser completamente sincera, Liam é um candidato muito mais forte do que Olivia. Não quero que ele abra mão de uma oportunidade por causa dela.

Mas não posso negar que ela faz muito bem para meu filho. E certamente não posso negar que ele a ama. Dá para ver pela maneira como olha para Olivia e quer passar cada minuto com ela.

Quanto a mim, duvido que volte a namorar.

– Vou tomar banho. – Liam enxuga o suor da testa com a parte de trás do braço. – Mas, quando eu voltar, os ovos já vão estar prontos, né, mãe? Quero cinco! – Ele ergue uma das mãos e mexe os dedos. – *Cinco*. Estou com fome.

– Deixa comigo, garoto.

– Você é demais, mãe.

Ele me dá um beijinho no rosto e sobe correndo as escadas até o quarto, assobiando pelo corredor. Está excepcionalmente bem-humorado. Deve estar feliz por ter vencido o debate de ontem.

A música de Bruno Mars acabou, e o apresentador está lendo as notícias. Ouço distraidamente enquanto preparo os ovos. Jennifer Lopez está de namorado novo. Nova York foi considerada a cidade mais cara do país para se viver. E uma garota foi dada como desaparecida em uma cidade chamada Troy, no norte do estado de Nova York.

Troy, no norte do estado de Nova York…

Será que essa cidade fica perto de Albany?

Deixo a espátula de lado e aumento o volume do rádio. A voz do apresentador invade a cozinha:

– Kayla Rogers, de 18 anos, saiu com as amigas no sábado à noite. As amigas ficaram no bar, mas Kayla foi embora sozinha. A polícia afirma que

ela nunca mais voltou ao apartamento que dividia com outras duas garotas…

Minhas mãos tremem loucamente quando pego o celular na bancada. Digito Troy, NY no aplicativo de mapas. Em seguida, calculo o tempo que alguém levaria para ir de Albany a Troy de carro.

Dezesseis minutos.

Olho para o teto. Ouço o chuveiro aberto e, mesmo com a água jorrando, consigo ouvir Liam cantando sozinho.

Não pode ser.

Ele não faria isso. Ele não é assim. Ele não é como Jason. Não exatamente. É uma coincidência. Só pode ser.

Eu me encosto na bancada, com as pernas fracas. Ainda consigo ouvir Liam cantando no banheiro logo acima, enquanto o cheiro de ovos queimados toma conta da cozinha.

AGRADECIMENTOS

Quem me conhece sabe que escrevo meus livros rápido, mas edito devagar. Sou muito grata por todas as pessoas que me apoiam e me auxiliam nesse doloroso processo de edição. É incrível a quantidade de ajuda que recebo desde o momento em que termino o primeiro rascunho até a versão final. Às vezes, acontecem coisas na vida que me fazem perceber a sorte que tenho por ter todo esse apoio: amigos e familiares que estão sempre por perto para me dar uma opinião ou outra.

Obrigada a Kate, pelo apoio gentil, bem como pelo incrível e minucioso trabalho de edição. Obrigada a minha mãe, pelos conselhos sobre o início do livro. E obrigada, mais uma vez, a Rhona, pelas dicas sobre a capa e a sinopse (quantas vezes te mandei mensagem?).

Obrigada aos novos amigos. Obrigada a Rebecca, pelos excelentes conselhos. Obrigada a Jen, pela crítica cuidadosa. Obrigada ao novo grupo de escrita. É incrível ter tanto apoio.

E obrigada ao resto da minha família. Sem o incentivo de vocês, nada disso seria possível.

SOBRE A AUTORA



FREIDA McFADDEN é uma médica especializada em lesões cerebrais com mais de 20 livros publicados, entre suspenses psicológicos e romances médicos. Com *A empregada*, que já vendeu mais de 3 milhões de exemplares e teve os direitos negociados em 36 países, Freida chegou ao topo das listas de mais vendidos.

Mora com a família e seu gato preto em uma casa de três andares centenária, cujos degraus rangem a cada passo e onde ninguém vai ouvir se você gritar. A não ser, talvez, que grite muito, muito alto.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

FREIDA McFADDEN



A EMPREGADA

Bem-vinda à família.

ARQUEIRO

A empregada

Bem-vinda à família

Freida McFadden

Todos os dias, Millie limpa a casa de Nina e Andrew Winchester de cima a baixo. Pega a filha deles na escola. Prepara refeições deliciosas para a família toda antes de poder se recolher e enfim comer o próprio jantar, sozinha em seu quarto minúsculo e claustrofóbico no sótão.

Quando Nina passa a sujar todos os cômodos de propósito só para assisti-la limpar, Millie tenta não perder a cabeça. Quando ela conta mentiras perturbadoras sobre a própria filha e tortura psicologicamente o marido, que parece mais e mais fragilizado, Millie tenta ignorar.

Afinal, com seu passado problemático, ela tem mais é que agradecer por ter conseguido esse emprego.

No entanto, ao olhar bem dentro dos lindos e doces olhos de Andrew e ver o sofrimento contido neles, Millie não consegue deixar de imaginar como seria ter a vida de Nina. O closet cheio de roupas, o carro elegante, o marido perfeito.

Logo os Winchesters vão descobrir que não fazem a menor ideia de quem Millie é de verdade. Nem do que ela é capaz de fazer...

Clique aqui para ver na loja

"Freida McFadden segue entregando aquilo que faz de melhor: enganar o leitor da primeira à última página!" – Tiago Valente, booktoker com mais de meio milhão de seguidores

FREIDA McFADDEN



O SEGREDO DA EMPREGADA

Não espie por trás da porta.

ARQUEIRO

O segredo da empregada

Freida McFadden

Achar alguém que não faça mil perguntas sobre a vida – e o passado – de uma candidata a empregada costuma ser praticamente impossível. Por isso Millie mal consegue acreditar quando Douglas Garrick a contrata.

O plano dela é trabalhar na casa da família por um período curto, de preferência sem atrair nenhuma atenção, até alcançar seu objetivo maior.

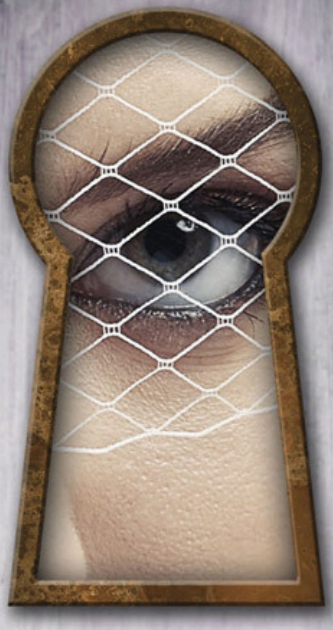
Só que, enquanto ela passa os dias limpando a cobertura deslumbrante e preparando pratos requintados para o casal, a Sra. Garrick nunca sai do quarto. Na verdade, as duas não foram sequer apresentadas. E Millie tem certeza de que já a ouviu chorando.

Certo dia, ao colocar a roupa para lavar, ela vê manchas de sangue na camisola da mulher. Não é a primeira vez, e Millie decide descobrir o que está acontecendo. Quando finalmente consegue entrar no quarto, o que vê lá dentro muda todos os seus planos.

Alguém precisa pagar. E o preço depende unicamente do que Millie está disposta a fazer.

Clique aqui para ver na loja

FREIDA McFADDEN



O CASAMENTO DA EMPREGADA

Um conto da série A Empregada

ARQUEIRO

O casamento da empregada

Freida McFadden

O dia mais feliz da vida de Millie enfim chegou.

Noiva do homem de seus sonhos, em poucas horas ela estará diante de um juiz, dizendo seus votos. Depois, ele os declarará marido e mulher até que a morte os separe.

Apesar dos percalços no caminho, tudo está acontecendo da forma que ela sonhou.

Até que surge alguém que não quer que Millie viva o suficiente para dizer o sim.

E, se ela não tomar cuidado, essa pessoa pode muito bem conseguir o que quer.

Clique aqui para ver na loja

"Para os fãs de Stephen King e Agatha Christie, uma obra viciante, emocionante e real. O livro mais marcante e necessário da série." – Theago Neiva, tiktoker com mais de 800 mil seguidores

FREIDA McFADDEN



A EMPREGADA ESTÁ DE OLHO

Cuidado com os seus vizinhos.

ARQUEIRO

A empregada está de olho

Freida McFadden

Acostumada a limpar a casa dos outros, Millie mal consegue acreditar que agora esta realmente pertence a ela. A cozinha charmosa, a tranquila rua sem saída, o quintal enorme. Ela e o marido, Enzo, economizaram por muitos anos para poder dar aos dois filhos a vida que eles merecem.

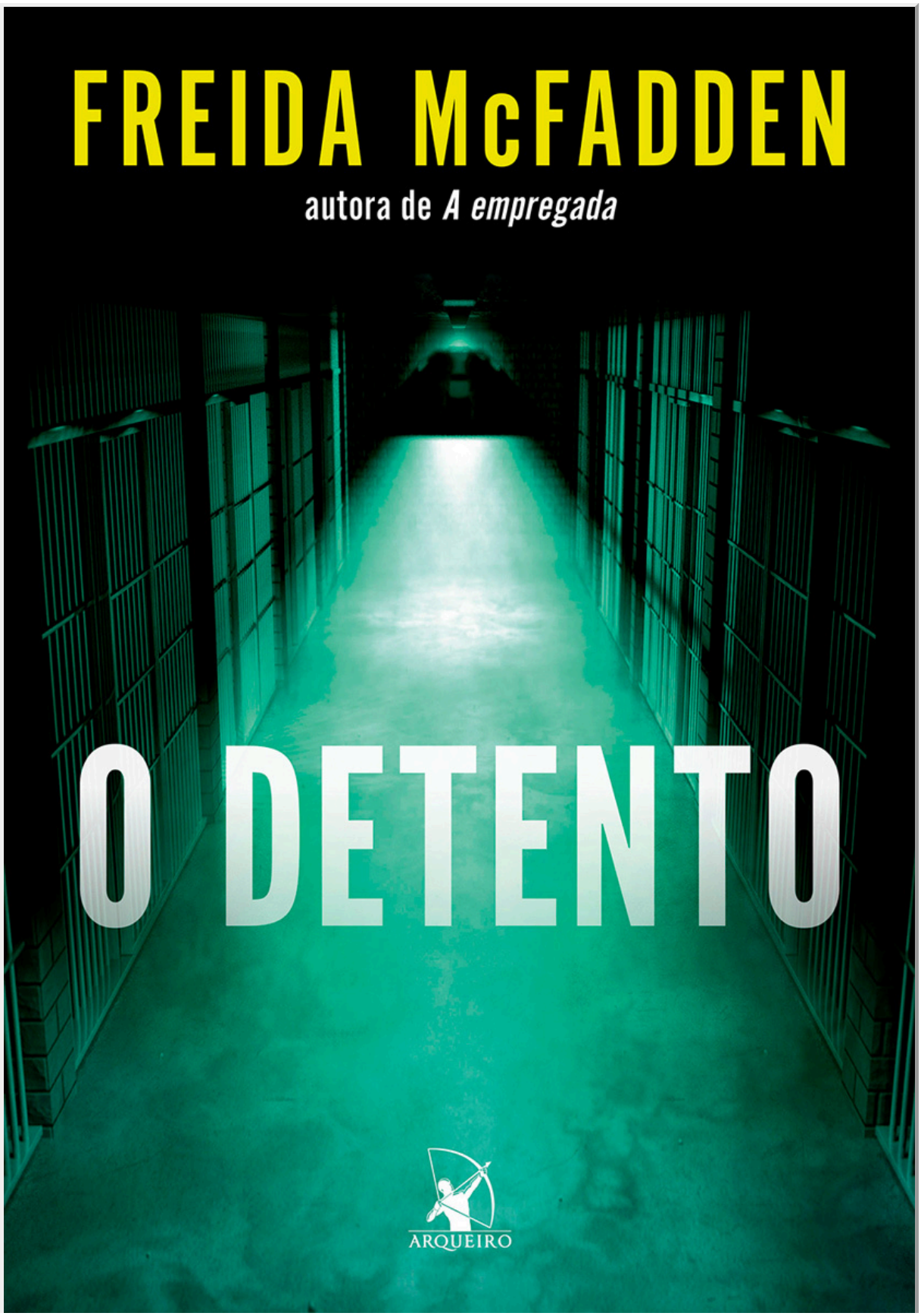
Como nada é perfeito, assim que ela conhece a Sra. Lowell, sua nova vizinha, a mulher a deixa desconfortável com suas críticas disfarçadas de elogios e a intimidade forçada com que trata Enzo. Mas ao receber um convite dela para jantar, Millie tem a oportunidade perfeita para desfazer a má impressão.

Quando a empregada dos Lowells abre a porta, de avental branco e os cabelos presos num coque apertado, Millie está decidida a ser simpática, afinal, sabe exatamente como é estar nessa posição. Só que o olhar insistente dela lhe dá calafrios. E essa não é a única coisa esquisita no novo bairro.

Millie passa a ver uma figura sinistra sempre à espreita, observando sua família, e, para piorar, seu marido começa a fazer passeios noturnos misteriosos. Para completar, a mulher que mora do outro lado da rua a adverte: “Se eu fosse você, tomaria cuidado com aquela mulher.”

Será que comprar essa casa foi um erro? Millie acreditava que havia deixado seus segredos mais sombrios para trás, mas talvez esse bairro aprazível seja o lugar mais perigoso de todos.

Clique aqui para ver na loja


FREIDA McFADDEN
autora de *A empregada*
O DETENTO
ARQUEIRO

O detento

Freida McFadden

No primeiro dia de trabalho em uma prisão de segurança máxima, a enfermeira Brooke Sullivan aprende três regras cruciais: 1) tratar todos os detentos com respeito, 2) nunca revelar nenhuma informação pessoal e 3) jamais ser simpática demais com os presos.

Ninguém sabe que Brooke já quebrou todas elas.

E ninguém sabe de sua íntima ligação com Shane Nelson, um dos detentos mais infames e perigosos da penitenciária.

Nem que, na escola, Brooke namorou Shane – na época um atleta estelar, o menino de ouro condenado à prisão perpétua por uma série de assassinatos sinistros.

Muito menos que o testemunho de Brooke foi crucial para colocá-lo atrás das grades.

Mas Shane sabe. E ele nunca esquecerá.

Clique aqui para ver na loja

FREIDA McFADDEN



ATÉ O ÚLTIMO DE NÓS

UM POR UM, TODOS ELES TERÃO O QUE MERECEM

"A cada capítulo você se vê mais enredado em uma teia de suspense, até ficar impossível escapar. Quando achar que descobriu tudo, a verdade fará seu queixo cair." – Rodrigo de Lorenzi, booktoker

ARQUEIRO

Até o último de nós

Freida McFadden

Claire Matchett vive uma grave crise no casamento e está se sentindo totalmente sobrecarregada pela criação dos dois filhos.

Com a viagem de férias que se aproxima, ela vê uma chance de resgatar a cumplicidade com o marido e ter um respiro da rotina estressante. Junto com dois casais de amigos, eles vão passar uma semana em uma pousada de luxo isolada e cercada pela natureza.

A apenas três quilômetros do destino, em uma estrada de terra deserta, o carro de Claire morre. Como não há sinal de celular, os casais são obrigados a seguir a pé.

O problema é que no meio da mata não é tão fácil se localizar quanto achavam que seria. Depois de algumas horas, o grupo está perdido.

Enquanto entram cada vez mais na floresta, eles vão sendo abatidos misteriosamente, um por um. Será que estão sendo perseguidos por algum animal selvagem? Ou estão sendo caçados por alguém do próprio grupo?

Seja qual for a resposta, uma coisa logo fica clara: apenas um deles vai voltar vivo para casa.

Clique aqui para ver na loja

FREIDA McFADDEN

A SETE CHAVES

CERTAS PORTAS DEVEM PERMANECER TRANCADAS PARA SEMPRE



ARQUEIRO

A sete chaves

Freida McFadden

Quando tinha 11 anos, Nora Nierling nem imaginava que, enquanto fazia os deveres de casa no quarto, seu pai matava mulheres no porão.

Até o dia em que ela encontrou a porta destrancada e resolveu descobrir por que o pai passava tanto tempo lá.

Décadas depois, Aaron Nierling está atrás das grades – onde vai ficar para sempre – e Nora é uma cirurgiã bem-sucedida, que leva uma vida tranquila mas solitária. Ninguém sabe que ela é filha de um famoso serial killer. E ela pretende continuar assim.

Um dia, porém, Nora fica sabendo que uma de suas pacientes foi assassinada. E o mais chocante: do mesmo modo único e terrível que o pai dela usava com suas vítimas.

Alguém sabe quem Nora é e quer que ela pague por esse crime. Só que ela não é uma assassina como o pai. A polícia não tem como culpá-la por nada.

Desde que não entre em seu porão.

Clique aqui para ver na loja

CONHEÇA OS LIVROS DE FREIDA McFADDEN

O detento

Até o último de nós

A sete chaves

O filho perfeito

SÉRIE A EMPREGADA

A empregada

O segredo da empregada

O casamento da empregada (apenas e-book)

A empregada está de olho

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

